

**BEM-
VINDO
VIDA
REAL**

**CHRISTIAN
MCKAY
HEIDICKER**



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

CHRISTIAN MCKAY HEIDICKER

BEM-VINDO À VIDA REAL

TRADUÇÃO DE GLENDA D'OLIVEIRA



Copyright © 2016 by Christian Heidicker

Esta edição foi publicada mediante acordo com Simon & Schuster Books For Young Readers, um selo da Simon & Schuster Children's Publishing Division. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida, em nenhuma forma ou meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer sistema de armazenamento, sem a permissão por escrito da editora.

TÍTULO ORIGINAL

Cure for the Common Universe

PREPARAÇÃO

Luciana Figueiredo

REVISÃO

Bruno Alves

Beatriz D'Oliveira

REVISÃO TÉCNICA

Vinicius J. Serva Pereira

PROJETO GRÁFICO

Hilary Zarycky

IMAGEM DE CAPA

© 2016 by eBoy

DESIGN DE CAPA

Greg Stadnyk

Star Books Digital

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Aline Ribeiro | linesribeiro.com

REVISÃO DE E-BOOK

Rodrigo Rosa

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0168-4

Edição digital: 2017

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Sumário

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória
Epígrafe
Insira o nome do jogador
Carregando...
Tutorial
Guildas
NPCs
Save point
Aperte Start
Física Ragdoll
Pontos de vida
Cheats
Quebra-cabeça
Curaga
Mapa do jogo
3... 2... 1...
Conquistas
Quase sem vida
Missão secundária
PvP
Fim de jogo
Tendência para o mal
Continuar?
Pedaço de coração
Vida extra
Caindo no infinito
Rota de fuga
Modo Hard
Agradecimentos
Sobre o autor
Leia também

Para minha amiga Broccoli

*Sabe, em alguns esportes humanos, aquele que fizer a menor
quantidade de pontos é quem ganha.*

— GLaDOS, *Portal 2*

Insira o nome do jogador

Eu tinha dezesseis anos quando fiz uma garota rir pela primeira vez.

Foi um acidente.

Uns vinte minutos antes, apenas uma coisa ocupava minha mente: proteger a *Mona Lisa* de uma horda de esquilos.

— Aperta uma das tetas para dar sorte — disse um dos Cavaleiros Espectrais pelo meu fone de ouvido.

— Feito — respondi.

Relâmpagos lampejaram na tela do computador. Um trovão ribombou nos meus ouvidos. A música se inflamou com o som de trompetes, tambores de guerra, esquilos entoando hinos de batalha... E pés marchando pelo corredor do lado de fora do quarto.

Meus ombros ficaram tensos quando a porta se abriu, e a luz lá de fora ofuscou o campo de batalha com um clarão.

— Você não ia fazer um pouco de exercício hoje de manhã?

Parada no batente da porta, a silhueta de Casey, minha madrastra, marchava sem sair do lugar.

— Vou à tarde. — Em seguida, me dirigi ao microfone: — Vamos proteger aquele beco, galera.

— Já são três da tarde — retrucou Casey.

— Sério?

Semicerrei os olhos para o brilho suave que entrava pelas frestas dos lençóis cobrindo as janelas. Minha atenção voltou imediatamente para o monitor. Tentei ignorar o chiado irritante dos tênis de Casey — *squik, squik, squik* — e me concentrar no início da batalha.

— Peguei o D — falei.

Meu guerreiro cortou e derrubou um andaime para que os pinguins pudessem ter material suficiente para construir uma barricada.

— Preciso que você lave o carro — anunciou Casey. — Choveu ontem à noite, e agora ele está cheio de marcas de respingos.

— “Preciso” é uma palavra curiosa. Eu *preciso* destruir este exército de esquilos.

Casey parou a marcha e se recostou no batente da porta, na típica pose furiosa que devia usar desde o ensino médio. Era uma aposta segura, considerando-se que ela tinha se formado fazia apenas quatro anos.

— Galera — falei ao microfone —, se o peixe-boi robô deles conseguir chegar até a passagem, ferrou.

— Você já se perguntou por que nunca teve uma namorada?

— Na verdade — falei, golpeando com o machado —, uma garota me mandou uma mensagem ontem à noite.

— Posso ler?

— Não, não pode.

— O que é que ela disse?

— Acaba com ela!

A última fala era direcionada aos Cavaleiros Espectrais, pois Sumô Mama estava atacando minha barricada.

— Sabe, Jaxon, você não seria rejeitado tantas vezes se fizesse um pouco mais de exercício.

— Droga. Os esquilos estão avançando, galera.

Cliquei furiosamente no mouse, criando redemoinhos para manter a onda de roedores sob controle. Não ia levar a sério os conselhos de alguém que teria rejeitado um garoto como eu apenas quatro anos antes.

— Você tem que sair mais.

— Ah, é? Só isso?

— É, só isso.

Continuei com os cliques.

— Que tal eu também colocar um daqueles relógios que contam os passos e ficar andando pela casa que nem um idiota, pintando as unhas e reclamando de algumas gotinhas no meu... *Droga!* — Meu guerreiro foi obliterado e transformado em uma poça pegajosa no asfalto. — Você está me matando, Casey. Gente, estou regenerando. Segura eles.

O espírito do meu guerreiro flutuou acima das ruas de Arcadia até o cemitério mais próximo.

O silêncio de Casey me fez virar na cadeira.

Ela estava me olhando feio.

— Ai, meu Deus! Você vai chorar de novo?

Casey se virou e saiu resmungando pelo corredor.

— Não precisa se preocupar, não! — gritei para ela, rolando com a cadeira pelo piso. — Eu mesmo fecho a porta!

Bati a porta com força e rolei de volta para o computador. Meu guerreiro ainda estava se regenerando no cemitério, tiras de músculo envolvendo seus ossos.

Peguei o celular e reli a mensagem de texto daquela menina:

ecaaaaa o jaxon me chamou pra sair

Tinha quase certeza de que a mensagem era para outra pessoa.

— Sinta o gostinho do meu machado! — gritou meu personagem.

Revivido dos mortos, comecei a marchar em direção à Praça Chumbo Grosso ao mesmo tempo em que passos mais pesados ressoavam pelo

corredor. Novamente, meus ombros ficaram tensos quando a porta foi aberta. A chave do Xterra do meu pai aterrissou na escrivaninha.

— Ou você limpa o carro ou eu cancelo a sua conta no jogo — ameaçou ele.

— Você não pode fazer isso — retruquei, os olhos ainda na tela. Enquanto guiava o guerreiro de volta para o confronto, abri a gaveta e tirei meu boletim. — Nota: dez! Lembra?

A batalha foi engolida pelo breu.

— Mas o que...

Virei e vi meu pai segurando o fio do computador, desconectado da tomada.

— Estamos renegociando.

— Pai, estou no meio de um *campeonato*!

— E daí?

— Argh!

Joguei o fone de ouvido longe, peguei a chave e irrompi porta afora, na esperança de retornar antes que os Cavaleiros Espectrais perdessem a partida. Entrei no carro, saí da garagem e acelerei pelas ruas de Salt Lake City, semicerrando os olhos para o céu claro de verão. Para mim, a graça das férias de verão não era fazer piqueniques, trilhas ou bater uma bolinha. Na verdade, significavam poder me aventurar por *Arcadia* doze horas por dia sem meu pai pegar no meu pé...

Pelo menos até então, por alguma razão estúpida.

Cheguei ao lava jato Brilho Cromado, parei na última garagem para evitar um atleta do meu colégio que estava lá lavando seu Mustang e passei três longos minutos tentando convencer a máquina de fichas a aceitar minha nota de cinco dólares amassada.

reeeeeeen

reeeoooooooooon

reeeeeeen

reeeoooooooooon

Dei um tapa nela.

— *Anda.*

Se os Cavaleiros ganhassem aquela partida, estaríamos a quatro vitórias de alcançarmos uma colocação no topo do ranking, elevando nosso time ao um por cento de melhores jogadores de *Arcadia* do mundo inteiro. E isso já era meio caminho andado para nos tornarmos profissionais.

Desamassei os cantos da cédula, alisei-a contra a máquina e tentei outra vez.

reeeeeeen

reeeoooooooooon

— Vou acabar com você — jurei a ela.

reeeeeeen

reeeooooooooooooon

— Argh!

Eu era o tank do time. Sem os músculos e o machado cor-de-rosa do meu guerreiro, os Cavaleiros Espectrais seriam eviscerados, e suas tripas, espalhadas pela Praça. Se ao menos eu conseguisse voltar em dez minutos...

reeeeeeeen

reeeooooooooooooon

Continuei agredindo a máquina até que um santo de chapéu amarelo se aproximou e trocou minha nota velha por outra lisinha.

reeeeeeeen

plin-plin-plin-plin-plin!

Inseri as fichas com força na abertura, e grandes números vermelhos no visor começaram a contagem.

10:00... 9:59... 9:58...

Ergui a mangueira, ajustei o jato para a pressão mais alta e comecei a lavar o carro. Peguei o celular e enviei uma mensagem aos Cavaleiros:

TOU AFK! CULPA DO MEU PAI. SÊGUREM AQUELES ESQUILOS OU VOU SUFOCAR VOCÊS COM MINHA TE...

Foi quando ela gritou.

Ergui os olhos e descobri que minha mira tinha viajado de onde o carro estava até uma garota perto da máquina de fichas. Tirei o dedo do gatilho, mas já era tarde demais. Ela estava encharcada.

A garota estava boquiaberta. Água escorria pelos braços. Ela me encarou, em choque.

— Eu... Eu... — Fiquei sem palavras.

Continuei parado lá como um perfeito idiota por dez longos segundos. A garota finalmente revirou os olhos e agitou as mãos para fazer as gotas caírem. Enquanto espremia o excesso de água dos cabelos e apertava as orelhas para se livrar da umidade, comecei a me dar conta de como ela era bonita — pele alva e lisa, tranças negras lustrosas, boca como um pula-pula inflável no qual eu queria *me atirar*.

Encarei a beleza gotejante que precisava de ajuda — o fato de que tinha sido eu quem a deixara ensopada para começo de conversa não era relevante.

— Hum... — comecei, olhando ao redor do lava jato. — Eu ofereceria a minha camiseta, mas não saio de casa faz um tempo, e acho que a minha brancura ia acabar cegando você.

Ela me encarou, e por meio segundo pensei que fosse começar a gritar comigo. Mas, então... Ela riu. *Riu*.

— Tudo bem, sem problema. — Ela começou a torcer a bainha da camiseta.

Normalmente, eu tentaria agir com descontração fingida diante de uma garota. Com cavalheirismo, pelo menos. Mas, ali, me senti relaxado o suficiente para usar o mesmo senso de humor que usaria com os Cavaleiros.

Era impossível que uma menina a quem eu tinha acabado de atacar com a mangueira fosse querer continuar falando comigo.

Possibilidade zero.

Certo?

Ela indicou o Xterra com a cabeça.

— É um alvo bem grande para você errar assim, cara.

— Foi de propósito. — Olhei para o borrifador. — Achei que era isso que as garotas faziam em lava jatos: apareciam de camiseta branca e riam enquanto tomavam banhos de mangueira.

Ela riu outra vez. *Pela segunda vez.*

— O concurso Garota da Camiseta Molhada só começa às cinco da tarde — brincou ela, agitando a blusa e me dando vislumbres da sua barriga.

Estendi a mangueira.

— Quer vingança? Não fico tão bem de camiseta molhada, mas...

Ela bufou, achando graça.

— Tentador.

Não foi embora.

Em vez disso, fechou os olhos, inclinou a cabeça para trás e esticou a blusa na direção do sol. Seus seios estavam aparentes sob o pano ensopado. Olhar para eles me fez sentir vergonha das minhas próprias mamas, que eram grandes para um homem, mas também não chegavam a ser, sei lá, páreo para os peitos da Chun-Li nem nada parecido. Olhei para baixo e lembrei que estava vestindo uma camiseta com o cogumelo do *Super Mario Bros.* estampado e os dizeres “Não quero crescer”. Que inferno. Por que eu tinha uma coisa imbecil daquelas no armário?

Cruzei os braços, tentando esconder o cogumelo e o peito da melhor maneira. Os Cavaleiros Espectrais fazerem piada com meus peitos era muito diferente de deixar uma garota vê-los na vida real.

— Então, hum, qual é o seu nome?

A desconhecida manteve o rosto virado para o sol.

— Serena.

— O meu é Jaxon.

— Prazer, Jaxon — cumprimentou, pois aparentemente era isso que garotas lindas e interessantes diziam ao conhecer alguém: *prazer*.

Houve alguns momentos de silêncio desconfortável enquanto um homem qualquer passava aspirador de pó no interior da sua picape ali perto. Minha inexperiência deu o ar da graça.

— Bem, curti conhecer você, Serena. Foi mal pelo... É...

Virei de costas antes de descruzar os braços e continuei a lavar o carro.
6:34... 6:33... 6:32...

Tinha me esquecido da batalha na Praça Chumbo Grosso. Cem por cento da minha atenção estava concentrada em Serena — a bela e encharcada Serena — na minha visão periférica.

Ela estava diante da máquina de fichas.

reeeeeeen

reeooooooooooooon

reeeeeeen

reeooooooooooooon

— Boa sorte com isso aí — falei por cima do ruído da mangueira. — A máquina odeia gente maneira.

— Como é que você fez para ela funcionar?

Meu Deus. Ainda estávamos conversando. Eu consegui manter um diálogo. Olhei de relance para o cara de chapéu amarelo com notas lisinhas. Se ele lhe desse uma cédula nova, ela pegaria as fichas e partiria. Olhei em volta à procura do carro de Serena.

— É... você veio aqui lavar o quê?

Ela apontou. Escorada contra a parede de tijolos, vi uma bicicleta roxa e velha, cheia de lama e arranhões.

— Acabei de comprar por vinte pratas — contou ela, indo até a bicicleta e chacoalhando o guidão. — O cara me disse que a cera daqui faz milagres.

As pessoas ainda andavam de bicicleta? Eu não subia em uma desde os nove anos. Daí as tetas.

— Traz para cá — sugeri, acenando para a garagem.

— Tem certeza?

Indiquei com a cabeça a camiseta molhada dela.

— Estou te devendo uma.

Serena guiou a bicicleta pelo guidão até onde eu estava. Apontei com a mangueira, mas ela ergueu a mão, sorrindo de maneira muito adorável.

— Posso? Não quero correr o risco de você se distrair de novo.

Ela limpou a lama da bicicleta com o jato da mangueira enquanto eu esperava encostado na parede, os braços cruzados com firmeza. Meu celular vibrou no bolso. Ignorei.

— Então, você meio que me odeia para sempre?

Ela deu de ombros.

— Curto o que me tira da rotina. É que nem dar um tapa num toca-discos. A vida pode ficar com uma trilha sonora melhor.

E foi naquele instante que soube que me apaixonaria por ela.

Enquanto Serena lavava e meu telefone vibrava, fiz uma busca rápida no cérebro à procura de assuntos interessantes para uma conversa. Tudo o

que eu fazia era jogar videogame e estudar para a escola. Aquilo não me deixava com muitas opções.

— Então, é... sabia que o cara que escreveu *Guerra dos mundos* criou o conceito da bomba atômica trinta anos antes de ela ser inventada e que também foi ele quem deu esse nome para ela?

— Sério? — Serena não estava me encarando, mas sua entonação não era de tédio.

— É. Hum... tem um monte de escritor de ficção científica que fez descobertas interessantes de verdade que nem essa. Tipo, foi o Júlio Verne quem teve a ideia do submarino e... — Meu celular não parava de vibrar.

— Ah, um minuto.

Havia sete mensagens não lidas dos Cavaleiros.

Moleque kd vc?

Moleque.

Moleque!

Localização?

MLK CÂDÊ VOCÊ?

A gente está se ferrando.

Você está ferrando a gente.

Tinha ficado ausente da partida por mais de quinze minutos. Se fosse embora naquele instante, ainda poderia chegar a tempo...

Silenciei o telefone.

— Onde é que eu estava?

— Júlio Verne? — respondeu Serena.

Sorri. Ela estava prestando atenção.

Quando terminei de espremer meu cérebro todo em busca de qualquer fato interessante não relacionado a videogames e a bicicleta já estava limpa e brilhante e parecendo valer bem mais que vinte dólares, Serena a levou para o sol para deixá-la secar.

— Bem, valeu pela limpeza. Da bicicleta e a minha.

Ela torceu a bainha da camiseta uma última vez. Nenhuma gota.

Meu coração começou a titubear. Serena ia embora. Eu não queria que fosse; queria que ela ficasse. Queria que continuasse comigo até termos tido um encontro e nos beijado pela primeira vez, e ela ter se dado conta de que eu era um cara incrível e que provavelmente deveríamos namorar. E, por mais que eu soubesse com certeza que não havia possibilidade, de jeito algum, em nenhum universo imaginável, de que eu fosse conseguir sair com uma garota como ela, fiquei pensando: e se houvesse, afinal, uma chance, e a única maneira de torná-la realidade fosse abrir minha boca idiota e fazer algo a respeito naquele exato segundo?

— Então, hum — comecei —, ainda estou bem mal por ter dado aquele banho em você... na verdade, eu não... não acho que a gente está quite ainda.

Ela estendeu a mão, pedindo pela mangueira, como se fosse um convite para me molhar. Não a entreguei. Nós dois sorrimos.

— Você tinha alguma outra coisa em mente?

— Ah, tinha, sim, na verdade. Será que você, talvez, tipo...

Serena ergueu as sobrancelhas, como se dissesse *Vai direto ao ponto, cara.*

— É, você sabe, tipo, quer...

TRIIIMMMM!

O cronômetro do lava jato tocou e me deu um baita susto.

Os grandes números vermelhos piscavam, mostrando 0:00.

— Meio assustador, não é? — zombou ela.

— Ah, é. — Cocei a nuca e encarei o chão. Podia sentir minhas mamas contra a malha da camiseta.

— Então, você estava dizendo...?

Hesitei.

De alguma forma — impossível, breve e momentânea —, tinha conseguido conversar com aquela garota, achando que nunca mais a veria de novo. E aquilo me fez relaxar o suficiente para fazê-la rir, não uma nem duas, mas *três* vezes.

Bom, duas risadas e uma risadinha, para ser mais específico.

— *Que-tal-um-jantar?* — sugeri, e preendi a respiração.

Ela demorou um momento para considerar o convite, como se fosse a máquina de fichas refletindo se deveria aceitar ou não minha nota amassada.

Tinha ferrado tudo?

Tinha, sim.

Com certeza.

Merda.

— *Quando?*

— *Hoje?*

— Hoje não posso.

— *Amanhã?*

— Também não. Vou estar ocupada até quinta, na verdade.

— E na própria quinta? — tentei.

— Hum... — Serena testou as marchas da bicicleta. Poderia jurar que olhou de relance para o cogumelo estampado na minha camiseta. — Por mim, tudo bem. — Ela sentou no banco, apoiando um pé no pedal e o outro no asfalto. — Até me despediria com um abraço, mas, você sabe...

Ela franziu a testa para a blusa úmida.

— Ah. Claro. A gente pode deixar o abraço para quinta.

Foi a coisa mais estúpida que poderia ter dito. Ainda assim, Serena soltou um risinho.

Ai, Deus, e se ela mudasse de ideia entre aquele segundo e quinta-feira?

— Posso te ligar?

— Não dá — respondeu ela. Senti um aperto no peito. Foi então que ela deu tapinhas no bolso. — Não tenho celular. Nem tenho Facebook.

Uma ludista! É claro! Aquela garota não curtia tecnologia! Daí a bicicleta. E a referência ao toca-discos. Por isso que não tinha reconhecido minha camiseta do *Super Mario Bros*. Fiz uma pequena lista mental de assuntos nos quais não podia tocar pela duração do nosso namoro. Para ser sincero, incluía a maior parte da minha vida.

Serena tomou impulso e pedalou em pequenos círculos ao redor do estacionamento do lava jato, distanciando-se, aproximando-se, e se distanciando outra vez.

— Me encontra no Mandrake's, na Broadway — sugeriu. — Você conhece?

— Hum... não.

— É muito bom. E nunca pedem identidade. Vou chegar às sete.

Ela endireitou o guidão e subiu na calçada.

— Beleza! — Acenei com a mangureira. — Vejo você no Mandrake's, quinta, às sete!

Serena desapareceu virando uma esquina.

Eu tinha um encontro. Um encontro de verdade. De repente, o futuro já não parecia mais tão desolador. O céu ofuscante de verão parecia quase bonito.

Meu celular vibrou outra vez.

Vc morreu pra gente.

Sorri. Pela primeira vez em anos, não dava a mínima para os Cavaleiros Espectrais. Ou para *Arcadia*. Um milagre tinha acabado de acontecer.

Mas, pensando bem, eu talvez pudesse aproveitar uma última partidinha antes de começar a me preparar para o encontro.

O carro continuava bastante sujo. Eu só tinha conseguido limpar a metade dianteira do carro e estava sem fichas. Dane-se. Casey podia aguentar ficar com a traseira do carro um pouco respingada por alguns dias.

Na volta para casa, não consegui parar de sorrir. Fiquei imaginando como faria Serena rir, várias e várias vezes, enquanto jantávamos no Mandrake's. Teria que vestir algo elegante, sem dúvida. Deveria depilar o rego? As pessoas faziam aquilo mesmo? Se sim, onde? E havia algum tipo de termo que a depiladora pudesse assinar declarando que, se algum dia me visse em público, durante um encontro no Mandrake's, por exemplo, seria obrigada a fingir que não me conhecia? Depilar as costas e os ombros era uma necessidade. Serena valia o sacrifício, eu sabia. Mas e se me curvasse para pegar um garfo no chão ou coisa do tipo, e minha camiseta subisse, e ela descobrisse que eu era basicamente um Hobbit

superalimentado? Será que eu seria capaz de perder treze quilos até quinta-feira? Achava que não. Mas Serena não parecia se importar com meu peso.

Será?

Teria aceitado sair comigo caso se importasse?

Provavelmente não.

Ou teria?

Inspirei fundo e sorri. Tinha quatro dias inteiros para refletir sobre aquelas questões.

Mas descobri que na verdade tinha só uns quatro minutos.

Carregando...

Quando entrei na minha rua, havia dois tonganeses que mais pareciam tanques de guerra parados na calçada em frente à minha casa..

Meu pai de pé entre os homens.

Ele segurava uma mala. A minha mala.

Estacionei na rua e estava prestes a descer do carro quando Casey saiu da garagem, empurrando a cadeira que ficava no meu quarto. Deixou-a no meio-fio e depois seguiu de volta lá para dentro sem fazer contato visual.

Todos os pensamentos sobre depilar o rego evaporaram quando vi um dos tonganeses apontar para mim e perguntar:

— É ele?

Meu pai confirmou com a cabeça.

Desliguei o motor. Meu coração disparou, e não de uma maneira agradável, como a induzida por Serena. Não saí do carro. Não destranquei as portas. Eu não sabia o que estava acontecendo, mas, o que quer que fosse, não podia ser bom. O sol começara a fazer o interior do carro esquentar a ponto de o ar-condicionado nem parecer estar ligado.

Meu pai caminhou até o carro e bateu à janela do passageiro.

— Anda, sai daí, Jaxon. Vamos conversar.

Antes de se aposentar, meu pai tinha o apelido de Montanha. Não por conta da altura, mas porque fincava o pé na sala das pessoas e se recusava a sair até ter feito uma venda.

Olhei para a dupla de gigantes cujas sombras ameaçadoras assomavam na calçada. Não me movi. Meu pai tentou a maçaneta.

— Me diz o que está acontecendo pelo vidro — falei, a voz trêmula —, aí decido se saio ou se vou embora.

Meu pai sinalizou para os dois homens, que se colocaram na frente e atrás do carro, bloqueando minha passagem. Pressionei as costas contra o assento.

— Ok — falei. — Me diz o que você quer pelo vidro, e decido se vou atropelar alguém ou não.

— Você vai para uma clínica de reabilitação.

— O quê?

— Você vai para uma clínica...

— Ouvi o que você disse. — Abaixei o vidro, apenas uma frestinha que não dava espaço para a mão dele entrar. — E qual é o meu suposto vício?

— Videogames.

Passei um segundo espantado demais para dar qualquer resposta.

— Reabilitação para viciados em videogame? Isso não pode existir de verdade.

— Existe — afirmou ele com sua voz enlouquecidamente calma. — E você vai entrar no programa.

Segurei o volante com força e tentei organizar os pensamentos.

Eu jogava tanto assim? Sim. Amava meus jogos e acreditava que os videogames eram a mídia de maior crescimento no país e que estava se aproximando com rapidez de uma era de ouro que transformaria o mundo para melhor e para sempre? Sim.

Eu era viciado neles?

Não. Não, não era.

— Não dá para ser viciado em videogame. É só uma *compulsão*.

Casey saiu da garagem carregando dois punhados de fios. Mesmo sob o calor do sol, senti a pele gelar. Era a fiação do meu computador. Minha janela para a aventura... Para os meus amigos. Casey o estava desmontando.

Depois de jogar tudo dentro do porta-malas do Jetta, ao lado do monitor, ela finalmente olhou para mim.

— A gente vai vender o seu computador para comprar uma esteira! — avisou.

— Pode esperar um minutinho, amor? — pediu meu pai.

Ela fez uma grande encenação dramática do ato de limpar as mãos e se debruçou sobre a balaustrada da varanda. Pelo menos tinha parado de marchar no mesmo lugar.

— O vício é uma compulsão — retrucou ele.

— Não — falei, tentando manter os tremores longe da voz. — Não é. — Meu pai e eu havíamos tido aquela mesma discussão sobre videogames dezenas de vezes. Minha pesquisa estava feita. — A compulsão para se alguma coisa boa acontece com você. — Pensei na risada de Serena. — Com o vício, não dá para parar, não importa quanto você queira. Que nem com o álcool. — Olhei para Casey e berrei: — Ou com queijo cottage orgânico!

Ela respondeu com um olhar feio. Meu pai ignorou o comentário.

— Eu cronometrei o tempo que você passa trancado naquele quarto. Toda vez que escuto as coisas começarem a explodir e morrer...

— Não jogo só games violentos — interrompi.

— Você sabe o que estou querendo dizer. Sempre que Casey ou eu ouvimos alguma coisa que parece um jogo, começamos a marcar o tempo. Você acumulou... — Ele pegou um pedaço de papel quadriculado do bolso traseiro. — Você acumulou mais de duzentas e cinquenta horas só no último mês. É mais que um emprego em período integral.

Tentei esconder meu próprio choque ao ouvir o número e parti para outra estratégia.

— *Pai*. — Encarei-o fundo nos olhos. — *Não posso* ir para a reabilitação agora.

— Com certeza pode, e você vai.

— Você não entende. Conheci uma garota.

Ele semicerrou os olhos.

— Onde?

— No lava jato. É por isso que o carro ainda está sujo. Usei o dinheiro para limpar a bicicleta dela.

Meu pai olhou de relance para a traseira do automóvel, salpicada de água suja seca, e depois para mim.

— Qual é o nome dela?

— Serena. Ela tinha uma bicicleta roxa.

Montanha não arredou o pé nem cedeu.

— Quero ver o número dela no seu celular.

Merda. Por que minha nova namorada tinha que ser ludista?

Minhas mãos não saíram do volante.

— Facebook? — tentou ele.

Balancei a cabeça, e ele abriu um sorriso que parecia um tiquinho mais satisfeito que decepcionado.

Uma onda de medo me dominou. E se Serena tivesse apenas fingido não ter celular ou Facebook?

Não. Não. Eu a fizera rir.

Ainda assim, aquela conversa estava resvalando perigosamente para o território do inverossímil. Eu não tinha um encontro desde que começara a morar com meu pai. Ou seja... desde sempre. Serena era a primeira coisa boa que acontecia na minha vida em um bom tempo. Era a grande esperança, a luz no fim do túnel, a cartada final, meu *Call of Duty*... Com a diferença de que eu não iria atirar nela.

— Você está sempre querendo discutir tudo como adultos — ponderei.

— Vamos discutir então.

O tanque de guerra diante do carro ouviu minha súplica e apoiou o pé no para-choque. O Xterra afundou sob seu peso.

— Não deixa ele se livrar com essa conversinha fiada! — gritou Casey da varanda. — O Dr. Phil disse para *não* deixá-los negociar. Você só precisa levar o Jaxon para lá!

Ele olhou para Casey, depois para mim. Podia ser um cara velho e durão, mas sabia ser razoável.

— Está certo — disse para mim. — Não sei como o seu comportamento pode ser considerado adulto, se escondendo aí dentro do carro, mas tudo bem. Vamos discutir.

Segurei o volante com mais força, tentando formular argumentos com alguma rapidez. Podíamos ter tido a discussão mil vezes antes, mas aquela era diferente. Agora havia dois caras do tamanho de geladeiras a seu lado, e eu... eu tinha um encontro na quinta-feira. Minha mala estava na calçada. Era evidente que a estadia na clínica não duraria apenas uma noite.

Montanha se empertigou, os pés plantados com firmeza no chão.

— Vai me dizer que não joga videogame demais?

— Não. — Ele tinha ganhado aquela rodada. Tinha até um pedaço de papel quadriculado para provar. — Quero saber o que tem de tão *errado* com os games.

— Bem — começou ele, se apoiando no carro —, você não faz exercícios, para começo de conversa. Nunca faz nada que a sua madrastra e eu pedimos. Você...

— Pai. *Pai*. Perguntei o que tem de errado com os *jogos*.

Ele soltou um suspiro.

— Violência — respondeu, como se fosse óbvio. — O mundo é muito mais violento hoje em dia do que quando eu era jovem. Agora que as crianças podem simular matarem umas às outras, querem tentar na vida real.

— Ceeeeerto. Porque violência *nem existia* quando você era mais novo. É só fingir, você sabe, que a Guerra do Vietnã nunca aconteceu. Ou que tal a Coreia, antes disso? A gente pode continuar, se você quiser. Hitler nunca jogou videogame.

Meu pai assentiu.

— Não dá para ignorar aquele garoto que atropelou o pai.

Aquele incidente tinha sido notícia no país inteiro. Mas, em vez de a mídia chamar atenção para inúmeros outros fatores que poderiam ter causado o surto de violência — violência doméstica, bullying, depressão — ela havia focado no fato de que o pai tinha tomado o disco de *Halo* do filho.

— Eu não estava falando sério sobre atropelar alguém — falei, gesticulando para o tonganês diante do carro.

Meu pai massageou a nuca.

— Pode até ser verdade que você não vai sair por aí querendo machucar ninguém. Mas que *bem* esses videogames fazem à sua vida?

— Ajudam na coordenação motora.

— Pelo que estou vendo, você deixou de limpar a traseira do carro inteira.

— Eles são bons para aprender a programar.

— Nunca vi um manual de Java no seu quarto.

— São mais benéficos para o meio ambiente do que vários outros hobbies.

- Correr também.
- Eu poderia ganhar milhões sendo jogador de e-sport.
- Cadê o cheque?
- Jogos on-line ajudam a quebrar barreiras internacionais.
- Colocando as pessoas umas contra as outras?
- Ajudam gente de países diferentes a se relacionarem.
- Chamando os outros de “puto”?
- É um apelido carinhoso!

Apoiei a cabeça no volante. Jamais imaginei que meu futuro relacionamento dependeria de um único debate sobre games.

Eu me empertiguei no banco e disparei, irritado:

— Games podem ajudar crianças a superarem a dislexia e ajudam idosos a dirigir melhor.

Montanha sorriu.

— Ainda bem que não estou criando um velhinho analfabeto.

Deixei a cabeça pender para a frente de novo. Senti meu queixo tremer ao pensar na possibilidade de perder meu primeiro encontro com uma garota de verdade. A maior ironia era que eu só estava no meio daquela discussão para poder jantar com Serena e ter um bom motivo para *não* passar mais tanto tempo jogando.

— Filho — chamou, e a voz do Montanha falhou um pouco —, você não está alcançando todo o seu potencial. Prefiro ver você fracassar na vida real a vê-lo ser bem-sucedido em uma que não existe. Desde que sua mãe comprou aquele troço, você não desenvolveu nenhuma habilidade ou competência nova.

Ele estava falando do Nintendo Wii. Minha mãe tinha me dado o console de presente no primeiro Natal depois do divórcio. No cartão estava escrito:

O seu pai vai odiar.

Mas espero que você goste.

Bjos,

Mamãe

— Pai... eu não jogo tanto a ponto de vomitar no carpete e passar dois dias desmaiado.

Ele suspirou.

— Não estamos falando sobre a sua mãe.

— Não fui eu quem tocou no assunto.

Nós nos encaramos, tentando ler um ao outro. Desviei o olhar e dei seta para a esquerda, depois para a direita, depois para a esquerda de novo.

— Tentei ser razoável com você. Tentei fazê-lo viver no mundo lá fora. A sua madrasta também. Não me sobrou nenhuma opção.

— E se eu tiver mesmo conhecido uma garota, pai? Você não ia querer que eu saísse e começasse algo legal com ela? Alguma coisa que vai me deixar longe dos jogos?

Ele hesitou por um segundo. Suas sobrancelhas relaxaram. Meu coração deu um pequeno salto de esperança.

Casey gritou da varanda:

— Por que é que você está ouvindo o que ele diz? Não escuta. Está na hora de *ir!*

Franzi a testa para minha madrasta.

— Você sabe que ela joga *Candy Crush*, não sabe?

Meu pai franziu a testa e retomou sua pose de Montanha.

Droga.

— Lembra aquela vez que você me prometeu que ia parar de jogar *Warcraft* e me entregar o jogo?

Esfreguei a testa.

— Lembro.

Tinha deixado meu pai levar o disco porque ele não sabia que eu já tinha feito o download do jogo no computador. Ele me pegou jogando cinco minutos depois.

— Acho que não tenho muito motivo para confiar em você, filho.

— Pai, agora é *diferente*. Essa garota é *real*. E ela me acha legal por algum motivo.

— Imagine só como ela vai ficar impressionada com as suas novas habilidades quando voltar para casa.

A porta do motorista foi aberta, e a mão de alguém segurou meu cotovelo. O gigante da traseira do carro me puxou para fora do carro com gentileza, mas firmeza.

Olhei para meu pai.

— Ele estava com a chave reserva esse tempo todo?

— Não queria que você achasse que eu não respeito a sua opinião.

— Não. Você só queria que eu pensasse que a minha opinião valia alguma coisa para você antes de eles me levarem embora.

O outro gigante pegou minha mala na calçada enquanto o primeiro me levava até um Oldsmobile bronze do outro lado da rua. Ele me forçou a abrir os braços e fez uma vistoria completa, tateando meu corpo e esvaziando meus bolsos; entregou minha carteira, meu iPhone e meu cortador de unha ao meu pai.

— Divirta-se! — gritou Casey, acenando da varanda.

Voltou para dentro de casa e bateu a porta.

Era o fim. Nada de *Arcadia*. Adeus, Distrito Caligari. Adeus, carnaval goblin. Adeus, naves espaciais de cores pastel que nos transportavam até

outros universos para convencer guerreiros antropomórficos a juntarem forças conosco. Adeus, partidas com os Cavaleiros Espectrais.

Então, eu me dei conta... Quando pensava em Serena, não estava nem aí para os videogames.

Um dos tanques abriu a porta traseira do carro.

Meu pai me estendeu a mão. Não a apertei.

— E agora? Acha que vou aprender alguma lição de vida valiosa e depois voltar e ser o filho perfeito que trata a sua noiva-bebê com todo o respeito do mundo?

— Na verdade — começou ele, ainda com a mão estendida —, estou torcendo para você voltar e tratar a si mesmo com o devido respeito.

— Você é um babaca — falei. — E dessa vez não é um apelido carinhoso.

— Tudo bem, Jaxon. — Ele me deu um sorriso sem emoção, colocando a mão no bolso. — Boa sorte.

O tonganês abaixou minha cabeça quando me forçou a entrar no carro e bateu a porta.

Tutorial

— Duas regras — disse o motorista. — Nada de palavrões nem reclamações sobre a música. — Ele jogou uma barra de cereais no meu colo. — Avise se precisar ir ao banheiro.

Ligou o motor, e o carro foi tomado por música gospel. Do *Elvis*.

“You saw me crying in the chaaaaaaaaaapeeeeeeeeeee...”

O outro homem se sentou no banco do carona e soltou um suspiro. Parecia que também tinha que seguir as regras.

— As pessoas me chamam de Command, e ele é o Conquer — disse o motorista. Como se já não fossem suficientemente intimidadores.

Do banco de trás, notei que Command mantinha o cabelo cheio preso em um pequeno coque bem-feito, enquanto Conquer deixava os seus livres, leves e soltos. Conquer também era muito maior. Os dois pareciam fortes o bastante para domar um touro raivoso, que dirá meu eu fracote. Não teria conseguido fugir mesmo se tentasse. Além do mais, o banco de trás não tinha maçanetas.

— Temos que fazer outra coleta — avisou Command, engatando a marcha.

O carro seguiu em frente. Meu estômago demorou um segundo para se dar conta do que estava acontecendo.

Meu pai acenava da varanda. Desviei os olhos.

Enquanto Elvis cantava outra canção — “With arms wide oooooooooopeeeeeeeeeennnnnnnnnn” —, Command seguiu para leste, para o bairro rico de Salt Lake City. Paramos diante de uma casa de três andares e dezenas de janelas. Ele saiu do Oldsmobile e foi bater à porta da frente. Uma mulher bonita com olhos tristes o atendeu e voltou lá para dentro.

O carro esfriou um pouco e começou a fazer ruídos. Sondei a vizinhança. Se conseguisse pular para o banco da frente e sair pela porta do motorista antes que Conquer agarrasse meu tornozelo, talvez conseguisse correr para longe e me esconder em algum arbusto. Depois que ele e Command desistissem da busca, voltaria andando e acamparia do lado de fora do Mandrake’s, dormindo em algum canto, me lavando no banheiro e afiando meu charme conversando com as garçonetes até o dia do encontro, quinta-feira. Com sorte, teriam algumas daquelas balinhas de menta para refrescar o hálito.

Eu não tinha nada a perder. Começaria a correr em três... dois...

— Por acaso está pensando em fugir?

Conquer ajustou o espelho retrovisor para me encarar nos olhos.

— Estou.

— Todos pensam nisso. — Deu uma risadinha e se alongou. — Mas não estamos em um jogo.

Relaxe as pernas.

— Valeu por esclarecer.

Um minuto depois, Command saiu da casa, guiando um menino magricela com os braços tatuados.

— Mas que *merda* é essa? — sussurrou Conquer.

Era possível que eu estivesse sofrendo de miopia de jogador, mas aquele menino parecia ter acabado de sair da UTI. Parecia que a única coisa impedindo que ele caísse duro na calçada era a mão de Command no seu antebraço.

O homem abriu a porta de trás, e o garoto desmoronou ao meu lado. Tinha a cabeça raspada, alargador na orelha e os braços cheios de tatuagens malfeitas: fios desencapados e desgastados cuspidos de eletricidade. Ele parecia um verdadeiro mago elétrico... Com apenas um ponto de vida restante.

— Duas regras.

Command repetiu as normas sobre os xingamentos e a música e jogou outra barrinha de cereais por cima do ombro. Bateu no peito do garoto, mas ele pouco reagiu. Os olhos escuros, a cabeça caída e a boca entreaberta me fizeram reconsiderar brevemente meu argumento de que era impossível se viciar em videogames.

Brevemente.

— Então — falei. — Por que *you* está aqui?

O garoto já tinha adormecido.

Command voltou para a estrada, e seguimos para oeste, para o outro lado dos trilhos, entrando na parte industrial da cidade. Em pouco tempo, o ambiente urbano foi substituído por planícies de sal, e o buraco no meu estômago aumentou. Semelhante a como os personagens de *Arcadia* passavam por terrenos mal renderizados, deslizando pelos polígonos do jogo e se lançando ao desconhecido obscuro, eu estava caindo no infinito. Meu belo universo imaginário repleto de trompetes, construções dançantes e céus de algodão-doce estava sendo substituído por ar-condicionado fraco, o toque pegajoso do vinil contra minha nuca e — *blergh* — o cheiro acre todas as vezes que parávamos para deixar o garoto tatuado vomitar.

Três canções Elvis-Canta-Gospel mais tarde, chegamos a uma pequena cidade de cassinos, passando por baixo de uma grande placa de uma vaqueira esticando sua perna neon gigante. Não paramos lá. Continuamos

pelo deserto até os postos de gasolina desativados começarem a rarear, depois saímos da estrada principal e seguimos em frente.

Dunas se avultavam ao redor do carro em ondas baixas.

— Vocês não vão me fazer cavar um buraco, vão? — indaguei.

— Não. — Command riu. — A gente só vai fazer você se divertir.

Aquilo soava muito pior.

O sol começou a baixar no céu, e o mago elétrico afundou no banco. Permaneci bem acordado, prestando atenção em cada curva, placa de trânsito e no tamanho das dunas. Estava determinado a saber exatamente onde ficaria aprisionado e como encontrar o caminho de volta.

Mas, quando o deserto continuou se estendendo, eu me dei conta de que seria impossível voltar a pé. Isso é, se eu não quisesse que meu encontro na quinta-feira fosse com abutres se refestelando na minha barriga. Depois daquela descoberta desagradável, me resignei a ficar de olho no mago elétrico, que escorregava devagar em direção à minha perna.

Enfim, enquanto Elvis cantava sobre chegar ao jardim, alcançamos nosso destino. A clínica era um edifício cinza e creme, sem janelas, enfiado entre dunas que se espalhavam até o horizonte.

Parecia tão solitário quanto uma peça de LEGO perdida em uma caixa de areia infinita.

Command parou o carro no estacionamento poeirento, tirou minha bagagem do porta-malas e abriu a porta para mim. Foi me escoltando até uma porta branca, que se abriu sem chave. Era evidente que todos ali tinham consciência de que caminhar de volta a Salt Lake era impossível. Command apontou para o interior da construção. Olhei uma última vez em direção ao leste. O deserto teria se espreado para sempre, sem encontrar um fim, não fosse pelo céu.

Entrei.

Como um cenário saído diretamente de *BioShock*, dois corredores de concreto seguiam para a esquerda e para a direita, margeando as paredes externas do prédio — um longo e o outro curto, ambos com luzes fluorescentes. O lugar cheirava a canos enferrujados e emitia um zumbido que lembrava estática.

Bem-vindo a Rapture, pensei, e um buraco se abriu em meu estômago.

Conquer praticamente arrastou o mago elétrico para dentro.

— Este moleque não está bem, não — disse, dando tapinhas leves na bochecha do tatuado.

— Leva o garoto para a Fonte das Fadas — sugeriu Command. — Depois a gente faz a seleção de guilda dele.

Conquer arrastou o garoto pelo corredor mais curto, enquanto Command aproximou o rosto do meu.

— Vou precisar fazer uma revista em todos os orifícios?

Senti meu traseiro se contrair.

— Hum... o quê?

— Alguns jogos são bem pequenos hoje em dia — explicou ele, aproximando-se de mim e me encurralando contra a parede. — Tamagotchi, iPod Touch.

Engoli em seco.

— A minha bunda pode até ser grande, mas não serve para armazenamento.

Ele sorriu.

— Brincadeirinha.

E se ajoelhou para desamarrar meus cadarços, levando-os consigo. Para o caso de eu querer brincar de cama de gato, imaginei.

Fui guiado pelo corredor longo.

— Está na hora de conhecer o G-man.

— O cara mau de *Half-Life*? — perguntei, os tênis sem cadarços saindo dos pés.

Command soltou um risinho.

— É assim que os jogadores chamam o diretor clínico. Não conta para ele por quê. Falar de videogame é proibido aqui, e o cara nunca jogou nada na vida.

Passamos por portas com vários símbolos diferentes estampados: uma vela, uma nota musical, um caldeirão, um chip de computador. Ao final do corredor, Command parou e apontou para a escada que levava a uma porta metálica.

— Boa sorte.

Engoli em seco e subi pelos degraus.

Como é que eu vim parar aqui?

Como é que eu vou sair daqui?

Tinha que convencê-los de que não deveria estar naquela clínica.

Se aquela fosse a entrevista em que o diretor decidia se o novo paciente era mesmo viciado ou não, se tinha havido algum tipo de engano e a pessoa devia ser liberada de imediato para poder sair com a garota linda do lava jato, então eu estava pronto para ser o gamer mais ajuizado e equilibrado que ele já conheceria.

Aquilo exigiria que eu fosse uma pessoa carismática... O que eu não era.

Alisei a camiseta do *Super Mario Bros.* e abri a porta de metal.

— Sóóóóó um segundinho — pediu um homem magro de terno cinza. Estava sentado a uma mesa pequena, pressionando uma série de carimbos em uma almofada de tinta, um por um.

O escritório parecia ter sido feito para epiléticos. Não tinha cores vibrantes. Nem quinas pontudas. Nenhum tipo de decoração. Nem

mesmo diplomas ou credenciais. Havia apenas uma escrivaninha e duas cadeiras, ponto.

— Pronto! — O diretor se pôs de pé, empurrando de leve o quadril para ficar totalmente ereto. Os olhos verdes brilhantes se fixaram em mim. — Jaxon — disse, em uma voz calorosa, mas, acima de tudo, profissional. Contornou a escrivaninha e me ofereceu a mão. — Bem-vindo à Vídeo Horizontes, a primeira clínica de reabilitação para viciados em videogame no Ocidente.

Cumprimentei-o.

E, mesmo estando exausto...

Mesmo me sentindo um peixe fora d'água, como se tivesse sido despido e humilhado...

Mesmo estando aterrorizado, pensando na possibilidade de não conseguir ir ao encontro...

Sorri.

— Obrigado por me aceitar. É *ótimo* estar aqui.

— Sério? — O diretor recuou um passo e franziu a testa, satisfeito. — Ninguém nunca me disse isso.

Seus dentes pareciam nunca ter sido apresentados a um fio dental, e eu podia sentir cheiro de limo quando ele falava.

Sorri outra vez e dei de ombros.

— Quantas vezes na vida vou ganhar férias no deserto de graça? Ha-ha.

O homem balançou o indicador para mim.

— Gosto da sua atitude. Sente-se.

Gesticulou para a cadeira diante da mesa enquanto ele próprio se sentava com cuidado para não machucar o quadril rijo. As lâmpadas fluorescentes produziam um chiado ininterrupto.

Ao longo dos anos, eu tinha aprendido algumas táticas de venda com meu pai:

1. Mostre entusiasmo pelos interesses do cliente;
2. Imite seu modo de agir para criar identificação entre você e ele;
3. Use humor como lubrificante;
4. Aja como um ser humano normal, para variar.

O último item era um conselho criado especialmente para mim.

— Sou o diretor clínico da Vídeo Horizontes — apresentou-se o homem de terno. — Meu nome é John Borno, mas todo mundo aqui me chama de G-man, porque sou o mestre dos games.

— *Prazer, G-man.*

Ele sorriu.

— Gosto de dar as boas-vindas pessoalmente a todos os jogadores assim que eles chegam. — Ele fez um movimento circular com a mão. — Para

explicar em linhas gerais como a clínica funciona.

Jogadores? Não fui internado para *parar* de jogar?

— Manda.

— Primeiro, Jaxon, encorajamos os jogadores a não usarem seus nomes reais durante a estadia. Isso permite que vocês retenham o anonimato quando retornarem ao mundo real e mantiverem uma presença on-line *saudável*. — G-man deixou o tom profissional de lado. — Mas também quer dizer que você pode inventar seu próprio título aqui. Pode ser o que quiser. Qualquer coisa.

— Ah! — Tentei parecer empolgado. — Hum, caramba, que maneiro. Que tal... — Branco. Até que certa raposa de duas caudas invadiu meus pensamentos como um helicóptero peludo. — Miles Prower?

— Adorei! — G-man preparou a caneta com um clique e escreveu o nome em uma planilha com uma dúzia de outras alcinhas. Depois fitou o que tinha escrito. — Ah! Entendi. *Miles per hour*, milhas por hora. Jogo de palavras inteligente.

— Achei que você fosse curtir.

— Bom, *Miles*... — Ele se recostou na cadeira. — A Horizontes abriu uns dois meses atrás. A gente nem tem logotipo ainda, mas o número de internos chega a praticamente *dobrar* a cada semana graças ao número cada vez maior de jovens que sofrem com a dependência eletrônica. Você deve estar se perguntando: mas é tanta gente assim?

— Estava *mesmo* me perguntando isso.

Na verdade, estava conjecturando o que Serena pensaria se me visse naquele momento. O mais provável era que jogasse a bicicleta em cima de mim e saísse correndo.

— Mais de *trinta por cento* dos jovens são viciados em videogame — continuou G-man. — É uma preocupação crescente na nossa sociedade. Foi por isso que conseguimos os fundos necessários para adquirir este antigo centro de treinamento militar. — Ele sorriu para as lâmpadas fluorescentes como se estivéssemos em um palácio ou algo do tipo. Em seguida, voltou a ficar sério. — As pessoas passam mais de três bilhões de horas por *semana* no mundo dos jogos. Se você somasse o tempo que todos os jogadores gastaram em *World of Warcraft*, sabe qual seria o valor total?

Seis milhões de anos, pensei.

— Não.

— *Seis milhões de anos!* — exclamou ele.

— Que loucura.

Papai me forcara as mesmas estatísticas goela abaixo. Eu provavelmente tinha contribuído com alguns desses anos também.

— O objetivo da Vídeo Horizontes é desacelerar o crescimento desse número — explicou G-man.

— Uma missão admirável.

— Que bom que pensa assim.

— Penso mesmo.

Que palhaçada. G-man não compreendia os gamers. E com certeza não me entendia. Quando o mundo real rejeitava seus esforços ao longo de dezesseis anos, quando você era motivo de zombaria na escola, quando não conseguia chamar uma garota para sair, quando não era escolhido nas aulas de educação física, quando seu conhecimento sobre divindades japonesas era inútil e até visto *negativamente*, era difícil não se voltar para uma comunidade em que seus talentos eram apreciados.

Ah, e você ainda podia matar dragões.

— Você vai ver que aqui é um pouquinho diferente das clínicas de reabilitação comuns — continuou G-man. — O vício em videogames não é tão sério quanto dependência química ou alcoólica, mas não deixa de ser um grande motivo de preocupação. Ainda mais quando se trata daqueles jogos sem fim. Acho que você sabe do que estou falando.

Revirei os olhos de forma exagerada.

— Sei, sim, infelizmente.

Os Cavaleiros Espectrais deviam estar irritadíssimos comigo naquele momento, tentando batalhar e abrir caminho pela Arena dos Arranha-Céus sem seu confiável tank, que tinha sido arrancado daquele mundo e jogado no... no que quer que fosse aquele lugar.

— Mas não nos confunda com disciplinadores severos. Não estamos tentando recriar aquelas clínicas de reabilitação da China. Você sabe, usando modelos de treinamento militar e colocando luzes coloridas intermitentes na frente dos olhos de vocês às seis da manhã.

— Graças aos céus! — exclamei, forçando um risinho.

— Não... Na verdade, tentamos criar um ambiente de diversão aqui na Horizontes. Possuímos um sistema revolucionário que tem grande apelo para o senso de recompensa de um gamer. Vamos tentar reprogramar o seu comportamento, quebrando o hábito de jogo com, escuta só, *outro* jogo. Pense nisso como um PlayStation 5 de tratamento de dependência.

— Uau. Agora você está falando a minha língua.

Ele semicerrou os olhos e se debruçou na mesa.

Eu me aproximei em resposta.

— Criamos um sistema no qual jogadores como você podem ganhar pontos de experiência.

— Soa igualzinho a um videogame — comentei, dando à minha voz uma entonação intrigada.

— E é como um videogame. Mas é o jogo da *vida*. Em vez de ir aumentando o level de personagens feitos de pixels e polígonos, uns e zeros, você vai fazer isso — G-man apontou o dedo para mim — *consigo mesmo*.

— Comigo? — repeti, tocando o peito.

— Isso aí.

Então a Vídeo Horizontes tinha transformado o tratamento de dependência em um jogo. Não era uma ideia terrível... Contanto que *eu não tivesse que participar daquilo*.

G-man abriu uma gaveta e tirou de lá um pedaço de papel enrolado que tinha sido impresso e cortado de modo a lembrar um pergaminho antigo. Escreveu algo no topo rapidamente e o deslizou pela mesa até mim. Sob o nome “Miles Prower” escrito em uma letra cursiva horrenda, havia cinco colunas marcadas com desenhos de um cérebro, uma bola, um pincel, um sanduíche e uma carinha feliz.

— Temos todo tipo de aulas e atividades aqui na clínica — disse ele. — Música, corrida, artes marciais, culinária e várias, várias outras, mas não quero estragar a surpresa... Spoiler!

— Ah! — exclamei, embora ele tivesse conseguido, de algum jeito, por mais impossível que parecesse, usar a expressão da forma errada.

— Para cada habilidade útil para a vida real que você escolher exercitar dentro destas paredes, seus professores e líder de guilda vão carimbar o seu pergaminho com pontos de experiência. — Apontou para os carimbos sobre a escrivadinha, cada um com um número diferente estampado. — Mil pontos por ter feito uma refeição saudável, dois mil por ter pintado um pôr do sol bonito, *dez mil* por ter conseguido tocar uma canção inteira no violão. Também vai receber pontos lavando roupa suja, preparando refeições, lavando louça, coisas assim.

— Na verdade, já sou eu mesmo quem faz minha comida e a limpeza lá em casa.

— Excelente! — exclamou G-man.

Não comentei que aquilo envolvia apenas folhas de papel toalha e comida congelada.

— Você deve achar estranho que nós estejamos substituindo um jogo por outro — ponderou ele —, mas, se nosso sistema de pontos deixar você viciado em se exercitar e lavar pratos em vez de jogar videogames, que seja. Depois que tiver ganhado pontos o suficiente para “passar de level” — G-man chegou até a fazer aspas no ar com os dedos —, vai poder ir para casa. Tem alguma dúvida?

Já temia a resposta para minha primeira pergunta. Mas tinha que saber. O que seria meu Bowser? O que seria meu Asa da Morte? Que chefe da Vídeo Horizontes teria que derrotar para voltar a tempo para meu encontro?

— Quantos pontos de experiência preciso para... passar de level?

G-man abriu um sorriso malicioso.

— Um milhão, é claro.

Meus ombros deviam ter desmoronado, pois ele ergueu as mãos na defensiva.

— Sei que parece muito. Mas pense em todas as coisas novas que você vai aprender. Em todas as pessoas que vai impressionar quando voltar para casa. Acreditamos que as lições de vida que os jogadores aprendem aqui na Horizontes os ajudam a ter uma vida muito mais rica lá fora, na vida real. Quer dizer, quantos encontros a maior pontuação no *Pac-Man* já lhe rendeu, hein?

Tentei sorrir, mas senti meu olho tremelicar. Aquilo era demais. Já tinha conseguido um encontro sem a ajuda daquele lugar e seus pontos de experiência idiotas.

— E, hum... — recomecei, temendo a resposta seguinte —, quanto tempo demora para o jogador médio conseguir reunir essa quantidade?

— Vejamos... — G-man tamborilou os dedos no tampo da mesa e contemplou o teto. — A jogadora mais rápida que tivemos conseguiu juntar um milhão de pontos em duas semanas. Mas ela era uma ex-atleta olímpica, então *mandava ver* nos campeonatos.

Minha pele ficou gelada ao ouvir a última palavra. Tinha certeza de que aqueles não eram o tipo de campeonato em que eu seria bom.

G-man balançou a mão com a palma virada para baixo.

— Mas diria que o jogador médio leva mais ou menos umas quatro semanas para angariar essa quantidade.

Quatro *semanas*? Imaginei todos os pretendentes que Serena encantaria entre aquele instante e vinte e oito dias. Pretendentes muito mais adequados do que eu.

Tinha chegado o momento. Era hora de fechar o negócio. Tinha que convencer G-man de que eu era tão bem ajustado ao mundo lá fora que ele deveria me deixar ir embora. Tinha de haver uma sequência certa de acontecimentos, uma linha de diálogo específica que me tiraria daquela cilada.

— Vocês alguma vez já internaram alguém que não merecia estar aqui? — tentei. — Alguém cujo pai só estava querendo se livrar do filho para poder passar mais tempo sozinho com a nova esposa dele... ou coisa do tipo?

Ele me avaliou por alguns segundos.

— Se nós algum dia aceitássemos um paciente... desculpe, *jogador*... que não devia ter sido internado, creio que ficaria evidente bem rápido que aquele indivíduo é bem equilibrado nos aspectos físico, mental e emocional. — Juro que os olhos dele recaíram de relance sobre minhas mamas masculinas superdesenvolvidas, mas foi só um segundo. — Após a primeira avaliação semanal, poderíamos marcar uma conversa com os pais dele ou dela para descobrir o verdadeiro problema.

Droga. Eu não *tinha* uma semana inteira. Aquilo significava que teria que competir. Não apenas isso, mas destruir o recorde daquela tal atleta olímpica, ganhando um milhão de pontos de experiência da vida real em

quatro dias. Era capaz disso, não era? Não podia ser tão difícil. O que uma desportista que competia em eventos internacionais tinha que eu não tinha, afinal de contas?

G-man mostrou os dentes musgosos.

— O importante é se *divertir*.

Não. Não era.

— E se eu juntar tudo em quatro dias?

Ele abriu um sorriso forçado.

— Não vai conseguir.

— E se conseguir?

— O jogo foi feito de modo que jogadores mais avançados, os campeões, os gênios, recebam algum tipo de dificuldade extra, enquanto os que ficaram para trás recebem um bônus. Queremos que todo mundo na Horizontes se sinta um herói.

Maravilha. Igualzinho a *Mario Party*. O jogo mais injusto já criado.

— Você está ansioso para ir a algum lugar?

Estampeei no rosto o maior sorriso que consegui conjurar.

— Estou bem onde queria estar.

— Que tal isto: se você vencer o jogo em quatro dias, eu mesmo levo você para casa. Fechado?

Assenti.

— Fechado.

— Então, jogador Miles Prower — disse G-man com tanto entusiasmo que chegava a ser nauseante —, você é bom o bastante para conseguir ganhar um milhão de pontos aqui na Vídeo Horizontes?

A clínica fora aberta havia apenas dois meses. O que significava que aquele jogo era novinho em folha. Ainda estava em fase beta. Devia ter errinhos em vários lugares. Tudo que eu precisava fazer era encontrar aquelas falhas e explorá-las a meu favor.

Sorri.

— Quantos pontos você me dá se eu polir a sua mesa *agora*?

Nós dois rimos.

— Ah! — Ele pegou algo mais de dentro da gaveta aberta. — Não podemos esquecer isto. — Ele me entregou um mapa e um horário com todas as aulas oferecidas. — Agora você vai conseguir se achar dentro da clínica, e também tem uma explicação completa do sistema de pontos. Eeeeeeee aqui está seu alforje de aventuras.

Com aquilo ele estava querendo dizer “a sua pochete de imitação de couro”.

— Maneiro. — Ajustei a alça até o limite, fechei a fivela e me levantei para sair.

— Ah, Miles. Uma última coisinha. — G-man tirou a proteção de um dos carimbos. — Todos os dias, vou lhe dar mil pontos se me der um high-

five com uma atitude positiva.

Ergueu a mão.

Eu odiava high-fives. Mas precisava de todos os pontos que pudesse conseguir.

Abri um sorriso largo e fiz o movimento... Mas minha mão apenas acertou o ar. Em um primeiro momento, achei que tinha errado o alvo, mas depois vi que o diretor tinha abaixado a mão no último segundo.

— Mas eu só consigo aguentar um determinado número de high-fives por dia. — Recolocou a tampinha de proteção no carimbo. — Acho que vou me poupar para jogadores um pouquinho menos sarcásticos.

Guildas

— Chegou a hora de colocarmos você em uma guilda — disse Command, descendo ao meu lado as escadas que levavam para a sala de G-man.

Parei de andar.

— Guilda?

Ele riu e pegou meu braço.

— Não se preocupa, não. Tenho certeza de que eles vão gostar de você.

Seguimos pelo corredor, passando por uma cantina, uma lavanderia e, meu Deus, um banheiro compartilhado. Ao fim da passagem havia uma porta preta com as palavras “Sala de Controle” pintadas em branco, com a letra garranchosa digna de um assassino em série.

Atrás dela, sussurros zumbiam como se fossem eletricidade:

— *Fala com a gata. Ela vai domar os caçadores de Raiz Negra.*

— *Dar porrada no javali só vai fazer o bicho explodir.*

— *Não dá para parar o sangramento! É uma hemorragia!*

Normalmente, estaria empolgadíssimo com a ideia de entrar para uma guilda. Mas tinha a sensação terrível de que aquilo seria muito diferente de *Arcadia*.

O que me esperava atrás da porta? Uma equipe pronta para arrancar minhas roupas e me dar uma surra? Uma cadeira, injeção, dispositivos para forçarem meus olhos a ficarem abertos à la *Laranja Mecânica* e um controle de videogame? Uma barra fixa para flexão de braço?

Enquanto Command me guiava em direção ao cômodo misterioso, olhei para trás, para a luz verde da saída. Depois daquela porta, depois de um deserto infundável, para além da areia e da estrada e de postos de gasolina desativados, Serena estava manipulando o espaço e o tempo e fazendo meu coração vibrar...

Command abriu a porta, e os sussurros cessaram.

O lugar era sombrio e cavernoso. Cheirava a gasolina. A luz entrando por três janelas de vidro fosco altas iluminava partículas de poeira, tijolos e um pequeno palco de madeira. O espaço tinha ares de industrial, como se outrora tivesse sido usado para construir soldados robóticos ou algo assim. Mas agora parecia vazio e incômodo, como um jogo MMO do qual ninguém queria participar. Tudo lá dentro era monocromático, salvo por uma série de pufes diante do tablado, onde cerca de doze adolescentes estavam sentados... e me encaravam.

Command marchou comigo em direção ao palco. Sem celulares ou 3DS para distraí-los, aqueles gamers pareciam assustadoramente atentos. Quanto mais olhavam para mim, mais eu sentia as partes do corpo de que tinha mais vergonha se avolumarem, se tornarem mais pálidas e cabeludas. Tentei evitar contato visual. Nunca fui bom em interações ao vivo. Nem mesmo quando as pessoas em questão compartilhavam do mesmo hobby que eu. Era por isso que o que acontecera no lava jato me parecera um milagre.

— Boa tarde, pessoal! — G-man deu uma corridinha até o tablado de madeira e abriu uma cadeira dobrável a seu lado. — Temos um novo jogador começando hoje! Vem pra cá, Miles!

Senti todos os olhos em mim. Senti meu rosto ficar vermelho. Senti os pés virarem concreto. Em algum lugar no prédio, o encanamento fez um ruído de gorgolejo.

Por que meu pai havia feito aquilo comigo?

Por que eu não podia ter uma semana normal antes de sair para um encontro normal?

Por que tinha jogado tantos jogos idiotas?

— Miles? — G-man deu um tapinha na cadeira.

Command empurrou minhas costas de leve, fazendo-me quase tropeçar palco acima. Eu me sentei na cadeira.

Devia estar depilando as costas neste momento.

G-man deu um tapinha no meu ombro.

— Quero que todos deem as calorosas boas-vindas a... Miles Prower!

— Oi, Miles — respondeu o grupo.

Pareciam todos tão felizes quanto uma vaca em uma betoneira.

Por algum milagre, reuni a coragem necessária para olhar para a plateia.

Gamers, ainda mais gamers hardcore, gamers hardcore que jogavam o suficiente para serem internados em uma clínica de *reabilitação*, dedicavam todos os segundos possíveis a passar de fase, conseguir a pontuação mais alta ou aprimorar seus personagens. Fazer exercício, tomar banho ou cuidar da higiene no geral eram atividades que tendiam a ser ignoradas. Mas aqueles adolescentes pareciam... asseados. Suas feições enebadas tinham sido esfregadas até ficarem limpas, a pele, bronzeada, suas camisetas coloridas com estampas de games, jogadas no lixo. Era como se estivessem se transformando aos poucos em versões de seus avatares nos jogos. E nenhum deles parecia muito satisfeito com aquilo.

— Está na hora da seleção de guilda — sussurrou G-man com empolgação. Não parecia estar fitando o mesmo mar de olhos entediados que eu. — Miles, queremos que você pense na Vídeo Horizontes como um lugar mágico. — Aproximou a boca um pouco demais de minha orelha e gesticulou com o braço estendido e a palma aberta para a plateia.

— Um lugar onde as aulas são repletas de assombro e fascínio, as atividades são cheias de surpresas e missões secundárias estão à espera em todos os cantos.

Fitei minhas mãos e me perguntei o que Serena estaria fazendo naquele instante. Provavelmente alimentando crianças etíopes ou coisa parecida.

G-man apertou meu ombro.

— Qual destas três guildas vai ajudá-lo a atingir seu grande potencial?

Olhei para a frente e notei que os pufes tinham sido arrumados em três colunas nas cores vermelha, verde e roxa. Diante de cada uma estava um adulto segurando uma plaquinha com palavras fazendo referências a videogames, porém escritas errado.

— Será... — G-man apontou para o grupo vermelho. — A dos Master Cheefs?

Os membros da guilda ficaram de pé e me saudaram com um urro que teria feito a música tema de *Skyrim* corar. O líder era um cara musculoso com o bronzeado de uma cenoura queimada. Os adolescentes pareciam ser adeptos de jogos de ação, do tipo que atiravam em qualquer coisa vermelha que entrasse em seu campo de visão e depois começavam a esfregar as bolas dos personagens no rosto do adversário caído.

— Será... A dos Sefiroths?

A guilda verde se levantou e sibilou para mim. Um deles começou a ter um ataque de tosse. A líder, uma mulher pequena e magra de cabelos prateados, ajudou o jovem em crise a se sentar.

— Ou será a dos Fury Burds?

A última guilda — apenas duas garotas e um pré-adolescente — ergueu-se de seus pufes roxos e todos agitaram as mãos sem muito entusiasmo, como se fossem pequenas asas, enquanto tentavam assoviar ao mesmo tempo. O líder era GIGANTE. As mãos dele pareciam grandes o suficiente para segurar *Command e Conquer* pela cintura e forçá-los a lutar feito bonecos.

— Então, jogador Miles — disse G-man, apertando meus ombros. — Qual delas vai ser?

Franzi a testa para o aglomerado de adolescentes. Ainda me lembrava da época em que achava guildas divertidas — aquela manhã mesmo. O que o tal G-man sabia sobre diversão e magia? Já tinha alguma vez na vida se juntado a um grupo de guerreiros para derrotar uma grande bola de chiclete que estava sitiando o centro de Arcadia, grudando os cidadãos nas ruas e derrubando prédios com bolhas? Não. Não, não tinha.

Não importava. Eu tinha que participar daquele jogo da Vídeo Horizontes. Por Serena.

Qual das guildas me ajudaria a sair dali direto para meu encontro com a maior rapidez? Os Sefiroths adoentados? Os inúteis Fury Burds? Parte

de mim queria fazer parte daquele que era claramente o grupo mais forte — os soldados de *Halo* —, os Master Cheefs. Mas sua compleição quase atlética me intimidava *pra caramba*.

Além do mais, um dos Cheefs não parava de sorrir para mim. Era magro como um palito, vestia uma camiseta branca e larga de gangster e estava sentado em seu pufe como se uma brisa o tivesse derrubado ali. Os cabelos pretos e grossos feito canudos emolduravam uma expressão que era a mistura de tédio e caos.

Ele me lançou um sorriso venenoso e balançou a cabeça como se dissesse *Na minha guilda, não*. Até as terminações nervosas nos meus dentes se fizeram sentir.

— Hum... — Engoli em seco. — Vou escolher...

— Não tão rápido — interrompeu G-man. Esticou a mão para algum lugar atrás do palco e tirou de lá uma caixa de sapatos preta com um recorte na tampa. — Vamos deixar a Caixa do Destino decidir.

Ele chacoalhou a caixa na minha frente. Fitei a abertura escura. Pronto. Seria obrigado a escolher de forma aleatória uma guilda poderosa que me humilharia ou uma guilda de bosta que me faria perder. Levei a mão ao buraco. Havia apenas um pedaço de papel lá dentro. Olhei para G-man, que sorriu para mim com os dentes escurecidos. Teria ele tirado os outros por não ter gostado do meu comportamento durante nossa reunião? Estava tentando provar que era impossível ganhar em quatro dias?

Tirei o papelzinho e li o que tinha escrito. Meu estômago foi parar no pé.

— O que diz aí? — O diretor quis saber.

Quando não respondi, ele o tirou da minha mão.

— Master Cheefs!

Os Cheefs grunhiram audivelmente sua decepção.

— Sério, Cheefs? — repreendeu G-man, a mão no quadril. — É assim que tratamos um novo jogador? Espantalho.

O garoto do sorriso venenoso deu de ombros.

— O que foi que eu fiz?

Os outros deram risinhos zombeteiros discretos.

O que Serena pensaria se soubesse que nem mesmo um punhado de viciados em videogame me queriam na guilda?

Ainda assim, não os culpei. Não precisavam de um Miles Prower acima do peso retardando a fuga deles da reabilitação.

— Bom, que pena — continuou G-man. — Tinha a esperança de que pudéssemos introduzir um pouco de *diversidade* em algumas guildas. — Olhei para os atléticos Cheefs e soube exatamente de que tipo de diversidade ele estava falando. — Mas suponho que as coisas não vão funcionar dessa maneira.

Ele amassou o papel.

Os Cheefs comemoraram.

G-man apontou para eles.

— Menos mil pontos para cada membro dos Cheefs por falta de espírito esportivo.

Eles resmungaram. Ai, caramba. Será que o diretor não sabia que iam querer descontar em mim?

— Miles — chamou G-man, tocando meu ombro outra vez —, você vai ficar com os Fury Burds.

Os Burds não reagiram, salvo pelo líder gigante, que aplaudia sem parar e bem alto.

— Pode sentar — mandou G-man, batendo em minhas costas com força, tanta que chegou a arder.

Fui me arrastando até a Fury Burds. Minha guilda.

O gigante apertou minha mão, que quase foi engolida pela dele.

— Que boas novas, Miles! — Ele abriu um sorriso. Então, me puxou para perto e sussurrou: — Quando você está esperando para ser designado a uma guilda, estas reuniões podem parecer mais longas do que uma *cut scene* de *Final Fantasy*. He-he.

Consegui abrir um sorriso fraco.

Um gorjeio de pássaro saiu das caixas de som no teto.

— Muito bem, pessoal! — exclamou G-man do palco. — Antes de vocês irem para a sua terapia de guilda, repitam comigo! Um, dois, três!

Os pacientes recitaram sem entusiasmo algum:

— Não sou um gamer; sou o protagonista do jogo da vida.

E, simples assim, passei a ser um deles.

NPCs

— Ao Ninho, aventureiros! — clamou o gigantesco líder da guilda.

Segui os Fury Burds para fora da Sala de Controle até o corredor da direita. O pré-adolescente não parava de olhar para mim por cima do ombro. Parecia incapaz de manter a língua dentro da boca.

Subimos outra escada que levava a uma porta roxa pintada com o desenho de um ninho. Lá dentro, as duas meninas foram remexer o conteúdo do baú de atividades enquanto o garoto mais novo abria cadeiras dobráveis, fazendo o esforço de um esquilo abrindo uma armadilha para ursos.

— Obrigado, prefeito da Fury Burds! — disse o líder gigante, que pegou o pergaminho do menino e o carimbou.

Fiquei lá parado feito um idiota.

O Ninho era pequeno, um quarto de tijolos cinza que cheirava a grama morta. Uma mureta dividia a parede dos fundos em duas áreas, com quatro beliches de cada lado. No lado direito havia um saco de pancada e uma mesinha para artesanato e outras atividades. No esquerdo, uma estação de trabalho e o baú de atividades. Acima da mureta notei uma janela gradeada com vista para as dunas do deserto e para um céu pálido. Um relógio com temática de pássaros acima da porta indicava que eram 17h13.

Quatro dias para ganhar um milhão de pontos.

A mão pesada do líder da guilda pousou no meu ombro.

— Vamos começar a terapia de guilda, certo?

Assenti, como se o que ele havia dito tivesse sido algo perfeitamente normal, e me juntei ao círculo de cadeiras. O menininho não perdeu tempo e se sentou ao meu lado. As duas garotas vieram logo depois, segurando aros de madeira e um pedaço de pano perfurado. As lâmpadas fluorescentes refletiam no cinza cor de peixe morto das paredes. Eu precisava de um Red Bull.

— Saudações, jogadores! — cumprimentou o líder. Sua voz era tão expansiva e calorosa, que por um momento achei que estávamos reunidos ao redor de uma fogueira crepitante em Azeroth. O oposto a estar dentro de uma cela de prisão de tijolo cinza, saca? — Temos um novo membro se juntando a nós hoje. Saudações, Miles!

Forcei um sorriso e fiz um pequeno aceno de mão.

Mais cedo, falhara em convencer G-man de que eu era um cara saudável e gente boa. Precisava de uma nova tática. Quando um jogador se dava conta de que estava em uma masmorra de nível *bem* acima do seu, a estratégia era permanecer na surdina. Você precisava memorizar a localização das passagens e estudar os movimentos dos inimigos enquanto seu personagem ficava sob o abrigo das sombras e procurava uma maneira de dar o fora dali.

— Normalmente, faríamos a terapia de guilda durante este bloco, mas, como é domingo, podemos relaxar um pouco e lhe dar as devidas boas-vindas. — Ele gesticulou para o nosso círculo. — Quero que conheça os seus colegas. Você vai passar as próximas semanas com eles, afinal.

Não se pudesse evitar.

Seguindo no sentido horário, partindo de mim, estavam as duas meninas — uma asiática gordinha de cabelos curtos e brilhosos e uma menina negra de cabelos descoloridos ao ponto de serem brancos. Em seguida, vinha o líder gigante e, por fim, o pré-adolescente. O menino estava tão próximo que eu podia sentir sua respiração.

— Eu começo. — O líder da guilda se voluntariou. — O pessoal me chama de Fezzik. Sou um cara bem bacana, mas também sou gigante. He-he. Acho que nem precisava dizer isso.

A menina mais cheinha levantou a mão.

— A gente tem mesmo que ouvir tudo de novo?

— Você pode bordar para ganhar mais pontos, se quiser — ofereceu Fezzik.

As meninas começaram a bordar. O garotinho manteve a atenção fixa em mim.

— Miles, todo mundo diz que o melhor tipo de padrinho é o que já enfrentou a mesma dependência — continuou Fezzik — ou, como prefiro dizer, já passou pelas mesmas missões perigosas. Não sou diferente de vocês. Sei o que é arrependimento de gamer. Saí de um coma metafórico induzido pelos jogos e descobri que tinha ficado para trás sem nenhum relacionamento real ou habilidade relevante.

Meu pai costumava usar palavras similares quando tentava me disciplinar. Mas eu sabia que tinha “habilidades relevantes” suficientes para sobreviver. Sabia montar um computador do zero sem ajuda. Sabia encomendar cuecas pela internet. Sabia usar o micro-ondas.

Fezzik apoiou os cotovelos nos joelhos, de modo que seus olhos ficassem mais ou menos na mesma altura que os meus.

— Ninguém ama um gigante. É como nos contos de fadas. Não sei se as pessoas têm medo de que eu vá quebrá-las ao meio ou sei lá o quê, mas, quando se tem o meu tamanho, ninguém convida você para ir a lugar nenhum. Nem para festas. Nem para jogos de futebol americano. Nem para encontros.

Senti meu coração apertar. Podia ter reclamado da minha aparência e falta de sorte com o sexo feminino, mas seria quase impossível encontrar o amor com os pontos de atributo de um gigante.

— Então, um dia, desisti de tudo — contou ele. — Fui a um supermercado e usei todo o dinheiro que tinha para comprar três carrinhos cheios de comida. Depois, me tranquei no meu apartamento com uma conta de *Arcadia*.

Meu olho tremelicou. Torci para que ele não tivesse notado.

— Fiquei lá por seis semanas inteiras, direto, pedindo uma pizza super-extra-gigante toda noite, desperdiçando cada segundo que tinha em *Arcadia*. Teria ficado ainda mais tempo, mas, antes, tive uma espécie de despertar, um momento de epifania. Foi o que me tirou da caverna. Já estava lutando contra o Deus Clique-Claque por quatro dias seguidos, esperando ele ressurgir de novo e de novo até conseguir fazer o bicho deixar cair o épico par de abotoaduras de titânio, quando fiquei sem comida. A geladeira estava vazia. Os armários também. Não tinha dinheiro para bancar pizza três vezes por dia, então precisava dar outra passada no supermercado. Mas... — Fezzik soltou um suspiro de gigante — quando tentei sair do meu apartamento, não consegui passar pela porta.

Senti minhas sobrancelhas irem parar na testa. *Não ria, não ria, não ria.*

Fezzik ergueu os ombros, os braços colados nas laterais do corpo, como se ainda estivesse tentando encontrar uma maneira de passar pelo batente.

— Eu me espremi e me espremi até começar a ficar com medo de ficar preso no vão. — Relaxou os ombros. — No fim, tive simplesmente que... desistir. Voltei e me sentei no sofá. — Balançou a cabeça gigante, envergonhado. — Aquilo foi como um banho de água fria. Não queria ser uma daquelas pessoas que tinham que ser içadas de dentro de casa por um buraco no teto com a ajuda de um guindaste depois que morresse. Então, fiquei lá, sentado no meu apartamento por vários dias, sem comer, sem jogar, apenas encarando a parede até ter perdido peso suficiente para poder passar pela porta.

O cômodo estava tão silencioso que eu podia ouvir as agulhas das meninas passando pela trama do tecido.

— MAS... — Fezzik levantou as mãos de gigante e as deixou cair no colo com um grande *SLAP* — ... isso tudo aconteceu em outra vida. O Imperador ficou no passado.

— Espera aí! Você é o *Imperador*?

Fezzik corou e tentou conter um sorriso.

Quase me atirei de joelhos diante de um dos jogadores mais famosos a já agraciar *Arcadia* com sua presença. Olhei ao redor do círculo de cadeiras.

— Vocês estão diante de um deus.

— Duvido muito — retrucou a asiática.

A menina de cabelos brancos encarou Fezzik com uma expressão de admiração, mas logo em seguida baixou os olhos quando a outra garota olhou para ela.

— Conta pra eles! — pedi a Fezzik. — Conta o que você fez!

Ele balançou a mão.

— Não, não. Deixei aquela vida para trás faz muito tempo.

O menininho a meu lado pulava em sua cadeira.

— Conta, conta, conta, conta, conta!

— Isso. Meu Deus. Por favor — ironizou a asiática. — A gente está *morrendo* de vontade de saber.

— Bom — começou Fezzik, as bochechas vermelhas por conta de toda a atenção —, a minha guilda foi a primeira a completar a missão do Leбри Lope. Peguei a espada de Eeqwuan e a ofereci para Gurglaxe, o anfíbio de lava, comer em troca da Foice Tostada, que levei comigo para o Templo da Trombeta e usei para decapitar o Rei Malva; foi assim que ganhei a montaria Lebrilopeso. Eu o usei para construir a Pirâmide de Atmo... Que foi o que me rendeu o título de Imperador.

Notei o sorriso discreto da menina de cabelos brancos enquanto ela bordava.

— Fiquei noventa horas sem dormir — completou Fezzik. — Não tenho orgulho disso.

Era evidente que tinha, sim.

Queria convidar o líder de guilda gigante a se juntar aos Cavaleiros Espectrais, mas me pareceu inadequado fazê-lo em uma clínica de reabilitação para viciados em videogame. Por isso, disse apenas:

— É um prazer conhecê-lo, Imperador.

— Não, não — protestou Fezzik. — Não sou mais o Imperador. Como eu já disse, isso aconteceu em outra vida. — Ele inspirou fundo e expirou.

— O que quero dizer com tudo isso é que sei como é se perder no mundo digital e assistir ao real deixar você para trás. Mais do que a maioria das pessoas, provavelmente. Heh. Pense em mim como o curandeiro do time, Miles. O mago branco da guilda.

— Com licença — disparou a asiática. — Branco?

— Foi mal. Sou o *curandeiro*. Estou aqui para dar a vocês um Phoenix Down na vida real.

Ele deu uma risadinha contagiosa, e eu sorri. De verdade.

Fezzik gesticulou para o círculo.

— Vamos continuar para dar tempo de todo mundo se apresentar: nome, faixa e por que está aqui.

— Como assim, faixa? — perguntei.

— Tem a ver com quantos pontos um jogador tem. São quatro faixas no total. Você está na primeira. — Ele gesticulou para a menina gordinha,

que mantinha os olhos fixos no ponto cruz. Parecia irritada o suficiente para destruir a cadeira em que estava. — Meeki?

— O meu nome é Meeki — disse ela, sem parar de bordar. — Estou na primeira faixa. Não sou viciada em videogame. Só estou aqui porque o controle *acidentalmente* voou da minha mão durante uma partida de tênis no Wii e *acidentalmente* bateu na cabeça do meu irmão, que teve uma concussão.

— Meeki — interrompeu Fezzik —, por acaso o controle ter quebrado a televisão também foi um acidente?

Ela largou a agulha e fez um ruído irritado.

— Eu já falei. O Wiimote *quicou* na cabeça do meu irmão e *depois* acertou a TV. Não sou uma pessoa violenta.

— Meeki, o nome do seu avatar era “mekitematopraontem”.

Meeki revirou os olhos e depois apontou para mim, o dedo a centímetros do meu rosto.

— Sou lésbica. Então *nem tente* dar em cima de mim.

— Hum... — Franzi a resta. — Tudo bem.

A porta do Ninho se abriu, e Command guiou o mago elétrico para dentro. Já não estava mais com aparência de morto, mas também não tinha aparência de *não* morto. Era impossível que alguém ficasse com um aspecto tão terrível por causa de uma ressaca de jogo.

O pré-adolescente ao meu lado ficou de pé em um pulo, abriu outra cadeira dobrável com um rangido e a posicionou à minha esquerda. O mago desmoronou no assento. Meeki e a outra menina chegaram para o lado a fim de dar a ele e a seus olhos fundos mais espaço.

— Saudações, novo jogador! — cumprimentou Fezzik. — Como é que devemos chamá-lo nesta aventura?

O garoto levantou a cabeça dos joelhos e disse algo que soava como “Zxzord”.

— Hum. Ok. — Fezzik gesticulou para a menina de pele morena e cabelos brancos. — Agora, conheçam nossa elfa mística.

A menina abaixou seu trabalho em ponto cruz e agitou a cabeça para os fios brancos cobrirem parte do rosto. Logo em seguida, em um movimento rápido, colocou a mecha atrás da orelha outra vez, como se esconder-se atrás do cabelo fosse um hábito que estivesse tentando perder. Era uma daquelas pessoas que pareciam eternamente melancólicas, como se alguém a tivesse deixado sozinha na chuva e toda a sua felicidade tivesse sido drenada.

— O meu nome é Aurora. Estou na terceira faixa... Não quero falar sobre videogame hoje.

— Por mim, está ótimo — disse Fezzik. — Sobre o que você quer falar?

Aurora colocou outra mecha atrás da orelha.

— E bom não estar mais olhando para uma tela de computador... eu... vejo as coisas agora. Tipo, moscas são insetos adoráveis. Vocês já notaram? Elas se limpam que nem gatinhos. — Ela fez uma mímica dos movimentos. — Lambem as patas e depois esfregam aqueles olhos enormes cheios de pontinhos. É incrível. A probóscide delas é igualzinha a canudinhos muito pequenos e pegajosos...

A voz dela era tão etérea, fluida, que entrou em uma orelha e saiu pela outra. Estudei a mureta do Ninho, que fora decorada com referências a jogos antes de alguém cobrir tudo com tinta. Sob as manchas coloridas, eu ainda conseguia enxergar os contornos de um bloco de interrogação do *Super Mario Bros.* e da Triforce de *Zelda*, mas as frases “o bolo é uma mentira” e “louve ao sol” não tinham sido apagadas. Eu me perguntei se G-man havia eliminado as alusões óbvias, mas pensado que as últimas duas falavam sobre hábitos alimentares saudáveis e exercício ao ar livre.

— Posso ficar observando as moscas horas a fio... — comentou Aurora. Meeki apontou para mim outra vez.

— Ela tem namorado.

De novo, franzi a testa. Por que aquela garota era tão babaca?

— Sopa, sua vez — chamou Fezzik.

O menininho inquieto se remexeu na cadeira ao meu lado, ansioso para contar sua história. Ele parecia tão genuinamente sadio que era uma surpresa para mim que não tivesse um botão de flor crescendo no topo de sua cabeça.

— O meu nome é Sopa, e estou na primeira faixa — começou ele, próximo demais do meu rosto. — Foi o meu meio-irmão quem me fez começar a jogar. Ele gostava de jogos de terror tipo *The Last of Us* e *Dark Souls*, e eu, não, porque são assustadores demais, mas eu gosto de qualquer jogo, então não me importava. O meu irmão me deixava assistir enquanto ele jogava se eu fizesse algumas tarefas para ele, tipo buscar refrigerante, ou tirar os sapatos dele e tudo mais, mas ele morreu, e aí pude jogar pelo tempo que eu quisesse.

Antes que meu coração sequer tivesse tido chance de dar um salto, Sopa continuou:

— Eu gosto do 3DS. Gosto de *Harvest Moon* e *Animal Crossing*, mas *Nintendogs* é o meu favorito, porque meus pais não me deixam ter um cachorro de verdade. — A expressão nos olhos do menino mudou de alegria para tristeza. — Mas aí eles disseram que eu não saía de casa o suficiente e pegaram o meu 3DS... e deixaram o meu poodle, o Minus, morrer de fome. Você meio que se parece com o meu irmão.

Sopa me encarou como se esperasse uma resposta. Abri a boca, mas no mesmo instante ele se empertigou e ficou de joelhos na cadeira.

— A minha parte preferida da Vídeo Horizontes é tudo, na verdade. É tipo um grande *Animal Crossing*. É por isso que mesmo já estando aqui há

um mês e uma semana, ainda estou na primeira faixa. Não *quero* ponto nenhum. Queria que ainda fosse o meu primeiro dia. Não, primeiro minuto! O primeiro *segundo*!

— Calma, Sopa — pediu Fezzik, rindo.

Pegou o menino pelo colarinho da camisa e o colocou sentado na cadeira. Semicerrei os olhos para dissipar uma dor de cabeça. Tinha ouvido o garoto falar durante dois minutos e já me sentia como se tivesse bebido energéticos demais.

— Miles — chamou Fezzik —, grave bem esses rostos. Os seus colegas de guilda vão ajudá-lo a ganhar pontos para você poder voltar ao mundo lá fora, onde a sua aventura vai começar de verdade.

Fitei todos eles: Meeki, Aurora, Sopa e o mago elétrico, cujo rosto ainda estava escondido nas mãos. Porra, e meu pai achava que *eu* tinha problemas? Nunca comi tanto a ponto de não conseguir sair de casa, nem quebrei o crânio de alguém com um Wiimote, nem lamentei a morte de um cachorro digital mais que a de um ser humano. A única culpa que tinha era ter sido rejeitado por garotas várias vezes e não querer passar meu tempo livre na companhia da minha madrasta de bosta e do meu pai controlador.

Podia ter jogado mais videogames do que a maioria das pessoas, mas pelo menos tinha uma boa razão para isso. Infelizmente, era provável que todos sentados naquele círculo pensassem o mesmo a respeito de si mesmos.

— Miles — disse Fezzik —, quer contar para a gente a história de como você veio parar na Horizontes?

Aurora e Sopa se viraram para mim.

— O meu nome é, hum... Miles Prower. Fui gamer a vida inteira, e estou jogando *Arcadia* faz, tipo, dois anos. — Fezzik assentiu para demonstrar que estava ouvindo. — Às vezes fico umas cinco horas por dia no computador. Mas já parei com isso. Porque... bom...

Estudei meus colegas de guilda. Os NPCs que me ajudariam a escapar daquele lugar. Se conseguisse dar o fora dali a tempo para ir ao encontro, poderia mostrar a G-man, ao meu pai e a todas as meninas da escola que não era um gamer bizarro como meus colegas de cela. Que merecia de fato sair com alguém tão adorável quanto Serena.

— Preciso me mandar daqui o mais rápido que conseguir — expliquei. — É que hoje, pela primeira vez na vida, fiz uma garota rir. Minha madrasta me pediu para lavar o carro do meu pai, então fui até o lava jato e conheci essa menina linda lá. Aparentemente, algum idiota tinha molhado a coitada inteira com uma, hum, mangueira, então...

Contei-lhes a história. Ou ao menos uma versão dela.

Quando terminei, Meeki tirou sua atenção do ponto cruz e me lançou um olhar venenoso.

— Então, o quê? A sua princesa está presa em outro castelo, e você tem que ir lá para salvá-la?

Saco! Meeki precisava massacrar um coração humano por dia para sobreviver ou algo assim?

— Não é isso — retruquei. — Ela era interessante e parecia... interessada. E não usava um vestido rosa.

Sopa riu. Um pouco alto demais.

Meeki cruzou os braços e estreitou os olhos.

— E qual seria a alcunha dessa bela dama? — indagou Fezzik.

Meeki limpou a garganta.

— A gente não sabe se ela é bela *nem* se é uma dama.

Fezzik deu um risinho constrangido.

— É... — Pensei no sigilo profissional. Pensei na versão exagerada da história de como Serena e eu tínhamos nos conhecido. Pensei em como ela havia me atraído... — O nome dela é Gravidade.

Meeki bufou, zombeteira.

— Gravidade — repetiu Fezzik. — Excelente. Obrigado por compartilhar, Miles.

Ele não fez qualquer comentário a respeito de me ajudar a sair de lá o mais rápido possível para me dar a chance de ir ao encontro. Em vez disso, tentou injetar um pouco de vida no mago elétrico.

— Saudações, Zxzord! Acho que esse é o seu nome. He-he. Que tal contar pra gente o que o trouxe aqui para a Vídeo Horizontes?

Zxzord esfregou o rosto como se tivesse acabado de acordar. Limpou o nariz, pigarreou e falou pela primeira vez.

— Heroína.

Meeki soltou uma gargalhada tão alta que fez Sopa dar um salto na cadeira. O som fez Zxzord aninhar a cabeça nas mãos outra vez. A risada de Meeki foi diminuindo até parar. No silêncio que se passou, Zxzord baixou as mãos e fitou nossas expressões chocadas com olhos injetados. Então falou em sua voz de morto-vivo:

— Sempre que ia para o meu quarto usar, eu dizia para os meus pais que ia jogar videogame. — O garoto fungou. — Aí eles me mandaram pra cá.

Todos no círculo afastaram os braços e as pernas do garoto, como se algum dos fios desencapados tatuados na pele dele pudesse se desgrudar do corpo e nos eletrocutar. Caramba. Enquanto viajávamos por mundos digitais, Zxzord estava literalmente *viajando* sabe-se lá pra onde.

— Vai ver os cogumelos do *Mario* são, tipo, uma porta de entrada para drogas mais pesadas — ironizou Meeki.

Zxzord pressionou a palma das mãos contra os olhos.

— Não sei por que mais pessoas não se matam.

Fezzik ficou vermelho e fez um som semelhante ao de um Wookiee.

— He-he. Parece que alguém está precisando de uma poção de vida! Hum... é... que tal a gente conversar com o G-man no escritório dele?

Ele ajudou Zxzord a se levantar enquanto os Fury Burds se dispersavam pelo Ninho. Meeki foi treinar no saco de pancada, Aurora seguiu com seu bordado que mais parecia o desenho de um cachorro leproso, e Sopa começou a trocar os lençóis de dois beliches.

Outra vez, fiquei parado feito um idiota.

— Ei, Miles — chamou Meeki. — Quer que eu pegue agulha e linha para ponto cruz para você já começar a ganhar alguns pontos?

— Ah, hum, seria ótimo.

— Que pena. Não sou sua empregada.

Ela golpeou o saco novamente.

Fezzik colocou a cabeça para dentro do cômodo.

— Prefeito.

— Oi! — respondeu Sopa.

— Será que você pode fazer um tour com o Miles?

Antes que eu pudesse protestar, um sorriso se abriu no rosto de Sopa, que correu até mim.

— Bem-vindo à v-hab! — exclamou, abrindo os braços.

— Valeu.

— Sacou a piada? — perguntou, cutucando minha gordura abdominal.

— V-hab. Tipo, reabilitação para viciados em videogame?

— Saquei — falei, empurrando a mão dele para longe.

Sopa começou a gargalhar, inspirando enquanto ria como se estivesse tendo um ataque epilético.

— Se precisar de qualquer coisa, qualquer coisa mesmo, é só dizer: “Sopa, preciso de...” e preencher a lacuna com o que você está querendo.

Preciso de um milhão de pontos, pensei.

Sopa me deu tapinhas no braço.

— Não se preocupe. Todo mundo fica de cara amarrada no primeiro dia. — Ele apertou minha mão. — Não vou deixar nada de ruim acontecer com você enquanto estiver aqui.

Save point

Terminado o tour exaustivo com Sopa pelo Ninho (“E aqui temos a gaveta de linhas, onde você vai encontrar todas as cores para bordar, tipo amarelo e roxo e preto e...”), o ruído típico de um pica-pau ressoou pelas caixas de som no cômodo, e todos seguimos para o Rango, uma cantina pequena e agradável repleta de sons crepitantes e cheiro de comida boa.

— Aqui é onde a gente come — explicou Sopa.

— É. Imaginei.

Meeki passou por nós e foi para trás do bufê cheio de travessas fumegantes, colocando uma rede na cabeça e luvas descartáveis. No Rango havia quase de tudo, desde pizza requentada e Coca-Cola a legumes refogados e chá verde. Acima do bufê havia dois desenhos pendurados: um era uma salada sorridente sob a qual estava escrito o número “1.000”; o outro era uma barrinha de chocolate fazendo cara feia e um grande “0” embaixo.

Tudo o que eu queria era um donut com cobertura de chocolate e granulado. Ok, não era tudo o que eu queria. Queria um donut de chocolate com granulado e um Red Bull. Queria que os Cavaleiros Espectrais estivessem gritando um monte de merda no fone de ouvido, falando que iam fazer indecências com minhas tetas. Queria parar de pensar na Vídeo Horizontes e em seus jogadores e concentrar toda a minha atenção em uma tela para decapitar vacabots à vontade e relaxar um pouco a mente.

— Vou querer os legumes refogados.

Meeki estendeu a colher para mim.

— Você pode se servir sozinho.

Não peguei o talher.

— Você não está recebendo pontos por isso?

Ela franziu a testa e jogou uma porção de comida no meu prato.

Levei a comida até o cozinheiro, um homem atarracado e peludo com um avental estilizado que lhe dava a aparência de um ovo Fabergé de barba. Em seu crachá estava escrito COOKING MAMA. Ele coçou a barba e carimbou meu pergaminho.

+ 1.000

Meus primeiros pontos. Se continuasse naquele ritmo, seria liberado da clínica em pouco menos de três anos.

Enquanto Sopa escolhia sua refeição, tentei sair de fininho, mas alguém bloqueou meu caminho. Espantalho, o Master Chief magricela com cabelo seboso.

— Caso não tenha ficado claro — disse ele —, acho você um merdinha e vou fazer de tudo para você perder em qualquer atividade que escolher.

Olhei bem nos olhos dele.

— Por quê?

Espantalho abriu um sorriso torto cheio de dentes.

— Se eu contar o motivo, vou estragar a surpresa.

Então deu tapinhas na minha bochecha e se afastou.

Fiquei paralisado, a bandeja nas mãos, até Sopa enganchar o braço no meu.

— Vem!

Ele me guiou até uma mesa que ficava perto de uma janela com vista para o lado sombreado de uma duna gigante.

— Esta é a mesa dos Fury Burds — explicou.

— Mas é claro.

Sentamos, e Sopa meio que deixou o joelho encostar no meu. Meio que bati no joelho dele para afastá-lo. Atrás de nós, um dos Sefiroths sussurrava:

— Quem você acha que ganha numa luta? O Snake de *Metal Gear* ou um milhão de *Pikmins*?

Aurora se sentou diante de mim e de Sopa com exatamente metade de uma fatia de pão de forma e um copinho com batida de fruta, que ela mordiscava e bebericava com delicadeza. Ela devia ter percebido que eu a observava, porque disse:

— Ganho pontos se comer, mesmo se for pouquinho.

Olhei para os braços finos demais, então fui logo provar minha comida.

Cuspi tudo um segundo depois.

— *Eca*. Que porcaria é essa?

Aurora olhou para a cozinha.

— Os Sefiroths estavam encarregados do jantar hoje. Eles fazem tudo no micro-ondas. Até ovo.

— Argh.

Talvez eu acabasse *mesmo* emagrecendo aqueles treze quilos até quinta-feira.

— O MAGO PRECISA COMER!

Fezzik se juntou a nós na mesa com uma porção modesta de comida para um homem de seu tamanho.

— Como o Zxzord está? — quis saber Aurora.

— Se regenerando na Fonte das Fadas. — Fezzik me cutucou. — É assim que chamamos a enfermaria. Vão fazer alguns testes para ver se ele está fingindo ou não.

— Fingindo ser viciado em heroína?

Fezzik deu de ombros.

— Vou costurar um feitiço de melhoras — disse Aurora.

— Seria bacana da sua parte — respondeu Fezzik.

Zxzord tinha sua jornada. Eu tinha a minha.

— Como faço para ganhar pontos por experiência? — perguntei.

Fezzik riu.

— Não precisa começar tão cedo, aventureiro. Se isto aqui fosse um videogame, você ainda estaria na primeira *cidade*. Mas isso me lembrou uma coisa. Você recebe cinco mil pontos só de participar da terapia de guilda. Deixa só eu pegar minha Buster Sword... — Ele pegou meu pergaminho e desembainhou um carimbo do cinto. — CINCO MIL XP!

Sua voz retumbou pelo Rango, e ele marcou minha coluna da carinha feliz.

— Beleza — comemorei, somando os números no papel. Seis mil pontos.

Senti algo deslizando por cima da calça jeans e quando olhei para baixo vi que Sopa tinha colocado um guardanapo no meu colo.

— Caso você se suje — explicou.

Não o assassinei.

— Amanhã é segunda — comentou Fezzik —, então você vai poder ganhar XP à beça praticando esportes no Coliseu.

E eu pensando que meu traseiro tinha se contraído quando Command ameaçara fazer uma revista em meus orifícios. Nunca na história das palavras ouvi algo mais aterrorizante do que “praticando esportes no Coliseu”.

— Sei como é, cara — disse Fezzik, rindo do que devia ser a expressão de horror em meu rosto. — O único exercício que fazia quando jogava era abaixar para pegar o controle quando deixava cair sem querer debaixo do sofá. He-he.

O copo de batida de Aurora fez ecoar um risinho.

— Esporte? — repeti. — Tenho que fazer mesmo? Sério?

— Depende de quanto tempo você quer levar para dar o fora daqui. — Fezzik manteve um garfolher no ar um instante e vociferou: — Todos os jogadores dispostos a lidar com suor e enxofre têm apenas que brandir sua espada...

Ele explicou que, todos os dias, jogadores podiam testar suas habilidades não relacionadas ao videogame em diferentes tipos de campeonatos. As segundas-feiras eram dedicadas aos esportes: beisebol, basquete, tênis e vários outros nomes que fizeram minha masculinidade se atrofiar toda. As terças eram voltadas para desafios de lógica, sempre feitos em grupo. Quartas eram reservadas para as corridas de kart. Quintas eram

palco de um grande torneio de paintball. E nas sextas acontecia uma competição para ver quem construía o maior castelo de areia.

— A gente vai construir um castelo tão, tão grande que vai chegar até o céu! — disse Sopa, jogando as mãos para o alto.

Eu *não* estaria na clínica para fazer o castelo de areia.

Eu *não* estaria na clínica para fazer o castelo de areia.

— Em cada torneio — continuou Fezzik —, os jogadores podem ganhar até duzentos e cinquenta mil pontos pelo primeiro lugar, duzentos mil pelo segundo e cento e cinquenta mil pelo terceiro.

Então, sim. Para conseguir sair daquele deserto até quinta-feira, eu teria que praticar esportes. E não só isso. Mesmo recebendo pontos em outras aulas e atividades extracurriculares, eu teria que assegurar um lugar no pódio em todas as competições.

Larguei meu garfolher no prato com os legumes e esfreguei o rosto, apreensivo. Sopa alisou minhas costas.

— Não faz isso — pedi.

As carícias se transformaram em tapinhas.

Aurora recolhia migalhas de pão do prato com o dedo mindinho e as comia uma a uma.

— Todo mundo aqui é ruim em esporte? — perguntei, sondando os rostos esqueléticos e rechonchudos na cantina. — Tipo, tem que ser, não é?

— Os Master Cheefs, não — respondeu Fezzik, espetando ervilhas no talher. — Alguns deles só foram se viciar em videogame depois de terem sofrido algum tipo de lesão praticando esportes ou de terem terminado com alguém.

Fiz uma careta e me concentrei em engolir meus legumes, perguntando-me por que nunca tinha ouvido os conselhos de Casey e me exercitado em casa: flexões de braço, polichinelo, uma *corridinha* uma vez ou outra... Merda, por que não tinha pelo menos usado o controle do videogame como peso para exercitar os bíceps enquanto jogava *The Binding of Isaac*? Bem, porque nunca pensei que chegaria o dia em que meu encontro com uma menina linda fosse depender do meu desempenho em um campeonato esportivo. Foi por isso.

Pensei em correr e arremessar e bloquear e todas aquelas coisas e atividades pelas quais sentia desprezo absoluto. Pensei em pulmões queimando e desejos ardentes. Pensei em Gravidade.

— Acho que vou praticar uns esportes amanhã, então.

— Missão aceita! — exclamou Fezzik.

Meu coração começou a martelar não, *não*, NÃO, NÃO.

— Vou nessa, gente, senão vou acabar vomitando na mesa toda — anunciei.

Eu ainda estava me levantando quando Sopa agarrou minha bandeja.

— Deixa comigo! Relaxa. Não é nada. Eu passava o dia fazendo de tudo um pouco numa cidade de animaizinhos. Isso aqui não é nada.

Enquanto Sopa recolhia e limpava minha bandeja, me esgueirei para fora do Rango e peguei o caminho mais longo, pelo corredor retangular, para não ter que encontrá-lo outra vez. O lado direito do prédio era escuro, e a única claridade vinha do brilho verde da lâmpada da saída. À medida que o burburinho do restaurante ia desaparecendo atrás de mim, comecei a ouvir ruídos metálicos.

Segui o barulho até uma trilha pegajosa feita por um esfregão, que me levou até as costas de um faxineiro agachado em um cantinho meio escondido. O esfregão estava escorado em uma grade aberta, e o homem espiava dentro de uma saída de ar, que era grande o bastante para abrigar uma pessoa do tamanho dele. Vapor de um cigarro eletrônico pairava ao redor do rabo de cavalo e do rego do funcionário, que resmungava:

— Eles ganham ponto para limpar este lugar que nem a cara deles. E eu? Recebo aumento para fazer o trabalho deles? Não, não recebo nada. Anda, seu filho da...

Ele tirou de lá algo que parecia um chip de computador, guardou-o em uma pastinha e depois o substituiu por outro. Olhou para cima, me avistou, rapidamente colocou a grade no lugar e desapareceu com o esfregão.

Fui até a grade do sistema de ventilação. Pequenas luzes verdes piscavam no escuro.

Que merda era aquela? Parecia algo saído direto de *Myst*...

Dane-se. Não estava ali para resolver mistérios. Meu objetivo era vencer.

Nossa. Estava começando a pensar como um daqueles participantes de *reality shows*.

* * *

De volta ao Ninho, Fezzik levou um dedo aos lábios e apontou para um amontoado em um dos beliches. Zxzord roncava.

— Então, ele é mesmo viciado em heroína? — indagou Meeki.

— O G-man acha que ele está exagerando — revelou Fezzik. — Mas isso não é da nossa conta. Vamos tentar facilitar o trabalho do Fada do Pó hoje.

Limpamos o cômodo em silêncio em troca de míseros mil pontos, até que uma coruja piou para sinalizar o apagar das luzes. Meeki desapareceu atrás da mureta e Aurora saiu de fininho. Atirei minha pochete na cama de cima do beliche que ficava na diagonal de onde Zxzord estava, para não ter que escutar seus roncões. Subi a escadinha e deslizei para dentro das

cobertas enquanto Fezzik cantarolava a melodia de uma das canções de boa-noite de *Final Fantasy*.

— Descansem bem, aventureiros — desejou ele. — Amanhã sua missão continua.

Então apagou as luzes, e as estrelas verdes no teto se iluminaram.

Olhei para o relógio-pássarinho, banhado pela luz da saída do Ninho: 22h02. Menos de quatro dias para meu encontro. Menos de quatro dias para juntar um milhão de pontos. Em outra situação, amaria desafios como aquele, em que tudo conspirava contra mim. Um chefe jamais derrotado. Um recorde nunca superado. Mas isso era bom na época em que eu podia fazer tudo com a bunda colada na cadeira do quarto, controlando um guerreiro que brandia um machado do tamanho de um bisão. Sem poder usar meu maior talento, como poderia ganhar algo “praticando esportes no Coliseu”?

Algo cutucou minhas costas através do colchão. Dois pés pequeninos.

— *Pssiu! Miles!*

Fechei os olhos.

— *Miles?... Miles?... Miles?... Miles?*

— Estou dormindo.

— Quer que eu faça os bordados por você? Pode ficar com todos os pontos.

— Espera... — Estiquei a cabeça e olhei para baixo. — Tá falando sério?



9.000 PONTOS



3 DIAS, 12 HORAS ATÉ GRAVIDADE

Aperte Start

Fui acordado por um galo eletrônico, um trinado de *cocoricó* explodindo das caixas de som com o volume nas alturas. Esfreguei os olhos e tentei compreender por que não estava olhando para os seios cinza brilhantes de Kerrigan no pôster que ficava acima do meu computador. Em vez disso, encarava uma pintura em aquarela malfeita de alguém que poderia ser Felicia Day.

Um nariz sardento espiava por cima da beirada da cama.

— Booooooom diiaaaaaaaa — cantarolou Sopa.

Lá fora, o sol produzia centelhas ofuscantes na superfície das dunas. Só então lembrei que, não muito diferente do que acontecera a Harry Potter, eu tinha sido escoltado (sequestrado) por um gigante (dois tonganeses) e levado (em um carro) para uma terra de magia (deserto), onde passei por um processo de seleção (humilhação) para ser designado a uma nova casa (guilda), na qual aprenderia novas habilidades (contra minha vontade) que resultariam em pontos.

Cobri o rosto com o travesseiro.

Sopa riu.

— Você é engraçado.

O galo cantou outra vez. A caixa de som não tinha função soneca. Tampouco Sopa. Eu não podia afundar na cama outra vez e ficar lá até meu pai entrar no quarto e puxar o lençol. Eu tinha que ser um guerreiro. Por Gravidade.

Deixei o travesseiro de lado e inspirei fundo.

— Quer que eu pegue a sua calça para você? — ofereceu Sopa.

— Quero.

Sentei e tentei piscar para convencer meu cérebro a voltar à vida. Eram sete da manhã. Era a primeira vez que acordava antes do meio-dia naquele verão.

— Levantem-se, aventureiros! — Fezzik chacoalhou meu beliche. — E se preparem para as missões do dia!

Aurora já estava vestida e bordando. Zxzord roncava em algum ponto abaixo de mim. Atrás da mureta, Meeki grunhiu. Deslizei para fora da cama.

— Calça! — anunciou Sopa, entregando a peça.

Calça vestida.

— Ponto cruz! Ele estendeu um pedaço de pano com as palavras *Miles & Gra* bordadas de qualquer jeito.

— Ainda não deu para fazer o “vidade” nem o “4ever”.

— Shh — falei, tirando o bordado do campo de visão de Fezzik.

— Ah, é — sussurrou Sopa. — Mas e aí, gostou?

— Hã... claro.

Era a coisa mais medonha que eu já tinha visto, mas precisava que Sopa continuasse coletando pontos por mim.

— Você vai dar de presente para a Gravidade? — perguntou ele.

— Com certeza — menti, enquanto já me via atirando o ponto cruz pela janela do carro enquanto G-man me levava para casa na quinta-feira.

— Isso! — O menino tomou o pano da minha mão e saltitou até Aurora. — Ele adorou!

A mão gigantesca de Fezzik bateu no meu ombro.

— Ponha sua armadura, aventureiro! — mandou ele.

Abri minha mala. Meu pai não havia colocado nenhuma das minhas camisetas favoritas, claro. Nada de “Still Alive”, nada de Cardboard Tube Samurai, nada de Finn e Jake. Só encontrei uma pilha de camisetas de gola “V” em um tamanho pequeno demais, um pacote de cuecas pretas, um pacote de meias brancas sem graça, uma calça branca com zíper nos joelhos para poder ser usada também como bermuda e um par de tênis sem cadarço. Sem contar o boné laranja dele da Home Depot.

Pior. Armadura. Do. Universo.

Peguei uma camiseta e me espremi dentro dela, fechei o alforje de aventuras ao redor da cintura, deixei o boné para trás.

Dei uma última olhada pela janela, para além das dunas infinitas. Será que conseguiria encher meus bolsos com quantidade suficiente de garrafas d’água do Rango para sobreviver à travessia do deserto? Os médicos sempre diziam que eu retinha muito líquido. E eu acabaria com um bronzeado e tanto para o encontro... Ou então me perderia e acabaria morrendo.

Que comecem os jogos, acho.

* * *

Depois de escovar os dentes com uma escova meticulosamente preparada por Sopa e de recusar sua oferta de passar desodorante em mim, segui o mar de pés pelo corredor fluorescente e sem vida até a Sala de Controle para a reunião de segunda-feira. Mantive os olhos no chão o trajeto inteiro, na esperança de evitar qualquer encontro casual com Espantalho. Já estava nervoso o bastante sem ver aquele sorriso torto.

Na Sala, não perdi tempo e logo me acomodei em um pufe entre Fezzik e Aurora, para evitar que Sopa se sentasse ao meu lado. Enquanto

G-man subia ao palco e falava sobre nossas responsabilidades, abri a pochete e, com o cérebro anuviado por ter dormido menos que doze horas, tentei decifrar minha grade de horários feita apenas de desenhos.

A semana era repleta de atividades, cada uma menos atraente que a outra. Ainda assim, precisava zerar aquele jogo o mais rápido possível, executando cada aula e tarefa com perfeição, mesmo que nunca tivesse feito nada parecido antes. Claro, se eu conseguisse ganhar quatro medalhas de ouro nos campeonatos... É, isso não ia acontecer.

Todos os dias, havia disponíveis três blocos de aulas — esportes, competências para a vida, e artes e música —, e os jogadores podiam escolher as categorias que mais os agradava. As opções do primeiro bloco eram corrida, exercícios aeróbicos e a atividade que sem dúvidas fora criada especialmente para os preguiçosos: tai chi chuan. A primeira valia mais pontos, então fui obrigado a circulá-la. Continuei fazendo o mesmo com as aulas mais desafiadoras pelo restante da semana, até que uma sombra recaiu sobre o papel.

— Você é o pai do meu ovo — anunciou Meeki.

Ergui o olhar. A reunião tinha acabado. Os jogadores estavam enfileirados no palco, pegando ovos que G-man distribuía.

— Você não estava ouvindo, não é? — indagou ela, revirando os olhos antes que eu pudesse responder. — Já está me saindo um péssimo pai. — Meeki quase esfregou um ovo no meu rosto. — Você e eu temos que tomar conta disto aqui juntos. Para cada dia que ele não quebrar, a gente ganha dez mil pontos.

Olhei para o ovo, olhei para Meeki. Não estava levando muita fé naquela história. Diante de mim estava a garota que tinha passado minha primeira terapia de guilda ridicularizando absolutamente tudo que eu dizia.

— Por que você não pede para a Aurora? Você sabe, porque... você sabe.

— Primeiro, ela não faz o meu tipo. Segundo... — Meeki suspirou. — Olha, cara, você quer os pontos ou não?

Olhei para minha grade. Dez mil por dia de fato iam me ajudar muito.

— Ok.

Meeki tirou a tampa de uma caneta permanente com os dentes e começou a desenhar na casca.

— A gente vai revezar todos os dias. Fico com ele primeiro.

Ela mostrou o ovo. Tinha um rosto agora. Um olho estreito como os dela, outro grande como os meus. Minha metade sorria. A dela fazia uma carranção.

— É a nossa cara.

— Que nome damos para ele? — Ela parecia irritada.

— A gente tem que dar um para ganhar pontos?

Meeki balançou a cabeça em reprovação.

— Péssimo pai. — disse ela, e foi embora.

Alguém cutucou meu ombro. Joguei a cabeça para trás no encosto do pufe e encontrei Aurora aninhando o próprio ovo, decorado com constelações. Ela tinha enrolado um lenço na cabeça.

— Que tal dar uma mãozinha a uma pobre mãe viúva? — perguntou ela, com uma vozinha frágil.

— Hum...

Os lábios dela se curvaram.

Hesitei, perguntando-me se poderia trapacear e cuidar de dois ovinhos para receber o dobro de pontos, mas lembrei que G-man tinha tirado pontos dos Master Cheefs por falta de espírito esportivo. Não podia arriscar perder nada pelos quatro dias seguintes.

— Já falei para a Meeki que ia cuidar do ovo com ela.

Aurora acariciou o filho inanimado com o nariz.

— Quem sabe a gente não consegue pontos de pensão alimentícia? Vem, Megg White.

Ela saiu da sala, me deixando lá sozinho, achando que era o próprio garanhão por ter recebido propostas de duas garotas querendo criar seus ovos comigo... Até lembrar que as outras opções eram Sopa e Zxzord.

Duas mãozinhas alisaram meus braços por trás.

— Está com fome? — indagou Sopa. — Deu para ouvir a sua barriga roncando a reunião inteira!

Agitei os braços para afastar as mãos deles.

— Morrendo.

Para o café da manhã, o Cooking Mama colocou milhares de ingredientes nos balcões da cozinha e nos disse para fazermos o que quiséssemos, lembrando que refeições saudáveis nos rendiam pontos. Um dos Sefiroths fez panquecas de *Pac-Man* com as boquinhas abertas caçando framboesas. Eu queria panquecas. Minha vontade era devorar uma pilha inteira delas. Em vez disso, fiz para a guilda um tofu mexido e salgado demais.

— Valeu, Miles! — agradeceu Sopa.

— Só fiz isso por causa dos pontos.

+6.000

Aurora indagou:

— Quer fazer tai chi com a gente, Miles Prower?

— Não dá muitos pontos — respondi, e saí para a pista de corrida.

O céu estava claro e quente. Um vento poderoso soprou areia, modificando as dunas com dolorosas chicotadas invisíveis. Em situações normais, aquele era o tipo de dia que eu passaria trancafiado no quarto, lutando contra querubins de mármore que tinham escapado da fonte da almedina. Mas não. Eu tinha que correr. E não apenas correr. O horário

dizia que cada volta completa valia mil pontos. Para alcançar o PPD (pontos por dia) almejado, eu teria que dar *dez voltas* ao redor da pista arenosa que circundava a construção. Fiz as contas rapidamente... Isso aí. Eram nove voltas a mais do eu já tinha corrido na vida.

Senti algo perto de mim. Eu me virei e dei de cara com Sopa.

— O que é que a gente vai fazer? Correr?

Ignorei o menino e caminhei até o treinador musculoso com bronzeado de cenoura, o líder da guilda dos Master Cheefs. Tudo nele me fazia querer fugir, dos óculos escuros metálicos Oakley aos braços cruzados e veias saltando no pescoço. Até mesmo os mamilos semivisíveis contra o tecido da regata pareciam raivosos.

— Hã... o que é que eu tenho que fazer?

O homem apontou para a pista.

— Correr. Não tem erro.

Um pequeno ventilador zumbia a seus pés, fazendo os cadarços baterem com a força do vento. Tudo o que eu queria era me deitar bem na frente dele.

Andei até a linha de largada, onde dois Master Cheefs musculosos se alongavam em posições impossíveis para o meu corpo.

Odeio isso, odeio isso, odeio isso.

— A gente vai arrasar!

Sopa deu um salto e socou o ar.

Seu entusiasmo fez minhas mamas masculinas murcharem.

O treinador apitou. Os Master Cheef zuniram à nossa frente enquanto eu colocava um pé pesado na frente do outro. Uma rajada de vento ardente secou meus olhos e encheu meus pulmões de fogo. Meus ossos pareciam fracos. Queria estar em casa. Em casa, onde meu guerreiro tinha resistência infinita e minha bunda tinha cem por cento de conforto.

Sopa não ajudava em nada. Tinha tanta energia que corria de costas para a pista e de frente para mim, o que me forçou a olhar para aquele rosto sorridente e idiota o tempo inteiro.

— Não inclina o pescoço para trás, não respira com tanta força e não deixa os braços soltos assim — aconselhou ele. — Você está indo superbem.

Depois do que me pareceu uma eternidade correndo, ouvi os tênis dos Master Cheefs batendo no chão atrás de mim, prestes a completar uma volta inteira à minha frente. Quando me ultrapassaram, não soube dizer se arfavam ou gargalhavam. Era assim que um rinoceronte com osteoporose devia se sentir enquanto era caçado por uma alcateia de hienas.

Após uma volta e meia, saí quase aos tropeços da pista.

— Peguei você! — Sopa enganchou o braço no meu e me puxou de volta para o circuito. — Você pode desistir quando quiser! Mas não vai

querer fazer isso!

— Vou vomitar em você.

— Tudo bem!

Dei três voltas.

Minha vista escureceu, vomitei meu mexido de tofu, e Sopa teve que praticamente me carregar para o alojamento... Mas completei três voltas.

+3.000

* * *

No intervalo entre as aulas, pisquei para me livrar dos pontinhos roxos na visão enquanto lavava os pratos no Rango por dois mil pontos extras. Depois, arrastei meus ossos até a sala com um símbolo elétrico indistinto para assistir a uma aula com G-man, que cumprimentei com um high-five e com o sorriso menos sarcástico que consegui conjurar. +1.000

— Se vocês vão dedicar a vida aos eletrônicos, então podem começar a pelo menos aprender como os benditos funcionam.

Ele falou sobre transistores enquanto soldávamos pequeninos pedaços de metal em placas de circuito.

— Que jogo é este? — perguntou Meeki, agitando algo no ar.

— Na verdade, isto é um chip de calculadora — respondeu G-man.

Depois disso, assisti enquanto ela soldava 53105 daquelas pecinhas em sua placa.

+2.000

Quando o chapim gorjeou ao meio-dia, eu me arrastei outra vez até o Rango. Estava exausto. Queria morrer. Não morri. Em vez disso, enchi minha bandeja com alimentos que me rendiam zero pontos e me juntei à mesa dos Fury Burds.

— Essas euforias baratas que a gente sente quando compra alguma coisa ou come açúcar ou consegue um loot épico não duram — disse Fezzik. — São como a estrela no *Super Mario Bros*. Você pode até se sentir invencível por um breve período de tempo, mas, depois que o efeito passa, fica tão vulnerável quanto antes, se não mais.

Evitei os olhos do líder da guilda enquanto engolia meu purê de batata e meu achocolatado. Eu me dei conta de que estava fazendo exatamente o que ele estava nos aconselhando a não fazer, mas estava faminto e precisava de energia para os “esportes no Coliseu”.

— A quantas anda a sua aventura, Miles? — perguntou Fezzik.

— Tudo certo — respondi, com a boca cheia de purê.

— Aurora, você já está na terceira faixa — disse ele. — Tem algum conselho para o nosso novo jogador?

— Hum... Não se mata tentando voltar para casa o mais rápido que puder.

Ela deslizou a mão para perto da minha bandeja. Os nós de seus dedos estavam feridos e inchados.

— Ponto cruz demais — explicou.

— Nem preciso me preocupar com isso — falei, levando mais comida à boca.

— Não mesmo! — concordou Sopa, piscando para mim.

Olhei para ele e balancei a cabeça discretamente.

— ... e é por isso que *The Last of Us* é uma bosta — disse uma voz. — Tirando a parte em que as garotas começam a se pegar, claro.

Espantalho passou por nós, o braço ao redor de uma menina que dava risadinhas e o empurrava de brincadeira.

— Ele é tão escrotinho — comentou Meeki.

Aurora assentiu.

— Olha a língua, Meeki — advertiu Fezzik.

— Foi mal. Ele é uma bolsa testicular pequena.

Fezzik não fez mais objeções.

A tensão no meu peito se dissipou um pouco. Era tranquilizador saber que a pessoa que odiava você por razões misteriosas era considerada um babaca pela opinião pública.

— Não sei o que a Dorothy vê nele — comentou Aurora, observando a dupla.

— Os nomes deles são Espantalho e *Dorothy*? — repeti.

— Os outros dois Cheefs são o Leão e o Homem de Lata — explicou Fezzik, apontando para os dois garotos altos que tinham me ultrapassado na pista de corrida. Duas vezes. — Mudaram os nomes de jogador semana passada.

Maravilha. Meu archi-inimigo misterioso era o líder de uma gangue da Estrada de Tijolos Amarelos.

Alguém chegou e desmoronou ao meu lado.

— Como é que anda o mundo dos sonhos, Zxzord? — perguntou Fezzik.

Zxzord ficou com a cabeça abaixada, escondida nos braços.

— Passei a manhã inteira cagando nos Poços de Piche de La Brea.

Fezzik fez seu som constrangido de Wookiee.

Aurora levou os dedos à língua, inexplicavelmente tirou uma pérola de debaixo dela e ofereceu a Zxzord.

* * *

— Pintem o que inspira vocês na vida real — disse a líder de guilda dos Sefiroths, a mulher de cabelo prateado, na sala de pintura. Desenhos horrendos em aquarela cobriam as paredes.

Meeki pintou armaduras. Aurora, estrelas. Sopa se sentou perto demais de mim, como de praxe, e desenhou o que me pareceu um menino gordinho preso dentro de uma Pokébola.

— É melhor isso aí não ser eu — avisei.

Devagar, ele deslizou o papel para fora da mesa e o amassou.

Ao final da aula, outro desenho em aquarela foi adicionado à parede: um boneco palito gotejante, sorridente e de cabelo preto no que talvez fosse a representação de um lava jato.



25.000 PONTOS



3 DIAS, 4 HORAS ATÉ GRAVIDADE

Física Ragdoll

Eu tinha sido um herói.

Tinha brandido meu machado e escalado a montanha denteada. Uma nevasca açoitava minha armadura enquanto eu me aproximava do colosso que vomitava lava tóxica em qualquer um que ousasse tentar roubar seu tesouro. Encarei o demônio nos olhos caóticos enquanto ele uivava clamando pela minha morte. E não senti metade do horror e do medo que me tomaram quando decidi praticar algum tipo de esporte com alguns viciados em videogame.

Meu coração estava quase expulsando meu cérebro do corpo a marteladas enquanto os Fury Burds percorriam o caminho arenoso até o Coliseu.

Era o tipo de terror que eu sentira uma centena de vezes na escola. Como se meu corpo estivesse prestes a ser agredido por hábitos saudáveis.

Lá no alto, no céu do deserto, nuvens passavam diante do sol, ora mascarando a areia com uma cor cinza uniforme e sem graça, ora fazendo-a reluzir com tons dourados. *Deus, por favor, me deixe conquistar aquela medalha de ouro.*

— Ok, Miles — disse Sopa. — Não esquece: você vai inspirar com mais força que quando expirar, vai manter os braços firmes e o queixo para baixo.

Ignorei o que saía da boca dele e me concentrei em não vomitar outra vez. Ele me deu um tapinha no ombro e apontou.

— O Coliseu.

Uma cerca de arame gradeava uma extensão plana de areia compacta que comportava algumas quadras e um campo com grama sintética. Era como se um tornado tivesse arrastado as coisas que eu mais detestava no mundo e as tivesse atirado bem ali, no meio do deserto.

Meu Deus, como queria um Red Bull.

— Vão se aquecer, Fury Burds! — ordenou Fezzik.

Meeki, Aurora e Sopa começaram a se mexer, enquanto eu tentava me acostumar com aquele novo ambiente. Os Sefiroths estavam em uma metade da quadra de basquete, parecendo deslocados e pouco à vontade. Batiam em bolas, tropeçavam no nada ou se esticavam para tentar tocar nos pés, não alcançando seu objetivo por coisa de trinta ou sessenta centímetros.

Os Master Cheefs estavam do outro lado da quadra, empertigados e cheios de pose. Espantalho driblava e desviava de Dorothy e seus ombros enormes, e de Leão e sua juba bamboleante. Quicou a bola por entre as pernas longas do Homem de Lata antes de executar uma bandeja perfeita, fácil como apertar um botão.

Para não incitar nenhum dos Cheefs a me antagonizar, fiz o caminho longo, margeando as quadras, e encontrei o treinador musculoso e seus mamilos.

— Com licença?

— O que você quer? — Ele não olhou para mim.

— Hum, será que dava para a gente jogar alguma coisa um pouco mais fácil hoje?

Com isso, ele se virou. Olhou para mim por cima das lentes dos óculos escuros, como se aquela fosse a pergunta mais patética que eu poderia ter feito, mesmo estando em uma clínica de reabilitação para viciados em videogame.

— Eu, é... preciso de muitos pontos.

Ele virou as costas para mim.

— Hoje tem campeonato de basquete.

Merda. Espantalho ia acabar comigo.

Sondei as quadras, me sentindo desesperançado. Muitos videogames costumavam dar pistas aos jogadores. Naquele momento, eu estava precisando de uma pequena fada Navi pairando acima da minha cabeça, como em *Zelda*. Um orbe de luz alado que podia flutuar até certos objetos e me oferecer algum tipo de orientação sobre o que deveria fazer em seguida.

Didlingdingdingding!

Imaginei minha própria Navi pintando o Coliseu com pozinho mágico reluzente. Que modalidade esportiva garantiria meu sucesso indiscutível? A fada iluminou a tinta branca descascada de uma área quadrada dividida em quatro partes.

Four Square: o jogo em que participavam quatro pessoas, cada uma em um quadrado.

Podia não ser capaz de fazer bons lances com a bola, mas estava confiante em minha habilidade de bloqueá-la com o corpo.

— Posso jogar Four Square em vez de basquete? — perguntei ao treinador.

— Não, não pode. Aquela quadra é para os jogadores com problemas de saúde.

Navi voltou a pairar acima do meu ombro.

Didlingdingdingding! Finja ter uma doença, Miles!

— Ah, eu tenho asma.

— É mesmo? — Ele tirou uma meleca.

Fingi puxar o ar com dificuldade, afetando um pequeno sibilo na respiração.

— É. Meu pai acha que tenho alguma coisa bem séria, mas ele é adepto da Ciência Cristã e não acredita em remédio. Por isso não tenho nenhum atestado para mostrar ao G-man.

O homem me encarou. Podia sentir seus mamilos perfurando minha alma.

— É verdade?

Mais ou menos. Assenti.

— O propósito desta clínica não é vencer, sabe.

Didlingdingdingding! Tente ameaçá-lo.

— Sei que não é. Só não quero ter um ataque de repente e começar a me contorcer caído na quadra para depois a Vídeo Horizontes tomar um processo daqueles.

O treinador olhou feio para mim. Franziu o nariz, deu de ombros e apontou para a quadra de Four Square.

— Pode ir para um dos quadrados.

Assenti, como se fosse exatamente aquele o resultado que esperava. Fui até a prateleira onde ficavam as bolas e peguei uma, torcendo para que fosse adequada ao jogo. Era de um tom framboesa, salpicada de marquinhas na forma de estrelas, e tinha restos de um logotipo descascado de um lugar chamado Colônia de Férias Sol Alegre.

Quiqueei-a algumas vezes no chão. Parecia... anormal. Videogames, mesmo com toda a coordenação motora envolvida, não preparavam ninguém para praticar esportes. Apertar um botão estava longe de ser o mesmo que arremessar uma esfera pesada pela atmosfera levando em conta fatores como gravidade, distância e meus malditos dedos que nunca pareciam preparados para soltar a bola no momento certo.

Minha recuperação podia ter sido pensada para seguir os moldes de um jogo, mas eu não tinha o luxo de poder recarregar as fases até conseguir passar. Tinha que acertar tudo de primeira.

Levei a bola aos lábios e inspirei o cheiro doce da borracha.

— Ok, bola — sussurrei. — Preciso que você me escute com muita atenção. Minha vida amorosa inteira depende deste jogo. Então, quando você vier na minha direção, quero que seja tão leve e previsível quanto uma semente de dente-de-leão. Mas quando eu bater em você, quero que parta do meu punho feito um meteorito.

— Está falando com quem?

Virei e dei de cara com Sopa, colado em mim outra vez.

— Ok, tenho uma regra nova para você. Se eu conseguir sentir a sua respiração, é porque você está perto dem... — Então me dei conta de algo.

— Você tem algum problema de saúde não declarado?

— Oi?

— Esquece. Quer jogar Four Square?
— Quero se você for jogar!
— *Maravilha*. — Apertei o ombrinho do menino. — Escuta, parceiro, colega, amigo, xará. Preciso que você me dê essa partida de presente.
Ele franziu o nariz.
— Tipo, deixar você ganhar?
— Isso.
— Ok! — Ele pulou para dentro de um dos quadrados.
— Valeu mesm... Ok, *opa*. Fica atrás da sua linha. Não precisa ficar tão perto.
— A gente precisa de mais duas pessoas — constatou ele, olhando para os dois quadrados vazios.
Sondei o Coliseu.
— Vai lá perguntar para aquele menino se ele não quer jogar — falei, apontando para um Sefiroth que caminhava sem balançar os braços. — E para *aquele* ali — indiquei outro garoto, deitado no asfalto, com um pouco da barriga aparecendo por baixo da bainha da camiseta.
Sopa voltou, trazendo os meninos.
— Miles. — Eu me apresentei aos novos jogadores, tentando me fazer soar intimidante.
— Devastator — respondeu o garoto dos braços imóveis com a voz nasalada.
— Sir Arturius — disse o gordinho, apertando as mãos com nervosismo. — Até em *Final Fantasy* existe blitzball, não é?
Eram perfeitos.
— Posso ser o comentarista? — indagou Sopa.
— Se falar bem baixinho.
Eu me agachei *pra valer*, preenchendo todo o espaço no meu quadrado. Eu era uma parede. Era um escudo de *Halo*. Era uma navezinha em *Galaga*. Poderia parar um cinturão de asteroides.
A partida começou.
Sempre que Devastator ou Sir Arturius jogavam a bola na minha direção, eu a quicava para Sopa, que a deixava passar.
— Ponto! — exclamei.
Sopa nem precisou me ajudar muito. Devastator sempre errava a bola com seus braços desajeitados, enquanto Sir Arturius tentava acertá-la com tanta força que acabava se jogando para a frente, deixando seu quadrado livre para que eu pudesse acertá-lo com a framboesa voadora.
— Ponto!
Durante meu encontro, poderia contar a Gravidade como tinha vencido heroicamente uma competição depois que nos conhecemos. Teria apenas que ser vago sobre as circunstâncias.
— *Ponto!*

Devastator se atrapalhava todo. Sir Arturius suava. Sopa nem sequer tentava. E eu continuava ganhando.

Até o apito soar, estridente.

— Todos os jogadores para a quadra de Four Square! — gritou o treinador.

Congelei quando os Cheefs, Sefiroths e Burds nos cercaram tal qual uma tempestade iminente.

Mantendo um pé no quadrado, eu me aproximei do treinador.

— Ahn... pensei que você tinha dito que só quem tinha problema de saúde jogava aqui.

Ele deu de ombros.

— Vai ver todo mundo aqui também tem asma.

Olhei para os Cheefs, suados devido à partida de basquete. Dorothy cuspiu, Homem de Lata estalou os dedos, Leão prendeu a juba em um rabo de cavalo e Espantalho me soprou um beijo. Minha confiança evaporou e se dispersou no céu de verão.

O treinador me deu tapinhas nas costas e sussurrou:

— Achou que eu ia dar esses pontos de presente sem você se esforçar nem um pouco? — Seu apito guinchou praticamente dentro dos meus ouvidos. — Vamos mudar o tipo de campeonato de hoje porque um dos nossos jogadores tem asma.

— *Perdedor* — disse Leão.

Sopa tocou meus pneuzinhos.

— Miles? Você tem asma? Quer que eu vá pegar um pouco de água para você?

— Não.

— Ok. Se você desmaiar, posso fazer boca a...

— Não termine essa frase, Sopa.

— Tá bom.

Espantalho foi até Sir Arturius.

— Sai daí um segundinho.

O menino obedeceu feliz, e Espantalho entrou no quadrado.

— Você se importa se eu ficar no seu lugar? — indagou Dorothy a Devastator, segurando o braço do garoto.

— Pode ser — respondeu ele, e saiu, os braços fixos ao lado do corpo.

Homem de Lata bateu no meu braço.

— Pra fora.

Olhei para cima para enxergar todo o um metro e noventa centímetros de altura do menino.

— Não.

Ele pareceu confuso. Como se jamais lhe tivessem dito não na vida. Olhou para o treinador, depois para mim, soltou um bufo e voltou para a fileira de jogadores fora da partida.

— Meu quadrado — rosnou Leão para Sopa.

O menininho abraçou a bola contra o peito. Olhou para mim, depois para o rosto vermelho do outro garoto.

— Não.

Sorri e decidi que deixaria Sopa se sentar a meu lado durante a reunião seguinte.

O treinador levou o apito aos lábios.

— A competição começa...

— Para falar a verdade... — Levantei a mão. — A gente já começou.

Fiz onze pontos.

Ele bufou, irônico.

— Não existe contagem de pontos em Four Square.

E apitou.

— Como é que vamos jogar? — indagou Espantalho, tirando a bola das mãos de Sopa e a girando entre as próprias. — Voto a favor de Morte Súbita.

Morte Súbita não soava nada bem. Estava a ponto de dizer isso em voz alta quando Espantalho levantou a bola com uma das mãos, a outra cerrada em punho atrás dela.

— Nada de fingir que vai jogar para um lado e depois jogar para outro. Também não vale quicar a bola com força demais no chão. Combinado?

Meu estômago despencou e foi parar no chão. Não, não estava combinado. Eu precisava de experiência no mundo dos esportes. Precisava ter entrado para o time de basquete em vez de para o clube de produção audiovisual. Precisava de um Red Bull. Precisava *vencer*.

Sopa levantou a mão.

— Como é que se joga?

Espantalho soltou um suspiro e baixou a bola, apoiando-a no quadril.

— São quatro quadrados. — Ele apontou para os números romanos em cada um dos espaços. — Se alguém é eliminado, todos os outros circulam em direção ao quadrado com o número um. Ganha quem ficar mais tempo nele. Não sei por que vocês não escolheram ficar nele desde o começo, mas agora já era.

Droga. Espantalho estava no quadrado de número um. Eu estava no três. Espantalho teria que ser eliminado, e eu teria que sobreviver duas rodadas para ter a *chance* de pontuar.

Espantalho girou a bola.

— A bola só pode quicar no seu quadrado uma vez e depois tem que cair no de outra pessoa. Continua assim até alguém dar mole. Tipo assim.

— Ele deixou a bola cair, quicar uma vez e depois a socou para dentro do meu quadrado. Juntei os joelhos um segundo tarde demais, e a bola saiu voando por entre minhas pernas. A plateia deu risadinhas enquanto alguém devolvia a esfera de borracha a Espantalho.

— Casual de bosta! — exclamou Leão, cobrindo a boca para não ser ouvido.

Por que você me odeia?, quis perguntar a Espantalho. Em vez disso, fiquei parado lá feito um idiota.

— Fechou? — indagou Espantalho.

— Fechou! — respondeu Sopa.

— Os Cheefs recebem um ônus — disse o treinador. — Menos quinze segundos para cada minuto no quadrado do saque. Os Sefiroths recebem mais quinze.

Ao menos eu não fazia parte dos Cheefs.

— Quarenta e cinco minutos — avisou o treinador, e mostrou um cronômetro.

— Vou tirar você de jogo primeiro — afirmou Espantalho, apontando para mim.

— Não vai, não — retruquei. — Não vai *mesmo*.

O pescoço dele estava coberto de chupões, escuros como amoras. *Ele* não tinha que se preocupar em sair para ir a um encontro na quinta-feira. Uma brisa soprou do leste, levantando areia pela quadra. Fechei os olhos. Se era possível vivenciar um milagre no lava jato, a mesma coisa também podia acontecer nos quadrados de Four Square. A bola se curvaria de acordo com minha força de atração gravitacional.

Voltei a me agachar, agitando os braços por entre as pernas como se fosse o próprio Donkey Kong.

Tudo se deu em questão de segundos. Espantalho quicou a bola de leve e a lançou com delicadeza para o quadrado de Dorothy. Ela entrelaçou os dedos e a socou de volta com toda a força para a área de Sopa. O menininho lançou-se para a frente e *por pouco* conseguiu tacá-la para o meu lado. Aquilo me deu tempo o suficiente para... dar um tapa desajeitado na bola e fazê-la voltar para Dorothy.

Só podia ter sido ela quem deixara todas aquelas marcas em Espantalho, pois devolveu a bola para ele mansamente. E Espantalho, bom, fez o que disse que ia fazer. Esperou até a bola estar a menos de três centímetros do chão e a lançou para o meu espaço.

Meu corpo mergulhou. Meus braços se agitaram. Meus dedos roçaram a borracha.

Errei.

O apito soou, e o treinador fez um movimento para trás com o polegar, por cima do ombro.

— Fora! — exclamou Leão.

Dorothy cumprimentou Espantalho.

Sem sentir o corpo, saí da quadra. Meeki estendeu a mão para me mostrar nosso bebê ovo, que de alguma forma parecia decepcionado com o pai. Pronto. Duzentos e cinquenta *mil* pontos atirados pela janela. Nem

fiquei em terceiro lugar, que era o mínimo de que precisava para estar livre até quinta-feira. Fim de jogo. Nada de encontro para mim.

Comecei a caminhada da derrota para voltar ao prédio da Vídeo Horizontes.

Ouvi outro apito agudo.

— Ei, bobalhão.

Virei. O treinador apontou para o canto do quadrado de número quatro, onde uma fileira de jogadores cercava a quadra.

— Você não está fora do jogo ainda. Quem sai só entra de novo no fim da fila.

— Ah! — exclamei, apressando-me a voltar para o campo. — Ok, foi mal. Não sei como... ok.

Sopa tomou meu lugar no quadrado de número três, enquanto Meeki entregava a abominação oval a Aurora e entrava no quarto quadrado.

— Bonita demais pra jogar! — gritou Leão, cheio de sarcasmo.

Homem de Lata escondeu um risinho por trás da mão.

Fezzik franziu o rosto para o treinador para ver se ele faria algo a respeito do tom zombeteiro. Não fez.

Havia seis pessoas na minha frente. Em circunstâncias normais, estaria me refestelando naquela posição. Não desta vez. Levaria uma eternidade para voltar ao jogo. Meu destino poderia ser selado muito antes disso.

Aurora estava fora da fila, aninhando seu ovo como se fosse um bebê de verdade.

— Por que é que você não está jogando?

— Dedos — respondeu ela, mostrando as feridas nas mãos outra vez.

— Ah, é. Verdade.

Pena. Achava que seria capaz de derrotá-la.

Em campo, Sopa olhava para mim como se tivesse acabado de deixar meu peixinho dourado cair pelo triturador de pia, pois não tinha conseguido evitar que eu saísse.

Desculpa, disse ele com movimentos labiais.

Respondi com um *Fica aí*.

Ele me encarou em confusão.

Fica!

Tinha que dar algum crédito a ele. Sopa com certeza sabia como seguir ordens. Eu nunca tinha visto uma criança tão estressada. Sempre que acertava a bola, trincava os dentes como se estivesse em uma sessão de terapia de choque. Tenho quase certeza de que não piscou uma única vez por sete minutos inteiros.

Meeki, enquanto isso, era uma força da natureza, implacável. Parecia quase entediada, batendo na bola e a mandando para os outros quadrados como se fosse um passarinho querendo cantar para ela. Tirou Dorothy do jogo, e ela e Sopa moveram-se para os quadrados três e dois. Enquanto me

remexia de ansiedade na fila, cada um dos jogadores que entrava no quarto quadrado — inclusive Homem de Lata e Leão — murchava diante do incrível poder de mekitematopraontem.

— Meeki, a Destruidora! — exclamou Fezzik, abrindo um sorriso para a líder de guilda de cabelos prateados dos Sefiroths.

O treinador verificou o cronômetro.

— Espantalho na liderança com onze minutos. Contando o ônus.

Chegou minha vez. Éramos Espantalho, Sopa, Meeki e eu — número um ao quatro, respectivamente. Eu precisava tomar o lugar de Espantalho no primeiro quadrado e continuar lá até o *fim* da competição. Estava na hora de ser agressivo. Não importava a altura com que a bola chegasse na minha área. Não importava a velocidade. Eu a acertava de volta com cada grama em meu corpo que precisava ver Gravidade outra vez.

O jogo se estendeu. Meu destino quicava entre nós quatro como um relâmpago de cor framboesa. Eu era Ryu, heroicamente socando tudo que atiravam contra mim. Sopa era Dhalsim, com as pernas e os braços alongáveis. Meeki era E. Honda, com os movimentos rápidos impossíveis de se acompanhar. E Espantalho usava sempre os mesmos ataques, como o golpe elétrico apelativo de Blanka. Era frustrante, mas eu já tinha entendido o truque. Para baixo e para a esquerda. Sempre.

Enfim, Sopa tombou. Eu não podia ter ficado mais feliz com aquele resultado, no entanto, porque significava que passaria ao quadrado de número três.

O treinador apitou.

— Vinte e quatro minutos para o fim do jogo! Espantalho na liderança com vinte e um!

Apenas dois minutos para o Cheef levar o ouro. Cada fibra do meu ser estava eletrizada de terror. Eu ia perder. Sabia que ia perder.

O apito agudo ecoou, Espantalho levantou a bola, e começamos outra vez. Na plateia, Sopa começou a fazer comentários animadamente.

— Espantalho passa para Meeki! Meeki rebate! Espantalho zune para Miles, e Miles *arrasa* jogando para... Alguém que não conheço. Ele erra! Pra fora!

O apito soou outra vez.

— Cala a boca, garoto — disse o treinador a Sopa. — Ninguém quer ficar ouvindo isso.

O menino mordeu o lábio e fitou o concreto.

Fezzik deu tapinhas em seu ombrinho triste.

— Hum, treinador? — começou Fezzik. — Posso falar a sós com você um segundinho?

Os dois se distanciaram da quadra e seguiram até o canto do Coliseu, de modo que os jogadores não pudessem escutar a conversa. *Acaba com*

ele, Fezzik, pensei. Além disso, foi bom ter a chance de respirar por um minuto. Meu coração batia adoidado.

Enquanto Espantalho girava a bola na ponta do dedo, Sopa levou as mãos em concha à boca.

— *Pssiu. Meeki* — sussurrou *muito* alto. — *Deixa. O Miles. Ganhar.*

Espantalho deixou a bola cair.

— Que porra é essa?

Balancei a cabeça de leve e tentei comunicar a Sopa apenas com os olhos que eu iria matá-lo.

Espantalho apontou para Meeki e me encarou.

— Você fez uma aliança com a Grande Muralha da China ali?

O queixo da menina caiu. Leão sufocou uma risada com o punho.

— Os avós dela são do Vietnã — corrigiu Sopa.

— Não estou nem aí. Vocês estão roubando.

— Não estamos, não — retruquei.

A boca de Meeki continuava aberta.

— Dane-se — disse Espantalho. — Vou acabar com vocês de qualquer jeito.

O sorrisinho sarcástico em seu rosto fez meu estômago se revirar. Ele não podia dizer algo assim e ainda vencer. *Eu* devia vencer. Aquele garoto era um obstáculo no caminho para meu encontro e parecia ter consciência disso. Como se pudesse sentir o gosto do meu coração se partindo.

Não queria que a raiva afetasse a partida, por isso a concentrei toda nas mãos. Peguei a bola. Teria minha vingança derrotando Espantalho no jogo...

Mas, em seguida, arremessei a bola no rosto dele. Estava esperando uma reação sobressaltada e um bloqueio. Esperava talvez desestabilizá-lo um pouco, fazê-lo se arrepender de ter mexido comigo. *Não* esperava que a bola fosse esmagar seu nariz, fazendo sangue explodir e manchar toda a camiseta branca de gangster.

Espantalho cobriu o rosto e dobrou o corpo para a frente.

— Merda!

— Ai, meu Deus — exclamei, esticando o braço com a intenção de ajudá-lo. — Foi mal, foi mal *mesmo*.

— Você arrasou! — disse Sopa, que levantou a mão no ar para um high-five.

Não respondi.

— Aí, treinador! — gritou Leão para o outro lado do Coliseu.

Meu Deus. O que fui fazer? Tinha acabado de perder a partida e todos os pontos que ganhara até então.

Leão continuava tentando chamar a atenção de seu líder, levantando a mão e apontando para mim, mas Espantalho pegou seu braço e o puxou

para baixo. Apertou o nariz e lançou um olhar ao colega de guilda. Depois cuspiu sangue no concreto.

— Ei! Miles! — chamou Sopa, a mão ainda no alto à espera da minha.
— Você defendeu a honra da Meeki!

Continuei não retribuindo o cumprimento.

— Espantalho, eu não queria...

Meeki me empurrou. Com *força*. Apontou para mim, o dedo quase tocando meu rosto, e berrou:

— Ninguém coloca princesas em castelos!

— O quê?

Ela agarrou Espantalho pela gola da camiseta e o socou na boca. O garoto caiu no chão como uma boneca de pano. O apito ressoou à distância, e o treinador e Fezzik se aproximaram correndo. Rapidamente me coloquei atrás de Sopa enquanto Fezzik segurava o braço de Meeki e o treinador ajudava Espantalho a se levantar.

Fezzik balançou a cabeça.

— Venham comigo, vocês dois.

— Ele me chamou de Grande Muralha da China! — berrou Meeki.

Ele escoltou Meeki e Espantalho até o prédio da Vídeo Horizontes... E me deixou na quadra.

O treinador apitou.

— Desqualificação dupla. Meeki e Espantalho. — Olhou para mim e apontou para o quadrado de saque. — Recomeça o jogo.

Tomei meu lugar, peguei a bola e fiz uma tentativa desajeitada de girá-la entre as mãos enquanto três novos jogadores entravam nos quadrados dois, três e quatro.

A probabilidade de vencer tinha acabado de aumentar de forma *drástica*.

Os dois melhores jogadores tinham sido desqualificados.

Sopa entraria, pronto para entregar a partida para mim.

O tempo dos Master Cheefs seria reduzido pela metade.

Levantei a bola e...

GANHEI O BRONZE!

Em uma competição esportiva!

O treinador resmungou e carimbou meu pergaminho, contrariado.

+150.000



175.000 PONTOS



3 DIAS, 2 HORAS ATÉ GRAVIDADE

Pontos de vida

Às cinco da tarde, uma mobelha entoou um canto lamurioso, e Sopa e eu retornamos, triunfantes, ao edifício da clínica para a terapia de guilda..

Ao chegarmos, o Ninho estava escuro. Todas as luzes estavam apagadas, e as persianas, abaixadas e fechadas. Breu total.

Parei à porta. Sopa espiou por baixo do meu braço.

— Bem-vindos — veio a voz de Fezzik da escuridão. — Juntem-se ao círculo.

Dei passos cuidadosos à frente, tateando sem conseguir ver o que havia no caminho. Sopa seguiu atrás de mim, a mão nas minhas costas. Eu estava exausto demais para afastá-lo. Meu joelho topou com uma cadeira, chiei entredentes, apalpei o metal para saber aonde ir e me sentei nela.

Sopa se sentou ao meu lado e levou a boca à minha orelha.

— Miles, você quebrou o nariz do Espantalho pela Meeki? Por quê?

— Shh! — Olhei de relance para a forma gigantesca de Fezzik. No escuro, não sabia dizer para que lado o rosto do líder da guilda estava virado.

— *Você gosta dela?* — sussurrou o menino.

— *Ela é lésbica.*

Não mencionei que não estivera pensando em Meeki quando atirei a bola em Espantalho. Só pensava em vencer. Eu me sentira heroico, acertando o rosto de um babaca que claramente merecia aquilo. O sentimento só tinha durado um segundo, no entanto — depois de Sopa ter apontado que eu havia defendido Meeki e antes de ela decidir roubar meu momento glorioso.

Os cabelos brancos de Aurora flutuaram pela escuridão e se juntaram ao círculo. Zxzord roncava em seu beliche. Meus olhos se adaptaram à falta de luz, e vi que Meeki já estava sentada diante de mim, braços cruzados com força contra o peito. Engoli em seco.

O que havia acontecido no escritório de G-man? Teria ela contado o que fiz? Se demonstrar falta de espírito esportivo já podia fazer um jogador perder mil pontos, quantos eu perderia por ter possivelmente quebrado o nariz de alguém?

— Estamos prontos para começar? — Era a voz de Fezzik.

Ninguém respondeu.

Tudo o que eu sabia era que se a culpa pelo nariz ensanguentado de Espantalho recaísse apenas sobre Meeki, então eu poderia ficar com os pontos que ganhara na competição. E isso significava que precisaria apenas de mais dois ouros e uma prata nos próximos campeonatos.

Pff. *Apenas.*

Ouvi um clique, e o facho de luz de uma lanterna iluminou o rosto gigantesco e pálido de Fezzik. Sua boca estava aberta, relaxada. Falou com uma voz assombrada:

— Um gamer na China corta a própria mão para parar de jogar. Um gamer nos Estados Unidos atropela o pai porque ficou sem o disco de *Halo*. Um gamer na Suécia denuncia um de seus adversários de *StarCraft* como autor de uma possível ameaça terrorista, depois assiste pela webcam enquanto uma equipe da SWAT entra e atira no peito da irmãzinha dele. — O rosto iluminado de Fezzik olhou para a esquerda, depois para a direita. — É hora... de histórias de videogame... de terror!

Praticamente ouvi Meeki revirar os olhos. Para variar, tive que concordar com ela.

— Fury Burds — chamou Fezzik —, os videogames incitam a violência?

Silêncio.

Todos no círculo à exceção de Fezzik tinham me visto acertar Espantalho com a bola. Mas ninguém abriu a boca. O silêncio de Sopa fazia sentido. Ele era injustificavelmente devotado a mim, pois eu me parecia com seu falecido meio-irmão abusivo. De alguma forma, a síndrome de Estocolmo tinha sido repassada para mim. Mas e Aurora? E por que Meeki iria querer levar toda a culpa?

— Acho que não — respondeu Aurora.

— Maravilha — disse Fezzik.

Fiquei tenso quando ele passou a lanterna para a menina. *Por favor, não me entregue, Aurora.*

Ela segurou a lanterna com a luz virada para cima, fazendo sombras dançarem no rosto.

— O meu namorado fica com muita raiva às vezes. Mas não acho que são os jogos que o deixam assim. Ele diz que jogar ajuda a liberar a tensão.

— E o que é que você diz? — indagou Fezzik.

— Nada, normalmente.

— Digo, o que é que você acha da violência nos videogames?

— Bom — começou ela —, ele nunca me bateu nem nada.

— Você, alguma vez, achou que ele fosse fazer isso?

Aurora olhou os dedos e deu de ombros.

— Ele nunca ter levantado a mão para você basta para fazer dele um bom namorado? — indagou o líder.

Ela deu de ombros outra vez e devolveu a lanterna.

— Obrigado por compartilhar, Aurora. Pergaminho?

Ela o entregou, e ele carimbou.

Espera aí, a gente recebe pontos só por falar um monte de merda óbvia?

— Videogames com certeza não geram violência — afirmei.

— Miles! — exclamou Fezzik. — Excelente. Por que não?

Ele passou a lanterna para mim. Já tinha tido aquela discussão com meu pai mil vezes. Agora finalmente receberia pontos por ela.

— Então, correla...

— Coloca a luz no rosto — instruiu ele, apontando para a lanterna nas minhas mãos.

Tentei não parecer irritado ao virar o fecho na direção do queixo.

— Correlação não implica causalidade. Se os jogos deixassem as pessoas agressivas, então o Japão seria o país mais violento do mundo. E não é.

Tentei devolver a lanterna para ganhar meus pontos, mas Fezzik perguntou:

— Você não acha que existem ocasiões em que os videogames podem fazer uma pessoa ficar mais violenta?

Congelei. Seria possível que ele soubesse o que tinha acontecido na quadra? Teria testemunhado tudo? Estava se fingindo de sonso para tentar me fazer confessar? Eu sabia que os jogos não me tornavam uma pessoa agressiva. Babacas como Espantalho era que me faziam querer atirar bolas neles. Ainda assim, eu precisava redirecionar o foco da conversa para longe de mim.

— Bem, violência faz parte da natureza humana. Vem junto com a sensação de estar sendo ameaçado. — Olhei para Meeki. — Tipo, se alguém chama você de alguma coisa ruim...

— Ou alguma coisa bem racista — contribuiu Aurora.

— Isso — concordei —, ou alguma coisa racista. Aí você vai querer se defender. Não tem nada a ver com os games.

Passei a lanterna e o pergaminho a Fezzik. Enquanto ele o carimbava, olhei para Meeki, que mantinha o olhar no chão. Continuei encarando até que ela finalmente ergueu os olhos. Sorri. Ela fez uma careta.

Com ela, parecia que não tinha como vencer.

— Alguém mais? — incentivou Fezzik.

Sopa levantou a mão e pegou a lanterna.

— Teve uma vez, quando estava jogando *Super Mario 64* no DS, que eu peguei... um pinguim inocente... e eu... joguei o bichinho para fora de uma ilha no céu. — Os olhos dele brilharam como ouro na luz. — Às vezes consigo vê-lo nos meus sonhos... Caindo e caindo para todo o sempre.

— Obrigado por compartilhar, Sopa — disse Fezzik, pegando a lanterna de volta. — Quem aqui já ouviu falar em Efeito *Tetris*?

Aurora levantou a mão.

— É quando você joga tanto *Tetris* que começa a ver blocos flutuando quando fecha os olhos?

— Isso mesmo — afirmou Fezzik. — Esses padrões podem se infiltrar em outras partes da vida das pessoas, como quando você arruma compras de supermercado nas prateleiras. E o efeito não é limitado só ao *Tetris*. Se você joga videogame demais, pode começar a ver elementos daqueles jogos em todo lugar. E não é só visualmente falando. Podem ser padrões para como ser bem-sucedido na vida.

Estava escuro, por isso me permiti fazer uma careta. Podia ver aonde ele estava querendo chegar com aquilo. Tinha jogado vários games violentos, mas nunca tive vontade de decapitar minha madrasta quando ela começava a calcular as calorias no meu café da manhã.

— Vocês só têm uma escolha na maior parte dos videogames: a violência. A gente aperta botões para atirar, esfaquear, socar, chutar ou acertar a cabeça das pessoas. Quero saber de vocês se acham que esse tipo de comportamento se traduz para a vida real.

Mais silêncio.

— Aí, por que é que as pessoas reclamam tanto de *GTA*, mas nunca de *LEGO*? — perguntou uma voz da seção de beliches. — Já pisaram em uma daquelas peças? Puuuuuutz.

— Shh, Zxzord — repreendeu Fezzik. — Você precisa descansar.

Aurora ergueu a mão.

— Nem todos os jogos são violentos. Tipo *LittleBigPlanet* ou *Katamari Damacy* ou...

— *Animal Crossing*! — acrescentou Sopa.

— Isso — falei. — *Plants vs. Zombies* não vai me fazer sair por aí dizimando um monte de rosas.

— As plantas já são violentas o suficiente na vida real — comentou Aurora.

— Espera a lanterna, Aurora — disse Fezzik, passando-a para ela.

Quando chegou minha vez novamente, tinha algo importante para contribuir, então aceitei a lanterna.

— Tipo, mesmo os games violentos podem inspirar empatia. — Olhei para Meeki. — Você pode até usar a violência para fazer o bem.

— Argh — fez Meeki.

Fezzik, enfim, voltou sua atenção para a menina.

— Meeki, você quer falar sobre o incidente de hoje na quadra de Four Square?

Prendi a respiração. *Por favor, não me dedure.*

Fezzik tentou entregar a lanterna a Meeki, mas ela gesticulou com a mão para afastá-la.

— Não quero ninguém olhando dentro das minhas narinas. Vou comprar pinça para todo mundo aqui, aliás.

— Ok — concordou Fezzik —, vai querer falar sem a luz?

— Não, valeu.

— Você vai perder muitos pontos por causa daquele soco. Cem mil.

Meu estômago se contraiu em um nó.

— Você teve sorte que o nariz dele não quebrou — disse Fezzik. — Senão, podia ter sido até mais.

Meeki parecia entediada ouvindo aquilo.

Ele continuou falando:

— Você está aqui por uma razão específica, Meeki. Acertou o seu irmão na cabeça com um Wiimote. Achei bom você ter se defendido do Espantalho, mas já devia saber que partir para a violência não é a solução.

— Então, ele lançou a ela um olhar severo.

Meu Deus, eu tinha que fazer aquilo parar.

— Se você falar comigo sobre o que aconteceu — continuou Fezzik —, pode ser que eu consiga convencer o G-man a reduzir o número de pontos de experiência que você vai per...

— Achei ótimo ela ter feito aquilo — interrompi.

Fezzik assentiu com a cabeça e me entregou a lanterna.

— O Espantalho estava sendo um babaca e mereceu o soco na cara. Não acho violência uma coisa boa. Mas também não acho que o que a Meeki fez foi errado. Estava se defendendo... e acho isso muito maneiro.

— Isso! — exclamou Sopa.

O olhar que Meeki me lançou era uma promessa de morte. Felizmente, Fezzik estava pegando a lanterna de volta, de modo que não viu.

— Às vezes, você precisa de um curandeiro — disse ele para a luz. — Às vezes, de um guerreiro. A Meeki é a nossa guerreira. — Fezzik direcionou o facho para ela. — Mas a quadra não é nosso campo de batalha.

Engoli em seco.

— É.

Fezzik estendeu a mão para mim.

— Pergaminho?

— Ah! Claro. Valeu.

Entreguei o papel, e ele carimbou.

— Miles, estou lhe dando cinco mil pontos extras pelo trabalho em equipe e por compartilhar conosco seus sentimentos e suas opiniões.

— Obrigado!

Meeki soltou um bufo de escárnio.

— Tem outras maneiras de ser violento que não envolvem socar as pessoas, sabiam?

— Tipo o quê? — indagou Fezzik, tentando passar a lanterna.

Ela não a aceitou.

— Deixa eu pensar... Tipo cortar as pessoas no meio de uma frase, ou deixar alguém levar a culpa por alguma coisa horrível que você fez, ou ficar obcecado por uma garota que você acabou de conhecer.

Cerrei o punho entre as pernas.

— Do que é que você está falando, Meeki? — perguntou o líder.

Ela não respondeu.

— Está bem — disse ele, sem saber mais o que fazer. — Você precisa ir conversar com G-man para receber a sua punição.

Ah, não, ela ainda não tinha ido. E se estivesse apenas esperando para revelar a história toda a G-man?

Fezzik se levantou e acendeu as luzes do Ninho. Todos semicerramos os olhos sob a ofuscante luz fluorescente.

— O restante de vocês pode ficar refletindo em silêncio até o pica-pau sinalizar que é hora do jantar.

Sopa guardou as cadeiras. Antes que Meeki pudesse sair do cômodo, toquei seu braço para pará-la. Tinha que me certificar de que ela não iria me delatar.

Ela olhou feio para a minha mão.

— Se me tocar de novo, vou perder o resto dos meus pontos esfregando o chão com a sua bunda.

Baixei a mão.

Ela bateu a porta.

Senti Sopa se aproximar.

— Qual é o problema dela? — indaguei.

Sopa coçou a cabeça.

— Não sei, não.

— Ela está puta daquele jeito porque queria ser a própria heroína?

— Provável!

— Mas ela só ficou parada lá, sem fazer nada. Alguém tinha que enfrentar aquele idiota.

— É. *Você*. — Sopa sorriu. — Agora vai poder contar para a Gravidade essa história irada de como você foi todo “Pow!”, e o Espantalho ficou tipo “Aaaaaaaah, nããããããooooo!” e depois ficou todo *brlluuuuuhhhhh*.

Ele caiu no chão dramaticamente.

Eu não podia contar aquela história a Gravidade, não sem mencionar a v-hab. A menos que inventasse que o incidente tinha ocorrido em algum beco aleatório. Ouvi alguém dizer algo racista a uma menina e decidi ajudar...

Subi para a cama.

— Vou tirar um cochilo. Hoje o dia foi longo.

— Ok, Miles — disse Sopa. — Vou continuar o seu bordado.

— Perfeito.

Fitei os adesivos de estrela e tentei me sentir bem pela vitória no campeonato. Tinha ganhado uma medalha de bronze em um esporte, estava cento e cinquenta mil pontos mais próximo do meu encontro e tinha defendido a honra de uma garota esmagando o nariz de um babaca com uma bola, ainda que não tivesse sido essa a minha intenção.

Tentei relaxar, mas não consegui.

Ninguém coloca princesas em castelos.

Mas que diabo aquilo queria dizer?



196.000 PONTOS



2 DIAS, 12 HORAS ATÉ GRAVIDADE

Cheats

Na manhã seguinte, acordei com a estranha sensação de alguém botando um ovo no meu umbigo.

Acomodando. Quis dizer alguém *acomodando* um ovo no meu umbigo.

Por sorte, não virei para o lado. Senão, minha cria com Meeki teria virado uma poça de gema e clara sob a minha barriga.

— Você cuida dele hoje — disse Meeki. — Mas não fala comigo nem olha na minha cara, ou esse aí vai ser o último filho que você vai ter.

E irrompeu porta afora.

— Boooooom diiiiiiaaaaaa. — O nariz de Sopa surgiu pela beirada do beliche. — Hora de levantar! Hoje é terça. O que quer dizer que você só tem mais dois dias até seu encontro com Gravidade.

Afastei o menino de mim pela testa.

Estava com o corpo dolorido graças à partida e às três voltas na pista de corrida do dia anterior, de modo que demorei um pouco mais que o normal para me vestir. Enfiei o ovo-abominação de feições tortas dentro de uma meia e o guardei no bolso.

Com Espantalho e o restante dos Master Cheefs patrulhando os corredores, a maior parte da Vídeo Horizontes parecia agora território inimigo. Pedi a Sopa para surrupiar para mim alguns alimentos valendo zero pontos do Rango e usei o horário do café da manhã para tomar uma ducha no banheiro compartilhado enquanto estava vazio. Ainda assim, só por precaução, eu me despi dentro do boxe do chuveiro, pendurei as roupas na barra de ferro e mantive a cortina pressionada com firmeza contra os azulejos com uma das mãos, enquanto tentava usar a outra para me lavar.

Queria... *pensar* em Gravidade, apenas para relaxar um pouco, mas Sopa pulou para dentro do boxe adjacente ao meu e começou a assoviar uma imitação fajuta do tema de *Super Mario Bros*. Com cuidado, eu me vesti dentro do cubículo, molhando a calça branca, e, depois de ter sido bem-sucedido em me limpar sem deixar que ninguém visse minhas mamas masculinas, saí bem a tempo de ver o pênis de Sopa.

— Café da manhã! — exclamou ele, apontando para ovos fritos sobre a pia.

O bloco de esportes do dia incluía musculação sem pesos, queimado com balões d'água e, mais uma vez, tai chi chuan. A maioria dos jogadores

correu para fora do prédio para brincar com os balões, mas eu queria evitar os Master Cheefs. Além do mais, estava vestindo calça branca e cueca preta.

Era Fezzik quem ensinava tai chi na sala da vela, onde a iluminação se intensificava e minguava como se simulasse o cochilo de um dragão. Os outros únicos participantes eram Aurora e, porque eu estava lá, Sopa. Era impossível não parecer estúpido praticando tai chi, mas também não chegava a ser mais ridículo do que se balançar todo na frente de um Wii. Seguimos os movimentos de Fezzik, como se nos defendêssemos de uma horda invisível de ninjas. Aurora acabava sempre se desviando das instruções dele, movendo-se como um lençol em meio a uma tempestade. Eu não conseguia decidir se ficava irritado ou impressionado.

+2.000

Quem estava encarregada da aula de música era a Dama Prateada, que distribuiu ukuleles e instruiu os jogadores a acompanharem enquanto dedilhava uma canção infantil chamada “The Bear Went Over the Mountain”.

Comecei a ficar ansioso. Não estava ganhando pontos suficientes naquelas aulas para acumular crédito suficiente que me permitisse ir supermal em todas as outras competições. Não gostava da probabilidade que tinha de ganhar qualquer medalha nos dias seguintes, que dirá dois ouros e uma prata. O campeonato de Four Square tinha, com certeza, sido um acaso feliz. E acontecera *antes* de Espantalho querer me assassinar.

A Dama Prateada tocava uma música infantil sobre comida enquanto eu sonhava em tocar violão no Mandrake’s, fazendo o coração de Gravidade derreter.

* * *

No Rango, pedi a salada de beterraba e espinafre por mil pontos, enquanto mantinha os olhos bem abertos, atento aos movimentos inimigos. Ao fazer a travessia para a mesa dos Burds, notei Espantalho jogado em um canto da mesa dos Master Cheefs. O lábio estava cortado, e o nariz tinha um tom roxo-amarelado. Havia momentos nos jogos, quando você já alcançou certo level, que inimigos que outrora o matavam com um único golpe passavam a parecer inofensivos, quase adoráveis. Tentei não sorrir. Espantalho era tão magrinho e patético. Por que fiquei com tanto medo?

Naquele mesmo instante, Dorothy, Leão e Homem de Lata se sentaram à mesa e olharam feio para mim. Rapidamente segui em direção à mesa dos Fury Burds.

Por conta do incrível desempenho de Sopa na partida do dia anterior, permiti que se sentasse a meu lado. Ele acariciou o ovo cuja guarda compartilhava com Aurora e que a menina acabara de lhe entregar.

- Vou chamá-lo de Muffin.
- Pensei que o nome dele fosse Megg White.
- Agora é Muffin.

Atrás de nós, um Sefiroth de óculos de aro grosso e vestido dos pés à cabeça de preto começou cantar um rap.

“Ozy, tira a cabeça da areia.
Chega de se acomodar nessa cadeia.
É fato que você precisa de mais dados.
Então vai lá, mané,
Sai do seu quadrado.”

Argh. Nerdcore. Rap hardcore com temática de videogame.

- Quem é aquela pessoa? — perguntei.
- Parappa — respondeu Meeki, com uma voz um tanto sonhadora.
- Se ele não calar a boca, vou jogar meu garfolher nele.

Meeki olhou para mim.

- Que foi?

O olhar se intensificou ainda mais.

- Certo — falei. — Vou jogar alguma coisa menos afiada.

— Vou pegar um donut para mim — anunciou ela, e se levantou para ir embora.

Qual era o problema daquela garota?

Sopa fazia o ovo dançar ao longo da minha bandeja.

- O Muffin bem que ia gostar de ter companhiiiiiaaaaaa.

Grunhi, mas tirei a Abominação do bolso e a deixei na mesa.

- É um encontro ovoide — constatou Sopa.

Ignorei o comentário e comi a salada com gosto de terra enquanto um vento violento soprava lá fora, fazendo as lâmpadas no Rango tremeluzirem.

Uma menina que reconheci como membro dos Sefiroths foi até nossa mesa.

- Oi — disse ela.

Seus cabelos esvoaçantes e vozinha de florista me lembraram um salgueiro-chorão. Estava tão perto que eu podia ver as cicatrizes de acne no rosto dela sob a grossa camada de maquiagem.

- Hum, oi?

— Só quis vir aqui para agradecer. — Ela tocou meu ombro, e me retesei. — O Espantalho é um *pé no saco*.

Relaxe um pouco.

- É, isso ele é mesmo.

Meu medo dos Master Cheefs tinha começado a minguar um pouco. Se eu conseguisse aliados na guilda dos Sefiroths, ficaria mais protegido.

Ainda que parecessem todos um pouco adoentados. Poderia andar pelos corredores sem medo e ficar mais relaxado durante os campeonatos. Ainda que fossem apenas corpos incapazes de lutar.

— O meu nome é Dríade — apresentou-se a menina, jogando os cabelos para trás, por cima do ombro. — Você é o Miles?

Sopa meteu sua mão entre nós.

— Eu sou Sopa. Sou o parceiro dele. Somos um time.

— Legal — disse Dríade. — Ah, o seu ovo é tão bonitinho.

— O meu não é o bonitinho, não. O meu é o torto.

— Mas era dele mesmo que estava falando — retrucou ela. — Posso ver?

— Claro.

Entreguei Abominação a ela.

— Aww — exclamou, fazendo carinho na cabecinha oval.

O ovo deslizou das mãos dela. Estiquei a minha para pegá-lo, mas a ponta dos meus dedos apenas raspou nele... e minha pequena Abominação com Meeki explodiu no chão do Rango.

Dríade cobriu a boca com a mão.

— Ah, não. *Mil* perdões.

— Hum... — Olhei para o olho arregalado na casca quebrada. Não ganhar dez mil pontos por dia significaria um *sério* atraso para mim.

E aquela não era minha única preocupação. Meeki tinha ido pegar um donut. O que faria comigo quando voltasse?

Senti a respiração de Dríade na minha orelha.

— Você acha maneiro sair por aí quebrando o nariz dos outros?

Recuei na hora.

— O quê?

Ela me encarou com tanta intensidade que me deixou assustado.

Balancei a cabeça.

— Não fui eu quem quebrou o nariz dele.

— É verdade — confirmou Sopa. — O Espantalho chamou a Meeki de Grande Muralha da China e levou um soco.

Um dos olhos de Dríade tremelicou, incerto.

— Não foi isso que ele me contou.

— Dã! — exclamou Sopa.

POF! Dríade socou o tampo da mesa, quebrando Muffin e espirrando gema e clara em mim e em Sopa. Ela se apressou em sair do Rango depois disso.

Sopa continuou sentado, em um choque melequento. Do outro lado da cantina, Espantalho abriu um sorriso torto para mim e saiu atrás da menina.

Que covarde. Nem sequer tinha coragem de executar os próprios ovocídios. Teria sido *Dríade* quem deixara todas aquelas marcas de

chupão em Espantalho? Ou Dorothy? As duas? Quantas namoradas ele tinha? Será que controlava algum tipo de Família Espantalho Manson?

Sopa deixou escapar um pequeno gemido. Mordeu o lábio, tentando não chorar enquanto coletava os pedacinhos de casca de ovo, todos quebrados e espalhados pela mesa. Considerei a ideia de ir até Fezzik, que estava cuidando do bufê, para denunciar o incidente, mas refleti que ele poderia perguntar por que Dríade tinha feito aquilo, o que colocaria cem mil pontos em risco.

Aurora e Meeki chegaram à mesa dos Burds e viram os ovos estatelados. Meeki ficou de queixo caído, como naquele dia na quadra de esportes.

Levantei as mãos.

— Não foi culpa minha. Aquela Sefiroth desgrenhada e maluca veio até aqui e quebrou os dois.

Meeki não respondeu, apenas manteve aquela expressão de choque silencioso.

Sopa fungou.

— Ah, para — falei. — É um saco perder esses pontos, mas eram só dois ovos, gente.

Se alguém ali tinha o direito de estar chateado, essa pessoa era eu. Nenhum deles tinha um encontro para ir.

Aurora pegou um pedacinho de casca e fitou-o com seus olhos de satélite.

— Eles crescem tão rápido...



201.000 PONTOS



2 DIAS, 4 HORAS ATÉ GRAVIDADE

Quebra-cabeça

Durante o bloco de competências de vida, colhi o espinafre idiota que iria jantar mais tarde, enquanto Sopa varria o jardim como um personagem de *Harvest Moon*, dando tapinhas carinhos nos tomates como se fossem cabeças diminutas e dizendo coisas como “engordem, queridinhos” e “você está tão lustroso hoje!”.

Finalmente, o canário cantou, e retornamos ao Ninho para a competição em equipe de terça-feira. Como sempre, Zxzord estava dormindo num beliche. Senti uma pontada de inveja... da oportunidade de relaxar. Não das crises de abstinência... Se é que eram mesmo reais.

Eu me juntei ao restante da guilda, sentando-me ao lado de Meeki, que se levantou na mesma hora e foi para o lado oposto. Tudo bem. Se não queria ouvir meu pedido de desculpas, eu não estava nem aí.

— Saudações, aventureiros! — exclamou Fezzik. — Hoje, vocês vão aprimorar a habilidade de conjurar feitiços.

Sopa bateu palmas.

— Issssssoooooo!

Fezzik mostrou uma bolinha de pingue-pongue pintada de roxo.

— Fury Burds, sua missão é conduzir este orbe mágico do Ninho até a Sala de Controle e guardá-lo na Caixa do Destino.

Todos no cômodo o encararam. Ele manteve o braço esticado com a bola na palma aberta.

— Vocês não vão dizer “ah, moleza” e tentar levá-lo para a Sala?

— A gente está esperando para ver qual é a pegadinha — respondeu Meeki.

— He-he. Tem *mesmo* uma pegadinha. — Ele atirou a bolinha para o alto e a pegou outra vez. — Vocês não podem tocar nele. E o orbe não pode tocar o chão. E, não, vocês não podem simplesmente pegar um lenço e carregá-lo enrolado. O orbe não pode entrar em contato direto com nada que vocês estejam tocando. Alguma pergunta?

Meeki levantou a mão.

— Por que é que tenho a impressão de que a v-hab foi criada pensando em criancinhas de quatro anos?

— Eu gostei! — retrucou Sopa, um pouco magoado.

Meeki sorriu.

— Preciso dizer mais alguma coisa?

Fezzik deixou de lado sua voz de aventura.

— A Vídeo Horizontes aceita jogadores dos onze aos dezessete anos de idade, por isso temos que dar uma balanceada com desafios como este aqui. — Ele encarou nossos rostos inexpressivos. — Está bem. Usem a cabeça para levar esta bolinha de pingue-pongue até a Sala de Controle antes das outras guildas. Melhor assim?

Houve um grunhido geral de concordância.

— A gente recebe pontos por isso? — indaguei.

— É igual aos campeonatos. O primeiro grupo a completar o desafio recebe duzentos e cinquenta mil pontos por jogador.

Virei minha cadeira e sentei de frente para o encosto a fim de me concentrar no orbe.

Meeki tinha razão. Aquilo tudo parecia infantil demais. Mas, se quisesse sair dali a tempo, eu teria que tratar aquela competição como se minha vida dependesse disso.

— Vocês têm até a mobelha cantar, às cinco da tarde. — Fezzik se levantou, colocou um travesseiro na beliche vazia acima da de Zxzord e colocou a bolinha roxa nele. — Acho que vai ser mais difícil do que estão pensando.

Sopa, Meeki e Aurora rodearam o orbe.

— Não pode encostar no chão? — indagou Aurora.

— Não — respondeu Fezzik.

— E não pode encostar na gente?

— Não.

— Telecinesia vale?

— Aurora — disse o líder —, se você conseguir mover a bola com a sua mente, dou um milhão de pontos para você agora mesmo.

Mantive o foco na bolinha. Seria possível chutarmos o orbe de maneira que voasse escada abaixo, depois pelo corredor e caísse perfeitamente dentro da Caixa do Destino?

Não. Aquilo não era *Super Monkey Ball*.

— Vamos logo com isso, aventureiros! — exclamou Fezzik. — As outras guildas já devem ter começado!

— É, aposto que não — retrucou Meeki. — O que é que acontece se a gente deixar a bola cair?

— Vocês perdem cinco mil pontos da recompensa e têm que começar tudo de novo do ponto de partida.

— A gente podia construir um trem! — gritou Sopa. — Um trenzinho com vagão para levar a bola.

— Deixa só eu esclarecer — disse Meeki em tom ríspido. — Você quer construir um veículo motorizado em miniatura que funciona de verdade e depois instalar trilhos que percorram de maneira perfeita os degraus da escada e o resto do caminho até aquela caixa?

Sopa mordeu o lábio.

— É uma ideia meio idiota, não é?

Eu me concentrei no orbe. Seria possível inclinar o chão para... Não, isto não era *Marble Madness*. Além do mais, o piso era lava. O piso era morte. O piso era uma queda livre para o fracasso.

Meeki estalou os dedos.

— A gente podia fazer uma ponte. Usar canudo e espaguete para fazer um caminho até lá embaixo e...

— Era essa a minha ideia! — protestou Sopa.

— É, mas do meu jeito funciona.

— Vou ver se a gente tem canudo e espaguete o suficiente no Rango — disse Aurora, deixando o Ninho.

— Mil pontos para os três! — anunciou Fezzik.

— Espera aí, a gente ganha pontos só por dar um monte de ideias aleatórias? — indaguei.

— Claro — respondeu o líder. — O objetivo é vocês trabalharem em equipe. Não posso recompensar ninguém pela mera presença, sem estarem fazendo nada. Zxzord, isso foi pra você.

Na cama, o menino esfregou o rosto.

— Não deixe a bola cair, galera.

— Valeu pela força — zombou Meeki.

Mantive os olhos no orbe.

Antes de me juntar aos Cavaleiros Espectrais, eu tinha participado de várias raides de *Arcadia* nas quais os demais jogadores não passavam de peso morto que eu era obrigado a carregar. Aquela situação não era muito diferente. Os Fury Burds competiam com gamers que pensavam igual a eles.

Precisávamos de algo novo. Precisávamos de inovação.

Aurora retornou ao Ninho, os braços cheios de itens do Rango.

— Também trouxe copos de plástico para a gente fazer um túnel para descer a escada.

— Brilhante — elogiou Meeki. — Assim a bola vai ganhar velocidade para atravessar o corredor.

— Maravilha! — comemorou Fezzik. — Mil pontos para Aurora.

Ignorei-os. Não estava jogando para ganhar aquela mesquinharia. Ia abocanhar toda a quarta parte de milhão.

Aurora largou os canudos e o espaguete no chão enquanto Meeki pegava cola e barbante do baú de materiais para artesanato. Com uma tesoura sem ponta, Meeki abriu buracos no fundo dos copos.

Voltei minha atenção para o orbe. E se os trilhos saíssem pela janela e percorressem a lateral do prédio para...

Não. Aquilo era mais idiota que a ideia de Sopa.

Ele dançava ao redor de Meeki e Aurora.

— Posso ajudar? Posso ajudar? Posso ajudar?

— Você pode se enfiar no baú de atividades e parar de me dar dor de cabeça — respondeu Meeki.

Aurora lhe entregou um punhado de filetes de espaguete.

— Você pode começar criando o caminho até a porta.

— Ok! — exclamou Sopa.

Depois de posicionar apenas três fios de espaguete no chão, ele se levantou de um pulo e gritou:

— A gente precisa de uma arma de *Portal*! Aí, eu mirava na bola e *puf*: portal azul! Então apontava para o teto acima da Caixa do Destino e *puf*: portal laranja! No fim, era só a bolinha cair, *plinc*!

— Os seus pais nunca fizeram nenhum exame para saber se você tem algum problema, não? — provocou Meeki.

Foquei minha atenção *de verdade* no orbe. Estava determinado a encontrar uma solução melhor que a de Meeki.

E se a bolinha descarrilasse dos filetes de espaguete? E se não ganhasse impulso o bastante no túnel de copos de plástico para chegar até o corredor no andar de baixo? Aurora e Sopa estavam certos. Precisávamos de telecinesia. Precisávamos de uma arma de *Portal*. O orbe precisava de asinhas como as da fada Navi...

Didilingdingdingding! Flutuar, idiota.

— Já sei! — falei, pulando da cadeira.

Meeki e Aurora ergueram os olhos para mim, apertando canudos, deixando cola escorrer.

— A gente precisa de todos os fios de extensão que conseguir achar — anunciei.

— Hum... — disse Fezzik. — Acho que a sua guilda já teve uma ideia muito boa. Que tal tentar incorporar...

— Não vai dar certo — interrompi, correndo para a porta. — Os canudos são frágeis, e o espaguete vai acabar quebrando. Do meu jeito vai ser mais fácil e certo. Podem confiar em mim.

— Bom... — começou ele.

— Se funcionar, todo mundo vai ganhar os pontos para sair daqui mais rápido, certo?

Aurora e Meeki começaram a colar os materiais. Não era de se espantar que estivessem presas naquele lugar havia mais de uma semana.

— Está bem — falei. — Podem continuar aí construindo essa ponte besta de espaguete. Vou seguir a minha ideia.

— Leva Sopa com você — pediu Meeki. — Por favor.

Fezzik não parecia nada feliz.

— Sopa? — falei com um suspiro. — Quer ajudar?

Ele pulou e socou o ar.

— Quero!

Descendo a escada, falei a ele:

— Ok, preciso que você pegue todas as extensões que conseguir encontrar.

— Tá! Onde é que elas ficam?

— Não sei. No Rango? Na Sala de Controle? Pergunta para Fada do Pó. Não posso ficar dizendo o que você tem que fazer o tempo todo.

— Ok, certo, é, valeu.

Ele se afastou depressa, como um VCE de *StarCraft* a fim de coletar energia. Não me preocupei muito. A diferença entre Sopa e um VCE era que os robôs estavam programados para não fazer besteira.

Corri para fora do prédio e observei o horizonte. O treinador pintava faixas paralelas ao longo de uma extensão de areia com tinta spray.

É só uma missão de busca, disse a mim mesmo.

— Oi, é, treinador. Você se importa se eu pegar o seu ventiladorzinho emprestado?

Ele continuou a pintar e respondeu:

— Eu me importo, sim. Você quer o ventilador para fazer o quê?

Didilingdingdingding! Não conte a ele sobre a competição! Vai achar que está trapaceando outra vez!

— Foi o G-man quem pediu — menti.

— Ele fica guardado no armário de materiais, e só eu tenho a chave. Não vou gastar meu tempo com...

— Acho que o Zxzord está com febre — interrompi. — Você sabe — limpei a garganta —, o garoto *viciado em heroína*?

O treinador olhou feio para mim.

De volta ao Ninho, ergui o ventilador acima da cabeça.

— *Dun-un-un-un!* — Tentei cantar a melodia do tesouro de *Zelda*.

Aurora olhou em minha direção. Ela e Meeki ainda estavam ocupadas colando espaguete, canudos e copos. Tinham conseguido montar, tipo, um metro de trilhos. Um metro dos cinco ou seis de que precisávamos para chegar apenas à escada.

— Cadê o Sopa? — perguntei.

— Não voltou ainda — respondeu Aurora.

— Peões... — resmunguei entredentes. Dei tapinhas nas costas de Meeki e Aurora. — Relaxa, pessoal. A gente vai ganhar!

Meeki continuou a colar, mas agora com ferocidade ainda maior. Enfim, Sopa entrou correndo no Ninho com vários fios enrolados nos ombros magros e a aparência e a voz de alguém que tinha acabado de competir na Ironman.

— *Ufa!* — disse o menino, atirando a fiação no chão e massageando os músculos doloridos. — Preciso me deitar um pouco.

— Nada disso! Você precisa começar a plugar os fios! — Chacoalhei os ombros dele. — Anda, parceiro! Força! Preciso de você!

Sopa deixou os braços caírem nas laterais do corpo como se fossem feitos de espaguete cozido. Ajoelhou-se e começou a conectar as extensões.

— Calma. Precisa desenrolar tudo primeiro. Senão vai acabar fazendo nó.

Ele assentiu e começou a desemaranhar os fios.

— Sopa — disse Fezzik —, você pode seguir suas próprias ideias.

— Tudo bem — respondeu ele. — Eu gosto assim.

Levei o ventilador até Aurora e Meeki.

— Vou precisar usar as duas mãos, então alguém vai ter que ser o meu desbobinador.

Elas continuaram colando.

— Gente, isso vai dar certo. É sério.

Silêncio.

— Ok, hum, Zxzord? Você pode quebrar esse galho para mim?

Um ronco veio da direção do beliche.

— O Zxzord morreu de disenteria — sussurrou Fezzik.

— Certo — falei. — Sopa? Você pode me ajudar aqui também?

Ele olhou para mim com a boca aberta e uma expressão de surpresa... e assentiu.

— Isso! Ok. A gente consegue. *A gente consegue!*

Não sentia aquela onda de euforia desde que os Cavaleiros Espectrais tinham salvado a Praça do Biscoito dos Maré de Leite. Peguei a primeira extensão de Sopa e a conectei ao ventilador. Começou a soprar ar fresco. Levei o aparelho ao beliche de Zxzord e apontei as hélices para cima.

— Sopa? Dá para você vir aqui soprar o orbe, por favor?

O menino subiu a escada cheio de nervosismo, como se Zxzord fosse acordar e agarrar seu tornozelo fino a qualquer momento. Levou os lábios até a bola e soprou. A esfera roxa rolou para fora do travesseiro e foi amparada pelo bolsão de ar, onde ficou pairando cerca de sete centímetros acima do ventilador que eu segurava.

— Uau! — exclamou Aurora.

Meeki estalou os dedos na frente do rosto da menina e apontou para baixo. Aurora voltou a colar espaguete.

Levei o ventilador e a bola em direção à porta.

— Então? — indaguei a Fezzik.

— Acho que, tecnicamente, não dá para chamar isso de trapaça.

— Não mesmo! Rá!

— O que é que eu faço? — indagou Sopa.

— Já expliquei. Você tem que ir desenrolando os fios enquanto ando e garantir que eu tenha extensão suficiente para chegar até lá embaixo.

— Você é esperto, Miles — elogiou Sopa.

— Valeu.

— Vocês não precisam da ajuda dos seus colegas de guilda? — indagou Fezzik.

— Vocês querem ver a gente ganhar? — perguntei à equipe da colagem.

Não responderam.

— Acho que não — respondi a Fezzik.

Saí do Ninho com cuidado, equilibrando a bolinha em pleno ar, enquanto Sopa desenrolava a fiação atrás de mim.

— Não puxa com muita força — adverti —, senão vai sair da tomada.

— Ok. — Podia ouvir os dentes dele batendo e rangendo. — Isto é estressante.

— Você está indo muito bem.

Descemos os degraus com todo o cuidado, Fezzik nos seguindo para se certificar de que não tocaríamos na bola. Quando chegamos ao andar de baixo, olhei para a esquerda e para a direita em direção aos dois lances de escada nos cantos mais distantes do prédio. Os Cheefs tinham saído do quarto e estavam rapidamente conectando rolos de papel higiênico separados para reciclagem. Era uma boa ideia, mas estavam levando uma eternidade para colar os rolos de papelão uns aos outros.

A porta da Sala de Controle estava aberta.

— A gente está conseguindo! — comemorou Sopa.

— Claro que está.

Na metade do caminho para a Sala, a porta no fim do corredor se abriu, revelando a silhueta do treinador. O ventilador vacilou na minha mão, e rapidamente estabilizei a bola outra vez enquanto procurava uma saída. Ele não podia me pegar usando o ventilador para nada além de refrescar o viciado em heroína.

— Sopa, rápido, abra aquela porta.

Descobrimos que era a porta da sala de música, e ele, Fezzik e eu entramos. Fada do Pó girou, rapidamente colocando a grade do sistema de ventilação no lugar.

— Não tem aula agora — disse ele, abanando a fumaça do cigarro eletrônico.

— É, eu sei — respondi, espiando o corredor para verificar se o treinador tinha ido embora. Ele estava vindo em nossa direção.

— Miles — chamou Fezzik. — O que é que a gente está fazendo aqui? A Sala de Controle fica logo ali do lado.

— Não, é, é que eu... — Olhei ao redor do cômodo, desesperado. — Deixei a minha grade de horários aqui. Você está vendo o papelzinho em algum lugar, Sopa?

Ele procurou enquanto Fada segurava a grade no lugar com a mão gorducha. Mantive as costas pressionadas na parede, fora do campo de visão de qualquer um que passasse pela porta. O solado de borracha dos

tênis do treinador começou a chiar mais perto. Ao passar pela sala de música, ele bufou, quase como se dissesse que podia sentir meu cheiro.

— Não está aqui, não — declarou Sopa.

— Poxa! Bom, vamos continuar então.

Quando Sopa estava fechando a porta, tive mais um vislumbre do cofrinho do Fada do Pó ao se abaixar e voltar a soprar fumaça do cigarro eletrônico pela grade.

Seguimos pelo corredor. Eu já estava dentro da Sala de Controle quando Sopa gritou:

— Miles, para! Para, para, para!

— O quê? *O que foi?*

O fio laranja estava tenso, esticado ao máximo em uma linha reta pelo corredor.

— Pu... — Olhei de relance para Fezzik —...tz *grila*, Sopa. Você pegou todas as extensões?

— Todinhas!

— Não acredito... — Fiquei parado no corredor com a bolinha de pingue-pongue roxa flutuando a apenas alguns metros da Caixa do Destino. — Vai ver é melhor a gente voltar para o Ninho e deixar isto lá para ir procurar mais fio.

— Por que é que você está tão resistente a aceitar ajuda do resto da sua guilda? — indagou Fezzik.

— Não estou resistente. — Achei que alguns pontinhos por trabalho em equipe não fariam mal. — Sopa, diz para as meninas no Ninho que a gente precisa usar a ponte delas. E que não precisamos mais de trilho lá em cima. Pede para elas trazerem tudo para cá.

— Pode deixar, capitão! — exclamou ele, batendo continência e saindo correndo pelo corredor.

— Desnecessário! — gritei para as costas do menino.

Fezzik cruzara os braços.

— Então você precisa da sua guilda, afinal.

— Não precisaria se Sopa tivesse trazido mais extensões.

— Pode até ser verdade...

Pezinhos vieram correndo pelo corredor.

Sopa teve que recuperar o fôlego antes de dizer:

— Elas disseram... que não vão... *vir*.

— O quê? Por quê? Você contou pra elas como estamos perto?

Ele assentiu.

— Elas querem *vencer*?

Ele deu de ombros.

— Vai lá perguntar!

Correu outra vez para as escadas.

— E não volta sem elas! — Olhei para Fezzik. — Por que você está me olhando desse jeito?

— Todo grupo de aventureiros precisa de tipos diferentes de habilidades: magia, camuflagem, agilidade, força bruta. Cura.

A bolinha oscilou no ar, e tentei manter o ventilador equilibrado. Meus braços estavam começando a ficar cansados.

— Você é o guerreiro — continuou Fezzik. — Já sai golpeando e tentando causar o máximo de dano no inimigo que conseguir.

A bola tinha se estabilizado.

— A Meeki é o nosso guerreiro — lembrei a ele. — Gosto de pensar que sou o mago que fica nos bastidores até descobrir qual é a solução e então aparece para resolver o problema.

Fezzik assentiu.

— Se você é o mago, como é que vai sobreviver à fase crítica da batalha e chegar a tempo para o seu encontro com a princesa se não tem alguém com poder de cura para ajudar? Ou um tank para tomar o grosso do dano? Ou Sopa correndo para lá e para cá pegando tudo pra você?

Antes que eu pudesse responder, Sopa retornou.

— Elas querem ganhar. Só não desta forma.

— Está falando sério? — Entreguei o ventilador e a bola flutuante a ele. — Segura isto. Não deixa cair.

Sopa assentiu, mas foi um aceno exausto.

— Deixa pra lá — falei. — Fica aqui.

Segui pelo corredor levando o ventilador e a bola, seguido por Fezzik. Olhei para os Cheefs, preocupado com o progresso que estavam fazendo com os rolos de papel higiênico, e com passos cuidadosos subi a escada e entrei no Ninho.

— Gente! Estou a, tipo, um metro da caixa.

— Está mais para quatro metros — corrigiu Fezzik.

— É, mas a gente está *tão perto*.

Meeki e Aurora mantiveram as cabeças baixas.

— Certo — falei. — A ideia da ponte é ótima, ok? A gente precisa dela para ganhar. Estão vendo? Isso é trabalho em equipe. Já fiz a maior parte do caminho. Agora vocês terminam.

As duas não se moveram.

— Os Master Cheefs estão quase ganhando! Anda!

Os olhos de Aurora foram até Meeki, depois se voltaram para mim e outra vez para Meeki.

— Levitação ajudaria a gente a ganhar. E é bonito.

— Não é essa a questão — retrucou a asiática.

— Bom, e qual é, então? — indaguei. — Vocês gostam de ficar aqui na v-hab? Gostam de não poder jogar videogame? Gostam de ter que fazer todas as atividades idiotas que o G-man inventa? Acho que me lembro de

ter ouvido alguém dizer que este lugar era para criancinhas de quatro anos não faz, tipo, nem vinte minutos. Agora estão aí fazendo artesanato.

Meeki se levantou.

— Isso! — comemorei. — *Obrigado*.

Ela foi até a tomada e puxou a extensão. A bolinha roxa quicou em uma das pás do ventilador antes de cair no chão.

— Mas que merda...?! — exclamei.

Fezzik soltou um suspiro.

— Menos cinco mil pontos subtraídos do prêmio final e menos mil para você, Miles, pelo xingamento. Passa o pergaminho para cá.

— Está na minha cama — falei, engolindo a raiva. Eu me virei para Meeki. — Estou tentando ajudar!

— Ajudar a gente a perder cinco mil pontos? — indagou ela.

— Mas foi você quem desligou o... *Grrggfrxhssrrrrrrgggggggggg!* — falei, ou coisa do tipo.

Se não precisasse tão desesperadamente dos pontos que o treinador sem dúvidas tiraria de mim, teria jogado o ventilador no chão.

Aurora largou o filete de espaguete que estivera colando e se levantou.

— Ele está certo.

— Não está — disse Meeki.

— Estou sim — retruquei.

— A gente só está sendo teimosa — ponderou Aurora. — Com o ventilador é mais rápido. Eu já estou pronta para ir para casa. Vou deixar meu orgulho de lado e trabalhar com o Miles.

— Mil pontos para Aurora pelo trabalho em equipe! — anunciou Fezzik.

— Por que eu não ganho nada? — indaguei. — Deixei meu orgulho de lado, tipo, cinco minutos atrás e tentei trabalhar com as duas.

Fezzik deu uma risadinha constrangida.

— Acho que você precisa pensar no porquê de finalmente decidir procurar a ajuda da guilda.

Engoli a resposta que estava na ponta da língua. Meu método teria funcionado se tivéssemos mais extensões. Não teria funcionado apenas; teria destruído o restante das guildas e seus esforços.

Aurora recolheu os trilhos que tinha criado com Meeki e os carregou para fora.

Meeki a seguiu a contragosto.

— Nem precisa ajudar — disse ela, empurrando-me para passar. — A gente avisa quando estiver tudo pronto.

Fiquei lá parado segurando o ventilador, ofendido e irritado e me sentindo estúpido.

Sopa apareceu à porta.

— A gente pode ir ao Rango preparar um lanchinho para elas enquanto trabalham!

— Hum... — Olhei para Fezzik, que tinha pegado a bola e a recolocado no travesseiro. — É, boa ideia.

Vinte minutos mais tarde, Aurora e Meeki tinham construído um túnel de copos de plástico a partir do corredor, entrando na Sala de Controle e terminando diretamente acima da Caixa do Destino. Os Cheefs viram o túnel parcial e olharam para nós como se fôssemos loucos. A notícia se espalhou e alcançou os Sefiroths, e todos se reuniram para ver que mágica era aquela que estávamos fazendo.

Então, apareci na porta, caminhando heroicamente por pilares oblíquos de luz difusa, embalando o orbe roxo em um bolsão de ar. Senti o olhar furioso dos Cheefs quando inclinei o ventilador de modo a fazer a bola deslizar pelo túnel... E zzzzzzt cair na caixa de sapatos.

— Fuuuuuuuuuuuuuryyyyyyyyyy Buuuuuuuuuuuuuuuuuuurds! — exclamou Fezzik.

Dei um high-five nas mãos de Sopa e Aurora. Meeki manteve os braços cruzados.

— Ah, anda. Admite que a ideia foi boa. A gente acabou *muito* antes de todo mundo. E ganhamos todos os pontos! — Baixei a mão. — Ou a maioria. Já que você resolveu desligar o nosso ventilador, não é?

Meeki me lançou um sorriso inexpressivo.

— Talvez você devesse receber todos os meus pontos, considerando que foi você quem teve a ideia sem a nossa ajuda.

— O quê? Não — exclamei. — Nada disso.

Mas estava torcendo para que Fezzik a ouvisse e dissesse que aquilo era possível.

Os Burds retornaram ao Ninho em silêncio, o que era idiota, pois tínhamos acabado de dizimar nossos inimigos. Fezzik estava quieto porque não gostou da forma como eu tinha ajudado a guilda a vencer; Sopa, porque estava exausto; Meeki, porque era babaca; e Aurora, porque era quieta por natureza... acho. Dane-se. Eu estava acostumado às pessoas não gostarem de mim. Não precisava deles. Quando ganhasse, teria Gravidade.

No Ninho, Fezzik anunciou:

— Duzentos e quarenta e cinco mil pontos por inteligência!

Não tinha o mesmo impacto que duzentos e cinquenta mil. *Valeu, Meeki.*

— Parabéns, Miles — disse Fezzik, sem a velha entonação calorosa. — Você está na segunda faixa.

Carimbou meu pergaminho, e podia quase sentir fogos de artifício dourados explodindo dentro mim.

— Merda! Porra! Cacete!

Levei um segundo para reconhecer a voz de Sopa.

— Ahn, Sopa? — chamei.

— Desgraçado! Ânus! Boquete!

— Sempre que ganha muitos pontos — explicou Aurora —, ele recita cada palavra chula que conhece. É bonitinho.

Fitei Sopa, em choque, enquanto ele enunciava uma lista de expressões bastante grosseiras que devia ter aprendido com o meio-irmão. Fezzik soltou um suspiro e fez uma marca para contabilizar cada xingamento.

— Seria hipocrisia de minha parte não tirar os pontos — disse.

Em pouco tempo, os xingamentos de Sopa começaram a diminuir.

— Hum... Diarreia... Idiota... Saco... É... Diarreia de cachorro... Saco de cachorro...



447.000 PONTOS



2 DIAS, 2 HORAS ATÉ GRAVIDADE

Curaga

— Parabéns por uma missão bem-sucedida, aventureiros! — exclamou Fezzik na terapia de guilda.

As persianas estavam abertas, e a luz refletindo nas dunas dava um tom dourado à nossa pele.

— Claro, o objetivo final não é vencer a competição. É encontrar um meio de trabalhar em conjunto com a guilda, um grupo coeso. Se bem que, he-he, acho que alguns dos nossos heróis precisam de um patch de balanceamento.

Eu sabia que ele estava falando de mim. Mas não importava. Tínhamos vencido.

— Não vou atribuir pontos a ninguém durante esta sessão de terapia de guilda — avisou ele —, porque quero que vocês se concentrem em como estão se sentindo, não em como ou quando vão sair daqui.

Bom, dane-se, então. Examinei as unhas das mãos. Com certeza precisaria apará-las antes de quinta-feira.

— Ontem — continuou Fezzik —, o aventureiro Miles narrou para nós um conto emocionante a respeito da jovem Gravidade.

Maravilha. Agora teria que prestar atenção.

— Andei pensando no dilema do Miles. Todos nós tivemos nossos romances, nossa Aeris, apenas para mais tarde vê-la ser apunhalada pelas costas por Sephiroth no final do primeiro disco. Vocês sabem bem do que estou falando.

Aurora assentiu.

— Se pronuncia “Aerith” — corrigiu Meeki.

— Perdão — pediu Fezzik. — Novos estudos alegam que a causa do vício é a solidão.

Passsei os olhos de relance pelo círculo. Ninguém encarava o líder.

— Heródoto dizia que os jogos foram criados com o objetivo de fazer as pessoas não pensarem na fome. Talvez os videogames tenham sido criados para eliminar a solidão. Eles oferecem uma sensação constante e segura à qual podemos retornar várias e várias vezes. Eles nos apresentam relacionamentos previsíveis, times confiáveis e conclusões satisfatórias que são difíceis de encontrar na vida real. Mas esse conforto gerado digitalmente pode nos fazer negligenciar nossos relacionamentos reais,

nos deixando ainda mais isolados. Hoje, eu quero saber: o que faz vocês se sentirem sozinhos?

Meeki balançava a perna, agitada. Aurora cutucava a calça jeans com a unha. A língua de Sopa não parava dentro da boca.

— Vamos lá, Fury Burds — incentivou Fezzik. — Como é que vou conjurar Curaga se vocês não me dizem onde dói?

A única resposta foram os roncões de Zxzord.

O líder soltou um suspiro.

— Sopa, vamos começar por você.

O menino balançava as pernas.

— Eu me sinto sozinho quando penso que vou ter que voltar para casa.

Olhei de esguelha para o relógio. Eram cinco e quinze da tarde de terça-feira. Eu precisava ganhar pontos, não ficar ouvindo os problemas de uma criança com grave déficit de atenção.

Enquanto Sopa se abria, falando a respeito dos pais e do meio-irmão, fiz alguns malabarismos mentais com pontos. Agora que sabia minha média de PPD, refiz os cálculos... Merda. Mesmo contabilizando todas as minhas aulas, uma medalha de ouro na corrida de kart no dia seguinte e no campeonato de paintball na quinta-feira, ainda ficariam faltando oito mil pontos. Era uma diferença séria. Como eu poderia resolver a situação? G-man não me deixaria ir embora nem se eu estivesse devendo só alguns míseros pontinhos.

Foi quando me lembrei dos bordados de Sopa. Comecei a prestar atenção.

— Você tem uma comunidade bem vibrante aqui, não tem, Sopa? — indagou Fezzik. — Não vai ser fácil deixar isso para trás.

Sopa assentiu de maneira exagerada.

Fezzik deu tapinhas em seu ombro magro.

— Você acha que as competências que aprendeu aqui vão fazê-lo se sentir mais confiante na hora de desbravar o mundo e conhecer gente nova?

— Ninguém gosta de mim — respondeu ele. — Todo mundo volta para casa quando me vê por perto.

Por uma fração de segundo, me senti mal pelo menino. Era fácil esquecer que nem todos tinham uma Gravidade esperando por eles quando saíssem da reabilitação. Alguns jogadores retornariam para uma vizinhança sem amigos. Outros voltariam para um namorado um pouco abusivo. Outros, para... heroína, acho.

— Você tem sido um excelente membro da guilda — elogiou Fezzik.

— Vejo você melhorando nos desenhos e aprendendo a respeitar os limites das outras pessoas.

Vixe. Ele era pior antes?

— Acho que, quando chegar a hora de se aventurar pelo mundo real outra vez, você já vai estar muito mais preparado para encontrar colegas com quem brincar. — Fezzik virou-se para nós. — Vocês não concordam?

Meeki e eu nos entreolhamos e, pela primeira vez, não fizemos caretas um para o outro. Tínhamos dito coisas horríveis a Sopa naquele dia. Desviamos o olhar no mesmo instante.

— Você vai fazer muitos, muitos amigos — encorajou Aurora, dando tapinhas nas costas do menino.

— Não quero — respondeu ele. — Quero continuar com vocês.

Meeki estremeceu audivelmente. Contive o impulso de fazer o mesmo.

Fezzik lançou um olhar severo à menina, depois voltou a se concentrar em Sopa.

— Você acha que vai conseguir driblar o sistema de pontos e ficar na Vídeo Horizontes para sempre?

Sopa fez bico.

— Não.

— Você dedica muita energia a ajudar os outros em vez de ganhar seus próprios pontos. Acha que essa é a única maneira de fazê-los gostarem de você?

Não. Merda. Podemos não nos aprofundar nesse assunto, por favor? Por que fazê-lo repensar seu comportamento?

Por sorte, Sopa não respondeu.

— Certo — disse Fezzik. — Isso já basta por enquanto. Meeki! Você está aqui faz mais de uma semana. Ainda não ouvimos a sua voz o suficiente. O que é que a faz se sentir sozinha?

— Não me sinto sozinha. Tenho Nutella. E um vibrador.

Eca. Não queria visualizar Meeki de qualquer outra forma senão vestida e bem, bem longe de mim.

Fezzik corou intensamente e fez o ruído que lembrava um Wookiee.

— He-he. É... Ok. Você acha que açúcar e... hum... estimulação sexual bastam para uma vida saudável e gratificante?

— Se alguma vez você tentou usar os dois ao mesmo tempo, já sabe a resposta.

— Miles! — exclamou Fezzik, mais do que pronto para mudar de assunto. — O que é que faz você se sentir só?

Aeroportos.

— Nada.

— Você quer encontrar aquela menina na quinta à noite — continuou ele. — Acha que a sua vida vai melhorar por causa dela?

— É... — Tive um vislumbre de Gravidade, a água escorrendo de maneira sexy pelo seu corpo no lava jato. — Acho.

— Por quê?

— Não sei. Eu só... sei.

Cruzei os braços. De repente, me senti muito vulnerável, como se Fezzik estivesse empunhando uma picareta e minerando meu peito.

Ele não desistiu.

— Você conseguiu fazer um grande progresso nos últimos dias. Pode ser até que consiga sair daqui mais rápido que qualquer outro jogador. Mas, claro, só vai voltar para casa. Alguma vez já se sentiu sozinho lá?

Pensei na barulheira que Casey fazia durante os exercícios de crossfit na sala. Pensei na presença do meu pai em tudo, desde as facas polidas brilhando na barra magnética às persianas sem uma única partícula de poeira. Pensei nos meus ombros ficando tensos sempre que a porta do quarto era aberta... E foi então que me lembrei do meu quarto. Meu santuário. Destruído. Pela primeira vez, me dei conta de que os Cavaleiros Espectrais não estariam me esperando quando chegasse em casa. Agora que meu computador fora vendido, talvez não tivessem razão para voltar a falar comigo.

— É tranquilo lá em casa — respondi, fungando.

Meeki bufou.

— É, porque você pode passar o dia todo salvando princesas imaginárias.

— Sabe — disse Fezzik, massageando o queixo —, você e a Meeki são muito parecidos. É como se ela fosse o seu Dark Link. Ou, perdão, isso soou meio racista. Vocês dois são o Dark Link um do outro... Ok. Chega de me olhar feio. Assim vocês vão colocar fogo em mim. He-he.

Meeki e eu estávamos horrorizados demais para sequer trocarmos olhares.

— Aurora! — chamou o líder. — Você se abriu em relação a várias questões nessas últimas semanas. Seus hábitos alimentares. A ansiedade que acaba deixando seus dedos machucados. Mas ainda não chegamos à raiz do problema. E agora você já está quase na quarta faixa.

Sob os cabelos brancos, os olhos de Aurora estavam fechados, como se ela estivesse tentando projetar a consciência ou algo assim.

— Posso falar sobre isso em baleiês?

— É uma ideia interessante — comentou Fezzik. — Mas não.

Aurora ficou um tempo em silêncio e depois, inspirando fundo, colocou as mechas de cabelo atrás das orelhas de uma vez só.

— Estou cumprindo sentença no lugar de outra pessoa — revelou ela. — O Max, meu, hum... meu namorado adora jogar *Arcadia*. Nunca me deixou jogar com ele porque não queria que os amigos pensassem que ele era um... um viadinho por jogar com a namorada, que é péssima.

Fezzik não deduziu pontos pelo uso da palavra com *v*. Apenas escutou.

Inquieto, eu me remexi na cadeira. Já tinha dito algo similar a um dos Cavaleiros sobre ele jogar com a namorada.

Ok, tinha dito aquelas exatas palavras.

— Aí, o Max começou a me ignorar — continuou Aurora. — Nem olhava para mim quando eu entrava no quarto dele. Só dizia “Oi, amor”. Ou “Estou no meio de uma partida”. Depois de um tempo, nem isso. — Ela cutucou as feridas nos dedos. — O Max era bem diferente quando a gente começou a sair. Ele me mandava flores, me levava para jantar e ficava feliz em passar a noite inteira abraçado comigo, só conversando. Achei que esses dias podiam voltar. Então, comecei a ler livros de fantasia na cama dele enquanto ele jogava. E esperei.

Pela primeira vez na terapia de guilda, eu estava prestando atenção de verdade. Qual era o problema daquele tal Max? Por que alguém iria querer passar o dia jogando videogame se tinha namorada? Eu jamais faria algo assim.

— Mas as coisas pioraram. — Os fios descoloridos de Aurora tinham lentamente encontrado o caminho de volta para o rosto. — Teve uma vez que fui caminhando até a casa dele, e o Max nem atendeu a porta. Eu sabia que ele ficava distraído quando começava a jogar, então sentei na grama e fiquei mandando mensagens e ligando para ele.

Vislumbres de aeroportos percorreram minha cabeça. Inclinei o corpo para a frente, segurando a barriga.

— Estava frio lá fora — continuou Aurora —, por isso comecei a ver se tinha alguma janela aberta na casa e finalmente consegui entrar pela cozinha. Cheguei ao quarto dele... e o Max nem olhou para mim. Perguntei se tinha ouvido as minhas ligações, e ele disse que não, mesmo o celular estando logo ali, do lado do teclado. Ele parecia bem tenso, por isso me aproximei para fazer uma massagem, e acabou que o personagem dele morreu naquele segundo. — Aurora dobrou a perna direita por cima da coxa e segurou o pé. — Ele fez um barulho horrível, cheio de raiva, e empurrou a cadeira para trás com força, e a rodinha acabou passando por cima do meu dedinho. Doeu, mas tentei disfarçar. Ele pediu desculpas, pegou gelo para mim e beijou meu dedo, mas depois disse que tinha meio que sido minha culpa também, por ter feito ele se distrair... e voltou para o jogo. — Ela suspirou, fazendo com que os fios de cabelo se afastassem brevemente do rosto. — Então, comprei o jogo. Entrei no servidor do Max e fiz minha própria personagem. Sempre que ele não queria passar tempo comigo no mundo real, eu jogava *Arcadia*. Só queria ficar com o meu namorado. Mesmo que fosse só o avatar dele. Mesmo que ele nem soubesse que era eu.

Todos os olhos estavam cravados em Aurora. Eu me dei conta de que os demais jogadores naquele círculo tinham criado seus avatares para fingir que eram outra pessoa em um mundo de fantasia, mas Aurora fizera aquilo para fingir que era outra pessoa no mundo real. O que ela estava fazendo na v-hab?

— O Max passava *muito* tempo jogando *Arcadia* — disse ela. — Então, eu também acabava jogando bastante. Horas e horas por dia durante vários meses. Meus pais me mandaram para cá porque pensaram que estava viciada no jogo. Mas, na verdade, era no Max que eu estava viciada.

Ficamos todos em silêncio por alguns momentos. Então, Fezzik começou a aplaudir. Meeki e Sopa se juntaram a ele, e segui o exemplo depois de um tempo. Aurora se escondeu atrás dos cabelos.

— Obrigado por compartilhar sua história, Aurora — agradeceu Fezzik.

Ela balançou a cabeça.

— Eu me sinto mal por estar aqui. Desperdiçando o dinheiro dos meus pais mesmo sem nenhum vício em jogo.

— Não acho que você esteja desperdiçando nada, não mesmo.

Fezzik passou a hora seguinte guiando o grupo em uma discussão sobre como as mulheres são representadas de maneira deturpada nos jogos e, muitas vezes, hostilizadas pelos outros jogadores.

— Aposto que o Espantalho faz parte daquele grupo babaca GamerGate — comentou Meeki.

Eu não conseguia parar de pensar na história de Aurora.

Como era possível que garotas bonitas se sentissem solitárias?

Qual era o problema do Max?

Como ele podia ser tão burro?

O pica-pau sinalizou a hora do jantar.

— Certo, aventureiros. Obrigado a todos por se abrirem. — Fezzik olhou para Zxzord no beliche. — Ou por dormirem.

Rimos, como se a história de Aurora tivesse nos aproximado um pouco mais.

— Depois do jantar, quero que separem um tempinho para refletir a respeito do que conversamos até a hora de dormir.

No caminho para o Rango, Sopa deixou a cabeça encostar no meu braço.

Esperei sete segundos inteiros antes de afastá-lo.



452.000 PONTOS



1 DIA, 21 HORAS ATÉ GRAVIDADE

Mapa do jogo

Estava sonhando com pistas de arco-íris fazendo voltas e giros pelo espaço, quando alguém chacoalhou minha cama.

— Para, Sopa — falei, os olhos ainda fechados.

— É o Fezzik.

Eu me sentei na cama, sobressaltado. Esperava ver as dunas lá fora iluminadas pela luz matinal, mas, em vez disso, refletiam o luar. Eram nove da noite.

— Parabéns, aventureiro. Você liberou a aula das estrelas.

— Sério? Irado. — Esfreguei os olhos. — Quantos pontos vale isso?

— Cinco mil. Mas é com o que a Dama Prateada tem para ensinar que você devia ficar animado. — Ele chacoalhou o beliche mais uma vez. — Venha. A Aurora e a Meeki já se levantaram.

Mesmo me sentindo exausto até os ossos, saí da cama, trôpego. A aula das estrelas diminuiria meu desfalque de pontos de oito mil para três mil.

Em um canto do Ninho, Sopa reclamou:

— *Humph.*

— Desculpa, Sopa — disse Fezzik, abrindo a porta. — Esse é o preço por perder pontos de propósito. Você continua na primeira faixa.

Sopa continuou resmungando. Aliviado, me despedi com um aceno e notei que ele tinha no colo um bordado do que talvez fosse um lava jato. Ótimo. Tudo indicava que aqueles últimos três mil pontos seriam alcançados sem esforço.

A Vídeo Horizontes tinha um aspecto sombrio e esverdeado por conta do brilho das luzes da saída. Nossos passos ecoavam pelo corredor. Fezzik não agia com o entusiasmo de sempre. Estava quieto. Presumi que fosse por causa do meu comportamento no desafio da bolinha de pingue-pongue. Se quisesse continuar ganhando pontos durante a terapia de guilda, eu precisava voltar a cair nas graças do líder.

Arrastei os pés pelo concreto.

— Andei pensando no que você falou. Sobre guerreiros, magos e curandeiros e tudo o mais, e... você está certo. Eu devia contar com a ajuda da guilda.

— Todo mundo gosta de uma equipe bem balanceada — respondeu Fezzik.

Ele parecia distraído, nervoso, até. Não parava de esfregar a nuca e de limpar a garganta. Então, notei que tinha feito a barba e vestia os trajes de melhor qualidade que se poderia encontrar em uma loja para gigantes. Relaxei um pouco. Talvez a razão por trás daquele silêncio não tivesse nada a ver comigo, afinal.

No corredor da ala oeste do prédio, Fezzik pegou um chaveiro e abriu uma porta amarela que dava para um lance de escada. Ao subirmos, fui ficando mais animado. Não era a ansiedade de ganhar pontos, mas a de começar uma nova aventura. Tinha completado o primeiro andar de uma masmorra e estava prestes a emergir em... O quê? Algo misterioso. Algo novo.

A bunda de Fezzik na frente do meu rosto meio que quebrou o encanto.

No topo da escada, ele abriu outra porta, e o vento do deserto nos atingiu em cheio. Estávamos no telhado.

Como gamer, eu já tinha contemplado céus de tirar o fôlego: *Skyrim*, com suas constelações infundáveis, *WoW*, com seus horizontes incandescentes, *Halo*, com seu anel galáctico. Mas jamais vira o céu real daquela forma. No meio do deserto, distante dos postes de luz, das lâmpadas nas varandas de casa, dos holofotes e das telas de computador, as estrelas podiam lançar sua luz e alcançar a Terra. Milhares cintilavam no ar seco, e as dunas se curvavam diante delas, tingidas de azul com reverência.

Eu me dei conta de que, se tivesse alguém com quem compartilhar a grandeza do universo, poderia deixar aqueles céus digitais de videogame para trás.

Um punhado de jogadores observava as estrelas através de telescópios. Reconheci alguns Sefiroths e Meeki. E que céu noturno estaria completo sem a luz resplandecente dos cabelos brancos de Aurora?

— Não tem nenhum Master Cheef? — indaguei a Fezzik.

— Alguns deles tentaram simular uma justa usando os telescópios e foram banidos do telhado por uma semana.

— Perfeito.

A porta se abriu com um rangido, e os jogadores fizeram silêncio quando a Dama Prateada, a líder de guilda dos Sefiroths, chegou ao telhado. Era tão magra e com cabelos tão finos que ela própria lembrava um feixe de luz estelar.

Fezzik se adiantou a fim de segurar a porta para ela.

Ah, então é assim que se mantém o Imperador longe de Arcadia.

Os jogadores se sentaram em cadeiras de praia enquanto a Dama Prateada subia em um pedestal, a Estrela Polar brilhando acima dela.

— Boa noite, observadores de estrelas.

— Boa noite — responderam os jogadores.

Estava tão silencioso que dava para ouvir o vento soprando grãos de areia pelo deserto.

— “Por que a desordem aumenta na mesma proporção do tempo em que o universo se expande?” — disse a Dama Prateada.

Eu me inclinei para a frente na cadeira, para garantir que não perderia uma única palavra. Imaginei Gravidade banhada na luminosidade quente do Mandrake's. Ela abaixaria o garfo para me fitar e ouvir enquanto eu desfiava os mistérios do universo diante dela.

— Essa é uma citação do Stephen Hawking. Propõe o desafio de nos perguntarmos por que, à medida que o tempo avança, tudo descende ao caos. — A Dama Prateada olhou para as estrelas. — Os corpos celestes estão sempre se movendo para longe uns dos outros. E cada vez mais rápido.

Meu entusiasmo foi eclipsado por um sentimento de solidão. Mas, em vez da sensação de sempre, a que eu já estava acostumado, aquela era uma solidão expansiva.

— Os objetos no espaço *precisam* se distanciar uns dos outros — continuou ela. — E precisam fazê-lo cada vez mais rápido. Caso contrário, a força gravitacional de cada um deles atrairia tudo o que existe ao seu redor e ocorreria uma grande colisão intergaláctica no universo.

Pensei nas pessoas que tinham se afastado de mim. Minha mãe saindo de casa quando eu tinha oito anos. As garotas do colégio me enviando mensagens de texto maldosas acidentais enquanto me rejeitavam. Ser separado à força de Gravidade. Era assim que funcionava o universo? Eu estava fadado a ficar sentado no centro da minha existência, assistindo enquanto todos ao redor se expandiam para longe?

— Claro, há corpos celestes que tentam reverter esse processo. — A Dama Prateada ficou de costas para nós e abriu os braços em direção ao céu. — As estrelas começam suas vidas se expandindo. Elas são uma explosão, sempre fazendo força para fora. Mas, no fim, depois de bilhões de anos, as estrelas vão ficando sem matéria para queimar e acabam sendo esmagadas com a mesma facilidade que uma lata de refrigerante.

Senti a cabeça pesar, então descansei o queixo nas mãos ao olhar para cima. Eu me compadeci das estrelas. Estar internado em uma clínica de reabilitação para viciados em videogame graças a forças incontroláveis não parecia tão diferente de ser esmagado pelo vazio do espaço.

A Dama Prateada formou um círculo com as mãos e começou a fechá-lo.

— A matéria da estrela continua se condensando e condensando, ficando cada vez mais pesada, até que o equivalente a *trezentas mil Terras* fica comprimido em um espaço do tamanho deste deserto. — Ela se voltou para nós, o círculo das mãos não passando de um buraquinho de

agulha. — A estrela fica tão pesada que atravessa a malha do universo, rompendo o tecido do tempo e do espaço como os conhecemos.

Caindo no infinito, pensei.

— Para onde é que ela vai? — indagou Parappa, o garoto do nerdcore.

— Exato — disse a Dama Prateada. — Para onde vai?

Para a clínica de reabilitação para viciados em videogame.

Eu me sentia tão pesado e deprimido que pensei que seria capaz de romper o tecido da cadeira de praia.

— Tudo o que os astrônomos sabem é que a gravidade imensa da estrela morta começa a sugar vorazmente todos os objetos ao seu redor, tentando atrair o universo para dentro de novo. — Ela voltou a olhar para o céu. — Sabemos que existem buracos negros pelo espaço. Mas não conseguimos vê-los. Só podemos torcer para identificar sua presença pela maneira como a luz se distorce em direção à escuridão. — Ela sorriu para nós. — Peguem os telescópios, observadores.

Foi assim que passamos os quinze minutos seguintes procurando o nada.

Quando não consegui encontrar buraco negro algum, apenas manchas de luz do tamanho de um cílio, comecei a ficar inquieto e a me perguntar se estava combatendo o vazio esmagador da Vídeo Horizontes com o vigor necessário. O deserto parecia crescer mais a cada dia. E se tentasse voltar a pé, mas as dunas jamais parassem de brotar da terra, se estendendo infinitamente para além do horizonte?

Voltei minha atenção para o terreno ao redor da clínica. Para a direita ficava o Coliseu. Acima dele, imaginei uma bandeira com um M de Miles: *Masmorra concluída*.

Mas havia mais masmorras pela frente.

Ao norte ficava uma paisagem desconhecida de formas bizarras, feito blocos, como se fosse um conjunto gigante de xadrez meio derretido. Ao sul havia uma faixa de areia compacta com linhas arqueadas pintadas e uma lona azul cheia de irregularidades. E ao oeste era possível ver o estacionamento onde estava o carro de G-man, que, caso eu ganhasse, me levaria, triunfante, de volta para casa.

Não havia possibilidade de os dois dias seguintes serem tão prósperos quanto os dois primeiros.

— Observadores — chamou a Dama Prateada. Ela entregou mapas celestes e minilanternas a todos. — Vou lhes dar quinhentos pontos para cada planeta ou aglomerado estelar que vocês identificarem.

Maravilha, pensei, mas logo lembrei que nunca saía de casa e que todas as luzes no céu pareciam iguais.

— Também podem fazer dupla — disse ela. — Quatro olhos é melhor que dois.

O mapa celeste parecia mais um pedaço de papel preto no qual tinham espirrado tinta branca. Se você quisesse saber como conseguir o melhor final em *Mass Effect*, eu seria o cara certo para a tarefa. Mas, quando se tratava de identificar coisas no céu de verdade, precisava de ajuda.

Sondei os rostos na aula das estrelas enquanto Navi voltava à vida ao meu redor, iluminando meus ombros com seu pozinho mágico. *Didlingdingdingding*. Ela voou pelo telhado até... a pessoa mais avoada por ali.

- E aí, Aurora?
- Oi, Miles Prower.
- Quer fazer dupla comigo?
- Para quê?

Apontei para cima.

- Para encontrar estrelas.
- Eu gosto de estrelas.

Sorri.

- Imaginei.

Acenei para Meeki, que estreitou os olhos para mim e foi se juntar ao garoto do nerdcare.

Abri o mapa celeste sobre a mureta do telhado e semicerrei os olhos para observá-lo.

— Ok, Aurora. Você acha que consegue encontrar tudo que estão pedindo nisso aqui?

- Ah, na verdade prefiro os nomes mitológicos das estrelas.
- Como assim?
- Quer que eu leia a sua sorte para você?

Ai, caramba. Eu tinha escolhido o tipo errado de avoada.

— Sou boa nisso — disse ela, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Escuta, a gente precisa trabalhar nessa tarefa. Preciso dos pontos para...

Ela me ignorou e estudou as estrelas.

— Consigo até adivinhar se você vai conseguir sair daqui a tempo para o seu encontro ou não.

Olhei para a Dama Prateada.

- Hum... astrologia não é meio que o oposto da astronomia?

Aurora ergueu a cabeça para o céu.

— Corpos celestes distantes da Terra podem influenciar a órbita do planeta. A Lua altera o ciclo menstrual das mulheres. Não é possível que objetos gigantescos e brilhantes no espaço possam ter *algum* tipo de efeito? Mesmo que seja num sentido meio que de bola de bilhar?

— Não — falei, lembrando os ensinamentos das aulas de física. — Eu exerço mais força de atração gravitacional em você do que Saturno.

Aurora timidamente puxou uma mecha de cabelo para a frente do rosto.

— Você se acha demais, Miles Prower.

— Não estava tentando... — Suspirei. — Está bem. — Cruzei os braços. — Vai, me choca com os seus poderes.

Aurora se inclinou para a frente, levantou a bainha da longa saia de lã e tirou da meia uma bolinha de sementes de dente-de-leão amassada. Olhei para ela com uma expressão de “onde diabo você conseguiu um dente-de-leão e como ele sobreviveu dentro da sua meia?”. Ela não notou nada, segurando a planta contra o céu noturno.

— O dente-de-leão é a flor do cosmos — explicou. — A flor amarela representa o Sol, a branca representa a Lua, e as sementes espalhadas, as estrelas.

— Eles também se desmancham e vagam pelo universo? — indaguei, sarcástico.

— Mais ou menos. — Aurora me entregou a plantinha. — Tente cobrir a Lua com ela. Funciona melhor quando está cheia, mas acho que assim vai funcionar também.

Por que não? Uma bênção divina não me faria mal naquele momento. Fechei um dos olhos e ergui o dente-de-leão, posicionando sua esfera de sementes brancas dentro da lua.

— Sobre — instruiu Aurora.

Obedeci. As sementinhas pálidas caíram pela beirada do telhado em um movimento anticlimático. Aurora, no entanto, olhou para cima, como se estivessem rodopiando entre as estrelas. Ela fitou o céu por tanto tempo que jurei que estava vendo a Via Láctea fluir.

Comecei a balançar os joelhos, impaciente.

— Órion — disse ela, enfim.

Olhei para a única constelação que conhecia: três estrelas em um cinturão reluzente.

— O que é que isso quer dizer?

Eu queria que ela dissesse: *Você sairá daqui na noite de quinta-feira, bem a tempo de ir ao encontro, depois de ter ganhado um milhão de pontos por ter humilhado os outros competidores em todos os eventos — físicos, mentais e emocionais —, mostrando para seu pai, para G-man, para Casey e para todas aquelas garotas do colégio que você tem mais talentos na vida real do que eles jamais poderiam imaginar. E então você irá ao encontro de Gravidade e vai fazê-la cair de joelhos à sua frente. Mas não no restaurante. Essa parte vem depois.*

— Órion é um guerreiro — explicou Aurora.

— Isso parece bom — falei, cruzando meus braços flácidos.

— Ele mata monstros e tem um ego gigantesco. Só que ele é assassinado por um escorpião deste tamanho — explicou ela, unindo o

indicador e o polegar.

— Ah.

— Em outra versão, ele tenta seduzir uma garota, mas o pai dela o deixa cego.

— Nossa.

Eu nem sequer tinha pensado nos pais de Gravidade. Ter um pai aterrorizante já bastava.

— A história que *eu* prefiro — continuou Aurora — é uma em que ele tenta caçar sete irmãs, chamadas Plêiades. — Ela apontou para um aglomerado de estrelas à direita do cinturão de Órion. Depois, foi andando com os dedos alguns centímetros para a esquerda, até um triângulo entre as duas constelações. — Mas as irmãs são protegidas pelo touro, Taurus. Órion acredita que é um herói legítimo, indo atrás daquelas meninas.

— E não é? — indaguei.

Aurora deu de ombros.

— Ele provavelmente teria derrotado o touro, mas aí teve o catasterismo.

Fiz uma careta e cruzei as pernas.

— Ele é castrado?

— Não. “Catasterismo” quer dizer que as garotas o transformaram em estrelas.

Por que todo mundo estava se transformando em constelação e se expandindo para longe de mim?

— Órion vai continuar caçando aquelas irmãs pelo resto da eternidade — disse Aurora com um suspiro, como se a ideia lhe trouxesse paz.

Ficamos em silêncio. O mapa celeste se dobrava com a força do vento.

Não sei o que me inspirou a dizer o que eu disse em seguida: se o fato de Órion correr atrás de algo que jamais alcançaria, a tentativa de Aurora de se conectar com um namorado que não se importava com ela, a expansão eterna do universo...

— Minha mãe é viciada — confessei.

Aurora olhou para mim, tão atenta quanto a lua. Encarei meus tênis.

— Ela sempre me acordava no meio da noite para a gente jogar *Dr. Mario* até as quatro ou cinco da manhã. Eu não entendia por que ela não conseguia dormir. Só ficava todo animado porque ia passar a noite inteira acordado jogando videogame.

Bati com a ponta do pé no chão, recordando aquelas longas noites aninhado ao lado dela, atirando comprimidos multicoloridos em vírus dançantes.

— Os meus pais se divorciaram quando eu tinha oito anos, e fui morar com o meu pai — contei. — Um ano depois, ele me deixou viajar para visitar a minha mãe, mas... Ela não apareceu no aeroporto. Fiquei dez horas esperando com a comissária de bordo, olhando para o rosto de um

monte de estranhos, esperando que algum deles fosse o dela. Ela nunca foi me buscar. — Senti aquela ardência nos olhos e pisquei para afastá-la. — Quando cheguei em casa, meu pai me contou por que ela tinha agido daquela forma. Me contou histórias horríveis sobre drogas e álcool para me convencer a levar uma vida mais disciplinada, que nem a dele. E, durante um tempo, funcionou. Eu estava sempre estudando, sempre lendo, sempre limpando o meu quarto. Nunca bebi nem fumei maconha. Tinha medo de acabar pegando o mesmo vício que pegou a minha mãe. Por isso comecei a jogar videogame. Ha. — Chutei o cascalho. — Acho que foi por isso que ele me mandou para cá. Não quer que eu acabe que nem ela.

— Você quer acabar como a sua mãe? — indagou Aurora.

Não tirei os olhos dos tênis. Temia começar a chorar se olhasse para cima.

— A minha mãe é a pessoa mais legal que conheço. Daquele jeito ela-é-a-minha-melhor-amiga, sabe? — Limpei a garganta. — Quando eu era criança, eu tinha essa sensação... Amava tanto a minha mãe que doía. E foi esse sentimento que ela deixou para trás comigo. Nunca foi embora. Só a vi mais três vezes depois disso. É o meu pai quem decide quando vai acontecer. E, mesmo quando já está tudo resolvido... é... às vezes acontece de ela estar ferrada demais para dar as caras.

As estrelas tremeluziram em lágrimas não derramadas. Parecia que minhas entranhas estavam se desenrolando.

Aurora repentinamente pisou com força no espaço entre minhas pernas.

— Peguei!

Dei um salto.

— Ai! O quê?

Ela ficou envergonhada de repente.

— Estava fingindo ter pisado em um escorpião para salvar você. Deixa pra lá. Foi só uma brincadeira.

— Você é bem esquisita — falei. Fechei as pálpebras com força e tentei me livrar daquele sentimento de vulnerabilidade. — Então — limpei a garganta outra vez —, qual é o significado de Órion para o meu futuro?

Aurora observou o telhado por um momento. Depois, jogou a cabeça para trás, fungando, e examinou o céu noturno novamente, os olhos brilhando.

— Você vai ficar um bom tempo aqui, Miles Prower.

Cocei o braço, irritado. Eu tinha aberto meu coração para aquela garota; o mínimo que ela podia fazer era me falar algo legal.

Joguei lá embaixo o talo vazio do dente-de-leão.

— Gostava mais da ciência que dizia que as estrelas estavam sendo esmagadas até morrer. — Fui até a Dama Prateada. — As constelações

valem ponto? — indaguei.

Ela me lançou um olhar professoral.

— Constelações não fazem parte da ciência.

— É, eu sei. — Olhei para o céu. — Que droga que o espaço esteja tentando extinguir todas essas estrelas bonitas.

— Na verdade — corrigiu ela, seguindo meu olhar —, não é o espaço que faz isso. As estrelas são esmagadas pela própria gravidade delas. Estão lutando contra si mesmas. Desculpe se não fui clara.

Ah. Talvez eu não devesse ter pena delas, afinal.

Entreguei meu mapa celeste vazio à Dama Prateada.

— A gente não encontrou nada.

Recebi meu pergaminho carimbado de volta e estava a caminho do andar de baixo quando Fezzik “casualmente” se aproximou da Dama e se sentou na beirada de uma cadeira de praia. O objeto inteiro caiu para a frente, e ele segurou o braço da moça por instinto, quase o deslocando com a força.

Suave, Imperador.

Ainda assim, desejei boa sorte a ele. Alguém precisava tirar algo de bom da aula das estrelas.



457.000 PONTOS



1 DIA, 4 HORAS ATÉ GRAVIDADE

3... 2... 1...

Na manhã seguinte, eu estava a *toda*: três mil pontos por correr três voltas; mil por cumprimentar G-man sem sarcasmo; dois mil por ajudar Cooking Mama a fazer um *parfait* dos deuses; mil por passar o rodo no tampo das mesas do Rango; e três mil por elogiar as pinturas de merda de todos os jogadores enquanto limpava os pincéis.

Se meu pai queria que eu me comportasse bem e fizesse as tarefas de casa, era só implementar um sistema de pontos que me recompensasse com um encontro com uma garota linda (sem envolver prostituição, claro).

No Rango, Meeki e Aurora discutiam algo aos cochichos. Aurora secava lágrimas do rosto. Ignorei aquilo e comi meu sanduíche de pasta de atum enquanto Sopa dirigia uma vagem francesa pela superfície da bandeja, fazendo curvas audaciosas ao redor da “montanha de purê de batata” e saltando da “rampa de *drumet*”.

- Você vai ficar em último lugar por mim hoje, parceiro? — indaguei.
- Pode crer! — exclamou ele.

* * *

Eu estava de pé em uma duna e observava a Pista Dry Dry Desert. Tinha o formato parecido com o de uma concha (ou da patinha de um filhote de gato, de acordo com Sopa). Apesar de sua forma adorável, apostar corrida ali parecia uma tarefa diabólica. Da linha de partida, os corredores podiam pisar no acelerador por algumas dezenas de metros, até toparem com uma curva fechada para a direita, depois outras quatro mais largas e, finalmente, outra pista reta até a linha de chegada.

Meu coração martelava na garganta. Havia muita coisa em jogo naquela corrida. Eu *tinha* que sair de lá com o ouro.

O sol começava a descer no horizonte, criando serpentes invisíveis na areia e me assando dentro da camiseta preta. Puxei a gola da blusa, fazendo um pouco de ar entrar e refrescar o peito. Pelo menos em *Mario Kart* eu nunca tivera que me preocupar com o suor escorrendo para dentro dos olhos.

Algo macio tocou minha testa. Sopa, de peito nu, estendeu para mim sua camiseta.

— Você pode fazer uma bandana — sugeriu.

— É, não, valeu.

Descemos a duna e nos juntamos aos demais Fury Burds perto da lona azul cheia de caroços.

— A grande corrida de Chocobo! — exclamou Fezzik, borrifando limpa-vidros no visor dos nossos capacetes.

Sopa pegou um pano para ajudar. Meeki estalou os dedos. Aurora fechou um olho e traçou a pista com o dedo.

O treinador apitou, e os jogadores se juntaram e cercaram a grande lona no chão. Ele explicou que cada competidor teria que completar três voltas evitando ao máximo fazer de ultrapassagens nas curvas. Em seguida, puxou o tecido, revelando seis karts.

— Isso, sim, é que é corrida de kart! — disse Sopa. — Sacou? — Ele me cutucou. — Miles? Você pegou a piada de *Star Wars* que eu acabei de fazer?

— Preciso que você pare de falar imediatamente.

— Ok.

A pintura dos karts tinha sido lixada, deixando apenas a silhueta apagada do logotipo da Colônia de Férias Sol Alegre no metal cinza. O que me fez lembrar: a clínica ainda estava em fase beta. Eu faria o que fosse necessário para vencer — trocar pneus ou veículos, até convencer Sopa a subir no capô do kart e cuspir gasolina no carburador.

Navi ressurgiu, rodopiando ao redor dos meus ombros. Tinha que haver alguma maneira de tirar vantagem daquela situação.

— Jogadores? — G-man bateu palmas. — Antes de vocês saírem cantando pneu por aí, preciso fazer um rápido pronunciamento tendo em vista a sua segurança. — Ele juntou as mãos como se estivesse fazendo uma súplica. — Isto aqui não é *Gran Turismo*, certo? Muito menos *Mario Kart*. Então, nada de ficarem batendo uns nos outros e nada de jogarem cascas de banana na pista. Ha-ha.

Ninguém riu.

Pelas costas dele, Espantalho e eu nos encaramos. Afinal, G-man não mencionara *Twisted Metal*.

— Estou metaforicamente regulando o velocímetro de vocês — continuou ele. — Estão proibidos de passar dos quarenta quilômetros por hora, ou serão desqualificados. Está entendido?

— Sim! — disse Sopa.

— Preciso ouvir todo mundo concordar — disse G-man.

— Sim — respondemos todos.

Argh. Por que não nos deram bichos-preguiça em vez de karts de uma vez? Navi murchou e evaporou. Talvez não houvesse jeito de trapacear daquela vez.

— Não façam essa cara — disse G-man. — Vocês estão tendo a oportunidade de correr em karts de verdade! É muito melhor do que guiar um carrinho digital com um controle. — Ele fez sinal de positivo com os dois polegares. — Preciso partir para fazer uns relatórios de despesas, mas divirtam-se!

G-man bateu palmas mais uma vez e depois voltou para o prédio da Vídeo Horizontes com uma corrida leve. O treinador pigarreou.

— Os Master Cheefs vão ter um acréscimo de cinco segundos no tempo final, e os Sefiroths, um decréscimo de cinco segundos.

Maravilha, o Casco Azul da Vídeo Horizontes. Agora eu teria que me preocupar também com os Sefiroths.

— Dividimos vocês em três corridas com treze jogadores cada — explicou o treinador. — Os medalhistas de ouro, prata e bronze vão ser determinados pelos melhores tempos finais. Aqui estão os seus grupos.

Ele jogou a prancheta no chão, e os jogadores se juntaram ao redor dela.

Fiquei no terceiro grupo:

Dríade
Sopa
Sir Arturius
Eu
Leão

Graças a Deus, Sopa estava comigo. Ao menos eu não chegaria por último.

— Cara — comentou Leão para Homem de Lata, que estava por perto. — Vou ser que nem aquele moleque que atropelou o pai depois de ter ficado sem *Halo*. — O garoto fez um som semelhante ao de um motor enquanto passava um carro invisível por cima de um corpo imaginário. — *Bump, bump*. Ha-ha... E o que é que *você* está olhando?

Rapidamente desviei os olhos.

— Eba! Miles, a gente vai competir junto! — exclamou Sopa, me puxando pela manga da camisa. — Vou chamar o meu kart de Sr. Vruum. Qual vai ser o nome do seu?

— Não vou dar um nome para o kart.

Gravitador, pensei.

O primeiro motor roncou, ganhando vida. O som baixo e sujo despertou algo em mim. Em um primeiro momento, achei que fosse a sensação metálica e fria do medo. Mas, à medida que se espalhava pelo meu peito e se transformava em meus pés batendo no chão, em meus punhos se cerrando, em mercúrio nadando pela minha cabeça, entendi que era algo um pouco maior que medo. Era determinação.

Assisti à primeira corrida da lateral da pista enquanto os karts zumbiam pelas curvas como abelhas e rosnavam pelas faixas retas como... jaguares, acho. Na minha cabeça, comecei a me comparar com os demais competidores. Eu não era tão pesado quanto Homem de Lata, que se avultava para fora do carrinho e zunia nas retas, mas com certeza também não era tão leve quanto Aurora, que ultrapassava, com toda delicadeza, os corredores mais avantajados durante as curvas serpenteantes.

Eu era um peso médio: com velocidade e destreza razoáveis, nem demais, nem de menos. O Mario de *Mario Kart*... ou pelo menos esperava que fosse.

— Você parece nervoso — observou Sopa, dando tapinhas no meu ombro. — Quer que eu bata com o kart nas outras pessoas para deixá-las mais lentas?

— Quero — respondi. — Quero, sim.

Ele hesitou.

— Se eu fizer isso... a gente pode se encontrar de novo quando voltarmos para casa?

— Hum...

Os olhos dele irradiavam carência e desespero. Mas, no fim, eu também sentia aquilo.

— Fechado. Se você me ajudar a ganhar, a gente pode se encontrar de novo.

Sopa quase explodiu de alegria e soltou um gritinho agudo.

— É sério? Eu moro na West Chesterton, número 2165, em Salt Lake City!

Tentei esconder meu choque. A casa de Sopa ficava a seis quarteirões da minha.

— Nossa, é muito longe — menti, não querendo que ele tivesse nem a menor noção de onde eu morava. — Eu, hum, vou lá encontrar você.

Na segunda corrida, Aurora, Sopa e Fezzik vibraram e torceram por Meeki enquanto ela completava o circuito. Meus olhos se mantiveram fixos em Espantalho, que permaneceu na liderança até que Meeki o alcançou na terceira volta e, no último segundo, o cortou de tal maneira que os dois rodopiaram e pararam, pouco antes da linha de chegada. Quando saíram da pista, Meeki tirou o capacete e perguntou a ele:

— O que é que foi? Deu de cara com a Grande Muralha da China?

Espantalho cuspiu no asfalto.

— Acho que é verdade o que dizem sobre asiáticos ao volante.

— Isso aí, Meeki! — berrou Fezzik. — Agora usa o ataque Whirlwind! A Dama Prateada bufou e deu uma cotovelada nele.

Fezzik enrubesceu.

— Quer dizer, esse tipo de comportamento não é aceitável! — gritou.

Observei quando ele pousou a mão gigantesca no ombro da Dama Prateada. Ela não a removeu.

Mandou bem, Imperador.

O treinador apitou e começou a fazer alguns cálculos rápidos na prancheta.

— Depois de duas corridas, os líderes até o momento são Parappa em terceiro, com seis minutos e dois segundos, e Homem de Lata em segundo, com cinco minutos e quarenta e seis segundos. Finalmente, o primeiro lugar fica com... *Devastator*, com cinco minutos e quarenta e dois segundos.

— Foi mal, cara! — disse *Devastator* para Homem de Lata, que parecia pronto para esmagar o garoto com as próprias mãos.

— Grupo três! — chamou o treinador. — É a vez de vocês.

Trinquei os dentes e segui em direção à linha de chegada. Cinco minutos e quarenta e dois segundos. Eu podia fazer um tempo melhor do que aquele. Provavelmente. Passei por Leão, que estava prendendo a juba; por Sopa, que me deu um tapa na bunda; por Dríade, que arrumava o capacete nos cabelos finos e esvoaçantes; e afundei no banco de plástico quente do kart.

O Gravitador dava a impressão de ser menos um carro e mais o esqueleto de um. Não, não era isso. Estava mais para a carapaça de um besouro. Girei o volante, movimentando de leve os pneus dianteiros. O capô estava voltado para o leste, na direção de casa. Se eu não virasse na primeira curva à direita, se saísse da pista e atravessasse o deserto, talvez pudesse voltar para Salt Lake. Claro, se não ficasse sem gasolina ou fosse interceptado pelo Oldsmobile de Command.

Liguei o motor, e o kart voltou à vida com um tremor, fazendo minhas tetas masculinas balançarem mais que todos os seios em *Dead or Alive: Xtreme Beach Volleyball*. Inspirei o cheiro inebriante de gasolina e canalizei minha energia cinética infinita a fim de concentrá-la no motor do meu coração.

Levei os lábios ao volante do Gravitador.

— Esta pista é aquela gostosona da escola — falei. — Você usa e depois joga fora.

— Você é nojento.

Eu me virei e vi Dríade no kart ao lado. Não tinha me dado conta de que alguém podia estar ouvindo.

— Sério? — indaguei. — Isso vindo da garota que está namorando o babaca mais seboso do mundo?

Ela estreitou os olhos e colocou o capacete.

O treinador foi até a linha de largada e ergueu a pistola de partida para o céu.

— Três... dois... um...

Disparou.

Afundi o pé no acelerador.

O motor do Gravitador *rugiu*.

O carro avançou para a frente com um solavanco engasgado.

Dríade zuniu adiante. A juba de Leão a seguia não muito atrás. Até mesmo Sir Arturius passou por mim como se eu fosse uma pedra em um rio de correnteza forte. Apenas Sopa permaneceu atrás do grupo, esticando a mão para trás a fim de me puxar para a frente.

Ignorei-o e soquei o volante do kart.

— *Anda!*

Fiquei para trás na reta, o velocímetro fazendo uma subida lenta até o número quarenta. Tinha que admitir que a culpa estava no fato de eu ser gordo. Eu era gordo, e aquela era a prova. Não tinha pedido para nascer daquele jeito ou para ter os genes da minha mãe e ser um dos poucos que entendiam que folhados congelados preparados no micro-ondas eram a definição de comida perfeita.

Chegamos à primeira curva, e soltei o acelerador. A agulha oscilava perto de quarenta. Os demais corredores tinham duas curvas de vantagem sobre mim. Eu tinha que vencer Sir Arturius e Dríade com pelo menos cinco segundos de diferença. *Dane-se*. O treinador estava do lado oposto da pista, distante o suficiente para provavelmente não ser capaz de distinguir se estávamos ultrapassando a velocidade máxima ou não.

Afundi o pé no acelerador a ponto de encostá-lo no chão. Serpentei pela concha de asfalto, os pneus cantando para a esquerda, depois direita e depois esquerda outra vez, e ganhei velocidade suficiente para ultrapassar Sopa, que vibrou, depois Sir Arturius, cujos xingamentos antiquados foram abafados pelo exaustor.

Ao me aproximar de Leão na curva final, ele ouviu meu motor roncando e colocou o próprio acelerador para trabalhar. Dríade, por sua vez, ouviu o motor dele e seguiu seu exemplo. Chegamos à curva fechada, e, enquanto os veículos de Dríade e Leão derraparam para fora da pista e para uma camada fina de areia, meu peso fez com que os pneus do Gravitador ficassem ancorados no asfalto, me mantendo no caminho. Ganhei velocidade, passei batido por Leão e agradei a cada folhado congelado que já comera na vida ao chegar à liderança. A pista voltou a ficar reta, e assisti a mim mesmo zunindo na dianteira no reflexo escuro do visor de Dríade.

ISSO AÍ.

Mantive a liderança durante o trecho final da primeira volta, depois desacelerei. Cruzei a linha de chegada com a velocidade cravada nos quarenta quilômetros por hora, os óculos do treinador fixos em mim. Quinze metros à frente, voltei a acelerar.

O Gravitador roncou. A trilha sonora de *Halo* ribombou pelo ar. Percebi que estava cantarolando.

— *Bumbumbum BUUUUUM! Bumbumbum BUUUUUM!*

Eu era o Capitão Falcon. Era Sonic. Era... rápido pra dedéu.

Na segunda rodada de curvas, Dríade surgiu com o carro no meu ponto cego. Mas, além de peso extra e de maior controle, eu tinha outra vantagem. Era atraído por Gravidade. Dríade era cuidadosa nas curvas; eu as comia vivas. Ela afundava o pé no acelerador durante as retas; eu estava quase quebrando o chão do carro com a força do meu. Tinha mais medo de perder meu encontro e ficar preso na v-hab do que de morrer ali.

Permaneci em primeiro lugar pela maior parte da segunda volta. Mas, no trecho final, meu motor engasgou como se tivesse sido jogado em um triturador.

KKKKKRRRRRUUUKKK-KK-KK-K.

Meu velocímetro despencou para vinte e quatro quilômetros por hora.

— **NÃO!** — gritei por cima do terrível ruído de trituração. — **GRAVIDADOR, VOCÊ NÃO PODE MORRER AGORA! NO SEGUNDO QUE A GENTE CRUZAR AQUELA LINHA DE CHEGADA, VOCÊ TEM A MINHA PERMISSÃO PARA BATER AS BOTAS! NEM UM SEGUNDO ANTES!**

Ele me ouviu. Gravitador realmente me obedeceu. Engoliu o que quer que tivesse ficado preso no motor e trotou adiante como uma égua vivaz.

— Ha-ha! — Dei tapinhas no volante. — O papai aqui vai comprar um coquetel de óleo para você mais tarde. O que você quiser, amorzinho.

Tinha perdido a vantagem. Dríade me ultrapassou, jogando areia para cima, que acertou meu capacete. Na reta final, nós dois desaceleramos. Ao passarmos pela linha de chegada, o treinador gritou:

— Mais devagar!

Dei um descanso ao acelerador até quase a metade da reta. Logo depois, afundei o pé no pedal outra vez.

A volta final.

Sopa dirigia tão devagar que chegamos a ultrapassá-lo com uma volta inteira de diferença. Ele acelerou quando passei e acenou. Apontei para Dríade.

— Pega ela!

Sopa foi de encontro à menina, forçando-a a desviar e quase perder o controle do carro. Ri como um louco. Não queria que o kart dela explodisse nem nada assim. Talvez apenas que um pneu estourasse.

A borracha cantou quando fiz a primeira curva e costurei as outras. No último trecho sinuoso, Dríade surgiu ao meu lado, como se tivesse brotado do chão. Amaldiçoei a inépcia de Sopa. Ela virou e seguiu páreo a páreo com meu kart, alinhando nossas rodas com perfeição e me forçando mais para dentro da pista. Sopa tentou acelerar e se meter entre nós a fim

de me proteger, mas Dríade o bloqueou. Virei o volante com força para a esquerda, batendo nas rodas dela. Ela derrapou, mas se recuperou e partiu para a vingança. Nossos pneus se separaram ao cantarem durante a curva final, e pisamos no acelerador outra vez.

Dríade e eu estávamos nariz com nariz durante o último trecho de pista. Olhei adiante para o treinador. Precisava que Dríade perdesse o controle da direção a tempo de desacelerar para os quarenta quilômetros por hora permitidos a fim de não ser desqualificado da prova. Mas, antes que eu pudesse agir, Dríade se chocou contra mim com toda a força. Meu kart guinou para a direita, mas quando tentei me recuperar e dar o troco, ela desviou para a esquerda.

Os pneus do Gravitador deslizaram como manteiga pela pista arenosa, me fazendo rodar e me deixando paralelo à linha de chegada, que se aproximava rapidamente.

Em seguida, Sopa bateu de frente na lateral do meu kart.

Diziam que sua vida passava como um filme diante de seus olhos em momentos assim. Diziam que era normal pensar no que você fez ou deixou de fazer. Em seus entes queridos. Ou em seus inimigos. Os momentos de alegria. Os arrependimentos.

Mas meu único pensamento foi: *Meu rosto! Gravidade!*

E depois: *Será que ela acha cicatrizes de guerra iradas?*

Senti meu estômago ser alçado no ar, o horizonte girar, e de repente minha cabeça estava vibrando e sacolejando. Centelhas explodiram no meu campo de visão. Metal guinchou, estridente, nos meus ouvidos.

Então, escuridão.

* * *

Acordei e ouvi o som de passos apressados.

Em seguida, o horizonte se endireitou, enquanto minha cabeça balançava para a frente e para trás. Senti meu capacete deslizar dos cabelos.

— Miles? Está tudo bem? Miles! *Miles!*

Um polegar abriu minhas pálpebras; uma, depois a outra.

— Ele está consciente — afirmou o treinador. — Consegue focar os olhos em mim?

Tentei. O mundo não passava de um borrão.

— Como é que você está se sentindo? — perguntou.

Fiz uma pequena pesquisa. Cabeça: bem. Pescoço: um pouco dolorido. Ombro: ardendo, coberto de sangue.

As lembranças da corrida voltaram.

Eu tinha batido. Tinha perdido.

Rolei para fora do kart e cambaleei um pouco ao colocar meu peso nos pés. As pessoas ao meu redor pareciam submersas.

— Opa, garoto — exclamou o treinador. — Você precisa ficar sentado.

Senti a mão de alguém no meu braço. Pisquei. Dríade.

— Ai, meu Deus, você está bem? Não era minha intenção...

Empurrei-a para longe e caminhei na direção da linha de chegada, onde o resto dos jogadores estava aglomerado, assistindo a tudo. A areia parecia líquida sob meus pés. Meu ombro estava começando a queimar, mas minha fúria me entorpeceu e me protegeu da dor. Tudo foi ficando mais claro à medida que eu andava.

Encontrei o jogador mais magricela e lhe dei um empurrão.

— Qual é o seu problema? — perguntei a Espantalho.

Ele pressionou o peito contra o meu e me encarou. Cerrei os punhos, soltando fogo pelas ventas. Os observadores formavam um círculo de sombras à nossa volta.

— Por que é que você está com raiva *dele*? — indagou Meeki. — Ele não estava nem correndo. Foi a Dríade quem bateu em você.

Espantalho e eu a ignoramos. Estávamos concentrados apenas um no outro.

— Sei que foi você quem planejou isso tudo — acusei. — Você mandou a sua *mulher* ir atrás de mim.

Ele não respondeu.

— Você me odiou desde o meu primeiro dia aqui por razão nenhuma — continuei.

Ele sorriu, o nariz perto do meu.

A mão de alguém tocou meu ombro não ensanguentado.

— Garoto — chamou o treinador —, precisamos levar você para a enfermaria.

— Agora não é hora para isso — intrometeu-se Fezzik, colocando a mão entre nós. — Podemos marcar uma reunião...

— Não — falei, me desvencilhando da mão do treinador e pressionando o corpo contra o de Fezzik, de modo que meu peito continuasse encostado no de Espantalho. — Quero saber por que você me odeia tanto. Por que sabotou a corrida e me... me fez perder *tudo*. Anda.

— Abri os braços para abarcar a plateia. — Conta para todo mundo.

Os jogadores ficaram ao nosso redor, escutando.

O sorriso torto de Espantalho se tornou uma linha reta. Ele olhou para baixo e passou a mão pela boca.

— Você e eu jogamos *DotA* um contra o outro uma vez.

Defense of the Ancients. Um jogo com o qual eu e os Cavaleiros Espectrais passamos meses obcecados.

— E? — perguntei.

— Você... você me disse para ir foder a minha irmã.

Todos prenderam a respiração. Senti tonteira.

— Isso... Eu nunca diria uma coisa dessas.

Diria, sim. No auge de uma batalha, com certeza diria.

Todos me encaravam com expressões de choque. Evitei os olhos de Aurora.

— Depois disso — continuou ele —, fui olhar o seu nome de usuário e perfil e encontrei uma foto sua.

Engoli em seco.

— Foi no calor do momento.

Espantalho me encarou.

— A minha irmã tem síndrome de Down.

Senti meu rosto desmoronar. Todos os Sefiroths e Cheefs e Meeki me vaiaram.

— Anda, Miles — chamou Fezzik, tocando meu ombro bom. — Vamos levar você para a Fonte das Fadas.

Ele foi me guiando até o prédio da clínica. Olhei para trás bem a tempo de ver o sorriso torto voltar ao rosto de Espantalho. Aquele *filho da mãe*.

— Fezzik, olha só! — Apontei. — Ele está até sorrindo!

O líder de guilda não olhou.

— Aposto que nem irmã ele tem de verdade — resmunguei, ainda olhando para trás. — Aposto que só acabei com ele no *DotA* e agora ele está querendo se vingar.

— Você disse mesmo o que ele acusou você de dizer? — indagou Fezzik.

— Eu... — Não respondi.

— Não se preocupe. Não vou tirar nenhum ponto por isso. Se aconteceu antes da Vídeo Horizontes, está fora da minha jurisdição. Mas acho importante você refletir sobre como as suas palavras afetam os outros, mesmo quando você acha que está protegido pelo anonimato.

— Por quê? — indaguei. — Qual é o propósito disso, se acabei de perder a corrida e não vou conseguir sair daqui a tempo do meu encontro e depois vou ser rejeitado por todas as outras garotas que conhecer na vida?

Antes que ele pudesse responder, dois bracinhos esqueléticos envolveram minha cintura e apertaram.

— Miles! Miles, Miles, Miles! — exclamou Sopa, dando pulinhos e sacudindo minha gordura abdominal. — Você conseguiu!

— Cuidado, Sopa — advertiu Fezzik. — Ele acabou de sofrer um acidente.

— Consegui o quê? — perguntei, retirando Sopa de cima de mim.

— Você venceu!

— Eu... venci? — Eu me virei. Meu kart tinha continuado e ultrapassado a linha de chegada. E o de Dríade... Permanecia atrás dele.

Ela havia parado para ver se eu estava bem. Senti meu coração ficar leve.
— É sério?

— Sim. — Fezzik assentiu. — Você foi derrapando até o outro lado.

Sopa deslizou a mão pelo ar.

— Você foi tipo *psh knch prk pou! Bang!* Ha-ha! Só estou rindo porque você está bem e porque ajudei na vitória, então a gente vai poder se encontrar fora daqui! Hi, hi, hi. — Ele colocou a mão na minha barriga e nas minhas costas e me balançou. — Você odeia quando faço isso?

— Venci? — repeti.

Fezzik fez que sim com a cabeça.

— Até onde me lembro, você estava competindo para conseguir o melhor tempo.

Era como se alguma força invisível tivesse puxado meu kart para o outro lado daquela linha de chegada. A força de atração gravitacional era forte e estava me ajudando a vencer em tudo.

Meu encontro era predestinado.

Dei meia-volta e fui caminhando na direção do treinador outra vez a fim de carimbar meu pergaminho. Sopa saltitava ao meu lado e cantarolava:

— Ajudei você a ganha-ar! Empurrei o seu ca-rrro! Agora você tem que brincar comigo quando a gente voltar para caaaa-sa!

Não podia contradizê-lo. Ele tinha mesmo me ajudado a vencer — de uma maneira muito bizarra. E eu tinha prometido encontrá-lo. Isso não queria dizer que tinha que parecer animado com a ideia.

— Fora isso... — disse Sopa, como se pudesse sentir minha hesitação. Então, fez movimentos imitando os de bordar.

Rapidamente bati nas mãos dele para abaixá-las. Depois, sorri. Tinha quase esquecido. Os bordados em ponto cruz. Fariam meu desfalque de três mil pontos desaparecer.

Dei tapinhas na cabeça de Sopa.

— Deixo você ficar me vendo jogar videogame na sua casa.

— Isssssssoooooo!

Ao nos aproximarmos do treinador, Espantalho passou marchando por nós. Dríade o seguia, dizendo “Só queria ver se ele estava bem!”. Ela nem olhou na minha direção. Por mim, tudo bem.

Estendi o pergaminho ao líder da guilda. Ele não fez menção de pegá-lo.

— Você ultrapassou o limite de velocidade.

— Verdade — falei, todo sorrisos. — E também quase morri. — Enrolei a manga ensanguentada e lhe mostrei meu ferimento de guerra. Suguei o ar por entre os dentes, ainda que já não estivesse doendo tanto.
— Ia odiar ter que processar este lugar.

O treinador cruzou os braços, fazendo seus mamilos parecerem mais raivosos do que o normal.

— Você já usou essa tática antes.

Permaneci firme.

— Com certeza.

Acabou funcionando da segunda vez também.



718.000 PONTOS



1 DIA, 2 HORAS ATÉ GRAVIDADE

Conquistas

— Acho que um pouco de descanso ia fazer bem a você, aventureiro — sugeriu Fezzik, no Ninho.

— Ah, não, estou bem. — Movimentei o ombro, tentando não fazer uma careta de dor. — Eu realmente — *preciso de pontos* — não quero perder a sessão de terapia.

Fezzik assentiu.

— Não quero que você perca nada também. Ainda mais considerando que esta pode muito bem ser a sua última sessão. He-he. Só me prometa que vai dar uma passada na Fonte das Fadas quando a gente tiver terminado.

Fiz sinal de positivo com o polegar e me juntei ao círculo da guilda.

— Não é justo! — exclamou Sopa. — Por que é que a Aurora pode ficar sentada perto de você?

Aurora e eu nos entreolhamos, constatamos que estávamos a apenas centímetros de distância um do outro e nos distanciamos.

Fezzik fechou as persianas e acendeu as lâmpadas fluorescentes, fazendo com que todos nós parecêssemos queimados de sol e exaustos.

— Que corrida de Chocobos emocionante a de hoje, pessoal! — começou ele. — Ainda mais para você, Miles. Nada como algumas cicatrizes de guerra para mostrar em casa, não é?

Massageei o ombro e sorri. Finalmente poderia compartilhar a história de cicatrizes reais com uma menina de verdade.

— Aquilo foi a maior loucura! — exclamou Sopa. — Miles estava dirigindo, aí fez, tipo, *vvrrrrrrruunnnnnnnnn... e depois rrrrrrrttttttttt...*

— Prefeito da Fury Burds? — chamou Fezzik. — Vamos conversar sobre uns assuntos bem pesados hoje. Tenho sua permissão para começar?

Sopa juntou as mãos entre os joelhos.

— Tem, sim.

— Obrigado. — Fezzik se voltou para a guilda. — Hoje quero começar falando sobre o desejo de ser importante.

Apesar da dor no ombro, eu estava radiante. Aquela podia ser minha última sessão de terapia. Se participasse de todas as atividades, entregasse os bordados de Sopa como meus e ganhasse apenas mais um ouro, eu conseguiria alcançar meu objetivo. Puta merda, ia conseguir. Eu me sentia invencível.

Havia apenas um problema. Se e quando vencesse o campeonato de paintball, teria apenas duas horas para voltar a Salt Lake City. Command levava mais de uma hora para chegar à Vídeo Horizontes, o que significava que estava correndo contra o tempo. Eu me perguntei se G-man teria que me levar direto ao Mandrake's ou se daria para dar uma passada em casa e tomar uma chuveirada.

— Todos nós queremos um lugar ao sol — afirmou Fezzik. — Queremos ser reconhecidos, seja por boas notas, namorados, namoradas, prêmios, bolsas de estudo e por todas as coisas que nos fazem nos sentir bem-sucedidos.

Já não havia tempo para depilar as costas e o rego. Mas definitivamente eu precisava de uma muda de roupas nova. Pareceria um idiota se aparecesse vestindo a camiseta do *Super Mario Bros.* que estivera usando no lava jato. E minhas calças brancas já não eram atraentes ou lisonjeiras desde *antes* daqueles quatro dias passados no deserto. Agora, eu parecia um marshmallow tostado que tinha caído na areia.

— Nós *nos sentimos* importantes quando jogamos — continuou Fezzik. — Nos sentimos poderosos. O problema é: quanto mais você investe nesses outros mundos, mais você perde na vida real. É óbvio que, para todo mundo aqui neste círculo, a atração que esses outros universos exercem é forte. É fácil se perder em uma paisagem fantástica onde há desafios claros, ambientes envolventes e um personagem atraente cujos gráficos você pode alterar como quiser... Diferente do nosso corpo real. Heh.

— No seu caso, pode até ser — retrucou Meeki.

— He-he. Excluindo você, claro, Meeki.

Talvez eu pudesse comprar algumas flores no caminho para o restaurante a fim de desviar a atenção da calça. Ou talvez pudesse pegar um dente-de-leão com Aurora e mostrar a Gravidade como ele simulava o universo.

— O que interessa — retomou Fezzik — é que esses mundos podem fazer vocês esquecerem o que é importante de verdade. Saúde. Higiene. Estabilidade emocional. Quando você só tem videogame na cabeça, todo o resto recebe uma atenção mínima. E quem é que pode culpá-los? O mundo em que vivemos é brutal. Você nunca vai ser o melhor goleiro ou o melhor artista ou o melhor aluno. Isso não é uma coisa fácil de engolir. A vida real parece ter sido projetada para fazê-los se sentirem impotentes. Os jogos, no entanto, são criados para fazer vocês se sentirem os seres mais importantes no universo. É isso que faz deles um vício psicológico.

Tomei um susto quando notei que Fezzik estava me encarando.

— É por isso que vocês estão aqui. — Ele olhou para Aurora. — Para aprender como aproveitar o fato de serem bons e competentes na vida real. — Fezzik voltou o olhar para Meeki. — Para descobrir o poder que existe

em lavar a louça e se exercitar e socializar. — Olhou para Sopa. — Para aprender que as coisas mais desconfortáveis na vida são, muitas vezes, as mais gratificantes. — Fezzik se virou para Zxzord, desmaiado na cadeira. — Para aprender como se divertir sem recorrer a estimulantes que sejam prejudiciais a vocês. — Ele bateu na perna. — Se conseguirem fazer tudo isso, só posso dizer uma coisa: joguem tanto videogame quanto quiserem. Só não contem ao G-man que falei isso. He-he.

Aquela conversa era desnecessária para mim. Eu estava *arrasando* na vida real. Naqueles últimos dias, tinha ficado em terceiro lugar em uma competição esportiva, feito uma bola de pingue-pongue levitar e ganhado a medalha de ouro em uma corrida de kart.

Fezzik esfregou as mãos.

— Alguém aqui quer conversar sobre os obstáculos que enfrentou na vida real?

Aurora levantou a mão.

— Aurora. Excelente.

— Parece que os obstáculos da vida real estão sempre em movimento — ponderou ela, enrolando uma mecha de cabelo nos dedos. — Você quer fazer uma coisa, tipo, pintar uma parede. Mas aí vê que é muito mais difícil do que tinha imaginado que seria. A tinta não é tão bonita quanto era no mostruário, e os rolos não param de grudar, e aquele tom verde horrroso da parede antiga nunca chega a desaparecer, mesmo depois de três demãos. E aí, do nada, já está escuro lá fora, porque passou o dia inteiro pintando, e você fica frustrado e tenta trabalhar mais rápido, mas acaba chutando e derrubando uma lata de tinta e, pronto, mais um obstáculo, que é convencer seus pais a comprar um carpete novo.

— Parece que você está falando por experiência própria — observou Fezzik. — He-he. Depois de um fiasco desses, não é de se admirar que você queira jogar um game em que as regras sejam tão simples quanto ALI! DRAGÃO! MATAR! Heh. Excelente, Aurora. Alguém mais tem exemplos de obstáculos frustrantes com que nos deparamos na vida?

O machucado no ombro tinha começado a me incomodar. Tentei coçá-lo com tanta delicadeza quanto era possível, mas só acabei piorando a situação, então desisti.

— Miles? — chamou o líder da guilda. — Se continuar do jeito que está indo, pode ser que amanhã já esteja de volta à vida real.

— Nãããããooooo — exclamou Sopa.

— Sim — retruquei.

Meeki fingiu uma tosse sarcástica.

— Saúde — falei.

— Como é que pode ser justo ele ir embora tão cedo se nem aprendeu nada? — reclamou ela, parecendo pronta para me matar.

Revirei os olhos.

— Pode elaborar um pouco mais, Meeki? — pediu Fezzik.

— Posso, sim. Tem *gente* aqui que está tentando crescer como pessoa para poder sair e ver os amigos e a família.

— Ah, sério? — falei. — Até onde sei, você nunca nem chegou a admitir que bateu no seu irmão.

— Hum... — fez Meeki. — Engraçado ser *eu* quem não quer admitir que bateu em alguém.

Aquilo me fez calar a boca. Por sorte, Fezzik parecia estar concentrado no assunto da conversa.

— É verdade que a vida nem sempre é justa. Na maior parte do tempo, na verdade. Algumas pessoas têm mais privilégios que outras. Podem ter algum tipo de vantagem e obter sucesso mais rápido.

E algumas pessoas são apenas naturalmente mais talentosas, pensei.

— Essa pode ser outra razão para os videogames serem tão atraentes — ponderou Fezzik. — Todo mundo começa no mesmo nível quando pegamos o controle. Jogos são ótimos equalizadores.

Meeki assentiu.

Mais uma vez, Fezzik voltou sua atenção para mim.

— Miles, digamos que você seja, de fato, liberado amanhã. O que você acha que aprendeu durante a sua estadia aqui?

— Muita coisa.

— Tipo o quê?

— É, tipo, que não sou péssimo em Four Square ou corrida de kart ou... bordado.

— Ele é bom *mesmo* em bordado — acrescentou Sopa. — O melhor de todos.

Arregalei os olhos para ele para avisá-lo de que estava falando demais e que devia, por favor, calar a boca, mas Fezzik apenas assentiu.

— Tenho certeza de que é muito bom descobrir aptidões inatas em áreas inimagináveis, Miles. Mas quero que você vá ainda mais fundo.

— Como assim?

— Durante o meu treinamento como conselheiro para lidar com dependência, vi muita gente em tratamento criando expectativas pouco realistas sobre o que aconteceria quando tivessem alta. Quase sempre essas pessoas terminavam dolorosamente decepcionadas. É como aceitar fazer uma raide que está sete levels acima do seu, mas que parece tão tentadora, que é impossível recusar.

— A Gravidade não está sete levels acima do meu — retorqui, torcendo para que fosse verdade.

— Não estou dizendo que está. Mas vamos considerar o pior cenário possível, tudo bem? — propôs Fezzik.

Comecei a me preparar para o que viria a seguir. Passei a vida inteira enfrentando os piores cenários possíveis.

— E se a Gravidade não estiver interessada em namorar um gamer?
Raspei com a unha um pouco da areia que estava grudada na minha calça.

— Tudo bem. Não me considero um gamer.

Meeki bufou.

— Ah, claro, você só joga. E quem joga ganha as garotas...

— Hilário — falei. — Só que não ganhei nenhuma garota.

— Eu não disse que você joga *bem*.

— Ok, ok, he-he — interrompeu Fezzik. — Não estamos aqui para acusar ninguém. Estamos aqui para nos abirmos e compreendermos uns aos outros. Continue, Miles.

Eu estava preparado para acabar com aquela merda de uma vez.

— “Gamer” é um termo constrangedor — falei. — Faz as pessoas pensarem em nerds suados e gordinhos que passam o dia inteiro no porão de casa. Não me olha desse jeito, Meeki. Não vou ser assim com a Gravidade.

— É justo — disse Fezzik. — Mas talvez você esteja se enganando se acredita que vai deixar esse estilo de vida para trás para sempre. O que é que vai acontecer se o seu encontro com Gravidade acabar não sendo tudo isso que você imaginou?

— Como assim?

— E se você não gostar dela? E se ela não gostar de você?

Por que ele não podia simplesmente me deixar vencer e aproveitar minha vitória?

— A gente se deu superbem.

— É, mas vocês só encontraram uma vez — ponderou ele. — E sob condições bem românticas, pelo que você contou para a gente: com você indo ao resgate dela depois de terem molhado a menina inteira num lava jato.

Eu me remexi na cadeira, irrequieto. De repente, Fezzik não me parecia mais um cara tão legal. Quando ele tinha se transformado em alguém como Casey ou meu pai?

— Essa é a fase da lua de mel — continuou Fezzik. — Que nem sempre dura. Na verdade, nunca dura. O que é que vai acontecer quando vocês se depararem com as fases difíceis? Aquelas que funcionam como a vida real, não como um jogo de videogame?

Eu me arrependi de ter falado sobre Gravidade na primeira sessão. Se ele não estava pretendendo me ajudar a sair da v-hab e, em vez disso, planejava usar Serena contra mim daquela maneira, qual era o sentido?

Fezzik se dirigiu ao restante do grupo.

— Se pensarem um pouco mais a respeito, os jogos só abordam a parte inicial dos relacionamentos, não é? Resgatando a princesa do castelo e tudo o mais.

O que ele entendia sobre relacionamentos? Passara um tempão comendo pizza enfiado em uma caverna.

— É por isso que não namoro princesas — observou Meeki.

— Meeki — disse Fezzik —, correndo o risco de parecer xereta, posso perguntar como é a sua vida amorosa?

— Pode, sim.

— Maravilha.

— E minha resposta é que não é da sua conta.

— Ok. He-he.

Os ombros de Meeki afundaram um pouco.

— A maioria das pessoas não sente vergonha de quem namora.

— O que você quer dizer com isso? — indagou Fezzik.

— Algumas pessoas são... simplesmente mais privilegiadas quando se trata da vida amorosa.

Pela segunda vez no dia, tive que concordar com ela. Aquele garoto do ensino médio que tinha um Mustang estava com uma garota diferente toda vez que eu o via.

— É verdade — falei.

Meeki olhou feio para mim.

— O quê? Estou concordando com você.

— Gente — pediu Fezzik em tom de advertência, depois aguardou até interrompermos o contato visual. — Não importa que dificuldades vocês tenham encarado no mundo dos relacionamentos amorosos, todos aqui neste quarto já cometeram o mesmo erro. Devotamos aos videogames um nível de atenção que nunca empregamos em outras esferas. Mas acho que estamos fazendo um desserviço a nós mesmos entregando de bandeja todo o nosso amor a algo que não é recíproco.

Eu não estava mais fazendo aquilo. E aquela sessão estava começando a me deixar entediado. Depois do meu desempenho nos três dias anteriores, Fezzik deveria ter me dado permissão para ir engolir litros de sorvete no Rango.

Não fez isso.

— Relacionamentos reais são difíceis — continuou Fezzik. — Muito mais do que vocês imaginam. Requerem um esforço de ambas as partes. Sei que eu não poderia oferecer o tipo de cuidado e comprometimento necessário para um relacionamento saudável se ainda ficasse logado sessenta horas por semana.

Eu me esforcei para não rir. *Quase arrancar o braço da Dama Prateada fazia parte dos tais cuidado e comprometimento?*

Aurora levantou a mão, mas encontrou dificuldade para se expressar.

— Eu percebi... que não tenho um relacionamento com o Max f-fora do mundo virtual. E isso me deixa muito triste.

Fezzik assentiu.

— Mas me parece que você estava disposta a fazer o esforço na vida real. Você nunca se esquivou dos desafios presentes num namoro. Não consigo imaginar quanto isso deve ter sido frustrante para você.

Aurora assentiu e cutucou as casquinhas das feridas nos dedos.

— Parece que, em vez de tentar fazê-lo se equiparar ao seu nível — observou Fezzik —, você se rebaixou ao dele.

— É... — Aurora respirou fundo e levou o dedo à boca.

— Então — disse Fezzik —, o que você acha que tem que acontecer agora?

— Acho... — Ela tirou o dedo da boca e olhou para ele. — Acho que ele tem que vir para cá.

— Acha que algum dia os pais dele vão mandá-lo aqui para a clínica?

Aurora balançou a cabeça. Apertou a pontinha do dedo. Uma pequena gota de sangue brotou ao lado da unha.

— E o que é que isso significa para você?

— Não sei.

— Bom, conte para a gente quando descobrir. Você evoluiu muito desde que passou por aquela porta pela primeira vez. Acho que vai sair daqui uma nova pessoa. — Ele abriu seu sorriso caloroso. — E por falar em sair...

Fezzik voltou-se para mim outra vez. Droga. Por que o Imperador tinha que ser implacável na vida real também? Pressionei meu ombro ralado, torcendo para que a ardência distraísse minha atenção da picareta emocional daquele homem.

— Miles, e se você não for bom na próxima parte do relacionamento? A parte em que as dificuldades aparecem? Como aconteceu com a Aurora. Como acontece com todo mundo.

Eu achava que tinha ficado bastante claro naqueles últimos dias que eu estava pronto para fazer o que fosse necessário para ficar com Gravidade. Não precisava provar aquilo a Fezzik. Por isso, não respondi.

— Os videogames tendem a terminar quando o herói encontra a garota — observou ele. — E se as coisas com a Gravidade começarem a ficar muito difíceis, e você quiser voltar para *Arcadia*?

— Eu não vou... — pensei no meu quarto, despido de qualquer aparelho eletrônico — ...mais jogar. A não ser em ocasiões especiais.

— Aham, sei — resmungou Meeki.

— Eu sei qual é a impressão que dá quando digo isso. Parece que sou viciado. Mas só vou jogar um pouquinho, como uma atividade extra. Nunca mais vai ser com a frequência de antes. É só que nunca tive nada na vida real que valesse a pena e me fizesse querer sair do mundo digital. Agora tenho... Gravidade gostou de mim de verdade, se querem saber.

Fezzik respirou fundo, e sua expressão se suavizou.

— Você provavelmente deve achar que estou querendo atacá-lo, Miles. Mas não estou tentando fazer isso. De verdade. Quero ver você ter sucesso. Também quero garantir que esteja preparado para lidar com o que vier, se as coisas acabarem não funcionando da maneira como você planejou.

Podia sentir todos os olhares em mim. Podia sentir os detalhes do evento no lava jato se insinuando na minha memória. Detalhes sobre os quais não queria pensar. O fato de que Gravidade não tinha olhado para mim enquanto lavava a bicicleta. O fato de que não tinha me dado o número do celular.

Então me lembrei da risada dela.

E lembrei que ainda tinha que ganhar pontos.

Fezzik queria que eu me abrisse? Sabia bem como fazer aquilo.

Inclinei o corpo para a frente e fitei o chão.

— Eu sei o que é vício de verdade. A minha mãe tinha... ou melhor, *tem* um problema enorme com, hum, drogas. Ela foi embora quando eu era pequeno. Então nunca foi fácil para mim... fazer parte da vida real.

Olhei de relance para Fezzik para ver como ele estava reagindo à minha história.

— Todos os seus problemas têm a ver com garotas e a sua mãe — observou Meeki. — Vai ver a sua v-hab devia ser vaginabilitação.

Sopa tampou as orelhas.

— Deixa o Miles terminar, Meeki — pediu Fezzik.

Olhei para Aurora, depois esfreguei o rosto e tentei parecer tão devastado quanto já me sentira no passado.

— Achei que se arranjasse uma namorada, talvez também recuperasse minha autoestima. E aí não ia mais querer jogar tanto videogame. — Inspirei fundo. — Minha mãe foi embora e me abandonou, mas talvez a Gravidade não faça isso. Sabe?

Fezzik assentiu.

— É muito bom que você esteja se abrindo para nós. Ganhou tantos pontos esta semana que pode muito bem descobrir amanhã se isso tudo é verdade mesmo.

Ele não fez menção de pegar meu pergaminho. Droga. Precisava daqueles pontos.

Sopa tocou na minha perna.

— Mas você vai perder os castelos de areia! A gente podia fingir que está no Deserto Gerudo! Ou posso usar aquele seu boné irado da Home Depot e fingir que sou o Ash!

— Não. Não vai dar. Não vou estar mais aqui. Já vou ter ido embora.

— Isso *se* a gente vencer amanhã — lembrou Meeki.

Eu a encarei.

— Você não vai sabotar o campeonato de paintball que nem fez com o ventilador só para me prejudicar, vai?

Ela sorriu e deu de ombros.

— Pessoal... — advertiu Fezzik.

Zxzord deu uma risada, assustando a todos.

Fezzik passou o restante da sessão falando sobre jogos que ajudam com o escapismo, como *Chore Wars*, que ajudam os gamers a fazer a transição de volta para a vida real.

Via os lábios dele se movendo, mas não conseguia parar de pensar em vencer no dia seguinte.

Não queria refletir sobre mais nada.

* * *

Depois que voltamos do Rango, Fezzik se aproximou de mim com uma pilha de bordados, passando por eles como se estivesse contando um maço de notas. Pelo que conseguia enxergar, todos faziam referências a Gravidade, salvo por um no topo que dizia *Miles e Sopa*.

Droga. Devia ter monitorado o trabalho dele.

— Isto apareceu na minha cama.

— Eu sei — falei, tentando controlar meu coração. Precisava daqueles pontos para sair da clínica no dia seguinte.

— São seus?

— São.

Ele fez uma careta discreta.

— Nunca vi você fazendo ponto cruz.

— Eu já! — exclamou Sopa de seu beliche. — Já vi o Miles bordando. Ele sempre pratica à noite depois que apagam as luzes!

Fezzik e eu fizemos duas expressões muito diferentes para Sopa.

Fezzik suspirou.

— Já entendi o que está acontecendo aqui. — Ele se virou para mim. — Você se sente mesmo confortável com isso?

Fitei o rosto do gigante amigável. Se havia alguém no mundo que entendia sobre rejeição e sobre o desespero para se conseguir um encontro, essa pessoa era Fezzik.

— Não sei do que você está falando — menti.

Ele contou os trabalhos em ponto cruz.

— Isso aqui dá um total de... Uau. Quinze mil pontos.

Pontos de que eu absolutamente precisava. Abri meu alforje de aventuras e estendi o pergaminho a ele, que não o aceitou.

— Preciso pensar sobre isto — explicou.

Merda.

— Hum, ok. Valeu.

De nada, respondeu Sopa apenas com movimentos labiais atrás dele.



723.000 PONTOS



21 HORAS ATÉ GRAVIDADE

Quase sem vida

— Pssiu.

Eu estava na Fonte das Fadas, tentando me recuperar de uma dor de cabeça latejante e um ralado no ombro quando *alguém* começou a fazer *pssiu* para mim.

— *Pssiu.*

Minha pele formigava com o efeito dos analgésicos. Fingi que estava dormindo.

— *Pssiu! Miles!*

Eu teria estrangulado Sopa se achasse que conseguiria convencer algum dos outros a bordar por mim.

— *Psssssssssssiu!*

— Cuidado que daqui a pouco viro *pssiucopata* para cima de você, Sopa — ameacei, ainda de olhos fechados.

— Você é engraçado.

Abri os olhos e os fechei na mesma hora ao ser ofuscado pelas paredes brancas da enfermaria. Zxzord estava na cama ao lado da minha, em um sono profundo. Queria tomar o que quer que fosse que estavam dando para ele.

— Trouxe um donut do Rango para você — disse Sopa. — Pode comer sem medo de perder ponto, porque fui eu quem peguei.

— Valeu. — Aceitei a rosquinha e afundei de novo no travesseiro. — Pode ir embora agora.

Sopa cruzou os braços e se sentou na cadeira ao lado da cama.

— Vou aonde você for. É isso que os parceiros fazem.

Que utilidade Sopa tinha para mim, se Fezzik não queria aceitar os bordados dele como meus? Se bem que ele tinha me ajudado na corrida de kart... Fechei os olhos, respirei fundo e dei uma mordida no donut.

Sopa chutava a lateral da cama ritmicamente.

— Miles? Do que é que você sente mais falta? Lá de fora?

— Da Gravidade.

— Mas você nem *conhece* ela direito.

— Senti uma conexão. Você não estava lá, Sopa. Não tinha ninguém lá para ver.

Sopa soltou um suspiro e continuou com os chutes.

— Eu sinto falta do meu pijama. Minha mãe fez um macacão de tanooki que nem o do *Super Mario Bros.* para mim, com orelha e rabinho de guaxinim e tudo.

Se ele tivesse uma cauda naquele momento, eu o teria arrastado por ela de volta ao Ninho.

Os chutes pararam. Sopa ficou quieto. Abri os olhos. Os dele estavam arregalados, tapando a boca com as mãos.

— O quê? — perguntei.

— Foi mal.

— Por quê?

— Por ter falado sobre a minha mãe.

— Tudo bem. Sei que as outras pessoas têm mãe. Sem problema.

Sopa parecia decepcionado consigo mesmo. Parou de chutar a cama e ficou olhando os pés balançarem para a frente e para trás sob a cadeira.

— Você sente falta dos videogames?

— Não — menti.

— Então por que jogava tanto? Vai parar para sempre depois do seu encontro com Gravidade?

Engoli o último pedaço do donut.

— Vou introduzi-la ao mundo dos jogos bem devagar. Primeiro, vou jogar 3DS no banheiro. Depois, quando a gente tiver filhos, vou comprar um console para brincar com eles. E vou dizer: “É para as crianças.”

— Isso parece bem triste — comentou Sopa.

Uma coruja piou pelas caixas de som.

— Estar numa clínica de reabilitação para viciados em videogame é que é triste — retruquei, limpando os farelos que tinham se acumulado na camisa.

— Na-na-ni-na-não! — exclamou Sopa. — Não entendo por que você fala daqui como se fosse uma prisão. Sou *tão* mais feliz aqui dentro do que nos outros lugares! Tenho amigos *em todos os cantos* na clínica.

— Vou me atrasar para a aula das estrelas — falei, me sentando.

Sopa fez beicinho.

— Queria poder ir também.

Estava tonto demais para conseguir ficar de pé.

— Quer que eu seja a sua muleta? — ofereceu Sopa.

— Quero, sim.

Sopa me ajudou a levantar, eu me escorei no ombro dele, e fomos caminhando pelo corredor verde-escuro.

— Você não se divertiu mesmo, nem um pouquinho, desde que chegou aqui? — insistiu o menino.

Pensei em quando atirei a bola no rosto vermelho que quase dizia “bata aqui” de Espantalho. Pensei em quando fiz uma bola de pingue-pongue

levitar “magicamente”. Pensei nas minhas tetas vibrando enquanto arrasava com todos os outros jogadores naquela corrida de kart.

— Acho que me sinto um herói — expliquei. — E não no mesmo sentido de *Arcadia*.

— Sei que você está feliz aqui — disse Sopa, cutucando minha bochecha. — Você abre um sorriso bobão toda vez que ganha uma competição. É bem fof... *Uau*. — Ele parou de andar. — O que é *aquilo*?

Lá, no canto do corredor, estava a saída do sistema de ventilação que eu tinha visto na minha primeira noite na clínica. Mas o Fada do Pó não estava em lugar algum. A grade estava aberta, apenas uma frestinha, revelando luzes verdes, piscando uma de cada vez, como se quisessem que a seguíssemos para dentro da parede.

Eu me certifiquei de que estávamos sozinhos e depois tirei a grade do caminho enquanto Sopa assoviava muito mal a melodia de quando se descobre um segredo em *Zelda*.

— Shh — falei. — Você está arruinando a minha infância.

Fitamos um espaço impossível entre as duas paredes: era quase como se um antigo corredor tivesse sido fechado. Uma passagem escura adentrava o prédio, onde mais luzes pulsavam como estrelas pequeninas.

— Missão secundária — sussurrou Sopa.

As palavras fizeram cócegas na minha nuca. Aquela merda parecia ter saído de *Stanley Parable*.

Sopa deu um gritinho entusiasmado e bateu palmas.

— O que é que a gente está esperando? Vamos!

— Vai você na frente — falei. — Vou ficar de olho para ver se vem alguém.

Sopa deslizou para dentro da abertura, os olhos arregalados pela expectativa de uma aventura. Deu uma risadinha.

— *Que medo*.

Olhei para além da silhueta do menino e avistei mais luzes. Que diabo havia lá dentro?

— *Você vem?* — sussurrou ele da escuridão.

Fazer na vida real o que se faz em videogames pode ser um grande erro. E não estou me referindo apenas a atirar em prostitutas fora de *GTA*. Eu estava muito, muito próximo de derrotar a v-hab. Precisava permanecer na moita, fora do radar de G-man, fazer minhas aulas e não perder um único ponto pelas vinte horas seguintes.

— Vai lá ver o que tem além daquela curva — mandei. — Depois volta para me contar.

Sopa continuou andando, rindo e esfregando as mãos. Quando ele desapareceu, recoloquei a grade no lugar sem fazer ruído, apertei os parafusos com a unha do polegar para garantir uma noite tranquila e corri para o corredor à esquerda.

Quase todas as células do meu corpo queriam aceitar aquela missão secundária. Tinha passado a semana inteira competindo por pontos, mas nada tinha lembrado tanto um videogame quanto assistir a Sopa deslizar por entre aquelas paredes. Tinha que desligar a parte do cérebro dedicada a games e permanecer focado. Tinha que ganhar pontos naquela aula idiota sobre estrelas.

Pela Gravidade.

Um fraco “Miles?” ecoou pelo corredor enquanto eu abria a porta amarela e subia a escada para o telhado.

* * *

Havia algo diferente.

Ninguém estava olhando pelo telescópio. Nenhuma cabeça virada para as estrelas. Os jogadores estavam todos reunidos ao redor de Fezzik e da Dama Prateada, perto da beira do telhado. Ela tapava a boca com as mãos. Ele estava ajoelhado diante da mulher.

— Sabia que queria fazer isto desde a primeira vez que ouvi você falar sobre pulsares — declarou Fezzik.

Então deu uma risada alta demais e passou a mão pela testa encharcada de suor. Levou a outra ao bolso e tirou uma caixinha cor de creme lá de dentro.

Os gamers observavam, mais quietos e reverentes do que jamais tinham ficado frente ao universo.

— Venho tentando deixar o meu antigo eu para trás — continuou Fezzik, sem fôlego. — E... Bom... Com você, me sinto um novo homem. Heh. Então, é, pensei, hum, he-he, foi aqui que nós nos conhecemos. Na Vídeo Horizontes. No meio desse monte de moleques... Então. Heh. Por que não?

Meu coração começou a martelar no peito enquanto aquelas mãos gigantes se atrapalhavam para abrir a caixinha.

Meu Deus, foi assim que me comportei quando chamei Gravidade para sair?

Fezzik conseguiu, enfim, abrir a caixa. O diamante era pequeno demais para brilhar sob a luz das estrelas.

— Sue — disse ele —, você me daria a honra de...

— Dominic — interrompeu a Dama Prateada, com delicadeza. Ela pousou a mão pequenina no ombro de gigante dele.

Todos os jogadores prenderam o fôlego. Senti uma dor real no peito.

— Será que a gente pode conversar sobre isso a sós? — sugeriu ela.

Fezzik congelou. Engoliu em seco e secou a testa outra vez. Depois, se virou e nos viu, a todos nós, todos os alunos, olhando para ele com um

joelho apoiado no chão. Fez seu som de Wookiee e se levantou, constrangido.

— Por favor, voltem para seus quartos — pediu a Dama Prateada. — Vejo vocês amanhã à noite.

A diferença de tamanho entre os dois ficou dolorosamente aparente quando Fezzik seguiu a Dama escada abaixo. Parte de mim queria pedir pontos de experiência a ela antes de partirem... Mas achei que aquele não deveria ser o melhor momento para isso. Também queria perguntar a ele: *Você acha que a Dama Prateada seria capaz de amar um ex-gamer?* Tampouco era o melhor momento para aquilo.

Os últimos jogadores foram descendo os degraus em fila. O ar cheirava à colônia barata e a suor. Engraçado que o Imperador de *Arcadia* tivesse tentado nos dar conselhos sobre como retornar à vida real. E se seguisse seu conselho e parasse de jogar videogames apenas para acabar como ele? Rejeitado e patético?

Estava prestes a descer também quando uma voz me deteve.

— Quebrei três dedos de uma vez só.

Espiei por cima de um ar-condicionado e encontrei Aurora, sentada na mureta do telhado. Seus cabelos eram um borrão branco contra o céu noturno.

— Hum. Ok?

— Tinha onze anos — continuou ela, os olhos no céu. — Eu achava que ia ganhar superpoderes se colocasse a mão dentro de um geodo.

Não consegui segurar uma risada.

Ela fechou a mão num punho, como se ainda estivesse enfiada dentro da rocha.

— Ela ficou presa. Então peguei um martelo e...

Levantou o outro punho.

— Ai.

Ela baixou as mãos.

— Doeu.

— Eu acredito.

— A dor era que nem um carrossel — explicou ela. — Dava voltas e mais voltas. Eu mal conseguia pensar. O médico tentou me dar um analgésico forte — ela balançou os cabelos —, mas eu me recusei a tomar. Falei: “Aurora, você devia ser mais esperta que isso. Agora fica aí, sentindo dor, para nunca mais ficar tentada a enfiar a mão em geodo nenhum.”

— É... E por que você está me contando isso?

Ela espiou por cima do aparelho de ar-condicionado para se certificar de que não havia ninguém à porta.

— Espero que o Fezzik não volte para *Arcadia* só para tentar remendar um coração partido.

— O que isso tem a ver com analgésico?

Ela entrelaçou os dedos.

— Andei pensando no que você me contou sobre a sua mãe e *Dr. Mario*. Acho que os videogames funcionam como remédios.

Eu me recostei no ar-condicionado e refleti sobre o que ela disse. Os jogos eram um método perfeito para desestressar. Dia de bosta na escola? Enfia uma motosserra na cabeça de um alienígena. Rejeitado por outra garota? É só incendiar a casa dos seus Sims com eles dentro. Com medo de passar o resto da vida sozinho? Esmague meia dúzia de monstros feitos de marshmallow.

— Então você acha que, só porque alguma coisa ajuda a esquecer a dor, a gente tem que ficar longe dela?

Aurora manteve os dedos entrelaçados e os bateu nos joelhos.

— Talvez só quando for algum problema sério. Tipo prender a mão em um geodo ou terminar um namoro. — Ela cruzou os tornozelos, descruzou-os, depois voltou a cruzá-los. — Quando você se sente como um joelho ralado ou leite azedo por dentro, tem que aprender a se sentir melhor consigo mesmo sozinho, sem comprimidos, nem jogos, nem nada parecido, senão aqueles sentimentos ruins vão sempre acabar voltando.

Fui para perto de Aurora na mureta. As estrelas brilhavam nas dunas. Desde que minha mãe tinha ido embora, aquela sensação de joelho-ralado-e-leite-azedo raramente me deixava em paz. A menos que eu estivesse jogando.

Aurora pigarreou.

— Por isso não estou mais bebendo batida de frutas. Nem me masturbando. Preciso sentir a dor. Tenho que superar sozinha.

Senti meu coração vacilar e dei um risinho.

— Você devia contar sobre essa sua tática para a Meeki.

Aurora escondeu as mãos entre as pernas.

— Já tenho muita coisa com que me preocupar no momento.

Ela ficou com o olhar perdido. Eu a encarei.

O ar-condicionado grunhiu, mostrando que estava funcionando.

— Tipo o quê?

Aurora colocou uma mecha de cabelos atrás da orelha e, sob o luar, vi seus olhos pela primeira vez. Digo, *realmente* os vi. Tinha duas pupilas em cada íris.

Virei o rosto depressa como se tivesse sido pego no flagra.

— Tenho coloboma — explicou ela. — É uma doença que impede as pupilas de se formarem totalmente.

Olhei seus olhos outra vez. E, sem dúvida, as pupilas dela eram alongadas, como se os buracos negros da pupila estivessem sugando suas íris. Eram bizarros e assustadores e belos ao mesmo tempo.

— Eles são lindos, Aurora.

Em algum momento, tínhamos nos aproximado no parapeito. Nossos olhares presos um ao outro até ela balançar a cabeça de leve e virar o rosto para cima outra vez.

— Todo mundo é feito de matéria de estrela. — Eu estava quase revirando os olhos quando ela completou: — Se bem que isso vale até para bunda de cachorro.

Gargalhei tanto que quase engasguei com a saliva. Aurora enrubesceu e sorriu. Nunca tinha visto Aurora sorrir de verdade.

Antes que meu coração mergulhasse em queda livre, pulei da mureta e bati na calça para limpar a sujeira do telhado.

— Acho que não preciso mais desse tipo de remédio. Videogames. Estou pronto para desvendar os mistérios da vida real.

Aurora se levantou também.

— Então vamos tirar você daqui quanto antes.

Indiquei Órion com a cabeça, o guerreiro que passaria a eternidade perseguindo aquelas sete irmãs.

— Achei que você tinha previsto que eu ia ficar aqui por muito, muito tempo.

Ela deu de ombros.

— Vamos provar que estou errada. Não dá para ter tantos corações partidos em um lugar só. O seu, o meu, o do Fezzik. Este prédio pode acabar desmoronando. E aí as paredes vão desabar na nossa cabeça. E o cronômetro vai começar a contar, e vamos ter que fugir correndo para não morrermos esmagados.

— Parece divertido. — Tentei fazer contato visual com ela outra vez.

— O que partiu seu coração, Aurora?

Ela abriu um sorriso desanimado e balançou os cabelos.

— Você vai terminar com o Max?

Ela olhou para mim com aqueles olhos estranhos, mas não respondeu.

— Vamos sair os dois daqui então. Amanhã é o dia do campeonato de paintball. Vamos arrasar e vencer aquela merda toda.

Abri a porta do telhado, quebrando o encanto da noite com a luz fluorescente. Descemos a escada. Aurora entrelaçou os dedos na frente da saia e caminhou sem tirar os olhos do chão.

Um pequeno ruído ecoou pelo corredor.

— É... — Toquei o ombro dela de leve. — Eu, hum, encontro você depois.

Ela assentiu e retornou ao Ninho enquanto eu ia apressado até o corredor, onde encontrei a saída de ventilação.

— Sopa? — sussurrei.

As luzinhas verdes tinham se apagado. O espaço entre as duas paredes estava silencioso.



723.000 PONTOS



12 HORAS ATÉ GRAVIDADE

Missão secundária

Pela primeira vez desde que tinha sido internado na Vídeo Horizontes, acordei antes de o galo cantar. Nenhum nariz sardento espiou por cima da beirada da minha cama. Nenhuma voz nasalada e alegre cantarolou “Booooooom diiiiiiiiiaaaaa”. Olhei para baixo e vi um bordado inacabado que dizia *Gravidade é tããã* largado nos lençóis lisos da cama vazia de Sopa.

Desmoronei no colchão outra vez. O que eu tinha feito? Estava me sentindo culpado de verdade. E não apenas daquele jeito “vou-perder-pontos”. Fiquei deitado lá, me sentindo muito mal, até o galo cantar.

— Cadê o Sopa? — perguntou Aurora, entrando no Ninho com sua escova de dentes.

— Quem se importa? — retrucou Meeki, ainda enrolada nos lençóis. Não tirei os olhos do teto.

— Daqui a pouco ele aparece — disse Fezzik.

Não soava preocupado, só deprimido. Seus ombros gigantes já não pareciam tão gigantes assim.

Fiquei com pena. Até que ele se aproximou do meu beliche.

— Bom dia, Miles. — Fezzik respirou fundo. Sabia que não ia querer ouvir o que ele estava prestes a dizer. — Andei pensando bastante e decidi não lhe dar os pontos pelos bordados.

Sentei depressa na cama.

— Isso não é justo.

— Não — rebateu Fezzik. — Eu não estaria sendo justo com você se desse aqueles pontos. Seria a mesma coisa que dar uma armadura de level quarenta a um personagem de level cinco.

Olhei no fundo dos olhos dele.

— Só porque a sua história com a Dama Prateada não deu certo, não quer dizer que eu não mereça ser feliz.

Notei que consegui atingi-lo. Mas Fezzik não voltou atrás.

— Estou tentando fazer o contrário — argumentou ele. — Não quero que você cometa os mesmos erros desesperados que eu.

A caixa de som crepitou acima da cama, e ouvimos a voz de G-man:

— Todos os jogadores devem comparecer à Sala de Controle para uma reunião de emergência.

Fezzik voltou as costas para mim. Meu estômago se revirou.

Segui os Fury Burds, menos Sopa e Zxzord, até a Sala de Controle. Parte de mim tinha sido tomada pelo sentimento de culpa por ter falado daquela maneira com Fezzik, mas a maior parte ainda estava tentando encontrar alguma forma de obter aqueles pontos que faltavam... Encerar o piso? Lavar a roupa suja de todas as guildas? Encontrar o jogador desaparecido que eu mesmo perdera?

Se conseguisse sair a tempo de ir ao encontro, eu arrumaria uma maneira de compensar os erros que cometi com todos na clínica.

Luz cinzenta se infiltrava pelas janelas altas e embaçadas, emprestando à Sala uma sensação apocalíptica à la *Diablo*. Afundei em um pufe e me preparei para o anúncio de G-man. Imaginei que aquele entorpecimento fosse similar ao que as pessoas sentiam quando se davam conta de que tinham se esquecido de alimentar seus animais de estimação por alguns dias. Ou pior, quando abriam uma saída de ventilação, atiravam o animalzinho lá dentro, trancavam e jogavam a chave fora.

G-man subiu ao palco, bateu palmas e nos encarou com aqueles olhos reluzentes e sinceros. Os jogadores perceberam que havia algo sério acontecendo e ficaram quietos bem rápido.

— Tivemos um acontecimento inédito na Vídeo Horizontes hoje — começou ele com delicadeza.

Meu Deus. Primeira vez de quê? Que uma criança desaparecia? Que era vitimada pelo ser que jazia entre as paredes? Que se via uma morte sangrenta?

G-man abaixou a cabeça. Depois a levantou e, gritando, proclamou:

— Alguém encontrou nossa primeira *missão secundária*!

A multidão se manifestou, surpresa.

— Vem pra cá, Sopa!

O menino entrou por uma porta lateral, parecendo tímido, exausto e, sim, quem sabe até um pouco heroico. Os nós em meu estômago se desfizeram, e minha cabeça começou a latejar. Que oportunidade eu havia perdido?

G-man envolveu os ombros de Sopa com um braço e se dirigiu ao restante dos jogadores.

— Queremos injetar em vocês um espírito de aventura. De desbravamento. Às vezes, as maiores e melhores recompensas na vida ficam fora do caminho pavimentado. É preciso quebrar um pouco as regras — ele levantou a mão em sinal de advertência —, enquanto ainda se mantêm o respeito pelo espaço onde estão.

Dorothy levantou a mão.

— Qual era a missão?

— O segredo é reservado ao jogador que foi astuto o suficiente para descobri-la e ousado o bastante para seguir o caminho até o fim. — *Droga*.

— Mas não se preocupem. Vamos planejar e montar outra missão

secundária até semana que vem. — *Merda*. — Mas também *não* estou dizendo para demolirem este prédio. Vocês vão saber quando a acharem, vai ser bem óbvio.

Droga droga droga.

— Então — continuou ele —, pelo domínio da arte da curiosidade, por seus instintos impecáveis e pelo espírito aventureiro, eu lhe outorgo, Sopa S. Sopington, *quinhentos mil pontos*.

O ar foi sugado para fora da Sala de Controle. Antes que os Master Cheefs tivessem a chance de vaiar, Aurora e Fezzik se colocaram de pé em um pulo e explodiram em aplausos. Senti toda a cor se esvaír de meu rosto.

Mas se me sentia deprimido, não era nada comparado ao estado de Sopa. Se fosse eu naquele palco, se, em vez de ter desperdiçado meu tempo com uma aula inútil sobre as estrelas, vendo de camarote Fezzik passar vergonha e ainda por cima sem receber um mísero pontinho, eu tivesse ido atrás daquela missão secundária e ganhado a droga de *quinhentos mil pontos*, teria agido como se estivesse participando daquele programa de televisão chamado *O Preço Certo*, no meio do Mardi Gras. Teria arrancado a blusa e a rodopiado acima da cabeça enquanto corria ao redor da Sala de Controle, gritando feito um idiota.

Sopa estava com a expressão de quem vira a avó ser atropelada por um trem.

— E estes são pontos *dourados* — acrescentou G-man. — Ou seja, você não pode perdê-los, Sopa, não importa o que faça.

— Você acabou de inventar essa regra! — gritou Leão.

— É verdade — confessou G-man, para, em seguida, dar tapinhas no ombro de Sopa. — Isso oficialmente coloca você na terceira faixa, amigo! Vai sair daqui em dois tempos.

Foi aí que entendi. G-man queria Sopa fora da v-hab. O menino passara semanas se esquivando dos pontos, e tinha chegado sua hora de voltar para casa. A tal missão secundária tinha sido real, mas provavelmente só valia uns cem mil pontos, no máximo. Falando assim parecia pouco, mas já teria bastado para compensar o que deixei de ganhar com os bordados. E uma medalha de prata no campeonato de hoje fecharia minha temporada na clínica com chave de ouro.

Droga.

— Tem algo a dizer, Sopa? — perguntou G-man.

Todo o heroísmo tinha sido drenado de seu pequenino rosto pálido. Ele esquadrinhou a plateia e fez contato visual comigo.

— Eu não teria conseguido sem Miles Prower. — Sua face se iluminou. — Ei! Foi graças a ele que completei essa missão! Ele que me mostrou a entrada e *tudo*! — Então, olhou para G-man. — Posso passar os meus pontos dourados para ele?

Os Master Cheefs vaiaram. Os Sefiroths chiaram. Senti meu coração ficar leve.

— Shh, nada disso — disse G-man. — Não, Sopa. Você não pode repassar pontos. O Miles precisa sair daqui por conta própria.

Sopa franziu a testa para mim em um pedido de desculpas.

G-man pigarreou.

— Realizaremos o campeonato de paintball hoje à tarde.

— ISSO! — berrou Leão.

O restante dos jogadores vibrou e aplaudiu.

— Normalmente — continuou G-man por cima do barulho —, eu não aprovaria nenhuma atividade que fomenta violência, mas é o que o povo quer, então... Gostaria de estimular a sua capacidade de trabalhar em equipe. É por isso que vou dar ao time vencedor vinte mil pontos extras para cada colega de guilda vivo ao final da partida.

Vinte mil. Experimentei a mais pura euforia... Seguida pelo mais puro desespero. Ok, nem tudo estava perdido. Poderia encontrar Gravidade a tempo. Mas só se vencesse o campeonato de paintball. E se pelo menos um dos meus colegas não fosse um completo incompetente e permanecesse vivo.

— Está bem, pessoal! Hora de tomar café da manhã e, depois, aula!

Sopa desceu do palco, cambaleante, balançando os braços. Ignorou os parabéns que Aurora deu e desmoronou no pufe ao meu lado.

Dei tapinhas no ombro magro dele.

— Foi legal o que você fez lá em cima, Sopa. Ou *tentou* fazer.

Ele fez bico.

— Acho... — começou a dizer em uma vozinha enervantemente emburrada. — ...acho que a única coisa que me deixa um pouco melhor é saber que, quando eu voltar para casa, a gente vai poder se encontrar.

Aquelas palavras foram tão doces que eu podia ter morrido de diabetes.

— Quer me contar sobre a missão?

Ao ouvir aquilo, ele se empertigou.

— Foi a coisa *mais irada* que já fiz.

Ele narrou a história. Não era tão irada assim.

* * *

Passei o restante da manhã tentando arrasar nas aulas enquanto completava toda e qualquer tarefa extra que encontrava no meio-tempo. Sopa retornou ao Ninho para dormir e se recuperar da aventura. O que era bom. Meu cérebro estava livre para se concentrar em pistolas e em acertar as pessoas com as tais pistolas.

No café da manhã, devorei os alimentos verdes mais verdes e as frutas mais frutadas para permanecer cheio de energia. +1.000 Ainda estava

tonto da batida do dia anterior, portanto enfrentei ninjas invisíveis na lição de tai chi chuan até ficar tão exausto que pensei que poderia acabar perdendo a luta contra o ar. +2.000 Durante a aula de música, imaginei o bongo da Dama Prateada tocando uma marcha de guerra. O ritmo fez meu coração bater *matar e matar e matar*. Os ukuleles só estragavam um pouquinho o efeito. +2.000

Durante o almoço, minha perna era uma britadeira. Tinha dizimado milhares em *Arcadia*. Agora só tinha que atingir algumas pessoas com cápsulas de tinta. Estava violentamente perfurando um aspargo quando senti um beliscão forte no pneuzinho.

— Ai!

— Aprimoramento por meio da dor — explicou Aurora.

— Valeu. Ai. — Esfreguei a lateral do corpo. — A gente tem que sangrar para se aprimorar?

Aurora deu de ombros e sugou um fio de espaguete.

— Saudações, aventureiros — cumprimentou Fezzik, com uma voz tão melancólica que chegava a doer.

Sua bandeja estava cheia de alimentos que valiam zero pontos: purê de batata e batatas fritas e sorvete. Claramente uma recaída, o que me deixava desconfortável.

— Hoje — disse, enquanto mastigava frango frito —, quero falar sobre vício comportamental e reforço intermitente. O primeiro é como insistir em treinar em *Final Fantasy* mesmo após ter atingido o level mais alto. A pessoa continua entrando em batalha após batalha porque se sente tão...

— De repente, ele foi parando de falar e olhou para nós. — Vocês estão prestando atenção?

— É que eu não sei o que “inter-missente” quer dizer — admitiu Sopa.

Fezzik soltou um suspiro. Deixou o frango de lado.

— Quais jogos vocês estavam jogando quando o Command e o Conquer foram buscar vocês?

Meeki grunhiu.

— Eu estava bem no meio da porcaria de *Fire Emblem*.

— *Arcadia* — respondeu Aurora.

— O jogo do amor — falei.

Meeki revirou os olhos.

— *Arcadia* — corrigi.

— Eu estava colhendo pêssegos para o meu amiguinho guaxinim — disse Sopa. — O Conquer arrancou o 3DS da minha mão. Machucou os meus dedos. E os meus sentimentos.

— O Zxzord provavelmente estava fazendo outra coisa — comentou Meeki, dando uma risadinha.

Fezzik olhou para a própria comida e assentiu.

— Ótimos jogos.

Ficamos em silêncio. A mesa dos Sefiroths, notei que Dríade estava sentada sozinha, ocasionalmente esfregando as bochechas, enquanto à mesa dos Cheefs, Dorothy e Espantalho estavam sentados próximos demais um do outro, rindo. Teria até me sentido mal por Dríade se ela não tivesse quase me assassinado naquela pista de corrida e destruído meu valioso ovo.

A Dama Prateada entrou no Rango, sentou ao lado de Dríade e lhe deu tapinhas reconfortantes nas costas.

Fezzik se levantou de modo abrupto.

— Com licença, pessoal.

E saiu da cantina com sua bandeja.

— Ele nunca falou de game nenhum com a gente antes — comentou Aurora, observando-o partir. — Só para se referir à sobrevivência na vida real.

— O que ele tem? — quis saber Sopa.

— Ele pediu a Dama Prateada em casamento ontem à noite e foi completamente rejeitado — explicou Meeki, com a boca cheia de purê de batata. — O cara devia ter sacado que não tinha nenhuma chance.

Concordava com Meeki, mas me recusei a admitir.

— E agora? O Fezzik vai voltar a jogar que nem sempre diz para a gente não fazer? Ele não devia ser nosso curandeiro?

Aurora observou a porta.

— E se um desgosto gigante for mais doloroso do que um desgosto normal?

Ninguém respondeu.

— Vou lá falar com ele — disse Aurora.

Ela saiu do Rango.

— Tenho que ir para a aula — falei, deslizando minha bandeja até Sopa. — Valeu, parceiro.

A história de Fezzik era trágica e tal, mas não havia nada que eu pudesse fazer a respeito. Além do mais, Meeki tinha razão. Um cara daquele tamanho deveria saber que não tinha chance com alguém como a Dama Prateada.

Corri até a aula de jardinagem. Tinha gatilhos nos dedos. Bolas no cérebro. Sangue no... sangue. Perguntei à Dama se podia regar as plantas, ajustei o jato d'água e contabilizei vários tiros na cabeça de tomates, imaginando cada um deles como um capacete vermelho em um mapa de *Halo*.

O engraçado era que, somente naquele dia, queria que Fezzik e meu pai estivessem certos em relação à violência nos videogames. Queria que os jogos de tiro em primeira pessoa tivessem me transformado em um assassino a sangue-frio... com tinta.

Depois de ter derrubado alguns tomates, os miolos explodindo e se esparramando pela terra, a Dama Prateada tirou a mangueira de mim sem fazer estardalhaço e me levou a uma área onde arranquei ervas daninhas pelo restante do período da aula.

Aquelas plantas jamais souberam de onde veio o golpe fatal.



731.000 PONTOS



4 HORAS ATÉ GRAVIDADE

PvP

O sol era um borrão ofuscante atrás das nuvens. O vento soprava a brancura das dunas. A areia açoitava nossas roupas e fazia nossos olhos arderem à medida que os Fury Burds marchavam para o norte.

Silhuetas negras surgiram diante de nós. O conjunto de xadrez gigante e meio derretido que eu vira do telhado da Vídeo Horizontes eram, na verdade, dezenas de bunkers pretos, obstáculos infláveis que se avultavam no terreno e que serviriam como nosso campo de batalha.

— As Terras Ermas — sussurrou Sopa.

Tudo o que eu precisava fazer era me sair bem uma última vez. Parecia estar indo para a guerra, a julgar pela forma como meu coração martelava no peito.

As três guildas se reuniram à sombra de um obstáculo com aparência de monólito. Os jogadores vibravam de entusiasmo. Até mesmo Zxzord tinha levantado a bunda morta-viva da cama, na expectativa de atirar em alguém.

O treinador segurava uma arma de paintball e gritava a fim de ser ouvido acima do vento:

— Cada um de vocês vai receber um marcador com um cilindro de CO₂ e um carregador, que é este recipiente aqui, com capacidade para duzentas bolinhas de tinta.

G-man pigarreou alto.

— Certo — disse o treinador. — Devo alertar vocês para não levantarem as máscaras, ou seja, os capacetes dos seus coleguinhos para atirarem na cara uns dos outros. Entenderam?

— Sem problema, chefe! — respondeu Leão, que umedeceu os lábios e esfregou a palma das mãos.

Por que G-man estava dando uma ideia daquela ao grupo?

Enquanto o treinador nos mostrava como carregar as bolinhas da maneira apropriada, ouvi Meeki falar bem baixinho para Aurora:

— Ele vai dar três armas de ar comprimido para os Sefiroths porque eles têm menos pontos.

— Ar comprimido é melhor? — sussurrei.

Meeki fez uma careta para mim.

— Ar comprimido é melhor? — repetiu Aurora por mim.

— Marcadores desse tipo podem disparar doze bolas de tinta *por segundo* — explicou Meeki.

— Como? — indagou Aurora, notando que meus olhos se arregalaram.

Meeki dobrou os dedos médio e indicador em um gatilho invisível e rapidamente puxou o ar duas vezes.

— É que nem ser atacado por um enxame de abelhas neon. Você pode até conseguir desviar de uma, mas...

— Meeki — sussurrei —, você joga muito paintball?

Ela me ignorou, mas contou a Aurora:

— Os meus pais queriam que eu liberasse um pouco da minha agressividade, então me deixavam jogar todo fim de semana. — Ela olhou para o peito, que parecia estar... mais liso. — Enfaixei os peitos hoje de manhã.

— Mano a mano — disse o treinador. — Cada guilda vai enfrentar os outros dois grupos, e aí as duas equipes mais bem-sucedidas vão disputar uma partida final pelo ouro. No entanto, vocês precisam sobreviver para ganhar pontos. Como o G-man disse hoje de manhã, para cada sobrevivente da guilda, a equipe vai receber um bônus de vinte mil pontos. Está entendido?

Sopa levantou a mão.

— Todo mundo tem mesmo que parti...

Puxei a mão dele antes que terminasse a frase.

— Sopa, a gente precisa de todos os jogadores da guilda em campo.

— Não quero levar um tiro — reclamou ele.

— Fácil — retruquei. — É só jogar sem cometer nenhum errinho.

O treinador distribuiu máscaras e coletes de proteção. O corpo dos Cheefs parecia ter sido geneticamente modificado para acomodar a armadura vermelha. Os Sefiroths, de verde, pareciam um grupo maltrapilho de novos recrutas. Os Burds... pareciam crianças usando fantasias roxas de Halloween.

O treinador nos entregou marcadores com bolinhas de tinta separadas pelas cores de cada equipe. Levei a arma aos lábios.

— Faz todo mundo sangrar roxo.

Fezzik pediu aos Burds que formassem um círculo. Suas axilas eram dois pântanos de suor.

— Muito bem, aventureiros — disse ele, ainda desanimado. — Esta é a grande raide de vocês. Heh... Lá vamos nós. — Estava falhando miseravelmente na tarefa de disfarçar o coração partido. — Quero que vocês lembrem que isto aqui não é para sair matando todo mundo. É para vocês aprenderem a respeitar a si mesmos e a honrar sua guilda. É para ajudarem uns aos outros a voltar para a vida real. Então... vão lá e... façam um bom trabalho.

G-man convocou os líderes de guilda a fim de discutir as regras. Fezzik se arrastou até lá, partindo sem fazer uma única referência a *Final Fantasy*. Os Fury Burds ficaram para trás, menos inspirados e mais deprimidos.

— Ok, gente, esquece aquele discurso — falei, tomando a liderança. — Isto aqui é, *sim*, para sair matando todo mundo.

Pela primeira vez, Meeki sorriu ao me ouvir. Sopa se abraçou, nervoso.

Aquilo seria igual às vezes em que eu precisava levantar o moral dos Cavaleiros Espectrais antes de uma raide. Bem, tirando o fato de que eu não era amigo de nenhuma daquelas pessoas e que, se não tivessem um ótimo desempenho, eu acabaria perdendo o acontecimento mais importante da minha vida até então.

— Então — continuei —, é... Quando eu cheguei, achava que todo mundo aqui era só um bando de nerd preguiçoso vidrado em videogame. — Não tinha preparado um discurso inspirador, de modo que fui forçado a inventar na hora. — Mas querem saber o que estou vendo agora? *Máquinas de matar*. — Examinei minha guilda. — Zxzord — falei, capturando seus olhos fundos. — Nosso mago elétrico morto-vivo. Você é claramente o nosso membro mais hardcore. Como é que está se sentindo?

— Uma grande merda.

— Bom, então vamos tirar você daqui e levá-lo para uma clínica de reabilitação de verdade. Sopa... — Ele empoleirou o pequeno traseiro na areia, se preparando para receber uma chuva de comentários lisonjeiros. Aquela era a primeira vez que eu precisava que ele se esforçasse de verdade para ganhar, em vez de apenas entregar o jogo ou obedecer a todas as minhas ordens. Precisava incentivá-lo com um elogio de verdade. — Você é... o único jogador na Vídeo Horizontes que conseguiu achar uma missão secundária... com a minha ajuda... e é muito dedicado à guilda. É por isso que quero que você seja o meu escudo humano.

— Eu... — o menino engoliu em seco — ficaria honrado.

A seguir, a pessoa que me odiava até a alma. Se eu queria que Meeki me ajudasse a vencer, teria que encontrar o caminho para seu coração. E rápido.

— Meeki. — Ela não olhou para mim, claro. — Desculpa ter deixado o seu bebê ovo morrer. Ele tinha a mesma determinação arraigada que você. Bom, a metade asiática dele tinha, pelo menos. Vamos vencer esta pela Abominação.

— E pelo Muffin! — acrescentou Sopa.

— Claro — respondi.

Meeki ainda se recusava a me encarar.

— Além disso, o Espantalho é um babaca. Vingue-se daquele bundão.

— Você não manda em mim — respondeu ela.

Mas depois desengatou a trava de segurança do marcador. Já era alguma coisa.

— Finalmente, Aurora...

O treinador apitou.

— Guildas, em suas marcas!

— Deixa pra lá — falei. — Vamos acabar com eles, galera!

Aurora beliscou a parte de trás do meu joelho com força.

— Ai! — Esfreguei o local dolorido. — Certo. Dor para curar. Valeu, Aurora.

Fezzik nos guiou até nossas posições, ao norte das Terras Ermas. A areia rodopiava. O sol não dava trégua. Os Fury Burds agitaram os braços para refrescar as axilas. Jamais estaríamos mais preparados do que aquilo.

— Primeira partida — anunciou o treinador. — Burds versus Sefiroths!

Ele ergueu a pistola de largada e disparou. Os Fury Burds se embrenharam nas Terras Ermas. Obstáculos se erguiam ao nosso redor como uma floresta de pedras negras em Marte. Inspirei o ar escaldante.

Os Burds desviavam e costuravam por entre os bunkers alienígenas, dizimando todos os Sefiroths à vista. As armas de ar comprimido não faziam diferença, pois eles não tinham ideia de como usá-las. Jamais pensei que ficaria tão grato pela diversidade dos membros da nossa guilda. Zxzord se abrigava nas sombras que os obstáculos criavam, fundindo-se a escuridão. Sir Arturius não viu coisa alguma até que começou a escorrer tinta roxa por seu visor. Aurora era pequena e ágil... e *péssima* atiradora. Mas errou a mira em Parappa apenas para a bolinha ricochetear na lateral de um bunker de ar e atingir a perna do menino.

E ainda havia Meeki. Meeki, a Destruidora. Meeki, a Pintora de Desertos. Meeki, que aguardou até Devastator estar a meio metro de distância para disparar, pois queria que ele “sentisse o gostinho”. Os gritos dele ecoaram pelas Terras Ermas. Naquele momento, não tive dúvida de que Meeki acertara o irmão de propósito com aquele Wiimote, e eu não podia estar mais satisfeito com aquilo.

Enquanto isso, Sopa e eu éramos uma fera de duas cabeças, de costas um para o outro, fazendo o reconhecimento do deserto. Eu sentia o suor se acumulando na base das costas, onde o menino estava espremido contra mim. Pela primeira vez, não o empurrei para longe. Daquela forma, ninguém podia chegar de fininho para nos surpreender. Morreriam se tentassem. Isto é, até uma bolinha de tinta verde passar zunindo a sete centímetros do meu ombro e explodir na garganta de Sopa.

Mesmo chorando, ele conseguiu abrir um sorriso por ter se sacrificado por mim.

Os Fury Burds remanescentes se reuniram no centro das Terras Ermas. Contabilizamos nossas vítimas enquanto o sol queimava meu ombro machucado.

— Quantos você matou, ó, destemido líder? — indagou Meeki.
— Ninguém ainda — respondi, tentando fazer minha voz soar sinistra.
— Mas Dríade ainda está por aí. Acho que foi ela quem matou Sopa, então, é... vamos acabar com aquela garota.

Seguimos todos em sentidos diferentes a fim de caçar Dríade.

Sem meu escudo humano, com as costas expostas, tremi sob o ar do deserto. Tentei ficar atento a todas as direções, mas era impossível. O suor embaçava o visor. Eu sentia meus batimentos cardíacos na máscara de proteção. Estava recuando para o que achei que fosse a parede ampla de um bunker, quando senti na nuca o cano frio de um marcador.

Merda.

Eu me virei devagar.

Dríade mirou no meu rosto. Não tinha uma expressão vitoriosa.

Havia certa tristeza em seus olhos.

Lentamente, ergui as mãos.

— Seria bem idiota da sua parte atirar em mim.

— Por quê?

— Porque vocês não vão vencer. — Inspirei e me preparei para assumir os riscos. — Se você quer mesmo se vingar do Espantalho, tem que me deixar ganhar.

Ela semicerrou os olhos.

— Pensa bem. Todo mundo na sua guilda já morreu. Os Sefiroths não são bons o bastante para vencer a final. Os Fury Burds são. Espantalho ia odiar isso.

Os olhos dela continuaram estreitados. Observei-a tensionar o dedo no gatilho e me retraí.

— Faça o Espantalho se arrepender — disse ela.

Abri os olhos.

— Pode deixar.

Dríade largou a arma.

— Isto é pelo Muffin — declarei.

E atirei no rosto dela. Coberto pela máscara, é claro.

* * *

— Próxima partida — gritou o treinador. — Chiefs versus Burds!

Os Chiefs serviram nossas cabeças em bandejas de prata. Estavam em toda parte: Leão se esgueirava de um bunker para outro, Espantalho se evadia pelos cantos, Homem de Lata se lançava em nossa direção como se fosse um trem de carga e Dorothy era nosso carrasco invisível.

Dez minutos depois de a partida ter começado, os Burds saíram cambaleantes das Terras Ermas, sujos de tinta vermelha, sem fôlego e

encharcados de suor. Fezzik não tinha palavras de encorajamento a nos oferecer. Ficou apenas sentado na sombra, fitando o horizonte.

Valeu mesmo, cara.

Despimos nossas armaduras suadas e usamos trapos para limpar a tinta vermelha do equipamento. O esforço para falar fazia com que a garganta de Sopa doesse, de modo que ele se dedicou a massagear meus ombros em silêncio. Aurora se sentou ao meu lado.

— Se a gente ganhar, sobre o que você vai falar no seu encontro? Vai contar para ela sobre a reabilitação?

Esfreguei o colete no local onde Espantalho tinha me acertado, para tirar toda a tinta vermelha.

— Que tal se eu disser para Gravidade que estive numa reabilitação de verdade, para ela pensar que sou um cara sinistro?

Aurora abriu um sorrisinho e olhou de relance para Zxzord, que estava passando protetor solar nas tatuagens.

— Ou você pode simplesmente falar a verdade — sugeriu ela.

— Ha-ha. Como é que você vai fazer para terminar com o Max?

Com a unha, ela descascou um pouco de tinta vermelha do visor da máscara.

— Estava pensando em fazer isso em *Arcadia*. Vou procurá-lo com minha Elfa Neon, revelar minha identidade verdadeira e depois terminar tudo na frente da guilda dele. Para o Max e todo mundo ficar sabendo que a garota irada com quem ele estava jogando era na verdade a namorada dele. — Ela soprou os restos de tinta do capacete. — Mas para isso eu teria que jogar mais, então ainda não sei.

— À sua verdadeira identidade, hein? — Estendi a mão para ela. — Eu sou o Jaxon.

Aurora pareceu surpresa por um segundo. Depois, apertou minha mão.

— Jasmine.

— Hum... os dois com J.

— É.

Notei que ela não havia escondido o rosto com os cabelos uma única vez aquele dia.

— Vamos vencer esta joça — falei —, para eu poder contar a verdade para Gravidade e para você terminar com Max com estilo.

Aurora sorriu e assentiu.

Tínhamos acabado de limpar o equipamento quando os Sefiroths saíram mancando do terreno, cobertos de tinta vermelha.

O apito soou, estridente.

— Round final! Fury Burds versus Master Cheefs!

Borboletas tomaram meu estômago. Borboletas com asas afiadas como lâminas.

— É agora, galera — falei à guilda. — A gente consegue?

— A gente consegue! — coxou Sopa, protegendo a garganta dolorida com a mão.

— Vou tentar convencer o vento a favorecer as nossas bolas de tinta — disse Aurora, criando um círculo de pequeninos montes de areia em volta de si.

— Hum... Isso seria ótimo — falei.

E era verdade. *Seria* ótimo.

— Zxzord? — chamei.

Ele não respondeu; ficou deitado, imóvel, os braços cruzados sobre o rosto.

— Ok... Meeki?

Meeki brandiu o marcador.

— Meeki herdará a Terra.

— Excelente.

— Mas não por você.

— Sem problemas — respondi. — Gente, fiquem *vivos*.

Coloquei a máscara de proteção e me esforcei ao máximo para não admitir que estávamos provavelmente cem por cento ferrados.

O treinador apitou.

Entramos nas Terras Ermas.

Um tiro foi disparado.

Mais uma vez, o apitou soou.

— Burd morto!

Tinta roxa pingava da lateral da máscara de Zxzord. Ele tinha atirado na própria cabeça.

— Mas que *merda* você está fazendo? — indaguei.

Ele tirou a máscara e a jogou longe.

— Vou ao banheiro.

— Todo mundo sabe que você está fingindo!

— Todo mundo aqui está fingindo — retrucou ele por cima do ombro, e saiu caminhando de volta para o prédio da Vídeo Horizontes.

— *Sério mesmo?*

Era a maior traição que eu já vira desde Leeroy Jenkins.

— Argh!

Meeki marchou até o treinador. Estava argumentando que ele deveria colocar Parappa, do nerdcore, na equipe, já que um de nossos jogadores acabara de cometer suicídio... quando uma explosão de tinta vermelha acertou a nuca dela.

Pela terceira vez, o homem apitou.

— Burd morto!

— Anda, *anda!* — gritei, arrastando Sopa pelo braço para dentro da arena. Aurora correu na direção oposta.

Sopa e eu fugimos para as entranhas das Terras Ermas e nos escondemos atrás de um bunker comprido e baixo. Espiei por cima dele e vi o treinador direcionando Meeki para fora do campo.

Merda. Não era justo. Tínhamos perdido dois jogadores em menos de um minuto porque um deles estava possivelmente fingindo sintomas de uma crise de abstinência de heroína. Só de raiva, eu queria desistir e abandonar o jogo. Não consegui.

A areia açoitava nosso rosto. Disparos crepitavam pelo ar seco. A areia fazia meu traseiro arder, e o ar cheirava a plástico derretido. Estávamos em um inferno de balas incessantes.

— O que é que a gente faz? — sussurrou Sopa, aterrorizado.

— Não faço a menor ideia.

— Se a gente perder, pelo menos vamos poder construir juntos um monte de castelos de areia amanhã.

— Não. Eu me recuso a admitir derrota.

Outro disparo. Sem apito.

— Ok, a gente vai fazer o seguinte — comecei, antes de saber o que diria. Sondei o terreno e aponte para um bunker mais alto que os demais.

— Vou dar impulso para você subir naquilo lá.

Sopa fez uma expressão preocupada.

— Tenho medo de altura.

— Então que bom que você é um cara armado que não sabe qual é o significado de altura, não é?

Sopa não pareceu muito convencido.

— Anda — falei. — Vou jogar você lá para cima como se fosse um Pikmin.

Ele me seguiu até a sombra do obstáculo. Entrelacei os dedos, Sopa pisou neles, e o catapultei para cima. O bunker oscilou, ameaçando cair. Sopa gemeu. Mas logo em seguida o bunker se estabilizou outra vez, formando uma depressão confortável na superfície, na qual Sopa se instalou. Ele espiou por cima da beirada, apenas olhos e nariz visíveis, para olhar para mim.

— Para cada Cheef que você derrubar, vou passar uma... uma *tarde inteira* com você quando a gente voltar para casa — sussurrei.

Sopa assentiu.

— Confio em você, Miles.

Comecei a me esgueirar pelo terreno atrás de Aurora. Um disparo ressoou atrás de mim, seguido pelo risinho entusiasmado de Sopa.

— Miles! — gritou ele, de onde estava. — Peguei um!

— Bom, então não revela a sua posição para eles, idiota — resmunguei para mim mesmo. Mas estava sorrindo.

O treinador apitou.

— Cheef morto!

Leão saiu das Terras Ermas, o ombro manchado de roxo, com cara de quem estava prestes a cair no choro. Três Burds, três Cheefs. Ainda assim, a probabilidade era terrível para o nosso lado. Com sorte, os três Cheefs remanescentes seguiriam a voz de Sopa sem pensar em olhar para cima.

Fui andando sorrateiramente até o lado esquerdo do terreno, mantendo as costas viradas para os bunkers e piscando apenas uma vez a cada minuto. Toda e qualquer rajada de vento, todo e qualquer estalido de areia batendo no visor da máscara era um potencial fim do mundo. Passei por um obstáculo meio caído onde ainda era visível o logotipo da Colônia de Férias Sol Alegre. Estava se esvaziando, assoviando com delicadeza o ar que perdia.

Encontrei Aurora agachada ao lado de um amplo bunker. Levando um dedo aos lábios, gesticulei para que me seguisse até o obstáculo desinchado, onde me ajoelhei e suspendi a lona de vinil. A base se retesava contra as cordas que o ancoravam à areia, mas uma pequena caverna tinha se formado sob o tecido. Aurora assentiu e rastejou lá para dentro, impulsionando o corpo com os cotovelos. Cobri-a de modo que ela não passasse de um cano se projetando para fora de uma caverna escura.

— Dá para respirar aí dentro? — perguntei.

O cano assentiu.

Era hora. Esperaríamos por eles naquele local. Os Master Cheefs podiam saber se movimentar na surdina. Podiam ter talento. Podiam ter destreza e habilidade. Mas os Fury Burds tinham adolescentes esqueléticos que cabiam embaixo e em cima de objetos variados.

Segui em direção ao norte.

Um disparo soou à esquerda. O apito, não.

— Anda, Aurora — sussurrei ao vento. — Mira.

A partida se estendeu. Espantalho, Dorothy e Homem de Lata não conseguiam nos encontrar, e eu, por tudo que era mais sagrado, também não conseguia localizar nenhum deles. Então, notaram Sopa, que não conseguia parar de rir porque tinha acertado alguém. Os risinhos pararam quando os Cheefs o cercaram. Homem de Lata colocou Dorothy sobre os ombros, e ela atingiu Sopa na barriga... no exato instante em que ele atirou nela.

— Foi mal, Miles! — desculpou-se o menino, aos soluços, enquanto saía do terreno.

— Você fez o bastante, porquinho — falei em voz baixa. — Fez o bastante.

Na minha mente, saí pulando pelo território das Terras Ermas como se estivesse em um mapa de algum jogo do gênero MOBA. Com Aurora incapacitada sob o monólito, era eu contra Homem de Lata e Espantalho. Tinha que sobreviver. Minha vida dependia daquilo.

Gravidade. Mandrake's. Hoje à noite.

Aquele pensamento fez com que meus dentes parassem de bater.

Eu não cabia debaixo de nenhum dos bunkers. Acabaria estourando um se tentasse escalá-lo. Não tinha outra escolha senão ir à caça.

Segui pelas Terras Ermas. Àquela altura, os Cheefs já deviam ter se dado conta de que tínhamos outro truque na manga, que um assassino invisível estava à espreita, pois nada se movia à esquerda da arena salvo os grãos de areia. Segui para o norte.

Não deveria nem precisar mencionar, mas uma batalha real era bem mais complicada do que as de videogame. Não podia ficar invisível, tampouco ver pontinhos vermelhos no radar ou ficar atento aos raios vermelhos saindo dos olhos dos vilões para indicar seu campo de visão. Sem um mapa, visão de raios-X ou visão panorâmica em terceira pessoa, eu tinha que encontrar uma nova maneira de rastrear o inimigo.

Desde que eu me desconectara, sem fones de ouvido dominando minha audição com explosões e lasers e esquilos, o mundo tinha começado a me oferecer seus sons mais sutis — o engasgo do Oldsmobile de Command, o zumbido das lâmpadas fluorescentes da clínica, o tique-taque do relógio de pássaro no Ninho...

Homem de Lata era um garoto *grande*. E gostava de esmagar insetos. Fechei os olhos e levei as mãos em concha às orelhas. O vento uivava por entre os obstáculos infláveis. À direita, jogadores conversavam. À esquerda, um corvo grasnava. E mais além...

Crsh, crsh, crsh.

Abri os olhos e me esgueirei em direção aos passos. Homem de Lata marchava pela areia, os olhos raivosos. Sua pele estava vermelha. Respirava tal qual um touro raivoso.

Ergui o marcador.

— Miles! — gritou uma voz. — Atrás de você!

Eu me joguei no chão e rolei no instante em que Espantalho levantava a arma. Acertei-o duas vezes, flores roxas desabrochando em seu peito. Senti o estouro na parte de trás de minha máscara vindo de onde estava Homem de Lata uma fração de segundo antes de Aurora atingi-lo na perna.

Eu estava acabado.

Fiquei deitado na areia quente, os olhos semicerrados contra a luz do sol, tentando juntar as pecinhas para entender o que acabara de acontecer. Não estava pronto para admitir o que a mancha em meu capacete significava.

— Valeu, sua escrota — disse Espantalho a Aurora, antes de descarregar a arma no peito dela com tiros à queima-roupa.

Ela caiu na areia. Eu me levantei de um pulo, com a intenção de correr atrás dele, mas Homem de Lata entrou na minha frente. Seus punhos não eram maiores que minha cabeça, mas com certeza pareciam ser.

Espantallo foi embora. Homem de Lata o seguiu arrastando os pés.

— Babacas! — Fui até Aurora. — Tudo bem?

Ela grunhiu e segurou a barriga, a tinta vermelha escorrendo por entre seus dedos.

— *Aurora?* — Caí de joelhos. — Você está sangrando de verdade?

Ela tirou a máscara de proteção e tossiu, fazendo salpicos vermelhos voarem na sua mão.

— É que... é só que... — Ela fez uma careta de dor. — Sou... uma ótima *atriz*.

Levantei-a para colocá-la no colo e dramaticamente chacoalhei seus ombros.

— Você vai sair dessa.

— Não... *cof cof*... não vou. — Ela piscou os olhos estranhos, fingindo estar tentando focar a visão em mim. — Tenho um... último... desejo.

— O quê?

— Faça... todos aqueles elogios que você ficou me devendo.

Verdade. Eu tinha elogiado todos os outros Fury Burds à exceção dela antes de o treinador começar a partida.

— Vejamos — comecei. — Você tem olhos fascinantes. Faz as coisas mais idiotas, como um dente-de-leão, ficarem superinteressantes. E nem quando está morrendo, ou *fingindo*, você fica feia. Vai ser uma velhinha estonteante.

— Já sou uma velhinha estonteante.

Aurora morreu teatralmente em meus braços. Grãos de areia tremelicavam em seus cílios. Um momento depois, ela voltou à vida e esfregou na minha calça a tinta vermelha que limpou da bochecha.

— Você não venceu — disse ela.

Meu cérebro tinha, enfim, reconhecido a presença da poça molhada na parte de trás da minha máscara. Eu estava morto. Não podia receber os pontos. A sensação de entorpecimento saiu das minhas costelas e se espalhou pelos braços e pelas pernas. *Gravidade*. Merda. Puta merda. Senti os olhos queimarem. Funguei como se fosse culpa do ar seco.

— Não, não venci.

— Foi mal.

— Tudo bem.

Não estava nada bem.

— Você chegou tão perto.

Tinha chegado muito perto.

Não sabia se ia vomitar, ficar cego ou estrangular um bunker. Tinha perdido *Gravidade*. Não havia nada mais a fazer. Por conta de todos os fatores idiotas que estavam fora do meu controle.

— Quando voltar para casa, vou acampar no Mandrake's — falei. — Ela gosta daquele lugar. Vai ter que passar por lá mais cedo ou mais

tarde... O que é que você está olhando?

— Só estava contando os seus olhos — explicou ela.

Não era fácil fitar as quatro pupilas por muito tempo.

O treinador apitou, sinalizando para os jogadores voltarem.

— Quer que eu carregue o seu cadáver de volta? — ofereci a Aurora.

— Eu consigo ir sozinha.

Saímos das Terras Ermas.

— Pelo menos *você* venceu, não é? — falei. — Acha que já consegue terminar com o Max?

— Acho que sim.

Aurora tocou o peito e soltou um suspiro. Fora da arena, Homem de Lata gritava:

— Mas isso é mentira!

Meeki balançou a cabeça.

— A Aurora atirou nele há séculos.

— Onde? — indagou o treinador.

— Atrás da cabeça.

O treinador fez Homem de Lata se virar. A máscara estava limpa. O treinador lançou um olhar desconfiado a Meeki. Ela circulou os demais Cheefs, pegando suas cabeças com violência e examinando a parte de trás. Foi para trás de Leão.

— Eles trocaram! — acusou. — Eu estava na lateral do campo e vi o Leão ser atingido bem aqui. — Ela bateu na flor de tinta roxa no colete do garoto. — Então quando foi que atiraram na cabeça dele?

Ela virou Leão. Havia uma mancha roxa atrás do capacete.

O treinador olhou feio para Homem de Lata, que apontou para Espantalho.

— Foi ele quem me mandou trocar.

Espantalho não respondeu.

Aquilo significava que Homem de Lata já estava fora do jogo antes mesmo de atirar em mim.

— Eles roubaram? — perguntou Aurora.

— Eu não morri? — indaguei.

O treinador fez um pequeno aceno positivo.

Duzentos e cinquenta mil pontos... Com Aurora, que sobrevivera, eram *duzentos e setenta mil*.

Eu tinha ultrapassado um milhão.

Tinha vencido.

Eu derrotara a v-hab. E em apenas quatro dias.

Não rasguei a camiseta. Não saí dando estrelas pela areia. Apenas inspirei fundo e olhei para a direita, na direção do Mandrake's.

Aurora estendeu a mão.

— Parabéns, Miles.

— O quê, não vou ganhar um beliscão? — perguntei, disponibilizando meus pneuzinhos.

Ela balançou os cabelos.

Apertei sua mão. Olhei no fundo dos estranhos olhos em queda livre da menina antes de ela se virar e partir.

Agitei a cabeça para afastar uma sensação.

— Fezzik, que horas são?

Ele olhou para o relógio de pulso.

— Quatro e trinta e nove.

Eu tinha que voltar ao prédio se queria tomar um banho antes de ir para casa. Estava cheirando a cadáver suado. Ainda assim, queria mostrar meu respeito aos Fury Burds por terem me ajudado a vencer.

Fezzik me cumprimentou com um high-five sem muito entusiasmo.

Meeki se recusou a me cumprimentar.

— Você nem matou ninguém — acusou ela.

Abracei-a sem me importar com o fato de que seus braços continuavam cruzados.

— Você não vai conseguir estragar meu momento — sussurrei, depois a libertei. — Sopa! A gente conseguiu!

Quando ergui a mão para bater na dele, Sopa correu e se escondeu nas Terras Ermas.

Eu o observei partir. Ele ficaria bem. Podia passar aquela última semana na v-hab se sentindo um pouco solitário, mas depois iria para casa. Eu me encontraria com ele lá e passaríamos uma tarde — não, espera, ele acertara dois Cheefs —, *duas* tardes juntos, fazendo o que ele quisesse. E, conhecendo Sopa, isso era o mesmo que dizer que seria o que *eu* quisesse.

Devia aquilo ao menino.

— Tchau pra sempre, galera! — falei, e corri desajeitadamente pela areia em direção à Vídeo Horizontes.

Parabéns! Esta história tem final feliz.

EU TINHA CONSEGUIDO UM MILHÃO DE PONTOS!

Gravidade estava à minha espera.



+ 1.000.000 PONTOS!

2 HORAS ATÉ GRAVIDADE

Fim de jogo

Eu ia encontrar Gravidade. A reluzente, encantadora, não-mais-gotejante, disposta-a-me-namorar Gravidade. Passei pelo Fada do Pó, esfregando e resmungando. Passei por Espantalho, que pela primeira vez não me lançou aquele sorriso sebo. Passei por Zxzord, que saía do banheiro, pálido.

Bati em seu ombro.

— Valeu por porra nenhuma, moleque!

A v-hab podia ter sido infernal, mas eu não poderia ter encontrado uma maneira melhor de passar aqueles últimos dias me preparando para o encontro. Em vez de estar me aventurando por *Arcadia* com os Cavaleiros Espectrais (que, para ser sincero, com certeza seria o que teria feito em outras circunstâncias), tinha perdido uns quilinhos, feito alguns amigos e finalmente quebrado o silêncio sobre a dependência da minha mãe. Pô, tinha até aprendido a tocar ukulele, enfrentar ninjas invisíveis e preparar um húmus de batata-doce sinistro. Tinha uma ideia nítida de como seria meu segundo encontro com Gravidade.

Irrrompi Ninho adentro feito um atleta passando pela linha de chegada.

G-man estava de pé ao lado do meu beliche.

— Veio me levar para casa? — perguntei, erguendo a mão. — Não preciso mais dos pontos, mas ia gostar de um cumprimento para a saideira.

Ele me deixou no vácuo e estendeu para mim algo em um saquinho plástico.

Senti meu estômago despencar. Minha mão também.

— O que é isso? — indaguei.

Eu sabia o que era.

— É um iPod Touch. Está carregado com cerca de uma dúzia de aplicativos de jogos.

O saco balançava entre seus dedos como se ele tivesse descoberto um baseado em uma clínica de reabilitação legítima. Minha mala estava na cama atrás dele, com os bolsos abertos. G-man olhava para mim como se tivesse acabado de encontrar o aparelhinho no meio das *minhas* coisas.

— Como ele foi parar aí?

As narinas dele se inflaram.

— A julgar pelo cheiro, não quero saber.

Meu Deus. Eu deveria ter deixado Command fazer uma busca por meus orifícios. Assim saberiam que minha bunda não escondia segredo algum.

Algo escrito na mureta chamou minha atenção.

— O bolo é uma mentira — falei.

G-man suspirou.

— Acho que é melhor você dar um pulo no meu escritório.

* * *

— Armaram para mim.

G-man assentiu.

— Tem como provar?

— Tenho! — Tirei o pergaminho do alforje de aventuras, coloquei-o na mesa e o abri. — Você acha que eu teria conseguido ganhar tantos pontos assim se estivesse ocupado jogando?

G-man balançou a cabeça, sem ânimo, como se estivesse se sentindo derrotado.

— Mesmo que você tivesse jogado dois minutos que fossem depois de as luzes terem se apagado, seria considerado trapaça.

Apontei para o iPod.

— Alguém colocou isso na minha mala para eu não poder ir para casa!

— Quem? — indagou G-man. — Por quê?

— Não sei! A Meeki? A Dríade? Qualquer um dos Master Cheefs? E nem imagino por que eles fizeram isso. — Respirei fundo, tentando acalmar meu coração furioso. Gravidade estava escapulindo por entre meus dedos. — Quem foi que deu a dica para você?

G-man tamborilou as unhas na escrivaninha.

— Não posso revelar isso.

Eu ri. Estava fumegando de raiva. Tinha obtido um milhão de pontos em tempo recorde, e aquilo não importava. O sistema era corrupto. O jogo era bugado. No instante em que venci, em vez de uma explosão de cores com a palavra “VITÓRIA” escrita em letras douradas e reluzentes, tudo que havia diante de mim era um deserto.

— Todo e qualquer aparelho eletrônico é expressamente proibido na Vídeo Horizontes — disse G-man. — É exatamente com isso que estamos tentando acabar. Detesto ter que dizer isto, Jaxon, mas a punição para uma infração como essa é severa.

— Quantos pontos?

— Cem mil.

— Você só pode estar de sacanagem comigo.

G-man apontou para mim.

— Olha a boca. Quer perder mais ainda?

Um relógio na parede acima da cabeça de G-man marcava 16h48.

Eu tinha realizado muitos milagres até então. Não ia desistir àquela altura.

— Armaram para mim — insisti. — Eu devia ter a chance de recuperar os pontos. Com uma competição. Hoje. Agora. Pode escolher o que quiser. Um combate até a morte! Não me importa! Vou ganhar e depois posso sair daqui, sem tramoia.

G-man fez uma careta.

— Mesmo que pudesse fazer isso, e não vou fazer porque seria injusto com os outros jogadores, não acho que você esteja pronto para deixar a Vídeo Horizontes ainda. Quero ter certeza de que amadureceu de verdade nesse tempo aqui dentro.

— Eu amadureci! — retruquei. — Imensamente. Aprendi uma tonelada de habilidades novas. Pode me dar um ukulele. Olha os meus bordados! Vamos ali no Rango rapidinho, que faço um mexido de tofu incrível para você!

G-man abriu um sorriso que transparecia sofrimento.

— E socialmente? Fez algum progresso nesse departamento?

— Como assim?

— Seu pai tinha uma série de preocupações sobre suas escolhas de vida. Levar você de volta para casa depois de quatro dias, dizendo que está curado...

— Você acha que ele vai dizer que não valeu o dinheiro gasto e exigir um reembolso.

— Não. — G-man balançou a cabeça. — Não é nada disso. Meu objetivo é melhorar a vida dos adolescentes. Não lucrar. Mas não é isso que importa aqui. Algumas das histórias que ouvi da sua guilda...

— De quem na guilda? Da Meeki? A garota que acertou o irmão com um Wiimote?

G-man me lançou um olhar severo. Por que tive que ser aquele imbecil sarcástico no nosso primeiro encontro?

— Vou processar — ameacei.

— Como é? — perguntou ele.

— Eu me machuquei aqui dentro. Um dos jogadores fez o meu kart bater. Meu pai é advogado. O apelido dele é Montanha.

— Seu pai é um vendedor aposentado — corrigiu ele. — E assinou um documento afirmando que a Vídeo Horizontes não é responsável por quaisquer ferimentos que pudessem vir a acontecer durante as suas atividades aqui. Para falar a verdade, me lembro especificamente de ele ter dito que alguns arranhões fariam até bem a você. — Ele massageou o pescoço e refletiu por um momento. — Seria ótimo para você, não seria? Se eu fosse o vilão da história. Um chefão que você precisa derrotar no final.

Ele era o vilão. Era um obstáculo no meu caminho até a princesa. Só não tinha noção disso. Porque eu nunca tinha dito.

— Eu tenho um encontro! — apelei. — Daqui a... — olhei para o relógio — ... caramba, uma hora e cinquenta e nove minutos. A gente se conheceu pouco antes de eu ser internado. Em um lava jato. Foi a melhor coisa que já aconteceu comigo. Eu a fiz rir. Nunca fiz uma garota rir antes. É a garota mais bonita que já vi e, óbvio, com quem já falei... e ela me disse que eu era a pessoa mais engraçada que tinha conhecido. Se o Command e o Conquer não me levarem de volta para casa, tipo, neste instante, não vou chegar a tempo. Ela é provavelmente a única coisa que pode me fazer largar os videogames. Senão, vou voltar para casa e recomeçar a jogar.

G-man me avaliou por vários segundos.

— Essa é uma teoria interessante — disse ele. — Uma garota como solução para todos os seus problemas. — Ele se levantou, empurrando o quadril para se empertigar, e se escorou no encosto da cadeira. — Quando comecei a Vídeo Horizontes, prometi a mim mesmo que todos os pacientes que entrassem nesta clínica sairiam mudados para melhor. — Seus olhos ficaram cheios de lágrimas. — Isso ainda não aconteceu com você, Jaxon. E acho que, em algum lugar lá no fundo, você sabe disso.

Não falei o que estava na ponta da língua. Não falei porque G-man ainda era a maior chance que eu tinha de sair de lá.

Eu me levantei e fui embora do escritório sem dizer mais nada. Tinha que pensar em uma saída. *Imediatamente*. Ganhar mais pontos estava fora de questão. Ir embora andando também. G-man não ia me ajudar. Percorri os corredores à procura de uma resposta. Eu precisava de uma Pedra de Regresso. Precisava de um daqueles ossos de *Dark Souls*. Precisava de um botão de reset.

Naquele momento, encontrei minha resposta, espiando timidamente de uma curva no corredor. Sopa. Não estava correndo e se dependurando nos meus pneuzinhos como sempre fazia. Estava longe, como se eu fosse uma fera prestes a devorá-lo.

As peças se encaixaram.

Quem era a pessoa que mais queria me ver preso na Vídeo Horizontes?

Que tinha mencionado aquele boné horroroso da Home Depot mesmo sem eu nunca tê-lo tirado da mala?

Que me desenhara dentro de uma Pokébola?

Corri até ele, agarrei seu braço e o puxei pelo corredor.

— Aonde é que a gente está indo? — perguntou ele.

Não respondi. Subimos os degraus até o escritório de G-man.

Bati à porta.

— Pode entrar — disse G-man.

Segurei a maçaneta.

— Eu menti — falei para Sopa. — Você e eu moramos quase ao lado um do outro. Só não queria ter que desperdiçar meu tempo com um bebê chorão de merda.

Ele franziu a testa, e eu abri a porta para a sala.

G-man digitava algo no celular.

Ergueu os olhos.

— E aí, pessoal?

— Conte para ele — ordenei, empurrando o ombro de Sopa em direção à escrivaninha.

Sopa olhou para mim, confuso.

— Diga para ele que foi você quem plantou o iPod Touch na minha mala para me prender aqui dentro.

G-man deixou o telefone de lado e entrelaçou os dedos.

— É verdade? — indagou ao menino.

Sopa olhou para mim. Seus olhos brilhavam. Ele baixou a cabeça. E assentiu.

G-man semicerrou os olhos para Sopa. Ele não levantou a cabeça. Ignorei a estranha sensação de vazio no peito.

— Desculpe não ter acreditado em você, Miles — disse G-man.

— Sem problemas. — Bati palmas. — Isso quer dizer que tenho um milhão de pontos de novo. Você tem que me levar para casa agora. Como prometeu.

— Não tenho que fazer nada disso.

— Espere aí, como assim?

— Não depois do que ouvi você dizendo para o Sopa aqui fora. Ainda vou retirar os cem mil pontos, mas desta vez vai ser por tratar mal um colega de guilda.

Senti o sangue correr para o rosto.

— Ele... ele sabotou meus pontos para passar mais tempo comigo!

Sopa fungou e baixou a cabeça.

— E daí? — perguntou G-man. — É assim que se trata alguém que tem tanto afeto por você? Depois de se despir de todas as mentiras que conta a si mesmo, Miles, tudo o que resta são os fatos crus do que você fez ou deixou de fazer. Você fica.

Analisei os olhos úmidos e sinceros de G-man.

— Você não ia me deixar ir embora de qualquer jeito.

Ele deu de ombros.

— Agora nunca saberemos, não é mesmo?

Precisei de cada centelha de autocontrole que tinha para não socar a parede.

G-man apontou para a porta.

— Vá para a sua terapia de guilda, ou vou chamar Command e Conquer.

Quase arranquei a porta das dobradiças. Marchei escada abaixo tal qual um trovão e segui pelo corredor de luz fluorescente sem vida em direção à luz verde da saída. Chutei a barra da porta e saí para o ar inóspito do deserto.

Olhei para além do estacionamento, além das dunas. Estava encurralado em uma caixa de areia infinita, um jogo que nunca acabava e que usava de ardis para me manter prisioneiro.

O que mais eu podia fazer?

Didilingdingdingding. Você podia parar de ser tão babaca, Miles!

Vai se ferrar, Navi, pensei. Venci, e não fez diferença. Não preciso mais de você.

Imaginei as asas da fadinha murchando. Ela adejou pelo deserto, pintando as dunas com seu pó mágico, até desaparecer no horizonte.

A porta atrás de mim se abriu.

— Não era para você estar na terapia? — perguntou Command.

Não me virei.

— Precisa que eu acompanhe você até lá? Ou acha que consegue encontrar o caminho sozinho, como um bom menino?

Eu teria alguma chance? Se corresse para o deserto naquele instante, conseguiria escapar dele?

Eu me virei e entrei no prédio. Command bateu a porta.

Tendência para o mal

A voz de Meeki ecoou pela escada que dava para o Ninho.

— ...inspiração. Você é incrível e linda. Mas também me fez achar que beleza não importa. Me fez entender que eu me irrita com muitas coisas porque acredito no que as pessoas dizem ou...

Abri a porta, e Meeki imediatamente parou de falar. Olhou feio para mim.

— Bom, agora acabou o clima.

O círculo da guilda estava formado, mas três cadeiras estavam vazias. Eram apenas Meeki, Aurora e Fezzik participando. Zxzord estava deitado no beliche.

— Olá, Miles — cumprimentou Fezzik. Não parecia surpreso em me ver. — Sente-se. Meeki, prossiga, por favor.

Ela continuou me olhando feio.

— Pensei que você já tivesse ido embora.

Sentei no círculo.

— Também pensei.

— Bom, ficamos felizes por você estar aqui — disse Fezzik. — Sabe onde o Sopa está?

— Com o G-man. — *Aquele merdinha.*

Apoiei os cotovelos nos joelhos e pressionei os olhos com as mãos, tentando acalmar a mente. Eu deveria estar atravessando o deserto em direção à cidade.

— Meeki? — chamou Fezzik. — Pode terminar de falar.

— Eu falo para ela mais tarde.

— Está bem. Miles? — Não levantei a cabeça. — É a terapia de guilda de despedida da Aurora. Quando os novos jogadores chegarem, Command vai levá-la para casa. Tem alguma coisa que você gostaria de dizer antes que ela vá embora?

Ergui os olhos. Lágrimas reluziam nos estranhos olhos de Aurora. Aquela era a menina que tinha profetizado que eu passaria um bom tempo na Vídeo Horizontes.

— Nah.

— Quem sabe mais tarde — disse Fezzik, batendo nos joelhos numa tentativa de quebrar o gelo. — Aurora, você tem algo a dizer para a guilda?

— Só... se cuidem.

— Amável e simples — elogiou Fezzik. — Obrigado, Aurora. Acho que é em nome de todos que digo que você teve um amadurecimento incrível durante sua estadia aqui. Superou alguns obstáculos assustadores em relação à forma como você se vê e também entendeu que merece coisa melhor do que o que seu relacionamento atual oferece. Desejamos a você tudo de bom na sua aventura de volta à vida real.

Ele olhou para mim e para Meeki, ambos inexpressivos, e suspirou.

— Bom, vamos falar da dopamina. Tenho certeza de que vocês estão sentindo um pouco do estímulo causado por ela depois da vitória no campeonato de paintball. He-he.

Não. Toda a minha dopamina tinha sido sugada do cérebro por Sopa e G-man.

— Os videogames estimulam o circuito de prazer do cérebro — continuou Fezzik —, faz com que os gamers se sintam satisfeitos e orgulhosos mesmo sem terem realizado nada de fato. Alguém tem algo a dizer sobre isso?

— Você é, sem sombra de dúvida, a pessoa mais egoísta que já conheci na vida — acusou Meeki.

Revirei os olhos e me recostei na cadeira. Ela estava falando de mim, claro. O que esperar de alguém com um apelido como “mekitematopraontem”?

— Pode expressar o que está sentindo? — indagou Fezzik. — Usando uma linguagem positiva e solidária?

Aurora colocou os pés em cima da cadeira e se encolheu.

— Ele acha que é melhor que a gente — explicou Meeki. — Eu queria que tivesse ido embora de uma vez. A gente não precisa dele nos Fury Burds.

— Meeki — repreendeu Fezzik —, isso não é o que chamo de solidariedade...

— Sério? — interrompi. — Vocês não precisam de mim? Mesmo depois de eu ter ganhado centenas de milhares de pontos para nossa guilda? De nada, aliás. Ah, e quebrei o nariz do Espantalho por você.

Fezzik olhou para mim sem entender nada. Eu não estava nem aí. Ele podia tirar todos os meus pontos. Não faria mais diferença.

Os olhos de Meeki encontraram os meus.

— Por acaso eu *pareço* uma garotinha indefesa que precisa de um homem grande e forte para me proteger? Ganhei mais brigas no último ano do que você vai ganhar na sua *vida inteira*. — Olhei de relance para os braços dela, que eram, de fato, mais musculosos que os meus. — Além do mais, você não quebrou o nariz do Espantalho por mim. Você fez aquilo pensando em si mesmo. Ficou com medo de perder o jogo, e arrumar briga foi a desculpa perfeita para sair fora. Se fosse desqualificado, a derrota não seria culpa sua. E aí você poderia continuar fingindo que

tinha alguma chance com aquela garota do lava jato. Aliás, odeio ser a portadora de notícias ruins, mas você não tem nenhuma chance com ela. Nenhuma.

Bufei e me volvei para Fezzik, que não tinha se pronunciado nem para fazer seu som de Wookiee.

— Você tem fixação por essa ideia idiota da princesa aprisionada em um castelo — retrucou Meeki. — Está entranhada em você. A pobrezinha inocente esperando você chegar para dar tudo o que ela sempre quis. Acha que Gravidade gosta de você? Vocês dois trocaram, tipo, umas cem palavras, e agora você está *obcecado* por ela? Isso é medonho.

Olhei para Fezzik outra vez.

— Você não vai falar nada?

Fezzik respirou fundo.

— Às vezes, um aventureiro precisa entrar numa batalha sem magia de proteção. Isso pode ser bom para você, emocionalmente falando, Miles.

Eu não podia acreditar no que estava ouvindo. O que eles sabiam sobre o que eu tinha vivido no lava jato? Nenhum deles estivera lá.

Sem ter o que dizer para me defender, sem Fezzik para me curar ou Sopa para me servir de escudo, volvei a encarar Meeki.

— Que merda é essa que você está dizendo?

— Miles... — Fezzik chamou minha atenção.

Joguei meu pergaminho aos pés dele.

— Pode tirar quantos pontos você quiser. — E me volvei para Meeki.

— Só estou tentando sair com uma garota.

— No fundo, você não se importa com ela — acusou Meeki. — Nem conhece a menina. Só quer receber todos os prêmios, mesmo sendo um preguiçoso e tratando todo mundo que nem lixo. — Ela também jogou o pergaminho para Fezzik. — Isto aqui não tem nada a ver com essa tal de Gravidade e sim com a ideia malnutrida que você tem de si mesmo. Você odeia as mulheres.

— Do que é que você está falando? Minha mãe era *alcóolatra*, e mesmo assim eu...

— E o que isso tem a ver com a história? — interrompeu ela.

— Tudo! É... é... — Eu estava tão irritado que não conseguia controlar o que dizia.

— Só porque uma coisa dá errado na sua vida não quer dizer que você pode virar um problema na vida dos outros — disse Meeki. — E nada nem deu *tão* errado assim para você. Ser um homem branco heterossexual de classe média nos Estados Unidos já configura sua vida no modo mais fácil.

Fezzik limpou a garganta.

— Acho que o que Meeki está querendo dizer é que às vezes é difícil reconhecer nosso próprio poder, aí acabamos explorando as fraquezas dos outros. É como se... a escolha de classe do seu personagem em *Arcadia*

fosse aleatória. Algumas pessoas iam pegar guerreiros, enquanto outras seriam obrigadas a ficar com...

— Não tem nada a ver com isso — interrompeu Meeki. — O Miles é um moleque privilegiado que acha que pode fazer o que quer porque passa por muitas dificuldades na vida. “Ó, meu Deus, meus pais se divorciaram. Ó, ninguém quer namorar comigo. Ó, alguém tirou os meus videogames de mim.” Como você acha que é a vida de uma garota vietnamita gorda e gay? Hein?

Os olhos de Meeki ficaram marejados. Olhei ao redor em busca de ajuda. Fezzik desistira. Aurora permanecia escondida atrás dos joelhos.

Eu estava perplexo.

— Você está falando comigo como se eu fosse... o Espantalho, sei lá.

— Tem razão — concordou Meeki. — Foi mal. Você não tem nada a ver com o Espantalho.

— Obrigado.

— Você é pior. Porque acredita de verdade que é o mocinho da história. Mas você só usa a gente para trapacear e ganhar pontos para conseguir sair daqui e ir ao seu precioso encontro.

— Mas é justamente esse o propósito deste lugar! — explodi. — Todo mundo aqui está tentando ganhar pontos!

O cômodo ficou em silêncio. Zxzord piscava para nós de sua cama. Meeki sorriu.

— Você pensa que sou a única que acha você podre?

— *Meeki* — advertiu Fezzik.

— Está bem. Mas saiba que não sou a única que queria você longe daqui.

Bufei, incrédulo, mas então notei que Fezzik não me encarava. Fitava suas mãos de gigante. Espiei por entre as pernas dobradas de Aurora, e nossos olhares se encontraram. Eu tinha lhe contado muitas coisas verdadeiras sobre mim: em relação a aeroportos e solidão e *Dr. Mario*. Mas ela não estava comprando minha briga.

— Lembra ontem? — continuou Meeki. — Quando Aurora estava chorando no Rango?

— Meeki, não — pediu Aurora, encarando os joelhos.

— Foi por *sua* causa — revelou a outra. — Você disse que ela era esquisita.

— Não disse, não!

— Disse. Disse, sim. No telhado. Ela passou a vida inteira tentando escapar da sensação de ser uma esquisitona, mas você chega aqui e diz o que quer porque acha que merece sair em quatro dias. Como é que está indo esse plano, aliás?

Antes que eu pudesse responder, Aurora se levantou.

— Pode me dar licença?

Fezzik assentiu, e ela saiu depressa do Ninho.

Meeki continuou com os olhos fixos em mim.

— Não vou nem mencionar a forma como você trata o Sopa.

— O Sopa me adora — falei, mas acho que não fui muito convincente.

Meeki bufou.

— O Sopa ia adorar até uma geladeira se ela falasse com ele.

Quanto a isso, eu não tinha o que argumentar.

— Tudo gira em torno de você, Miles — continuou ela. — Você ocupa todo o espaço na terapia de guilda.

— Isso foi uma piada de gordo? — perguntei.

— Não, idiota. Com a sua voz. Você é desrespeitoso com tudo o que acontece aqui. Nunca ouve ninguém. E quando fala, é só para ganhar pontos.

Fiquei de pé tão rápido que minha cadeira caiu para trás.

— O que faz de você uma pessoa tão perfeita, hein? Bater no seu irmão? Ignorar o Fezzik e falar de vibrador e Nutella e todas essas coisas nojentas que ninguém aqui quer ouvir?

Meeki se levantou também, e nos encontramos no centro do círculo, cara a cara.

— Gente... — disse Fezzik, ficando de pé conosco.

— Está vendo? — insistiu Meeki. — Mesmo depois de eu dizer que você ocupa todo o espaço, você não quer saber da história de mais ninguém. Fala tanto que os outros mal têm tempo de discutir o porquê de estarmos aqui. Eu taquei o Wiimote na cabeça do meu irmão porque ele disse que sentia o cheiro das minhas “partes de menina” no controle. Mas você se importa? Não, você só quer saber da droga do seu encontro. — Ela fechou a boca, os lábios tremendo, e se esforçou para se acalmar. — Você acha que *eu* já saí com alguém? Não. *Nunca*.

Caí sentado de novo na cadeira, exasperado, e balancei a cabeça. Meeki se avultava diante de mim.

— Você é o maior viciado nesta clínica. Pode até conseguir ir embora, Miles, mas vai sair daqui o mesmo babaca privilegiado que entrou.

Ela se sentou e cruzou os braços. De repente, eu me senti desconfortavelmente consciente de mim mesmo. E não apenas das minhas mamas masculinas.

Fezzik tentou, com cuidado, restaurar a atmosfera calorosa no cômodo.

— Discussões como essa podem ser difíceis, na minha opinião, porque não estamos devidamente preparados. Quanto mais tempo passamos no mundo virtual dos jogos, mais nos sentimos vulneráveis em situações tensas e mais temos que pensar nas coisas que nos deixam tristes, tipo...

— Tipo eu perder o meu maldito encontro! — gritei.

Fiquei de pé outra vez. Fezzik levantou as mãos como se estivesse pronto para me segurar.

— Feliz agora? — perguntei a Meeki. — Eu já devia estar em Salt Lake a uma hora dessas, mas não vou conseguir. Porque meu pai resolveu que é mais importante eu passar mais tempo com ele e minha madrastra do que jogar *Arcadia* com os meus amigos. Então, tenho que ficar aqui, onde todas as aulas são uma merda e os bullies são piores dos que os da escola e onde tem um pirralho tão obcecado por mim que escondeu um iPod Touch na minha mala para me fazer perder cem mil pontos. E em vez de sair com uma garota, tenho que ficar ouvindo o discurso de uma escrota que não larga da porra do meu pé porque me acha babaca... Quando, na verdade, sou só um cara deprimido e preciso dos jogos para fazer os dias passarem mais rápido até chegar a hora em que vou poder sair da casa do meu pai.

Vislumbrei um brilho nos olhos de Meeki. Quase como se ela entendesse. Quase como se tivesse encontrado um denominador comum a Link e Dark Link, uma experiência que nós dois compartilhávamos.

O brilho desapareceu rápido.

— Buuuuu-ááááá.

Respirei fundo.

— Fezzik, posso ir ali morrer rapidinho na minha cama, por favor? — falei.

Ele fez menção de responder, mas depois se contentou em assentir.

Subi a cama do beliche e afundei no colchão.

— Por que não vamos para a sala de artes? — sugeriu Fezzik a Meeki.

— Dar a ele um pouco de espaço.

Todos se levantaram. As luzes foram apagadas. Enquanto a porta do Ninho se fechava, ouvi Fezzik dizer:

— O Sopa escondeu alguma coisa na mala do Miles? Isso não é muito a cara dele...

Então ouvi a porta se fechando. O sabiá cantou para anunciar as dezoito horas. Sessenta minutos para o encontro com Gravidade. Saí da cama só para quebrar o relógio em vários pedacinhos e voltei.

Continuar?

Pela primeira vez desde que fora internado na v-hab, perdi a noção do tempo. As estrelas adesivas no teto brilhavam com uma cor verde doentia. O ar-condicionado roncava.

Fiquei deitado por nem sei quanto tempo — fitando o nada, sentindo nada, apenas imaginando a doce e bela Gravidade, os lábios pintados com um batom vermelho sensual, sentada sozinha a uma mesa no Mandrake's.

Depois, senti o toque familiar de uma mão gigante. Virei a cabeça para o lado. Fezzik sorriu. Ou ao menos tentou.

— Que horas são? — perguntei.

Ele olhou para o relógio destruído.

— Acho que pouco depois das sete.

Meu coração se partiu. Tinha perdido minha chance. Acabara de furar com a menina mais linda que já conhecera.

As estrelas adesivas brilhavam. O universo não significava nada.

— Miles...

— Não me interessa agora — falei, cobrindo a cabeça com o lençol.

Fezzik insistiu:

— Esta clínica tem um monte de problemas. Pessoalmente, não acho que o G-man entenda como as coisas são para as pessoas que têm tantas dificuldades para lidar com a vida que um jogo como *Arcadia* se torna a única válvula de escape. Ser o Imperador me ajudou a passar por períodos muito sombrios... — Ele agitou a cabeça de leve. — Além do mais, jogar tem que ser uma atividade voluntária, e parece que a terapia voltada para os games só faz aflorar o pior lado das pessoas.

Ambos fingimos que ele não estava falando de mim.

— Mas isso também não quer dizer que eu e você não precisemos deste lugar. Por mais divertidos que os videogames sejam, eles nos deram expectativas irreais a respeito de como é o mundo lá fora. — Fezzik silenciou, como se estivesse refletindo se deveria ou não me contar algo.

— Parei de jogar para poder viver. Mas ter sido rejeitado pela Sue foi quase a morte para mim. — Ele inspirou fundo. — Miles, por que é que a gente deveria querer correr atrás de alguma coisa em que o sucesso é garantido com o mínimo de esforço? Existe uma razão para a gente escolher jogar *Arcadia* em vez de *LEGO Batman*. É o desafio que nos faz dar valor às coisas boas.

Tirei a cabeça de debaixo do lençol.

— O mínimo de esforço? Eu ralei pra cacete esses dias.

Fezzik assentiu.

— É a isso que me refiro quando falo sobre expectativas irreais. Não pode se esforçar durante quatro dias e esperar receber tudo de bandeja depois disso.

Rolei o corpo e encarei a parede.

— Podia, sim, se o G-man me deixasse ir embora.

— Talvez — retrucou Fezzik. — Mas você não pode colocar a culpa nele.

Podia, sim.

— Não aprovo a maneira como você tratou seus colegas de guilda esta semana. Mas, quem sabe? Talvez uma bela dama... É... talvez uma bela jovem pudesse mesmo evitar que você voltasse para *Arcadia*. Talvez ela seja capaz de trazer à tona o que você tem de melhor.

— Ela com certeza seria capaz disso — afirmei, descascando a tinta cinza da parede.

Fezzik suspirou.

— E lá está ela, sentada em um restaurante, sozinha.

Eu me virei para ele.

— Quer me deixar ainda pior?

Fezzik sorriu.

— Não quero que você desista de viver a vida real ainda. — Ele mostrou um celular com uma capinha cuja ilustração mostrava Cloud segurando sua espada, a Buster Sword. — Acho que você já recebeu dano o suficiente. Está na hora de um Limit Break.

— Fezzik. — Uma chama crepitou e se acendeu em meu peito. — Essa foi a *melhor* referência a *Final Fantasy* que você já fez.

Sentei e peguei o celular.

— Já procurei o número do Mandrake's — disse ele. — Você só tem que fazer a ligação.

O botão verde brilhou na tela do telefone. Gravidade estava a um toque de distância. Amei Fezzik naquele momento. O Imperador de *Arcadia* tinha se infiltrado na vida real e me salvado no último segundo.

— Vou lhe dar cobertura — disse ele, colocando-se na minha frente de modo que eu não pudesse ser visto por ninguém que estivesse passando pela porta do Ninho.

Respirei fundo.

Apertei o botão.

Tocou.

Contato com algum ponto além daquela caixa de areia infinita.

A cada toque meu coração dobrava de velocidade.

— Mandrake's — atendeu uma voz feminina. Eu podia ouvir o burburinho e o tilintar de utensílios típicos de um restaurante ao fundo.

— Hum, oi. — Minha voz tremia. — Esta é uma pergunta meio bizarra, mas a Serena está por aí? Uma garota de cabelo preto. Uns dezesseis anos, acho? Sentada sozinha?

— Ah, sim — disse a atendente. — Conheço a Serena. Ela está sempre aqui. Deixa eu dar uma olhada para ver se ela veio hoje.

A linha ficou abafada, e uma melodia começou a tocar.

Fezzik olhou por cima do ombro.

— Respire fundo.

Segui o conselho. Não ajudou.

O pânico começou a tomar conta de mim. A luz da saída zumbia. As narinas de Fezzik assoviavam. O que eu ia dizer a ela? Qual seria minha desculpa? Deveria contar sobre a v-hab? Tinha ficado tão ansioso para fazer o telefonema que apertara o botão antes de refletir sobre os passos seguintes.

Como se pudesse ler minha mente, Fezzik sugeriu:

— Diga para ela que você se machucou em um acidente de carro. — Ele indicou meu ombro com a cabeça. — Não está lá muito longe da verdade.

Sorri. A música foi interrompida. Meu coração deu um salto. A linha telefônica fez estalos e ruídos como se alguém estivesse pegando o aparelho.

— Ainda está aí? — indagou a atendente.

— Estou.

— Não a vi, não. Acho que ela não veio hoje.

— Entendi...

Olhei para a tela. Eram 19h15. As sobrancelhas de Fezzik se franziram.

— Quer que eu diga para Serena que você ligou, se ela aparecer? — ofereceu a moça.

Fezzik ouviu e balançou a cabeça.

— Ah, não, valeu.

Desliguei.

Ele tomou o celular de mim.

— Ela deve ter se atrasado porque queria ficar bem bonita para você.

— É, deve ser isso.

Torci para que fosse o caso.

— Tenho que descer para ter certeza de que está tudo certo com os Burds no Rango, depois volto para a gente tentar de novo.

— Valeu, Fezzik.

Ele saiu do Ninho. Comecei a pensar nos “e se”. E se Serena não estivesse lá quando ligasse outra vez? E se tivesse me dado um bolo? Teria ela fingido não ter celular ou perfil no Facebook para poder fugir de mim

no lava jato? E se ela nunca tivesse chegado a gostar de mim, nem um pouquinho, e eu fosse mesmo um idiota patético de quem ela sentira pena por um minuto? E se todo o meu esforço aquela semana tivesse sido por uma garota que não dava a mínima para mim?

Mas, por outro lado, ela tinha rido. Algumas vezes. Aquilo havia sido real... certo?

O brilho esverdeado dos adesivos de estrela se tornou nauseante. Eu me lembrei do dia em que me vi sozinho no aeroporto, na última vez que minha mãe deixara de dar as caras para me buscar... Eu me lembrei de estar observando a multidão, torcendo para que cada novo rosto fosse o dela. Reconheci a sensação que Aurora descrevera como leite azedo e joelhos ralados se instalar em mim.

O nervosismo da primeira ligação nem se comparava a quando Fezzik retornou. De repente, fiquei aterrorizado com a visão daquele celular. Já não se tratava mais do que diria a Gravidade. Tratava-se do fato de se teria ou não a chance de falar com ela outra vez.

— Segundo round — anunciou Fezzik, entregando-me o aparelho.

Apertei o botão verde.

O telefone tocou.

Fezzik fez sinal de positivo.

— Mandrake's.

— Oi. Desculpa. Sou eu de novo. A Serena por acaso apareceu por aí?

— Hum, vou dar uma olhada. — A voz da atendente parecia um pouco irritada. — Pode demorar um pouquinho. Está bem cheio hoje.

— Tudo bem. Foi mal. Não tem pressa, não.

Ela colocou a ligação em espera.

Fezzik me lançou um sorriso gentil.

Queria pensar sobre qualquer coisa que não fosse o que estava fazendo naquele instante. O desespero do ato. A carência. E foi então que lembrei. O meu não era o único coração partido no Ninho.

Cobri o fone.

— Você e a Dama Prateada estavam... você sabe, namorando?

Fezzik hesitou.

— É complicado. Ou talvez não seja. Parece que Sue não tem espaço para alguém como eu na vida dela.

Seus ombros despencaram, mas ainda assim ele abriu aquele sorriso gigante.

A música de espera pulou para uma nova melodia. Meu coração pulou com ela.

— Sei que não devo desistir do amor — continuou Fezzik. — Você não para de jogar quando morre em *Dark Souls* pela centésima...

A musiquinha parou de tocar, e ergui um dedo.

— Ainda está na linha? — indagou a atendente.

Cobri os olhos.

— Sim.

— Ela não está aqui, não. Sinto muito.

Expirei.

— Obrigado.

Olhei para o telefone. Eram 19h48. A tela se apagou.

— Vai ver alguma coisa aconteceu, e ela não pôde ir — ponderou Fezzik, pegando o celular de volta.

— Não. Ela era boa demais para mim.

— Se acha que uma garota que deixa você na mão é “boa demais” para você, Miles, então está aumentando ainda mais o nível de dificuldade da sua vida.

— Pode ser.

Afundi no colchão outra vez.

— Vou deixar você sozinho um pouco — disse Fezzik.

A porta do Ninho se fechou. Tudo o que eu queria naquele momento eram meus videogames. Videogames e os Cavaleiros Espectrais. Só queria que me dessem um computador e um machado e uma horda de esquilos mecânicos.

Aquela parecia ser a solução perfeita.

A única.

Pedaço de coração

Decidi que ia continuar na cama até definhar e ser reduzido a nada.

Mas meu estômago começou a roncar.

Decidi ir ao Rango e encher a pança com o maior número possível de alimentos valendo zero pontos. Então me senti enjoado e, ainda assim, cansado demais para continuar deitado. Acabei ficando lá da mesma forma.

Tudo era desconfortável. Tudo era uma bosta. Mal podia esperar pela hora em que morreria por inanição.

Meeki tinha razão. Nunca tive um pentelho de chance com Gravidade. A verdade era que não sabia nada sobre ela. Não fazia ideia de como ela havia passado aqueles últimos quatro dias. Talvez tivesse lutado na lama. Talvez tivesse construído um abrigo para moradores de rua. Talvez tivesse fumado crack e bebido sangue de galinha.

Mas tinha sido tão bom conversar com Gravidade naquele lava jato. Devia ter reparado que uma garota bonita e inteligente como ela era areia demais para o meu caminhãozinho. Ou talvez Fezzik tivesse razão. Talvez ela não valesse nada por ter me dado um bolo. Não sabia.

Cada ponto que eu ganhara aquela semana me parecera um passo na direção dela. E não tinha sido assim. Só porque passei meu tempo pensando em uma garota — constantemente, todos os minutos de todos os dias, sonhando com o que faria para ela, por ela, *com* ela — não significava que estávamos páreo a páreo, com o mesmo level, caminhando lado a lado como se a vida fosse um jogo.

Mas meio que tinha sido essa a sensação.

Queria sair do meu próprio corpo. Queria abandonar o personagem chamado Jaxon e recomeçar do zero com outro. Um que fosse mais bonito, forte, rápido, gentil e soubesse interagir com o sexo feminino. Um que não desse a mínima para ganhar pontos.

Rolei para um lado, depois fiquei de costas e enfim virei para o outro. Talvez pudesse tentar furtar aquele iPod Touch guardado no escritório do G-man para passar o tempo até a morte chegar. Podia suportar o cheiro de bunda do aparelho.

Um vulto surgiu na minha visão periférica. Virei a cabeça e me deparei com um copo de batida de frutas e uma torrada em um guardanapo. Minha boca salivou contra minha vontade.

Eu me sentei e peguei os itens da mão de Aurora.

— Valeu. — Dei uma mordida no pão e um gole na bebida açucarada.

— Achei que você já teria ido embora a uma hora dessas.

— O Command e o Conquer estão atrasados — respondeu ela, seus estranhos olhos espiando por cima da cama.

Cheguei para o lado.

— Quer sentar comigo?

Ela balançou a cabeça, enfática.

— Só mato relógios — falei. — É sério.

Aurora subiu a escada. Ficamos sentados em silêncio enquanto eu terminava minha refeição. Tínhamos tido conversas muito boas no telhado, falado sobre mães e namorados e videogames. Por que ela não tinha interferido e me salvado dos ataques de Meeki?

Ao terminar a torrada e a bebida, amassei o guardanapo dentro do copinho e o joguei no chão para o Fada do Pó limpar mais tarde.

Aurora traçou o lençol de elástico na cama com o dedo. Mais uma vez. E outra. E mais outra.

— O que você está fazendo? — perguntei.

— Estava me perguntando quantos fios isto aqui deve ter — respondeu ela.

— É só ler a etiqueta.

Ela continuou arrastando o dedo.

— Estou tentando treinar a ponta do meu dedo para descobrir esse tipo de coisa.

— Que esquisito.

Ela não olhou para mim, apenas franziu o nariz de leve.

Ah, merda. Certo. Meeki tinha dito que Aurora odiava aquela palavra.

Precisava me recompor. Para provar que Meeki estava errada a meu respeito. Que tinha interpretado mal tudo que falei e fiz. Que eu era, *sim*, o mocinho da história.

— É... é sério, Aurora. Isso é bem esquisito mesmo — falei como se na primeira vez minha intenção tivesse sido soar irônico. — Não sei quando essa palavra começou a ser associada a coisas ruins. Acho que a galera popular queria ter certeza de que todo mundo achasse que eram normais. Mas algumas das minhas coisas favoritas são esquisitas.

Ela parou de mover o dedo pelo lençol. Pousou o queixo na palma das mãos e esticou os dedos em carne viva de modo que escondessem seus olhos.

— Tipo o quê?

— Tipo... — Nem tive que pensar muito desta vez. — Você sabia que foi H. G. Wells quem basicamente inventou a bomba atômica?

Contei-lhe a história, com mais confiança do que fizera no lava jato.

Aurora comprimiu os lábios. Ainda tapava os olhos com os dedos.

— O Max vivia me chamando de esquisita. E nunca no bom sentido.
— Em que sentido ele falava?
— Não sei. Pelo jeito como ele me olha às vezes, tenho quase certeza de que estava vendo o próprio Homem Elefante.

— O cara deformado de um tempão atrás?
Ela fez um aceno de cabeça adorável, os lábios esmagados entre as mãos.

— Você é, tipo, o oposto de deformada, Aurora — garanti. — É bem bonita, na verdade.

Ela relaxou um pouco os dedos, de modo que pude ver um de seus olhos.

— Obrigada.

Fitei a parte descoberta do rosto de Aurora. Sua beleza tinha se revelado a mim lentamente, como um eclipse... ou os gráficos de *Minecraft*: sua estranheza interessante, o encanto exótico, a maneira como notava os menores detalhes do mundo, sua filosofia a respeito de relacionamentos problemáticos e a cura por meio da dor... E, caramba, ela *jogava videogame*. Mesmo sem meu computador, eu poderia jogar na casa dela.

Estivera tão vidrado em Serena que não notara como Aurora era incrível. Talvez fosse a pessoa mais gentil que já tinha conhecido.

Serena era *mesmo* babaca.

— Gravidade me deu um bolo — contei a ela. — Fezzik me deixou ligar para o restaurante do celular dele.

Aurora removeu por completo as mãos do rosto.

— Acho que nós dois estamos obcecados por pessoas meio merda.

O ar-condicionado decidiu funcionar direito, e senti uma rajada fria contra os tornozelos. Deslizei para mais perto de Aurora, mas tentei ser sutil para que ela nem sequer notasse o movimento.

Eu seria melhor do que Max. Não iria ignorá-la e jogar o dia inteiro. Conversaria com ela a respeito do universo e das moscas e do que mais ela desejasse. Ficaria de mãos dadas com ela e a ajudaria a esquecer os braços magricelas e os olhos e os dedos feridos. Eu a ajudaria a escapar do namorado imbecil, e ela me ajudaria a escapar da casa do meu pai. Faria Aurora rir do mesmo modo que havia feito com Serena.

Observei o Ninho. As estrelas acima de nós eram falsas. Zxzord roncava em uma das camas. O retrato da Felicia Day demente nos encarava de seu canto na parede.

— Bom, aqui não é tão romântico quanto o telhado — comecei —, mas...

Inclinei o corpo para a frente.

Era isso. Finalmente beijaria uma garota. Uma garota linda. Incrível. Que gostava de mim.

Aurora se inclinou para longe.

Ficamos congelados daquela forma.

Suas quatro pupilas perscrutaram as minhas.

— Não sou remédio, Miles Prower.

Meu estômago afundou.

— Ah, não... eu...

Ela desceu a escada depressa. Minha pele ficou gelada.

— Você está fazendo isso por causa da Meeki? — indaguei.

Aurora já estava quase na porta.

— Você não aprendeu nada mesmo, não é?

— Aprendi, sim!

— Como é que você vai amar alguém se tudo que consegue enxergar é a si mesmo?

Então partiu. Abracei os joelhos e apoiei a cabeça neles.

— Mandou bem, cara.

— Cala a boca, Zxzord.

Ouvi a voz de Fezzik no corredor.

— Ei, mocinha. A seleção de guilda está para começar, se quiser participar antes de ir embora. — Ele subiu a escada e colocou a cabeça para dentro do Ninho. — Vem, Miles. Vamos lá ver outras pessoas serem humilhadas.

Já podia ver Aurora na Sala de Controle, cochichando para Meeki o que eu tinha acabado de fazer. Já podia sentir o olhar raivoso da minha inimiga queimando um buraco em mim.

Continuei abraçado aos joelhos.

— Não estou muito a fim.

— Foi mal, aventureiro — respondeu Fezzik. — É obrigatório.

— Só... preciso de um minuto.

Mesmo sem ter beijado Aurora, sentia minhas pernas bambas.

— Eu espero — disse Fezzik.

Zxzord se levantou do beliche.

Fezzik deu um passo para o lado.

— Ele está vivo!

— Ele queria estar morto — disse Zxzord, e cambaleou escada abaixo.

Dois desconfortáveis minutos depois, Fezzik e eu seguimos pelo corredor, a mão dele no meu ombro.

— Vamos nos divertir na sua última semana aqui. Comer comida boa, fazer castelos de areia, falar sobre *Arcadia* quando o G-man não estiver ouvindo...

Fezzik estava tentando me animar. Ele não entendia como meus últimos dias naquele lugar seriam deprimentes. Estava confinado em uma clínica onde todos, à exceção dele, me odiavam.

Os jogadores entraram em fila na Sala. Desmoronei em um pufe. Não queria ver Meeki ou Espantalho ou Dríade ou Aurora ou Sopa ou

qualquer outra pessoa. Talvez Zxzord e eu pudéssemos passar a compartilhar um beliche.

— Hum... — fez Fezzik, sondando os presentes. — Cadê o Sopa? Ele estava no Rango...

— Sei lá.

Ele se levantou e saiu do cômodo.

Aurora estava sentada a dois pufes de distância, forçando Meeki a se instalar ao meu lado. Nenhuma das duas olhou para mim, e Aurora não falou com ela. O que era bom, acho. Só teria sido melhor se não tivesse me humilhado, para começo de conversa.

— Muito bem, pessoal! — disse G-man do palco. — Temos uma nova jogadora começando hoje. Deem as calorosas boas-vindas à... Toffette!

Command guiou uma menina até o palco. Meu coração deu uma cambalhota. Pisquei com força, tentando entender o que estava vendo.

Gravidade. Gravidade estava ali, na Sala de Comando.

Por um momento, eu me questionei se tinha desejado vê-la com tanta intensidade que meu subconsciente a tinha conjurado e trazido do outro lado do deserto para a Vídeo Horizontes.

— Você está com cara de quem acabou de sujar as calças — comentou Meeki.

Meu choque foi rapidamente substituído pela sensação mais agradável que jamais poderia imaginar. Gravidade não tinha furado comigo de propósito. Tinha sido internada na v-hab! Foi raptada por Command e Conquer da mesma forma como eu tinha sido.

— É ela! — sussurrei a Meeki. — Você estava tão errada! Tudo que aconteceu entre a gente naquele lava jato *foi* real, *sim*. É a Gravidade!

Meeki olhou para o palco. Um sorriso se insinuou em seu rosto, e me arrependi de ter falado o nome de Gravidade em voz alta. Minha animação ruiu.

— Será que eu devia contar a ela que você deu em cima da Aurora e levou um toco? — indagou Meeki.

Não pude esconder o horror. Fiz uma careta para Aurora, que na mesma hora balançou a cabeça.

— Não foi ela que me contou. Foi o Zxzord. — Meeki abriu o maior sorriso que já vi no rosto dela e cantarolou: — *Alguém se fode-eu*.

Vida extra

Gravidade se sentou na cadeira no palco. Parecia irada, se recusando a olhar para qualquer outra coisa que não fosse as próprias unhas. Meu Deus, ela era ainda mais bonita do que eu lembrava. Ainda não conseguia acreditar que estava de fato a encarando.

Mas como eu poderia falar com ela? Gravidade não podia, sob quaisquer circunstâncias, conhecer ninguém da minha guilda. Tentariam convencê-la de que eu era um babaca. Além do mais, eu precisava trocar de roupa. Afundi ainda mais no pufe e rezei para que ela não olhasse na minha direção. Naquele instante, precisava que a força de atração gravitacional entre nós dois caísse para zero.

No tablado, G-man tocou os ombros de Gravidade, como se fosse uma espécie de abutre de dentes limosos.

— Queremos que você pense na Vídeo Horizontes como um lugar mágico...

Meeki continuava sorrindo para mim. Aurora evitava fazer contato visual comigo. Droga. Por que não fui só um pouquinho mais legal? Por que tentei beijar uma garota quando deveria estar em um encontro com outra?

G-man apresentou as três guildas. Por sorte, Gravidade não estava dando a mínima. As unhas tinham sua total atenção. Ela olhou para cima uma única vez, por um segundo, mas nem notou minha presença.

— Qual destas guildas vai levá-la ao sucesso? — perguntou G-man, e balançou a Caixa do Destino diante do rosto dela.

Por favor, os Burds, não, por favor, os Burds, não, por favor, os Burds, não.

— Acho que nenhuma — respondeu Gravidade, empurrando a caixa para longe.

— Bom, você tem que escolher uma guilda — argumentou G-man.

— Não tenho, não — rebateu ela.

Ela era tão sinistra. Por que eu não tinha tentado aquela tática?

— Está bem — resignou-se G-man. — Eu mesmo escolho por você.

Ele enfiou a mão na caixa.

Por favor, os Burds, não.

— Toffette — disse G-man, desdobrando o pedacinho de papel. — Você... desculpe. Um segundo, jogadores.

Command gesticulava para G-man da porta. Correu para o palco, e os dois falaram baixinho atrás de Gravidade.

— Hum. — Meeki esfregou o queixo. — Que podre seu eu deveria contar para ela primeiro? Quantas vezes você trapaceou? Que tentou usar todo mundo aqui como seus peões? Que ficava falando dela como se já fosse sua namorada? Que tentou beijar a Aurora? — Meeki ficou olhando para Gravidade. — Ou vai ver eu devia simplesmente deixar vocês dois passarem um tempinho juntos para ela descobrir sozinha que você é um merda.

— Por favor, não — sussurrei.

— Preciso que todos façam silêncio agora — anunciou G-man do palco. O tom animado tinha desaparecido. A sala ficou quieta. — Alguém viu o Sopa?

Todos começaram a murmurar, mas ninguém se pronunciou de verdade.

G-man deixou o papel com o nome da guilda selecionada esvoaçar até o chão.

— Ok, temos um jogador desaparecido.

Meeki notou minha expressão.

— Isso é tudo culpa sua, não é? Vai ser a primeira coisa que vou contar a Gravidade.

— A polícia já está a caminho — anunciou G-man —, mas enquanto isso vamos nos dividir em três equipes de busca. Cada guilda vai seguir em uma direção diferente e passar o pente fino na área.

Leão levantou a mão.

— Quantos pontos para quem encontrar o garoto?

Os Cheefs riram.

G-man lançou a ele um olhar decepcionado.

— Agora não é a hora... — Ele parou de falar e observou o rosto deles.

— Está bem. Cem mil.

Os Cheefs comemoraram.

Eu teria pensado que eram um bando de lunáticos insensíveis e gananciosos, se, um pouco mais cedo naquela mesma tarde, não fosse reagir do mesmo jeito diante da oportunidade de ganhar aquela quantidade de pontos. Agora, os pontos não significavam mais nada, e o desaparecimento de Sopa era culpa minha. Era quase o suficiente para me fazer parar de me preocupar com o que faria a respeito de Gravidade. Quase.

— Por favor, se reúnam com seus líderes de guilda nos dormitórios — disse G-man. — E se agasalhem. Está bem frio lá fora.

Leão e Homem de Lata correram para a saída como se Sopa fosse algum troféu superespecial a ser caçado.

— Mais um milhão de bônus para quem achar o *E.T.* do Atari! — gritou Leão.

Tentei desaparecer em meio aos Sefiroths. Precisava evitar topar com Gravidade até ter certeza de que ela não me veria perto de nenhum membro da minha guilda. Aquele era o plano. Isto é, até ver Espantalho indo para o palco. Congelei à porta enquanto ele se arrastava até Gravidade e lhe oferecia a mão.

— Espantalho — apresentou-se. — Você devia ficar com os Cheefs. Não vai querer ficar presa com esses boiolas.

Gravidade abriu um sorrisinho, e eu segui reto até o tablado, calça branca manchada e tudo.

— Hum, *uau!* — exclamei, encarando-a, de olhos arregalados.

Ela também arregalou os olhos.

— *Uau.* Você é o garoto do lava jato!

— Jaxon.

— *Eu sei* — respondeu ela. — Jaxon.

Tinha me esquecido de como os lábios dela eram carnudos.

— Vocês se conhecem? — perguntou Espantalho, incrédulo.

Sob outras circunstâncias, eu teria achado o cara um escroto, mas ele tinha razão. Não existia um só motivo no mundo para eu conhecer uma menina tão bonita quanto ela.

Gravidade mordeu o lábio e balançou o pé com tênis sem cadarço, tímida.

— Ele jogou água em mim.

— Heh. — Dei de ombros. — Ela, hum, não parava de arranhar os móveis.

Gravidade riu. Espantalho foi embora. Foi um dos momentos mais épicos da minha vida.

Gravidade deu um pulo e bateu no meu braço.

— Achei que tinha furado com você hoje!

— E furou — falei. — Mas decidi me vingar de você fazendo exatamente a mesma coisa *ao mesmo tempo*.

Ela riu outra vez. Tinha quase esquecido como tudo era fácil com ela. Senti aquela deliciosa sensação de relaxamento que pensei que tinha desaparecido para sempre.

Gravidade tapou o rosto com as mãos e depois as abriu, escondendo as bochechas.

— Ai, que vergonha.

— Ei, você percebeu que também estou aqui, né?

Ela baixou as mãos, irritada.

— Você está querendo me dizer que um nerd viciado em videogame me chamou para sair?

Sorrimos.

— Eu até perguntaria por que você veio parar aqui — disse ela —, mas já sei. Foi por encharcar garotinhas inocentes em lava jatos. Eles estão sabendo que isso não é videogame?

Algo se encaixou em meu cérebro. Minha camiseta do *Super Mario Bros.* não tinha sido um entrave. Tinha sido um atrativo.

— Pensei que você não curtisse tecnologia. Sem carro. Sem celular. Por que é que você está aqui?

— É, então, aquilo do celular...

— Não vai me apresentar à sua amiga, não? — comentou uma voz atrás de mim.

Virei e encontrei Meeki com o sorriso mais doce do mundo estampado no rosto.

Merda.

— Essa é a Gravidade? — Meeki fingia estar chocada. — Aquela com quem você ia sair hoje à noite?

— Gravidade? — perguntou Gravidade.

— Ah, eu, hum, não queria falar o seu nome de verdade.

— Ahhh! — exclamou ela, cutucando meu queixo. — Você falou sobre mim?

— É... sim — respondi, sentindo o rosto corar. Precisava dizer algo engraçado, rápido. — O meu nome aqui é Miles, aliás. Miles Prower. Sacou? *Miles per hour?*

— Inteligente — disse a menina.

Não chegou nem a abrir um sorrisinho.

Tivemos outro momento de silêncio constrangedor, como aquele no lava jato. Só que, dessa vez, Meeki estava bem ali, sorrindo de orelha a orelha a cada segundo doloroso.

— Bem-vinda à v-hab, acho — desejei a Gravidade.

Não tinha como ser fofo e sagaz naquele momento. Eu estava morrendo de medo de que Meeki perguntasse como eu e Gravidade tínhamos nos conhecido, me obrigando a explicar que ela não havia sido molhada por um babaca qualquer no lava jato, e sim por mim.

— Aí, Toffette. — Espantalho colocou a cabeça para dentro da Sala. — Você vem?

— Você devia vir com *a gente* — sugeriu Meeki, doce como nunca. — Posso contar para você tuuuuuuudo o que quiser saber sobre este lugar.

Se eu passasse o dedo pelo pescoço para fazer Meeki ficar quieta, Gravidade veria o gesto. Então só fiquei lá, parado. Feito um idiota.

Gravidade me deu um sorrisinho torto devastador, depois fez o mesmo para Espantalho, como se estivesse perguntando qual de nós dois queria mais sua companhia.

Eu deveria permitir que Meeki revelasse cada detalhezinho terrível a meu respeito ou deveria deixar Gravidade ir com os Master Chiefs, para

depois ser engolida e convidada para fazer parte do harém de Espantalho?

— Vem com a gente — falei.

— Está bem. — Ela deu de ombros.

— Beleza! — exclamou Meeki.

— Beleza — repeti.

Eu ia vomitar.

G-man espiou dentro da Sala de Comando.

— Jogadores! Vamos logo! Agora!

Meeki, Gravidade e eu fomos na direção do Ninho.

— Que empolgante! — disse Gravidade. — E se o moleque desaparecido tiver *morrido*?

— Aí o Miles vai ter muita coisa para explicar — alfinetou Meeki.

Gravidade riu. Eu, não.

Subimos a escada para o Ninho, onde Aurora fez tudo que estava ao seu alcance para evitar nós três.

— Vamos nos juntar aqui, pessoal — chamou Fezzik. Seu rosto estava corado, e sua expressão, muito séria. — É culpa minha que o Sopa tenha desaparecido. Eu me distraí e só pensei em mim mesmo.

— Você é um filho da mãe — sussurrou Meeki, só para mim.

— Cala a boca — rebati, entredentes.

— O Sopa é o nosso zeladorzinho — disse Fezzik. — O Ninho não seria o mesmo sem ele. Os travesseiros não seriam tão fofos, e o ponto cruz, tão preciso.

Meeki me cutucou e murmurou:

— Ei, você bem que devia mostrar os seus bordados para a Gravidade!

— Que bordados?

— Ah, é só, hum, uma piadinha.

— E aquela aquarela? — sugeriu Meeki.

— Que aquarela? — perguntou Gravidade.

— Ela só está de zoação.

— Gente? — chamou Fezzik, e nos calamos. — Vamos sair daqui e encontrar o Sopa. Ele não pode ter ido longe com aquelas pernas pequeninas, mas ainda assim acho que a gente devia correr.

Fezzik distribuiu casacos e depois chacoalhou o amontoado no beliche.

— Zxzord, *levanta*.

Ele não se moveu.

— AGORA! — berrou Fezzik.

Zxzord deu um pulo. O morto-vivo ficou de pé. Fezzik tinha mesmo poder de cura.

Era preciso muito mais do que aquilo para me tirar da situação em que eu estava.

O deserto estava roxo com o crepúsculo enquanto Fezzik nos guiava pelas dunas, para longe da Vídeo Horizontes. Não fez piada alguma a respeito do nosso grupo de aventureiros se embrenhando na natureza selvagem — o gigante curandeiro, o mago elétrico, a guerreira asiática, o oráculo élfico, a bela manipuladora do tempo... e o mané que tinha perdido o mascote da guilda.

A areia sugava nossos sapatos; o vento pinicava nosso rosto. Aurora e Meeki mantiveram distância uma da outra, como dois satélites. Gravidade ficou para trás, admirando as tatuagens de Zxzord. Ver aquela cena me deixou extremamente desconfortável, então me concentrei na busca.

Sopa ficaria bem. Nós o encontraríamos. Ele diria algo irritante, tipo “sentiram minha falta?”, e balançaria minha gordura abdominal de uma maneira que me faria voltar a odiá-lo quase que na mesma hora.

Por que o garoto imbecil havia fugido? Eu não tinha dito nada tão ruim assim.

E por que Gravidade estava tocando no braço de Zxzord?

O vento levantou a areia, desfocando a linha do horizonte e impedindo que a gente distinguisse formas definidas. Minha mente insistia em me enganar com pequenos lampejos espectrais de uma silhueta Sopuda escalando a lateral de uma duna. Bastava piscar, e ele não passava de grãos de areia rodopiando na brisa noturna.

Algo leve e seco roçou minha bochecha. Virei, esperando encontrar Sopa. Era Aurora, me oferecendo uma folha morta.

— O que é isso? — Peguei a folha.

Ela deu de ombros e se afastou.

Chegamos a uma grande duna e subimos até o topo, arfando e procurando em silêncio. Eu já estava começando a ficar um tantinho de nada preocupado. Como encontraríamos um duende como Sopa em meio àquela areia toda? Um casebre nas dunas? Um apito ao longe? Marcas de lágrimas grandes e gordas na areia? Até então, eu nunca tinha precisado procurar o menino. Era ele quem sempre me encontrava. Eu ficava esperando ele se agarrar a minha perna para arrastá-lo de volta à Vídeo Horizontes.

— O que é isso? — perguntou Gravidade, dando um peteleco na folha entre meus dedos.

Graças a Deus tinha deixado Zxzord para trás.

— Ah, hum... — Olhei para a folhinha seca. Não fazia ideia do que aquilo significava. Em vez de tentar explicar a menina esquisita e mágica que eu tinha tentado beijar apenas uma hora antes, joguei fora o presente.

— Não é nada.

— Ei, Miles! — gritou Meeki. — E se você berrasse um pedido de desculpas? Quem sabe isso não traria o Sopa de volta?

— Do que ela está falando? — perguntou Gravidade.

— Sei lá... — Dei de ombros.

Chegamos ao topo da duna. Não havia nada além de areia e estrelas em todas as direções. Dunas menores se erguiam ao pé do declive diante de nós, e qualquer uma delas poderia ter abrigado Sopa.

— Hum... — Fezzik avaliou nossa guilda mais do que fizera antes de qualquer competição. — Está bem, Burds, parece que a gente vai ter que se separar. Confio em vocês. Não acho que vão tentar fugir e deixar a equipe de busca na mão. E, se fizerem isso, provavelmente vão ser atingidos com uma magia Ice 3 e morrer congelados.

Mesmo com todo o meu isolamento térmico, eu estava começando a tremer. Não podia imaginar o que o corpinho de Sopa estaria passando.

— Vou estabelecer o cume desta colina como o nosso save point — anunciou Fezzik. — Se eu chamar, preciso que todos voltem para cá no mesmo instante. Fechado?

— Fechado — respondemos todos.

— Você, não, Zxzord. Você vem comigo.

— Ninguém nunca confia no drogado — comentou o menino.

Gravidade deu um risinho.

A guilda se separou e seguiu em direções diferentes enquanto descíamos, os pés fazendo grande impacto na areia. Gravidade permaneceu comigo.

— Engraçado nós dois termos sido internados aqui — comentei.

— Total.

— É quase como se o destino...

— Não acredito no destino — cortou ela.

— Ah. Hah. Nem eu, na verdade.

Marchamos pelo solo arenoso em silêncio por um tempo.

— O Miles é um bosta! — gritou Meeki do outro lado da duna.

— O Miles não é um bosta! — berrei em resposta.

Sopa não estava lá para me defender. O que mais eu poderia fazer?

— Seus encantos não funcionam com todo mundo, hein? — brincou Gravidade.

Meu Deus. O segredo tinha sido revelado. Quantas pessoas eu tinha irritado apenas naquela última semana? Aurora, Meeki, Sopa, G-man, Espantalho, Dríade, Casey, meu pai...

— Não mesmo.

— Você está a fim daquela menina esquisita de cabelo branco?

— Por que você acha isso?

Gravidade deu de ombros.

— Ela deu aquela folha pra você.

Ao longe, os cabelos de Aurora reluziam sob o luar.

— Não a molhei com uma mangueira, se é isso que você quer saber.

Ela riu, e me senti instantaneamente melhor. Deus, foi um tiro no pé. Tratei todo mundo na v-hab como bosta, e agora ia me arrepender. Ela veria o mesmo que eles: um gamer rechonchudo e desesperado que não tinha ideia de como interagir com outros seres humanos de forma decente e estava aterrorizado demais para admitir isso.

— Foi mal ter que ser a portadora de más notícias — disse Gravidade, acenando com a cabeça na direção de Aurora —, mas acho que a garota tem um parafuso a menos.

Dei uma risada.

— Você notou?

— Total. E aquela asiática tem cara de ser um pé no saco. Além do mais, os peitos dela são bizarros.

— Ha-ha. São, não é?

— Total.

Torci para que Gravidade não achasse os meus peitos bizarros.

Aquilo era incrível. Gravidade via exatamente o que eu tinha constatado ao chegar à clínica. Os Fury Burds eram idiotas. E eu era um cara bacana que de vez em quando até que conseguia ser bastante engraçado.

Ficamos em silêncio. As costas da mão de Gravidade roçaram as costas da minha uma ou duas vezes. Talvez aquela situação tivesse acabado criando as circunstâncias perfeitas. Gravidade e eu estávamos presos juntos no meio do deserto, sem qualquer esperança de escapar. Eu estava até considerando a ideia de driblar os pontos da mesma forma como Sopa fazia apenas para continuar lá dentro um pouco mais. Assim ela e eu poderíamos nos irritar juntos com ele... depois que o encontrássemos, claro.

Antes de alcançarmos o fim do declive, Gravidade enganchou o braço no meu e sussurrou:

— Espera.

Sentamos na areia macia e nos mantivemos abaixados enquanto os Burds desapareciam atrás das dunas menores. O ocasional grito de “Sooo-pa” chegava com o vento.

Meu Deus. Gravidade ia me beijar? Seu rosto estava muito próximo. Eu estava pronto.

— Acabei de ter uma ideia maluca — cochichou.

— Qual?

— Sabe quando aquele gigante disse que não era para ninguém fugir?

— Hum, sei.

— Bom, e se a gente fizesse exatamente isso?

Mal dava para decifrar sua expressão sob a luz das estrelas. Eu não podia dizer se ela estava sendo sarcástica ou não.

— Sério?

— Sério. — Ela olhou para a estrada. — Eles querem fazer a gente acreditar que a clínica fica no meio do nada, mas a gente pode voltar para a autoestrada a pé fácil, fácil, e aí pegamos uma carona de lá. E aí?

Meu estômago se revirou enquanto meu coração inflava.

O bom de videogames com finais múltiplos era a possibilidade de salvar o jogo na última hora e depois dar reset para jogar de outro jeito, para ver qual era o resultado das diferentes escolhas. Na vida real não era assim.

Eu deveria continuar leal à guilda ou me lançar em uma escapada romântica à meia-noite?

Gravidade era linda e ria das minhas piadas e jogava videogame e queria mesmo sair comigo.

E havia a guilda: Meeki, que tinha me partido ao meio. Aurora, que me rejeitara. Fezzik, que não me defendia quando eu realmente precisava. Sopa, que eu havia espantado... Mas só porque ele tinha agido feito um merdinha. Zxzord, aquele babaca, que tinha contado para Meeki que tentei beijar Aurora e dado em cima de Gravidade.

— É, vamos dar o fora desta merda — respondi.

— Iiiiiissssssssoooooo! — comemorou Gravidade, chacoalhando meu braço.

Uma vez longe dali, eu nunca mais teria que lidar com os Fury Burds. Nem eles comigo.

Subimos a duna sorrateiramente outra vez. No topo, Gravidade nos parou.

— Espera. Tive uma ideia melhor ainda.

Caindo no infinito

Nós nos esgueiramos sob o crepúsculo reluzente e descemos a duna correndo para voltar à Vídeo Horizontes. Passamos por Command, que fazia uma busca pelo perímetro do prédio, deslizamos porta adentro e seguimos na ponta dos pés pelo corredor verde e sombrio.

Segui Gravidade até o escritório de G-man. Ela abriu a gaveta da escrivaninha e remexeu seu conteúdo.

— Beleeeza. — Ela agitou um chaveiro nos dedos.

— Espera aí — falei. — A gente vai...

— Roubar um carro? Isso!

— Legal — respondi, engolindo meu terror.

Ela procurou dentro de outra gaveta.

— Ahá! — Mostrou uma nota de vinte dólares e depois correu escada abaixo.

Esperei até meu coração registrar e alcançar o ritmo dos últimos acontecimentos.

— Irado. Isso é irado.

Respirei fundo e fui atrás dela. Gravidade nem sequer se retraiu ao ouvir os passos de Conquer ecoando pelo corredor, como se não houvesse possibilidade de sermos pegos. Ela fazia eu me sentir invencível.

Passamos pela Sala de Controle.

Passamos pelo Rango.

Passamos pela grade onde Sopa e eu tínhamos descoberto a missão secundária.

Saímos para o estacionamento perto do carro que tinha trazido a mim e Zxzord à clínica quatro dias antes. Ao lado dele estava parado um Acura marrom.

— Entra logo! — disse Gravidade, destrancando a porta e pulando para o banco do motorista.

Eu me sentei no banco do carona e espremi as mãos entre os joelhos para impedi-las de tremer. O cheiro de café velho não ajudou em nada minha ansiedade.

— Isto é tão *empolgante* — vibrou Gravidade, enfiando a chave na ignição.

— É — concordei, tentando me sentir tão eletrizado quanto ela. — É, sim.

— Aff, o pão-duro está quase sem gasolina — reclamou ela, lendo o marcador de combustível.

— Bom, ele não sabia que a gente ia querer pegar o carro.

Gravidade me lançou um olhar frio, e tentei fingir que tinha sido uma piada.

— Ha-ha — acrescentei.

— Ops! — Ela se abaixou e me puxou pela manga no exato instante em que vi um vislumbre de Command entrando na luz do estacionamento. Sua sombra passou pelo para-brisa empoeirado. O freio de mão pressionava minhas costelas. *Tudo bem*, pensei. *Tudo bem. Sou um... cara maneiro que faz coisas maneiras tipo furto de carros.*

Gravidade espiou por cima do volante.

— A barra está limpa!

Ela se acomodou no banco e deu a partida. Eu tentei não entrar em pânico quando o carro se esforçou para voltar à vida.

O motor roncou, e algo dentro de mim despertou.

Aventura...

Talvez.

Ela engatou a marcha e acelerou de leve para fora do estacionamento.

— Aonde é que a gente vai? — indaguei, olhando o espelho retrovisor à procura de qualquer sinal de Command.

— A gente pode dormir na casa da minha tia — sugeriu Gravidade, os olhos na estrada. — Ela é demais. Vai deixar a gente ficar no quarto de hóspedes por alguns dias.

Quarto de hóspedes. Singular. Aquela ideia acalmou minha ansiedade.

Quando chegamos à estrada, Gravidade afundou o pé no acelerador, lançando-nos noite adentro, e cantou fazendo uma imitação certeira da voz de Amy Winehouse:

— *They tried to make us go to v-hab, but we said, NO, NO, NO.*

— Ha-ha.

Ela virou o volante de um lado para outro, e ondulamos pelo asfalto. Tentei massagear as pernas para fazer a sensibilidade voltar enquanto olhava pela janela traseira, esperando com toda a convicção ver luzes vermelhas e azuis piscando.

Gravidade buzinou, e minha alma quase saiu do corpo.

— Talvez fosse melhor não fazer isso. Ha-ha.

— Acha que foi com este carro que o G-man foi atropelado?

— O quê?

— Você não está sabendo, não? — perguntou ela, os olhos arregalados.

— O G-man é o pai que foi atropelado pelo filho depois que ele tirou o *Halo* do garoto. Foi por isso que ele criou essa clínica para e-tardados.

Manchetes relampejaram pela minha mente. Momentos em que vi G-man apoiando o quadril, desencorajando a violência durante nossas

atividades ou ficando com os olhos marejados ao falar sobre seu esforço para tentar melhorar a vida dos jogadores...

As imagens desapareceram quando vi dois carros vindo na direção oposta. Ah, merda. Ah, merda, merda, merda. Sabia. Eram viaturas de polícia. Quase tive um ataque cardíaco ao passarem por nós.

— Relaxa, cara — disse Gravidade, notando minha tensão. — Estão indo procurar o garoto desaparecido. — Ela voltou a brincar com o volante. — Então, você acha que é o mesmo carro? Meu Deus, ia ser hilário.

— Ha-ha. Ia?

Ela apertou os botões na porta, e os vidros das janelas desceram. O vento batia no meu cabelo, tirando os fios do lugar.

Que vida era aquela que estava começando? Um carro furtado. O cheiro do deserto à noite. Uma garota linda no banco do motorista. Tudo era muito estranho. Na Vídeo Horizontes, pelo menos tínhamos regras e guardas, e meu pai sabia exatamente onde eu estava. Agora, estava mesmo caindo no infinito. E isso era ótimo. Não era? O que esperava por mim em casa, salvo por um pai raivoso, uma madrasta obcecada por exercícios e uma escrivanhinha vazia?

Isso era ótimo.

Cruzamos a estrada noite afora.

— Adeus, e-tardados! — gritou Gravidade pela janela.

Adeus, Zxzord, pensei. Adeus, Meeki. Adeus, G-man. Adeus, Sopa. Adeus, Dama Prateada. Adeus, Fezzik. Adeus, Aurora.

Já iam tarde.

* * *

Uma unha correu meu braço.

— Bom dia, flor do dia — cantarolou Gravidade.

A estrada veloz começou a passar mais devagar. Esfreguei os olhos e os semicerrei para os milhares de luzes coloridas que dominavam o céu. O carro parou e Gravidade desligou o motor.

— Onde é que a gente está? — inquiri, bocejando.

— No Paraíso. Brincadeira. Num cassino.

Ela saiu do carro.

Abri a porta e pisei em um estacionamento poeirento. Uma vaqueira gigante se avultava diante de nós, dando chutes rangentes no ar com sua bota neon. Estávamos na pequena cidade de cassinos por onde eu passara com Command e Conquer a caminho da Vídeo Horizontes. O ar noturno estava seco e frio. As estrelas mal eram visíveis acima das luzes do letreiro. Eu me senti perdido.

Gravidade parecia entediada ou irritada ou algo do gênero.

— Ei — falei. — Que tal aquele abraço?
— Oi?
— Ah, bem, no lava jato, você disse que a gente podia se abraçar.
— Ok, certo — concordou ela, envolvendo meu pescoço com os braços e me apertando. Experimentei um breve instante de sua maciez contra a minha, mas logo em seguida ela me soltou e saltitou em direção à vaqueira. — Vamos logo!
— Aonde é que a gente vai? — indaguei, cambaleando atrás dela.
Ela balançou a nota de vinte dólares do G-man para mim.
— Vou duplicar isto.
— Vai apostar?
Eu queria perguntar se não íamos talvez, quem sabe, precisar daquele dinheiro para encher o tanque. Mas também só queria ser um cara incrível e hilário no que parecia ser meu primeiro encontro.
— Relaxa. Sou ótima nisso.
Eu conhecia o suficiente a respeito de jogos de azar para saber que “ser ótimo” não tinha importância alguma. Não tinham a mesma mecânica dos videogames, baseada em habilidade.
— E se você perder tudo?
Ela girou e passou a andar de costas, lançando para mim um sorriso largo e delicioso.
— Não vou perder.
— Ah, ok. Que bom. — Corri para alcançá-la. — Hum, não precisa ser maior de idade para poder apostar?
Ela se virou para a frente e saltitou para longe de mim.
— Eles só pedem identidade se você ganhar uma bolada.
— Essa não é... meio que a ideia?
Mas ela já estava passando pelas portas automáticas do cassino, minha voz sendo abafada pelos ruídos metálicos e mecânicos de uma centena de caça-níqueis.

* * *

Encontrei Gravidade sentada a uma mesa de blackjack, os pés batendo na banquetta com animação. Já tinha as fichas diante de si. Eu me sentia nauseado. Ignorei a sensação. Tinha esperado quatro dias por aquele momento. Tinha vencido a v-hab e deixado todos aqueles perdedores para trás. Meu encontro com Gravidade seria incrível.

O crupiê vestia um colete brilhante. Tentei agir com naturalidade ao sentar no banco ao lado do dela.

— Estou empolgado — falei, esfregando as palmas uma na outra. — Nunca...

— Não senta do meu lado — sussurrou ela. — Você tem cara de criança. Vai entregar meu jogo.

— Ah, tá. Ok.

Eu me levantei e fiquei de pé atrás dela. Tinha cara de criança? Isso era bom ou ruim?

Gravidade deslizou uma ficha vermelha pelo feltro verde e a instalou dentro de um retângulo amarelo. Seus cabelos tinham um cheiro tão bom. Seu pescoço era tão lindo. Queria muito tocar seu ombro. Mas não tinha certeza se aquilo fazia parte do “jogo” ou não. Não tinha certeza de nada, salvo pelo fato de que estava feliz por finalmente estar em um encontro. Não era no Mandrake’s, mas ainda assim não faltava romantismo... Se ignorasse o cheiro de cigarro e semicerrasse os olhos o suficiente para transformar o ataque nauseante de luzes em um borrão.

O crupiê distribuiu duas cartas para cada jogador. Gravidade criou uma pequena caverna com a mão e espiou o que recebera. Tentei enxergar, mas não consegui. Ela bateu na mesa. O homem lhe deu mais uma carta, virada para cima. Rainha. Gravidade olhou para mim e sorriu.

— Éba! — exclamei, supondo que aquilo era algo bom. Apertei o ombro dela, depois soltei quase de imediato.

Tinha que admitir, fiquei surpreso com a habilidade de Gravidade. Assisti enquanto a garota *quadruplicava* o dinheiro, dando uma aula para a mesa enquanto bebericava três Piña Coladas gratuitas, pelas quais a garçõete não exigiu uma carteira de identidade.

— Não era bom a gente parar por aqui? — indaguei.

— Que tal só... — começou ela, empurrando todas as fichas para a frente — mais uma vez?

Ela ganhou de novo.

— Éba! — vibrei.

Sim, estava espantado com o talento de Gravidade. Quase tão espantando quanto ela ficou quando viu todas as suas fichas desaparecerem dez minutos mais tarde.

Ela virou o que restava do quarto coquetel, e depois ajudei uma Gravidade cambaleante a se sentar em uma cadeira sob uma tela azul gigante com grandes números amarelos. Ali perto, idosos pescavam moedas de vinte e cinco centavos de baldes plásticos e as jogavam dentro de caça-níqueis incansáveis.

As luzes nadavam nos olhos de Gravidade.

— Que lindo...

— É. É mesmo. — Assenti para o cenário composto por carpete horrendo, ruídos ensurdecedores e idosos fumantes e desidratados. — Então, hum... Por que não me conta um pouco mais sobre você? Tipo... o que você gosta de fazer quando não está na reabilitação para viciados em videogame? Ha-ha.

- Beber.
- Percebi. Mais alguma coisa?
- Ela deu de ombros de maneira exagerada.
- Com certeza!
- Entendi.

Era difícil manter uma garota entretida em um encontro. Ela não estava rindo de nada que eu dizia, diferente do que acontecera no lava jato. Era assim que ela era de verdade? Ou seria influência do álcool? Eu nunca nem tinha tomado um gole de cerveja, então não tinha como saber.

- É engraçado que a gente tenha sido internado na v-hab — comentei.
- Mas nada, tipo, “conspiração do universo” ou algo parecido.

Gravidade não respondeu. Sua cabeça balançava devagar para a frente e para trás, como se ouvisse uma música que eu não era capaz de escutar. Meu Deus, e se ela se desse conta de que eu era tão patético quanto Meeki e todos no colégio achavam que eu era? Quanto mais tempo Gravidade passava sem rir, mais tensos meus ombros ficavam.

- Ah, lembrei. Mais cedo, lá na Sala de Controle, você ia me contar por que os seus pais a mandaram para a Vídeo Horizontes.

Ela esfregou o rosto, depois deixou os braços caírem, flácidos, no colo.

- Lembra quando eu disse que não tinha celular?
- Lembro! Pensei até que você fosse ludista! Ha-ha.
- Os meus pais tiraram o telefone de mim porque estourei o limite do cartão de crédito da minha mãe jogando *Candy Crush*. — Gravidade abriu os braços. — Ooops!
- É. Ooops.

Meu sorriso se fechou. Minhas bochechas já estavam doloridas de mantê-lo no rosto por tanto tempo. *Candy Crush* não só era o jogo favorito de Casey como meu pai teria me *assassinado* se eu tivesse usado seu cartão de crédito sem permissão. Além do mais, pagar para vencer não tirava todo o propósito de jogar?

Gravidade puxou minha gola para baixo com tanta força que achei que ia rasgá-la.

- Preciso. De. Cafééééééééééééé. Compra um na Starbucks para mim?
- Ela beijou meu rosto. — Por favor? — Outro beijo. — Por favor? — Mais um. — Por favor?

Toquei minha bochecha e esperei um momento para absorver aqueles beijos.

- Não dá. A gente não tem dinheiro. Lembra?
- Nhé. — Ela me empurrou para longe, decepcionada.
- Foi mal — falei, mesmo pensando: *Não foi você quem apostou tudo e perdeu?*

Passei os olhos pelo cassino. Minha cabeça estava pesada. Meu estômago, cheio de nós. Talvez fosse fome. Vi uma grande faixa branca

que dizia “BUFE \$12,99”.

— Espere aqui. Vou tentar descolar um pouco da comida do bufê para a gente.

Gravidade voltou a esfregar o rosto.

— Não é Starbucks.

— Bem, não, não é... Mas eles têm café infinito.

Ela mostrou a língua e deixou a cabeça pender para o lado.

— Relaxa — falei, ficando de pé. — Isto vai ser irado. Está no papo.

Segui por um corredor cheio de caça-níqueis, procurando rostos amigáveis. Aquilo *seria* irado. Seria uma história que Gravidade e eu repetiríamos por anos a fio. A noite em que saímos juntos pela primeira vez e como a surpreendi, oferecendo a ela uma variedade de pratos de bufê com café infinito.

Eu me aproximei de uma mulher diante de uma das maquininhas. Seu balde de plástico de moedas estava pela metade.

— Com licença — pedi, unindo as palmas. — Será que eu podia pegar algumas moedinhas emprestadas?

Ela puxou uma tragada longa do cigarro e me estudou. Depois, expirando a fumaça, balançou a cabeça e puxou a alavanca do caça-níquel.

A maioria das minhas tentativas teve mais ou menos o mesmo resultado.

Depois de ter abordado quase todos os presentes no cassino antes de ser notado pelo segurança, retornei para onde havia deixado Gravidade, cuja cabeça tinha caído para o lado.

Contei as moedas.

— Não consegui nem perto do que precisava.

— Búúúúúú — fez ela, com a voz abafada pelo braço da cadeira.

— Ha-ha. — Eu me sentei ao seu lado.

Por que estava sendo tão difícil me divertir naquele momento? Onde estava o charmoso, sexy, hilário, descontraído Jaxon do lava jato? Caramba, os assentos de cassino eram duros e pinicavam. Meus olhos estavam marejando graças à quantidade de fumaça de cigarro a que tinha sido exposto. Precisava sair de lá para podermos ter um encontro de verdade. Mas como? Aquela masmorra estava muito acima do meu level.

— A gente não tem gasolina, nem dinheiro — falei. — O que é que vamos fazer?

— Vomitar, talvez?

Ajudei Gravidade a sair do cassino para respirar um pouco de ar fresco. Ela desmoronou no meio-fio e deixou a cabeça pairar acima da sarjeta. Recuei, para o caso de ela começar de fato a vomitar.

— Sério. Como é que a gente vai voltar para casa agora?

— Ai, você está parecendo os meus pais — reclamou ela, a bochecha no asfalto. — Eles são chatos para *cacete*.

Sentei ao lado dela na calçada e tirei as moedas do bolso. Quatro dólares e cinquenta centavos.

— Isto aqui deve nos dar gasolina o suficiente para chegar à cidade. Onde é que a sua tia mora? Em Salt Lake?

— Não.

— Então onde?

Silêncio. Tirei alguns fios de cabelo que tinham entrado na sua boca. Era assim que minha mãe agia quando ficava bêbada na frente do meu pai? Será que tinha ajudado Gravidade a fugir exatamente do lugar onde precisava estar?

Ela rolou até deitar de costas, se colocando na beirada do meio-fio. Fechou um olho e percorreu o céu sem estrelas com o dedo.

— Eu gosto das pessoas que são tipo meteoritos. São tão lindas, marcando o céu com pó brilhante. Mas aí elas pousam na sua frente e não têm mais luz nenhuma. São só *pedras*, e é, tipo, *que merda*.

— Você está falando de mim?

Ainda deitada, ela agarrou meu braço e o chacoalhou.

— Você foi tão *legal* no lava jato. O que é que *aconteceu*?

O que tinha acontecido? Eu estava vivendo uma aventura. Uma aventura *real* em uma cidade cheia de cassinos, tão ofuscante quanto Midgar, com uma garota linda e quase nenhum dinheiro. Caramba, não podia ficar mais emocionante que aquilo.

E eu estava odiando cada segundo.

Agitei um punhado de moedas.

— Aqui deve ter o suficiente para voltar para a v-hab.

— Não. *Não!*

Gravidade pressionou o pé contra o concreto, forçando a cabeça contra a lateral do meu peito.

— Ai!

Eu me levantei. Ela ficou deitada, pálpebras estremeando até se fecharem.

Agachei na sarjeta.

— Anda. Vamos para o carro.

No segundo em que toquei seu braço, ela me empurrou pelo rosto. Caí para trás com força no asfalto.

— Se você tentar me levar de volta eu arranco a sua traqueia fora!

Fiquei sentado, em choque. Ela estava falando comigo como se eu fosse... Como se eu fosse o Sopa ou algo assim.

— Você vai arrancar a minha *traqueia*? — repeti. — Isso é um pouco radical.

— Eu sou... — Ela fechou os olhos com força e cerrou os punhos. — *Radical*.

— Gravidade, não vou deixar uma garota bêbada sozinha em um cassino.

Ela levantou a cabeça e fez uma careta para mim com um olho fechado.

— Do que você me chamou?

— Hum... — Caramba, do que a tinha chamado? — Eu só disse “Serena, não vou deixar...”

— Por que... você... está tentando... me controlar?! — berrou ela, batendo os punhos e os pés no concreto.

Atraímos olhares de um casal entrando no cassino.

— Eu... Eu não estou... — sussurrei. — É só que você está muito bêbada.

— Não! Você acha que vou ser toda perfeitinha... e aí...aí... ah, vai se ferrar!

Murchei. Não era para meu primeiro encontro ser assim.

— Desculpa, Serena.

— Bleeeeeerrrgh. — De novo aquele som de quem estava prestes a vomitar. Eu recuei um passo. Ela amassou a camiseta nas mãos cerradas. — Você está me deixando enjoada. Aquela asiática estava certa. Você é um merda mesmo. Aproveita e vai à merda, cara.

Eu me levantei. Olhei pelo estacionamento. Parecia o fim do mundo.

Não. Nós tínhamos salvação. Eu ainda podia ser o herói. Pela janela do cassino, avistei uma placa verde e branca com uma sereia de duas caudas.

— Que tal Starbucks? — sugeri.

Serena socou o ar, triunfante.

— Isssssssoooooo!

— Você vai ficar bem aqui sozinha?

— Alguém vai querer se aproveitar de mim.

— Hum... Ok.

Abaixei, joguei o braço dela por cima do meu ombro e a levantei. As portas automáticas do cassino se abriram para uma rajada de ruídos e zumbido de ar-condicionado. Sentei Gravidade em uma cadeira onde eu podia ficar de olho nela e corri até a Starbucks. Perdi um tempo tentando entender o cardápio gigantesco. Eu nunca consumia nada além de bebidas energéticas.

— Hum, vou querer um... Um café, eu acho? Com leite? — Olhei para Serena, os olhos fechados, queixo descansando no peito. — Se a pessoa estiver bêbada, ela vai passar mal com isso?

A barista mascarou seu chiclete.

— Eu não passo.

— Ok, é, vou querer isso mesmo. E duas águas também.

— Deu cinco e cinquenta e oito.

— Ah. — Agitei as moedas, torcendo para que mais delas aparecessem magicamente. — Só uma água, então.

Despejei o dinheiro nas mãos em concha da moça, peguei o café e a água, virei... E congelei. Três guardas cercavam Serena.

Rapidamente me escondi atrás de uma pilastra. Por que estavam ali? Furto de veículo? Direção imprudente? Consumo de bebidas alcoólicas por menores de idade? Seríamos presos? Espiei pela lateral do pilar e observei enquanto Serena afastava uma mecha suada da testa e dava uma piscadela para os três homens. Eles pegaram os braços dela, tentando fazê-la se levantar, mas ela relaxou o corpo como se fosse uma boneca de pano. Praticamente tiveram que carregá-la no colo.

Assisti enquanto levavam Serena embora. Quando a conheci, tinha sido aquela garota linda e interessante que parecia estar de fato interessada em mim. Continuava linda, mas algo tinha mudado. Naquele momento, ela parecia... *jovem*. Parecia uma criança. Como eu. Onde estava a garota com quem eu sonhara ao longo de quatro dias? Onde estava a garota sinistra da mesa de blackjack que nem sequer precisava mostrar a carteira de identidade? O que tinha me feito gostar daquela menina com tamanha intensidade e tão rápido?

Quando os policiais chegaram às portas automáticas, Serena olhou de relance na direção da Starbucks, mas apenas por um instante, como se quisesse ser levada antes que eu voltasse.

Fiz uma careta e me retraí, esperando meu coração se partir.

Não se partiu.

Ela não me queria. Não precisava de mim. O que diabo eu estava fazendo ali?

O café fumegava na minha mão. Joguei-o na lata de lixo, guardei a garrafa d'água no bolso e saí por uma porta diferente, noite adentro. As luzes do cassino reluziam no carro de G-man.

Droga. Serena estava com as chaves.

Ah, fazer o quê.

Com certeza senti a força da atração gravitacional ao sair do estacionamento, sob a bota neon da vaqueira e além da cidade de jogos de azar, seguindo em direção à estrada aberta.

Por pouco, consegui me libertar.

Rota de fuga

As luzes do cassino foram perdendo o vigor atrás de mim. Em pouco tempo, a luz das estrelas reinava. As dunas eram sombras negras contra o universo. Órion caçava as Plêiades pelo céu.

— Você nunca vai conseguir pegá-las, irmão.

Andei a noite inteira, colocando um pé diante do outro pela autoestrada deserta. O ar estava gelado. Nenhum carro passou. Tudo que eu ouvia era o vento, os grilos e os meus passos. Imaginei um facho de luz cortando o céu, sendo lançado do horizonte, de onde eu achava que a Vídeo Horizontes ficava. Mantive um olho fixo naquela direção enquanto avançava por quilômetros de estrada, passando por cada placa, curva e marco que memorizara a fim de *escapar* da v-hab.

A caminhada me deu bastante tempo para pensar. Sobre como seria minha volta triunfante à clínica. Sobre como encontraria Sopa, semimorto na areia. Sobre como faria respiração boca a boca no menino diante de todos os Fury Burds até ele voltar, arfando, à vida. Sobre como me desculparia com Aurora e diria a ela que tinha percebido que Gravidade era péssima e que ela, Aurora — *Jasmine* —, era simpática e bonita e parecia sempre fazer a coisa certa. Sobre como eu diria: *Viu só? Caminhei, tipo, mais de trinta quilômetros para voltar à v-hab só para pedir perdão. E ver você.* Sobre como ela me beijaria, e fogos de artifício explodiriam no céu, e FIM.

Pensei bastante nessa última parte em especial.

O deserto não terminava nunca. A saída para a Vídeo Horizontes não estava em lugar algum.

Depois de horas sem chegar a meu destino, o horizonte foi perdendo a cor, pintando o deserto de cinza. Eu me dei conta de que Jasmine não estaria mais na Vídeo Horizontes quando eu retornasse. Tinha ganhado um milhão de pontos e com certeza já estaria em casa àquela altura.

Jasmine se fora.

Caramba, e se tivesse esperado para tentar beijá-la? E se tivesse sido um cara bacana de verdade e participado da terapia de guilda e a conhecido melhor *antes* de tentar beijá-la, fazendo Aurora acreditar que eu estava apenas tentando usá-la como remédio para me sentir melhor a respeito de mim mesmo? E se em algum final alternativo ela tivesse tido vontade de me beijar?

A medida que o céu clareava, as dunas ficavam mais escuras. O horizonte se tornou tão roxo e elétrico que poderia ter saído de um cenário de *Arcadia*.

Fezzik ainda estaria lá, pelo menos. Precisava me desculpar com ele também. Para mim, aquele cara era o Imperador da vida real. Eu tinha me recusado a reconhecer isso na v-hab, pois estivera focado demais em mim mesmo e em uma garota que eu nem sequer conhecia de verdade.

Doía pensar que Fezzik poderia voltar a *Arcadia*. Tinha deixado sua caverna e se aventurado até a Vídeo Horizontes a fim de crescer como pessoa, ou *encolher*, acho. Como sempre, a vida real se mostrou implacável, e a Dama Prateada o rejeitou. Eu precisava voltar e dizer a ele que o mundo era um lugar melhor porque ele estava fora da caverna. Os Fury Burds precisavam do seu mago branco. Quer dizer, curandeiro.

Por que eu não tinha dito aquilo a ele quando peguei o celular emprestado para telefonar para o Mandrake's?

A luz surgiu acima das montanhas às minhas costas, iluminando meu caminho. Talvez não fosse tarde demais para mim e Jasmine. Tentaria descobrir seu nome completo com Meeki. Faria contato pelo Facebook e pediria desculpas e depois perguntaria se ela não queria, talvez, me encontrar um dia desses... Quem sabe no Mandrake's. Sem pressão.

O céu matutino ficou branco e luminoso. A areia quente cintilava como uma galáxia de ouro. Pássaros cantavam, e um lagarto sarapintado se esgueirou para fora do buraco para levantar o nariz em direção ao sol nascente. Tudo era lindo... até se tornar horrível.

O sol nasceu e me assou. Eu suava na camiseta preta e calça branca. Deus, o que eu não teria dado em troca daquele boné idiota da Home Depot. Não havia sombra em lugar algum, então continuei andando. Dei alguns goles na água, tentando conservá-la, mas logo terminei a garrafa. Poderia ter bebido mais três daquela. Pensei em Sopa, que provavelmente não tinha levado água ao fugir para o deserto.

O sol queimava minha nuca, e foi quando me dei conta: Sopa provavelmente não tinha colocado aquele iPod Touch na minha mala. Não fazia sentido. Ele havia estado comigo em todos os momentos possíveis. Quando teria tido tempo para escondê-lo lá dentro? E se queria tanto que eu ficasse, por que teria oferecido repassar para mim os pontos que ganhou na missão secundária? Além do mais, seu traseiro não era grande o suficiente para acomodar um iPod Touch.

E, mesmo não tendo armado para mim, ele assumira a culpa na esperança de que G-man pudesse me devolver os pontos. Sopa se empalara com a própria espada por mim. E eu o chamara de merdinha. Cara, como eu era babaca.

E se Sopa ainda estivesse perdido no deserto? Naquele calor, com aquele tamanho, ele já poderia ter definhado a ponto de restar apenas o

esqueleto àquela altura. Caminhei um pouco mais rápido. Alguém finalmente tinha tido vontade de fazer parte da minha vida — tinha implorado pela minha amizade —, e eu só o afastei... Até pela testa, em certa ocasião. Graças à Serena, agora sabia como ele tinha se sentido.

Eu tratara aquele menino muito mal.

Mesmo ele meio que merecendo aquele tipo de tratamento muitas vezes.

Ok, Sopa estava sempre merecendo.

Ainda assim, fui um babaca. Com sorte, ele já tinha sido encontrado.

O sol ficou ainda mais forte, e areia e estrada e pedras e nuvens se misturaram em um borrão ofuscante. Minha pele picicava. O asfalto cozinhava a sola dos meus sapatos. Tirei a camiseta e a amarrei na cabeça. Queria retornar à Vídeo Horizontes com uma entrada triunfal. Não parecendo o cadáver queimado e inchado do Mario.

Mas talvez fosse o que eu merecia. Estivera mentindo para mim mesmo a semana inteira, pensando em mim como o herói da história, escutando e enxergando apenas o que achei que me faria alcançar meu objetivo. Talvez Meeki tivesse razão. Talvez eu tivesse mesmo visto Serena como alguém que precisava ser salva. Agora pensava diferente. Jasmine não era uma donzela em perigo no final de uma fase; ela estava apenas trilhando a própria aventura. Quando voltássemos a nos encontrar, mostraria a ela que reconhecia aquilo.

Minhas costas começaram a arder. Os tênis eram duas poças de suor. A língua era uma esponja morta. Ótimo. Eu queria *sentir* a jornada, para pagar minha dívida por ter tratado todos tão mal.

Dez minutos mais tarde, mudei de ideia. Não queria mais sentir a jornada árdua. Por que aquele deserto não acabava nunca? Onde diabo estava o LEGO gigante? A caixa de areia infinita não tinha limites.

Minha visão ficou embaçada, e o céu se curvou, como se eu estivesse caminhando dentro de uma ampulheta gigante cheia de areia. Quase desmaiei. Cobri os olhos para enxergar apenas escuridão por um momento, depois continuei avançando. A estrada se estendia à minha frente. Ainda não conseguia ver saída alguma. Continuei andando e por pouco consegui desviar de um escorpião.

Ah, não. Era só um galhinho seco.

Avancei.

Talvez fosse melhor não tentar conseguir o número de telefone da Jasmine. Demonstraria meu respeito mostrando que entendia que ela estava com a vida sob controle. Estava se recuperando e terminando com Max e sendo uma garota muito maneira em todos os sentidos. Caramba, esperava que ela terminasse de verdade o namoro com Max. Para seu próprio bem.

Minha sombra se alongou no asfalto. Parecia perturbadoramente familiar. Talvez Fezzik tivesse razão. Talvez eu fosse mesmo o Dark Link da Meeki. Tratando a todos como se fosse superior. Imaginando as garotas como princesas presas em castelos. Tinha quase quebrado o nariz do Espantalho e depois fingido que minha intenção fora proteger a honra da Meeki. Cara, ela o tinha acertado *em cheio*, coisa que eu jamais teria sido capaz de fazer... Devia ter dito isso no discurso antes da partida de paintball. Mas não, eu estivera focado demais na idiota da Gravidade. Quer dizer, na Serena.

Argh. Minha cabeça era um amontoado suado e latejante de confusão.

Ao menos agora eu conseguia dar valor a tudo que os Burds haviam feito por mim. Sem eles, eu teria entrado nas Terras Ermas, sido atingido seis vezes no saco e ganhado exatos zero pontos. Putz, eu daria o melhor discurso pré-jogo do mundo se me pedissem um ali no deserto.

Que cheiro era aquele? Era minha pele fritando? Olhos podiam virar uvas-passas? A impressão que dava era que podiam, sim. Onde estava a maldita Vídeo Horizontes?

Uma brisa soprou, jogando areia nos meus olhos e na minha boca. Teria cuspidos se não precisasse de toda umidade que pudesse reunir.

Não receberia ponto algum por localizar a clínica outra vez. Na verdade, era provável que o oposto ocorresse. G-man tiraria meus novecentos mil pontos restantes por ter fugido. E eu não criaria caso. Não se tratava mais de quanto era a minha pontuação. Estava pronto para trabalhar com afinco e ser uma pessoa decente e simpática. Mereceria o milhão fazendo bordados para todo mundo na Vídeo Horizontes. Bordaria os dizeres que tinham se tornado tão importantes para mim, para mostrar que eu tinha escutado.

*Ninguém coloca princesas em castelos
Todo guerreiro precisa de um grupo de aventureiros
Pessoas não são remédio
Todo mundo fica de cara amarrada no primeiro dia*

É, com certeza eu faria isso... assim que Sopa me ensinasse como fazer ponto cruz... depois que Fezzik o encontrasse.

A saída! Graças a Deus, a saída. Esfreguei os olhos, temendo que pudesse desaparecer no calor ondulante. Quando não desapareceu, saí da estrada, feito um zumbi, para seguir pela areia, esmagando-a sob meus pés, e cortei caminho a fim de chegar mais rápido à estrada de terra. Minutos mais tarde, um carro reluzente passou pela estrada. Um carro no qual eu poderia ter pego carona. Já não importava mais. Eu estava quase lá.

Quem sabe? Talvez Jasmine *ainda* estivesse na clínica quando eu retornasse. Talvez tivesse optado por não voltar para casa porque estava

preocupada comigo. E com Sopa. Comigo e com Sopa. Ainda que não estivesse lá, por que não deveria tentar entrar em contato com ela? Porque Meeki achava que eu era um babaca? Até parece.

O sol coroaava o céu. Algo veio rolando pela areia e grudou no meu sapato. Era uma folha. Peguei-a do chão, cobrindo a boca, surpreso. Lágrimas surgiram nos meus olhos. Não poderia ser a mesma que Jasmine me dera... Poderia? Não. Poderia? Não, claro que não. Mas e se fosse? E se fosse um sinal? Coloquei-a atrás da orelha com a intenção de presentear Jasmine com a folhinha quando a visse outra vez. Entendia o que representava agora... ou não. Esperança ou coisa assim. Vai saber.

Segui em frente, esperando, a cada passo, ver o teto da clínica se projetar acima das dunas. Ao mesmo tempo em que eu tinha noventa por cento de certeza de que estava indo na direção certa, que tinha pegado a saída correta, tudo parecia igual. Navi fazia falta. Ela poderia voejar sobre meu ombro e tilintar e cantarolar *Por aqui! Por aqui!* Maldita fosse a vida real e sua falta de setinhas e pistas.

O sol brilhava, inclemente, projetando minha sombra atrás de mim. Depois de outra eternidade caminhando, comecei a temer que talvez tivesse saído um pouco da rota. Lembrei a mim mesmo de que não estava tentando encontrar uma pecinha de LEGO em uma caixa de areia infinita. Estava tentando encontrar um prédio no deserto. Um prédio muito bem escondido, ao que parecia. Ainda assim, eu conseguiria.

Talvez chegasse a tempo para a competição de castelos de areia. Sopa encharcaria a areia com a mangueira para deixá-la maleável e úmida, perfeita para ser carregada em baldes. Quando me visse, reconheceria meu estado desidratado e me molharia, como eu mesmo molhara Serena, e eu abriria minha boca, e a água teria gosto de borracha e terra, e eu engasgaria quando o jato atingisse o fundo da garganta, mas seria a melhor água que já bebera na vida.

Meeki seria a arquiteta do castelo. Era boa em coisas assim. Zxzord ficaria dormindo no fosso. Fezzik poderia fazer várias torres altas. E Jasmine... Provavelmente não estaria mais lá. Não importava. Ainda que os Burds estivessem fazendo um péssimo trabalho, eu não diria nada. Apenas encheria baldes de areia e os entregaria aos meus colegas de guilda. Era assim que ajudaria os Fury Burds a construir seu castelo.

Nosso castelo. Nosso castelo no deserto.

Vai saber? Talvez ocupasse mesmo a droga do céu inteiro.

...

...

...

...

Sério mesmo, mas que porra é essa, deserto? Onde você termina?

Ok, eu estava começando a entender tudo. A areia não permitiria que eu retornasse à clínica até ter aprendido todas as lições de vida importantes.

Quem mais eu havia tratado feito bosta?

Espantinho... continuava sendo um babaca. Não me arrependia de ter atirado aquela bola na cara dele. Ele e minha madrasta. E Meeki. Todos continuavam sendo péssimos. Se bem que Casey só tinha tentado me convencer a me exercitar, o que era óbvio que eu estava mesmo precisando. Meu Deus, como meu quadril doía.

Tá, talvez eu não fosse muito melhor do que Espantinho. Quer dizer, fui atrás de duas garotas ao mesmo tempo, de certa forma. Por acidente. E tentei beijar uma delas, mesmo ela já tendo namorado. Que merda. Também tinha dito coisas terríveis a muitas pessoas. Era *eu* quem ainda estava em fase beta. Definitivamente, não era nenhum macho alfa. Espera, era o contrário? Por que ninguém tinha acertado minha cara com uma bola?

Uma duna plana se projetou em meio às demais. Não era uma colina chata... Era um telhado! Ahá! Sabia! Sabia que se aprendesse todas as lições de vida, a Vídeo Horizontes surgiria! Ah, caramba. Isso, isso, isso. Tinha conseguido. Tinha completado a jornada pelo deserto sem nenhum cachecol mágico voador. VITÓRIA.

Corri — certo, cambaleei — em direção ao estacionamento. Talvez os Fury Burds já estivessem construindo castelos de areia no lado oposto do prédio, na sombra. Mal podia esperar pelo abraço de Sopa apenas para poder afastá-lo como se não me importasse.

Mas, primeiro: água. Isso. Água. Eu não conseguia correr, mas cruzei o estacionamento em marcha acelerada em direção às portas da v-hab. Se o prédio fosse uma miragem, eu ia ficar louco de raiva...

Meu Deus. Havia uma viatura da polícia no estacionamento. Ainda mais aterrorizante que isso era o Xterra logo ao lado, o motor ainda ligado. Passei acelerado pelo carro sem olhar para dentro. A porta do motorista se abriu. Tentei abrir a porta para a Vídeo Horizontes. Trancada. Por que diabo estava trancada? Continuei puxando a maçaneta, não querendo confrontar a pessoa que estava atrás de mim.

— Jaxon.

Desisti da porta e me virei. Meu pai estava escorado contra o para-choque do carro.

— Bom, pelo menos você se exercitou um pouco. Isso eu tenho que reconhecer.

— Tenho que entrar — falei, girando a maçaneta outra vez.

— Estava saindo agora mesmo para ir procurar você. — Ele abriu a porta do passageiro. — Tem água no porta-copos.

Podia vê-la, reluzente e translúcida dentro da garrafa. Era quase certo que, se não bebesse algo em uns vinte segundos, eu viraria um montinho de pó. Além disso, a ideia de poder ficar no ar-condicionado parecia paradisíaca.

Eu me sentei no banco do carona, bebi metade da água de um só gole e depois, arfante, deixei minha cabeça cair para trás no encosto. A lufada de ar gelado fazia minha pele abrasada pinicar. Meu pai entrou, bateu a porta do carro e me encarou como se estivesse se questionando como tinha acabado com um filho como eu. Meus olhos estavam fechados, mas conhecia bem aquela expressão.

— Agora que já sei que você não está morto, quero que me responda: que diabo que você estava pensando, Jaxon?

Terminei a água.

— Tem alguma coisa para comer por aí?

Ele esticou o braço para trás do meu banco e tirou de lá um shake proteico morno.

Casey vinha tentando me fazer beber uma daquelas misturas desde que se mudara lá para casa. Engoli tudo de uma só vez.

Meu pai apertou o alto do nariz.

Recostei a cabeça e fechei os olhos e deixei a pele sorver o ar frio. Minhas pálpebras estavam pegando fogo.

— Você vai me responder?

— Shh — pedi. — Será que a gente pode só... não conversar por um minutinho?

— Não, não pode, droga.

Montanha estava se transformando em um vulcão.

— Preciso ir — falei.

Puxei a maçaneta, mas meu pai tinha trancado a porta. Enquanto meu cérebro frito tentava descobrir como abri-la, ele disse:

— Tira a mão daí.

A exaustão era tanta que meu corpo apenas obedeceu, o braço caindo flácido no colo.

— O que você está fazendo?

— Preciso entrar — expliquei, os olhos ainda fechados. — Me desculpar com todo mundo.

— Não, o que você está fazendo com sua *vida*?

Minhas pálpebras se abriram rápido.

— Foi *you* quem me mandou para uma clínica de reabilitação no meio do nada, mesmo eu dizendo que tinha um encontro com...

Minha garganta estava seca demais para continuar. Fechei os olhos outra vez.

— Verdade. Eu tinha esperanças de que, tirando os jogos do caminho, você encontraria as ferramentas para amadurecer e começaria a assumir

suas responsabilidades. Eu estava enganado, óbvio.

Ele engatou a marcha do carro e saiu do estacionamento.

— *Espera*. Pai, tenho que voltar lá.

— Para uma clínica que perdeu você? Acho que não.

A Vídeo Horizontes foi ficando menor no espelho retrovisor.

— Não foi culpa deles. Foi culpa minha.

— Não é só isso que é culpa sua. Você e eu vamos passar na delegacia primeiro e depois vamos para casa, onde você vai arranjar um jeito de arrumar o dinheiro para pagar a multa por furto de veículo.

Merda. O filho do G-man tinha atropelado o pai com aquele carro, depois Serena e eu o roubamos. Precisava pedir desculpas por aquilo também.

— Pai. — Olhei pelo vidro de trás enquanto a Vídeo Horizontes desaparecia em meio às dunas. — Uma clínica de reabilitação é basicamente uma prisão, não é? Posso cumprir a minha sentença lá!

— Não vou continuar pagando sua estadia em um lugar de onde você acabou de fugir. Você tem ideia de como aquilo lá é caro?

— Ah, e o quê? A Casey não vai ter dinheiro para manter outra dieta de suco detox?

Ele ignorou a alfinetada. Observei a areia passando pela janela. Junto com a minha chance de redenção. E a última oportunidade que teria para ver Jasmine.

— A mamãe teria acreditado em mim quando falei que tinha um encontro.

— Não foi sua mãe quem passou cinco horas dirigindo no meio da noite, procurando você.

— Tsc.

Fiz tudo que podia. Meu pai nunca fazia o que eu queria...

Porque o que eu queria era ser um babaca manipulador. E se ele não tivesse me mandado para a Vídeo Horizontes? Eu teria saído com uma garota egoísta e mesquinha, me convencido de que ainda gostava dela, descoberto que ela não gostava de mim de verdade, meu coração teria se partido e eu voltaria direto para *Arcadia*.

— Desculpa ter chamado você de babaca, pai.

Ele me lançou um olhar ainda mais cético do que quando lhe contei sobre o encontro.

— Você ficou muito tempo no sol, filho.

— Passei a semana inteira agindo que nem um idiota. É por isso que preciso voltar. Preciso me desculpar com um monte de gente.

Meu pai quase parecia comovido. Mas não durou muito.

— Não queria ter que dizer isso — começou ele. — Mas o diretor disse que não vai aceitar você de volta. Está repensando todo o método de tratamento por sua causa.

— Eu... — Minha voz sumiu.

Aquilo era inteligente da parte de G-man. Como Fezzik mesmo dissera, a terapia *gameficada* podia trazer à tona o que pessoas como eu tinham de pior.

— Já acharam o Sopa?

— O quê? Se acharam...

— Ah, é, foi mal. Tinha um garoto perdido no deserto. O apelido dele era Sopa. Encontraram?

— Eles perderam *três crianças* em um único dia?

— A gente tem que voltar para saber se ele está bem.

— Não, Jaxon. Ponto final.

Ele não desacelerou. Se eu pulasse do carro... a estrada me transformaria em uma carcaça sangrenta. Deixei minha bochecha tombar contra o vidro quente da janela.

Continuamos pela autoestrada até chegarmos em Salt Lake City. Estava voltando para casa. Para minha madrasta, Casey. Para mensagens de rejeição de garotas aleatórias. Para uma escrivadinha vazia.

Fim de jogo.

Com miseráveis setenta por cento completos. Se tudo isso.

Não tinha como contatar meus colegas de guilda. Droga, tirando Jasmine, nem sabia seus nomes verdadeiros. Jamais teria a oportunidade de agradecer a Fezzik por ter se preocupado comigo, nem de lhe desejar boa sorte. Jamais ficaria sabendo se Zxzord era mesmo viciado em heroína.

Mas aquela não era a pior parte de estar saindo do jogo. Tinha falhado em fazer com que os NPCs gostassem de mim. Se a v-hab fosse como *Harvest Moon*, não teria feito um único amigo na cidade.

Olhei para o espelho retrovisor e mais uma vez dei adeus mentalmente a todos na clínica: Aurora, Fezzik, G-man, Sopa. Era provável que nunca mais voltasse a vê-los. O que tinha se passado na minha cabeça para deixá-los para trás daquela forma?

As dunas foram ficando menores. Tentei respirar. Estava indo para casa. E não parecia que estava caindo no infinito. Não parecia coisa alguma.

Modo Hard

Estou em uma mesa no Mandrake's.

O lugar é menor do que tinha imaginado. Mais claro. A iluminação não é fraca nem romântica como pensei que seria. Os talheres não fazem parte de um mesmo conjunto, as paredes são decoradas com garranchos e todas as garçonetes usam calça jeans. Observo os clientes passando pela porta. Sempre que alguém entra, uma campainha toca.

São 19h08.

Será que ela vai furar comigo?

Isso seria uma droga.

Ou não?

— Aceita outra água?

A garçonete tem a lateral da cabeça raspada e alargadores nas orelhas.

— Aceito, sim, por favor. — A moça enche o copo enquanto o seguro estendido para ela, e sinto o vidro gelar. Minha boca está seca. Estou nervoso por alguma razão estúpida. — Hum, ela deve chegar a qualquer minuto. A gente combinou às sete, mas eu cheguei um pouco cedo, então...

— Não tem problema — garante a jovem, que sorri e se afasta.

Batuco o chão com os pés e tamborilo os dedos no tampo da mesa, olhando ao redor. A atendente está encostada ao balcão, digitando uma mensagem no celular. Fico me perguntando se teria sido com ela que falei na noite em que Serena e eu furamos um com o outro.

A campainha soa. Meu coração dá um pequeno solavanco. Falando no diabo.

Serena entra. Desvio o olhar, mas depois penso *Que idiotice, não tenho por que evitá-la*, e volto a encarar. Espero até ela me avistar e faço um pequeno aceno. Seus olhos passam por mim como se ela não tivesse me notado. Ou nem sequer me reconhecido.

Tudo bem. Eu a abandonei quando aqueles policiais apareceram, afinal.

Enquanto a atendente leva Serena a uma mesa na parede oposta, rearrumo os talheres. Quando se senta, olho de relance para ela. Serena pode ter me ignorado ao entrar, mas agora está virada para mim. Está bonita hoje: novo corte de cabelo, vestido azul, batom vermelho. Lembro

como estava na última vez que a vi: estirada em uma cadeira de cassino, bêbada e suada.

Eu me dou conta de que estou encarando e volto minha atenção aos talheres.

Está sozinha? Com certeza eu me sentiria melhor se ela estivesse prestes a levar um toco. Na verdade, provavelmente me sentiria melhor de um jeito ou de outro. Talvez seja algo escroto de se pensar. Não é da minha conta se Serena está sozinha ou não.

Decido não olhar mais, para não parecer um doido. Meu garfo tem restos de comida seca incrustados. Esse é o problema das lava-louças. Elas cozinham a comida a ponto de grudarem em tudo. Eu começo a descascar os pedacinhos secos com a unha, quando alguém arrasta a cadeira diante de mim.

— Não tenho ideia do que estou fazendo aqui — admite Meeki.

— Ah, oi — cumprimento, ficando de pé, mas me sento outra vez quando noto que ela já está sentada. — Hum, valeu por ter vindo mesmo assim.

A garçonete serve água para Meeki.

— Vocês precisam de um minutinho para olhar o cardápio?

— Ah, precisamos, sim, por favor — respondo.

Meeki passa os olhos pelo menu como se tudo fosse feito de rabo de rato e insetos.

— A gente vai ter contas separadas — avisa ela.

Abro o guardanapo no colo.

— Eu sei.

É estranho que eu esteja prestes a jantar com minha arqui-inimiga, mas Meeki foi a única jogadora da Vídeo Horizontes que fui capaz de encontrar on-line. E isso só porque sabia seu nome de usuário. Ela começou a jogar *Trivia Crack* logo depois de sair da v-hab. Mekitematopraontem tinha uma pontuação de resposta.

Decidi não mencionar o fato de ela estar jogando outra vez. Seria hipócrita da minha parte.

Depois de três semanas seguidas me exercitando diariamente com Casey, preparando o jantar (algo com tofu na maioria das vezes) e lavando a louça todas as noites, meu pai devolveu o computador. A primeira coisa que fiz foi mandar um longo e-mail de desculpas a Fezzik. Ele respondeu alguns dias depois.

O assunto era *Saudações do Templo do Deserto!*.

Estava esperando para ler a mensagem depois de jantar com Meeki, na expectativa de precisar de um elixir.

Meeki fecha o cardápio com um estalo e o deixa cair na mesa. Bufa e olha feio para o restaurante. Atrás dela, a garçonete entrega um drinque

amarelo pomposo a Serena. Ela já parou de fingir que eu não estou aqui. As sobrancelhas estão erguidas para mim e Meeki.

Parte de mim quer agitar as mãos e dizer *Isto não é um encontro*.

— Então, você vai falar alguma coisa ou vai ficar aí desperdiçando meu tempo? — pergunta Meeki.

Quero lhe dizer que não tem por que ser babaca desse jeito.

— Antes de tudo, está tudo bem com o Sopa? Liguei para a Vídeo Horizontes, mas o G-man só me disse que vocês encontraram ele.

Meeki toma um gole da água e revira os olhos.

— O bestinha estava escondido no baú de atividades.

Balança a cabeça.

— É um idiota mesmo.

— Você não vai ganhar nada concordando comigo — avisa ela.

Ficamos em silêncio. Meeki mastiga os cubos de gelo.

Na semana passada, tinha finalmente decidido tentar conquistar o troféu “Não Ser um Babaca Completo”. Lembrei o nome da rua que Sopa mencionara, mas não o número da casa. Então fiz uma busca pelos dois lados da West Chesterton, tocando campainhas e perguntando, muito sem jeito, por um menininho de cerca de doze anos, que amava *Animal Crossing* e cujo apelido era Sopa.

Soube que tinha encontrado a casa certa quando as persianas da janela do segundo andar se fecharam de repente.

Um homem de óculos da década de 1970 e bigode grosso atendeu a porta.

— Você deve ser o Miles.

— Meu nome é Jaxon, na verdade. O Sopa está?

Ele olhou de relance para a escada.

— O Justin está ocupado no momento. Quer combinar um dia para vocês brincarem juntos?

— Hum, não. Eu não “brinco” mais...

Deixei a frase morrer no meio. Tinha esperado um abraço. Tinha esperado lágrimas. Tinha esperado que Sopa fosse fazer eu me sentir melhor a respeito de mim mesmo e de como tinha agido.

Demorei uns oito segundos para me dar conta de como aquelas expectativas eram estúpidas.

— Quero, sim — falei. — Quero combinar um dia para a gente brincar, por favor.

Será daqui a dois dias.

Meeki abre um sorrisinho olhando para o copo.

— O quê?

— Depois da sua fuga, a gente fez uma fogueira ritualística e queimou todos os bordados que o Sopa fez para você. Ele nem chorou. O Fezzik disse que ele agora era “Soperior”.

Ai.

— Pelo menos ele deixou de ficar obcecado por mim — pondero, tentando não demonstrar minha mágoa. Nem consigo acreditar, mas... estou ansioso para encontrar o menino.

Olho para Serena, que já quase terminou o drinque e está olhando o celular, que seus pais devem ter devolvido. Ninguém se juntou a ela. Eu me sinto melhor pensando que não sou a única pessoa neste restaurante de quem se quer distância.

Sei que não deveria me sentir melhor por isso.

— Você ainda fala com alguém lá da clínica? — pergunto a Meeki.

— Falo.

— Tipo...

— Não vou dar o telefone da Aurora para você.

— Sei que o nome dela é Jasmine. E não quero o telefone dela. Só quero saber como ela está.

Meeki não sabe que tenho uma folha seca, quase esfarelada, guardada no bolso.

A menina gira o copo d'água.

— Ela está namorando o Zxzord.

Meu estômago dá um salto.

— Você está me zoando?

— Talvez.

Rio de alívio. É uma risada incerta.

Meeki bate com o copo na mesa.

— Foi só para isso que você me fez vir até aqui? Para saber como as pessoas estão?

— Não. Você está certa. Foi mal. Como você está?

— Bem — responde ela.

Tento não deixar minha raiva transparecer.

— Só isso?

Ela me estuda por um segundo.

— Estou namorando. Com Parappa.

— O nerdcore magricela? Mas... ele é...

Meeki me lança um olhar que poderia ter incendiado a toalha de mesa. Putz. O que eu falei de errado? Disse, tipo, umas seis palavras, e, do nada, ela está possessa comigo. Hum, vejamos... “Nerdcore” não podia ser o problema, porque é o rap que ele faz mesmo. “Magricela” também, porque ele é bem magrinho. Espera aí... “Ele.” Penso na expressão que surgiu no rosto de Meeki no Rango quando falei que queria jogar meu garfolher “nele”.

Parappa era uma garota?

— Isso é... ótimo — comento. — Parabéns. É... ela parecia ter muito talento... No rap.

— Sabe de uma coisa? — indaga Meeki, se levantando, a cadeira arranhando o chão com um chiado agudo. — Esta foi uma péssima ideia.

— *Espera.* — Estico o braço para ela do outro lado da mesa. — Por favor, não vá embora.

Serena está nos encarando. Não me importo com o que ela pensa. Só tenho medo de que, se não mostrar a ninguém da v-hab que estou mudando, melhorando, que sou capaz de reconhecer as pessoas por quem são de verdade, terei dificuldade para convencer a mim mesmo.

— Desculpa. Não sabia sobre a Parappa. Não sei um monte de coisa. Por favor, só... — Gesticulo para a cadeira dela.

Meeki vira a cabeça de uma maneira cheia de reprovação que torna tudo muito mais difícil do que precisa ser. Tudo bem. Se quisesse o caminho fácil, não a teria procurado.

Meeki ainda assim não se senta.

— Meeki, agora eu entendo.

A expressão no rosto dela basta para me dizer o que pensa disso, mas, antes que eu possa me retratar, ela se senta e sibila para mim:

— Entende *nada*. Não é como se ser um cara decente fosse uma camada de tinta que você pode simplesmente passar em si mesmo.

— Vocês estão precisando de alguma coisa? — indaga a garçonete.

— Na verdade — começo —, será que você pode trazer para a gente um...

— Vou querer a caçarola de macarrão com queijo — corta Meeki.

— Ah. — Abro o cardápio depressa. — Então vou querer a... salada de rúcula.

Tinha perdido quatro quilos e meio e queria continuar nesse caminho. A maioria das pessoas comentava. Meeki, não.

A moça se afasta, levando os cardápios. Reorganizo meus pensamentos.

— Você está certa. Não entendo. Deixa eu tentar de novo. — Respiro por alguns segundos, tentando encontrar as palavras certas. — *Quero* entender. Não parei de pensar na Vídeo Horizontes desde que fui embora. Em todo mundo lá. Perdi uma grande oportunidade de aprender muito com vocês e estou arrependido de verdade.

Ela não se comove.

Tento abrir um sorriso.

— Uma pena não ter pedido para você me ensinar como dar um soco dos bons também.

Ela não retribui o sorriso, mas seu tom se suaviza. Bem de leve.

— Que bom, Miles, mas não é meu trabalho treinar você para ser uma pessoa melhor.

Assinto e penso na forma como Fezzik lidava com situações assim. Meeki está com sua barreira Protect 3 ativada, e tenho que fazer uma magia para perfurá-la de alguma maneira.

— E justo — admito. — Você não é minha professora. — Respiro fundo mais uma vez. — Pensei no que você disse, que ser um homem branco era como jogar o jogo da vida no modo fácil.

Meeki cruza os braços.

— Aham.

— Então... — continuo, com cuidado — ... isso deve querer dizer que ser asiática e mulher e gay é como jogar no modo pesadelo?

— Minha vida não é um pesadelo.

— Não. Você está certa. A sua vida... está em um modo de dificuldade bem alto?

Ela descruza os braços e mexe na bainha da toalha de mesa.

— É.

— Não consigo nem imaginar como isso deve ser complicado. Meus cumprimentos.

Meeki levanta o cabo do garfo, o deixa cair, depois volta a levantá-lo.

— Você bem que podia me cumprimentar de verdade, sabe? Tipo, com uma continência militar.

Eu começo a rir.

— Não vou fazer isso, não.

Ela dá de ombros.

— Valeu a tentativa.

Ficamos em silêncio. A única coisa que deixaria a situação mais constrangedora seria Parappa estar aqui conosco, cantando rap. Ou se Serena estivesse nos encarando mais do que já está. Agora até queria que um garoto se materializasse e a distraísse.

— Estou tentando não ferrar tudo — admito a Meeki. — Estou tentando prestar atenção e ser cuidadoso. Ser legal. O tempo inteiro. É bem mais difícil do que achei que seria.

— Quer uma medalha?

Sorriso.

— Você quer que eu bata continência para você?

Ela abre um sorriso. O menor dos sorrisos. Mas consigo quase sentir os fogos de artifício dourados saindo de mim.

— Você... — começo. — Quer saber alguma coisa sobre mim?

— Na verdade, não.

Nós nos encaramos.

— Está bem. Como você conseguiu roubar o carro do G-man?

— Na verdade, não foi ideia minha. — Sei que estou criando uma situação que pode acabar em completa vergonha para o meu lado. Fazer o quê. — Foi da...

Aponto por cima do ombro de Meeki.

Ela olha.

Serena não está mais lá.

— Ah! Deixa pra lá.

Quero contar a Meeki sobre o carro e a nota de vinte dólares e as apostas na mesa de blackjack e as Piña Coladas, mas nada disso é da minha conta.

Os pratos são servidos. Jantamos, em silêncio na maior parte, zombando de Sopa uma vez ou outra e evitando o tópico “Jasmine” por completo. Passei a semana inteira esperando por este momento, ensaiando mentalmente todas as coisas que iria ou não dizer.

Não consigo fazê-la rir uma única vez.

Agradecimentos

Espero que esteja confortável, pois preciso agradecer a um verdadeiro exército.

Obrigado, Korey Hunt. Foi você, caro amigo, quem me deu a sugestão de criar uma história que se passasse em uma clínica de reabilitação para viciados em videogame. Agradeço por me deixar transformar sua ideia em um livro depois de ter passado todos esses anos pegando poeira em uma gaveta esquecida.

Obrigado, Mark Sorenson, por ter sido minha inspiração por trás das metáforas de Fezzik e por ler minha história em voz alta para que eu pudesse consertar qualquer esquisitice. Obrigado, Andrew Sorenson, por ter desenvolvido o hábito de jogar muito, deixando de ler este livro para garantir minha precisão e depois passando meses no *DotA*, me presenteando com material inestimável.

Obrigado, Eric Johnson, Levi Montoya e Katie Van Sleen, por dizerem coisas tão icônicas que pude extraí-las das nossas conversas e colá-las direto no texto. Obrigado, Brendan Finch, da BirdBrain Science, por me impedir de me afogar enquanto eu descobria como publicar um livro. Obrigado, Tesla, o doberman, por ter me deixado abraçá-lo com força quando descobri que meu livro seria publicado. Obrigado, Allie Crawford, por me deixar tomar seus olhos emprestados (espero que Aurora tenha feito jus a eles). E um grande e babado agradecimento especial a Valynne Maetani, que junto comigo escreveu um livro que era engraçado demais para ser publicado e que usou sua rede de contatos para fisgar nosso agente.

John Cusick, obrigado por ter me aceitado como parte do pacote, por ter feito comentários preciosos nos primeiros rascunhos e por ter me transformado em um escritor profissional. Lembro o dia em que pararam de me cumprimentar com “E aí, cara” e começaram a dizer “Olá, senhor”. Aquele foi um bom dia.

Obrigado, Christian Trimmer, por aguentar meu sarcasmo e depois se vingar ao dizer que o livro tinha sido cancelado pois foi entregue com nove horas de atraso. Obrigado por elevar o nível da minha escrita e por ter tornado esta história realidade.

Um grande obrigado a toda a equipe maravilhosa da Simon & Schuster BFYR, incluindo Justin Chanda, Chrissy Noh, Katy Hershberger, Jenica

Nasworthy e Catherine Laudone. E, claro, um grande agradecimento cheio de fogos de artifício a Greg Stadnyk, que criou aquela capa incrível, e a eBoy, que foi o responsável pela arte.

Obrigado aos meus primeiros leitores: Shar Petersen, Courtney Alameda, Annette Weed, Tommy Hamby, Christopher Turner e Brian Green. Meus agradecimentos a Brooke Kelly, por me convencer de que havia algo nesta história de que valia a pena correr atrás; a David Lawrence, por me ensinar como as estrelas funcionam; a Alan Grow, por injetar mais tensão e alívio nos primeiros capítulos; e a Alan Mouritsen, por garantir que Jaxon não ficasse certinho demais no final.

Agradeço ao meu pai, por ter sempre me provido com as ferramentas necessárias para perseguir meus sonhos, por ter me ensinado tai chi chuan e cerâmica e por não ter ficado chateado quando eu preferia ler em vez de fazer qualquer outra coisa. Muito obrigado, mãe, por ser tão nauseante e maravilhosamente incentivadora que não me deu qualquer outra opção senão ser bem-sucedido. Não importa o nome na dedicatória; todos os livros são para você.

Obrigado, Breana Reichert, por ter me ajudado a dar o sopro da vida para Serena, Aurora e Meeki. Não posso expressar quanta alma e nuances você inseriu nesta história e na minha vida. Amo você, ursinha.

Por fim, Chris Chambers. A fumaça na chaminé. O crepitar na fogueira. O melhor escritor que conheço. Obrigado por sempre trazer alegria à minha vida, pelos passeios no cemitério, pelas coisas simples e por ter pensado no título deste livro após três sessões de *brainstorming* de seis horas cada. Não tenho como expressar quanto você ajudou com este livro e mal posso esperar para o resto do mundo ler seus textos.

Sobre o autor



© Breana Reichert

CHRISTIAN MCKAY HEIDICKER obteve várias conquistas fora do mundo dos videogames: trabalhou muitos anos na área educacional, lecionou escrita criativa na Broadview University e atualmente escreve artigos científicos para o público infantojuvenil no site BirdBrain Science. Nunca conheceu uma garota no lava jato, mas mora com o amor de sua vida em Salt Lake City, nos Estados Unidos. Este é seu primeiro livro.

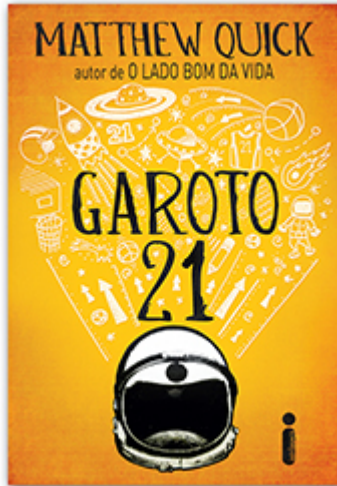
Leia também



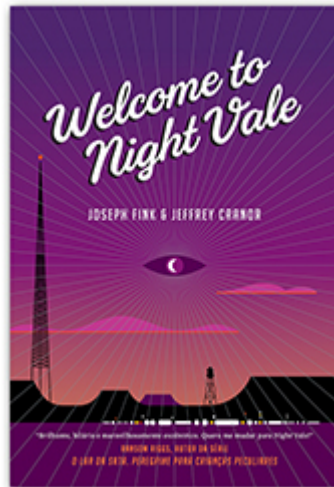
O dia da morte de Denton Little
Lance Rubin



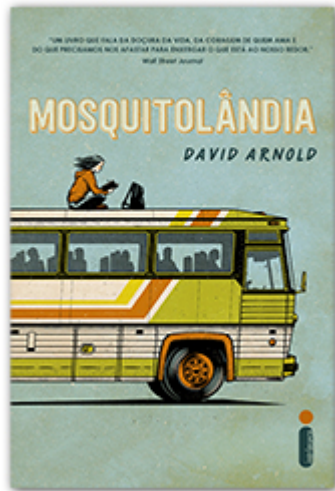
Simon vs. a Agenda Homo Sapiens
Becky Albertalli



Garoto 21
Matthew Quick



Welcome to Night Vale
Joseph Fink e Jeffrey Cranor



Mosquitolândia
David Arnold